

BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
MAIS DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

deus não é grande

COMO A RELIGIÃO ENVENENA TUDO
CHRISTOPHER HITCHENS

GOBOLIVROS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
MAIS DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

deus não é grande

COMO A RELIGIÃO ENVENENA TUDO
CHRISTOPHER HITCHENS

GLOBAL LIVROS

BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
MAIS DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

DEUS

deus não é grande

PLUS

COMO A RELIGIÃO ENVENENA TUDO
CHRISTOPHER HITCHENS

GOBOLIVROS

DEUS

deus não é grande

ULU

COMO A RELIGIÃO ENVENENA TUDO
CHRISTOPHER HITCHENS

GLOBOLIVROS

Tradução

George Schlesinger

Copyright © 2007 by Christopher Hitchens

Copyright © 2016 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser

utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original:

God Is Not Great: How Religion Poisons Everything

Editor responsável: Estevão Azevedo

Editor assistente: Juliana de Araujo Rodrigues

Editor digital: Erick Santos Cardoso

Preparação: Jane Pessoa

Revisão: Thiago Barbalho e Delfin

Diagramação e Capa: Studio DelRey

1ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H582d

Hitchens, Christopher, 1949-2011

Deus não é grande : como a religião envenena tudo / Christopher Hitchens ; tradução George Schlesinger. -

[2. ed.] - São Paulo : Globo Livros, 2016.

Tradução de: God is not great : how religion poisons everything Inclui índice

ISBN 978-85-250-6222-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia - Interpretações islâmicas. 3. Alcorão - Comentários -

História e crítica. 4. Monoteísmo - Estudos comparados. I. Título.

15-27826 CDD: 231.76

CDU: 26'652'

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Nove de Julho, 5229 — 7º andar

São Paulo — SP — 01407-907

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1. Colocando delicadamente](#)

[2. A religião mata](#)

[3. Uma breve digressão sobre o porco; ou por que o céu detesta presunto](#)

[4. Uma nota sobre saúde, para a qual a religião pode ser arriscada](#)

[5. As alegações metafísicas da religião são falsas](#)

[6. Argumentos de um desígnio](#)

[7. Revelação: o pesadelo do “Velho” Testamento](#)

[8. O “Novo” Testamento ultrapassa o mal do “Velho” Testamento](#)

[9. O Corão é emprestado de mitos tanto judaicos quanto cristãos](#)

[10. O espalhafato do miraculoso e o declínio do inferno](#)

[11. “A marca de sua origem humilde”: os primórdios corruptos da religião](#)

12. Uma coda: como as religiões acabam

13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?

14. Não existe solução “oriental”

15. A religião como Pecado Original

16. A religião é abuso infantil?

17. Uma objeção antecipada: o “argumento” da última trincheira
contra o

secularismo

18. Uma tradição mais refinada: a resistência do racional

19. Em conclusão: a necessidade de um novo Iluminismo

Posfácio

Agradecimentos

Índice remissivo

Notas

Para Ian McEwan

Em serena recordação de La Refulgencia

Ó enfadonha condição da humanidade,

Nascida sob uma lei, atada a outra;

Gerada em vão, ainda assim vaidade proibida,

Criada enferma, ordenada a ser sadia.

FULKE GREVILLE, *Mustapha*

E pensas que a alguém como tu,

Um fanático qualquer, faminto, de ínfimos miolos,

Deus deu um segredo, e o negou a mim?

Bem, bem — o que importa? Acredita nisso, também!

GALLIENNE)

Pacificamente morrerão, pacificamente hão de expirar em teu nome, e além do tûmulo encontrarão apenas morte. Porém manteremos o segredo, e para sua própria felicidade os seduziremos com uma celestial e eterna recompensa.

O GRANDE INQUISIDOR AO SEU “SALVADOR”, EM *Os irmãos Karamázov*

1

COLOCANDO DELICADAMENTE

SE O LEITOR QUE PRETENDE LER ESTE LIVRO QUISER IR ALÉM de discordar do seu autor e tentar identificar os pecados e as deformidades que o animaram a escrevê-lo (e com certeza tenho notado que aqueles que declaram publicamente caridade e compaixão e capacidade de perdoar estão frequentemente inclinados a adotar essa postura), então ele ou ela não estará somente brigando com o incognoscível e inefável criador que — presumivelmente — optou em me fazer desse jeito.

Eles estarão conspirando a memória de uma mulher boa, sincera e simples, de fé estável e decente, chamada sra. Jean Watts.

Foi tarefa da sra. Watts, quando eu era um menino de mais ou menos nove anos e frequentava uma escola na periferia de Dartmoor, no sudoeste da Inglaterra, instruir-me em lições sobre a natureza e, também, sobre a escritura.

Ela nos levava, a mim e a meus colegas, para passeios numa parte especialmente deliciosa da minha linda terra natal, e nos ensinava a distinguir os diferentes pássaros, árvores e plantas uns dos outros. A impressionante variedade a ser encontrada num matagal; a maravilha de uma ninhada de ovos descoberta num intrincado ninho; como, se as urtigas nos picassem as pernas (tínhamos de vestir shorts), haveria por perto, plantada, bem à mão, uma língua-de-vaca com sua folha capaz de aliviar a dor: tudo isso permaneceu na minha mente, do mesmo modo como o “museu do encarregado da caça”, onde o campesinato local exibia cadáveres de ratos, doninhas e outros predadores e bichos nocivos, supostamente fornecidos por alguma divindade menos gentil. Se você ler os imperecíveis poemas rurais de John Clare, poderá

captar a melodia do que estou tentando transmitir.

Em aulas posteriores, recebíamos uma folha de papel impressa intitulada

“Pesquise as Escrituras”, que era enviada à escola por qualquer que fosse a autoridade nacional encarregada de supervisionar o ensino da religião. (Isso, junto com o serviço de preces diárias, era obrigatório e implantado pelo Estado.)

O papel continha um único versículo do Velho ou do Novo Testamento e a tarefa era pesquisar o versículo e, então, contar à classe ou à professora, oralmente ou por escrito, qual era a história e a moral. Eu, em geral, adorava esse exercício, e costumava ser excelente a ponto de (como Bertie Wooster) frequentemente passar com “nota máxima” nas aulas de escritura. Foi a minha primeira introdução à crítica prática e textual. Eu lia todos os capítulos que antecediam o versículo e todos os que o sucediam, para ter certeza de que entendera o “ponto”

da referência inicial. Ainda consigo fazer isso, para grande aborrecimento de alguns dos meus inimigos, e ainda tenho respeito por aqueles cujo estilo às vezes é

desconsiderado

como

“meramente”

talmúdico,

ou

corânico,

ou

“fundamentalista”. Esse é um treinamento mental e literário bom e necessário.

No entanto, chegou um dia em que a pobre e querida sra. Watts se excedeu.

Procurando ambiciosamente fundir seus dois papéis de instrutora da natureza e professora da Bíblia, ela disse: “Então vocês estão vendo, crianças, como Deus é poderoso e generoso. Ele fez todas as árvores e

a grama para serem verdes, que é exatamente a cor mais repousante para os nossos olhos. Imaginem se, em vez disso, a vegetação fosse roxa, ou laranja, como seria horrível”.

E agora observe o que essa velha beata danada forjou. Eu gostava da sra.

Watts: ela era uma viúva sem filhos e afetuosa, que tinha um velho e amigável cão pastor cujo nome era Rover [Andarilho], e nos convidava depois das aulas para comer docinhos e quitutes em sua velha casa ligeiramente decrépita perto da ferrovia. Se Satã a escolheu para me tentar ao erro, foi muito mais inventivo que a sutil serpente no Jardim do Éden. Ela jamais erguia a voz ou empregava a violência — o que não se podia dizer de todos os meus professores —, e de forma geral era uma dessas pessoas, do tipo cuja crônica está em *Middlemarch*,^[1]

de quem se pode dizer que se “as coisas não estão tão ruins com você e comigo como poderiam estar”, isso “deve-se em parte à quantidade que viveu com fidelidade uma vida oculta, que repousa em tumbas não visitadas”.

No entanto, fiquei francamente estarrecido pelo que ela disse. Minhas pequenas sandálias com fecho nos tornozelos se enrolaram de vergonha por ela.

Aos nove anos de idade, eu não tinha sequer uma concepção do argumento do desígnio nem do seu argumento rival, a evolução darwiniana, nem da relação entre fotossíntese e clorofila. Os segredos do genoma estavam tão escondidos de

mim quanto, naquela época, de todo o resto do mundo. Não havia ainda visitado cenários de natureza onde quase tudo era terrivelmente indiferente ou hostil à vida humana, e não à vida em si. Eu simplesmente *sabia*, quase como se tivesse acesso privilegiado a uma autoridade superior, que minha professora tinha dado um jeito de deixar tudo errado em apenas duas sentenças. Os olhos é que se ajustavam à natureza, e não o contrário.

Não devo ter a pretensão de me lembrar de tudo de modo exato, ou na ordem, após essa epifania, mas num tempo relativamente curto também começara a notar outras esquisitices. Por que, se deus era o criador de todas as coisas, devíamos “louvá-lo” tão incessantemente por fazer o que lhe vinha com naturalidade? Além de tudo, parecia algo servil. Se Jesus podia curar uma pessoa cega que encontrasse por

acaso, então por que não curar a cegueira? O que havia de tão extraordinário em expulsar demônios, para depois fazê-los entrar numa vara de porcos? Parecia sinistro: mais próximo da magia negra. E todas aquelas preces incessantes, por que não davam resultado? Por que eu deveria continuar dizendo, em público, que era um miserável pecador? Por que o tema do sexo era considerado tão tóxico? Essas objeções frágeis e infantis são, como descobri desde então, extremamente comuns, em parte porque nenhuma religião consegue enfrentá-las com alguma resposta satisfatória. Mas outra objeção, bem maior, também se apresentava. (Digo “se apresentava” em vez de “me ocorria” porque essas objeções são, além de insuperáveis, inescapáveis.) O diretor da escola, que conduzia os serviços e as orações diárias, e segurava o Livro, e era meio sádico e um homossexual no armário (e a quem há muito perdoei porque ele despertou meu interesse em história e me emprestou o primeiro exemplar de P. G.

Wodehouse), uma noite deu a alguns de nós uma palestra pretensamente sensata:

“Pode ser que agora vocês não vejam sentido em toda essa coisa de fé”, disse ele. “Mas algum dia passarão a ver, quando começarem a perder seus entes queridos.”

Mais uma vez experimentei uma punhalada de pura indignação e de descrença. Ora, isso equivalia a dizer que a religião podia não ser verdade, mas não importa, já que sempre se pode recorrer a ela para conforto. Que desprezível! Estava então chegando aos treze anos e já me tornando aquele intelectualzinho insuportável. Nunca tinha ouvido falar em Sigmund Freud —

embora ele pudesse ter sido muito útil a mim para entender o diretor —, mas tinha acabado de ter um vislumbre do seu ensaio *O futuro de uma ilusão*.

Estou infligindo a você tudo isso porque não sou um daqueles cuja chance de ter uma crença saudável foi destruída por abuso infantil ou doutrinação brutal.

Sei que milhões de seres humanos tiveram de suportar essas coisas e não penso que a religião possa ou deva ser absolvida de impor tais misérias. (Num passado bem recente, vimos a Igreja de Roma maculada por sua cumplicidade no imperdoável pecado de estupro infantil, ou, como poderia ser fraseado na forma latina, “nenhuma criança deixada para trás”.) Mas outras organizações não religiosas

cometeram crimes similares, ou ainda piores.

Ainda persistem quatro objeções irreduzíveis à fé religiosa: que ela representa de forma totalmente errada as origens do homem e do cosmo e que, por causa desse erro original, ela consegue combinar o máximo de subserviência com o máximo de solipsismo, que é ao mesmo tempo resultado e causa de perigosa repressão sexual, e que é, em última instância, fundamentada num pensamento desejoso de se autorrealizar.

Não penso que seja arrogante da minha parte que eu já tivesse descoberto essas quatro objeções (bem como notado o fato mais vulgar e óbvio de que a religião é usada por aqueles empenhados temporalmente em se investirem de autoridade) muito antes de perder a minha voz de menino. Estou moralmente certo de que milhões de outras pessoas chegaram a conclusões muito semelhantes mais ou menos da mesma maneira e, desde então, já conheci muita gente assim em centenas de lugares, e em dúzias de diferentes países. Muitas dessas pessoas nunca chegaram a acreditar, e muitas delas abandonaram a fé após alguma difícil batalha. Algumas tiveram momentos cegos de falta de convicção que foram, em cada detalhe, tão instantâneos, embora talvez menos epiléticos e apocalípticos (e, posteriormente, mais justificados racional e moralmente) que Saulo de Tarso no caminho de Damasco. E aqui está o ponto, acerca de mim mesmo e de meus copensadores. A nossa crença não é um credo.

Nossos princípios não são uma fé. Não nos baseamos unicamente na ciência e na razão, porque estas são fatores necessários mas não suficientes, mas desconfiamos de qualquer coisa que contradiga a ciência ou afronte a razão.

Podemos diferir em muita coisa, mas o que respeitamos é a livre inquirição, a

mente aberta, e a busca das ideias por elas mesmas. Não sustentamos as nossas convicções de forma dogmática: a discordância entre o professor Stephen Jay Gould e o professor Richard Dawkins referente à “evolução pontuada” e as lacunas não preenchidas na teoria pós-darwiniana é tão larga quanto profunda, mas será resolvida por evidência e raciocínio e não por excomunhão mútua.

(Minha própria irritação com o professor Dawkins e Daniel Dennett, pela sua proposta metida a onipotente de que os ateístas deveriam presunçosamente autodenominar-se “brilhantes”, é parte de uma contínua discussão.) Não somos imunes à sedução do prodígio, do

mistério e da reverência: temos música, arte e literatura, e achamos que os dilemas éticos sérios são mais bem tratados por Shakespeare e Tolstói, Schiller e Dostoiévski e George Eliot do que nos contos de moralidade míticos dos livros sagrados. A literatura, e não a escritura, sustém a mente e — já que não há outra metáfora — também a alma. Não acreditamos em céu ou inferno, todavia nenhuma estatística jamais concluirá que sem essas lisonjas ou ameaças cometemos mais crimes de cobiça ou violência que os fiéis.

(Na verdade, se fosse possível fazer algum dia uma pesquisa estatística apropriada, estou seguro de que a evidência indicaria exatamente o contrário.) Nós aceitamos o fato de viver apenas uma vez, a não ser por meio dos nossos filhos, para os quais ficamos felizes em observar que devemos abrir caminho e dar espaço. Nós especulamos que é no mínimo possível que, uma vez que as pessoas aceitem o fato de suas vidas breves e árduas, elas possam se comportar melhor umas em relação às outras, e não pior. Acreditamos com certeza que uma vida ética pode ser vivida sem religião. E sabemos como fato que o corolário também vale — a religião tem levado inúmeras pessoas não só a se conduzir pior que outras, mas a lhes conceder permissão para se comportar de maneiras capazes de franzir a testa de uma dona de bordel ou de um responsável por limpeza étnica.

Mais importante de tudo, talvez, é que nós infiéis não precisamos de nenhum mecanismo de reforço. Somos aqueles que Blaise Pascal levou em conta quando escreveu àquele que diz: “Estou tão feito que não consigo acreditar”. No vilarejo de Montaillou, durante uma das grandes perseguições medievais, uma mulher foi solicitada pelos inquisidores a lhes contar de quem tinha adquirido suas dúvidas heréticas sobre inferno e ressurreição. Ela devia saber que estava

em terrível perigo de morte lenta administrada pelos devotos, mas respondeu que não as tinha adquirido de ninguém e desenvolvera todas elas sozinha. (Com frequência, ouvem-se os crentes louvando a simplicidade de seu rebanho, mas não no caso dessa sanidade e lucidez conscienciosas e não forçadas, que têm sido esmagadas e queimadas nos casos de mais seres humanos que nunca seremos capazes de nomear.)

Não temos necessidade de nos reunir todo dia, ou a cada sete dias, ou em qualquer dia elevado e auspicioso, para proclamar nossa retidão ou chafurdar e nos refestelar na nossa indignidade. Nós ateístas não requeremos sacerdotes, nem qualquer hierarquia acima deles, para policiar a nossa doutrina. Sacrifícios e cerimônias nos são aversivos, bem como relíquias e o culto de quaisquer imagens ou objetos

(incluindo-se aí objetos na forma de uma das mais úteis inovações do homem: o livro encadernado). Para nós, nenhum lugar na Terra é ou poderia ser “mais santo” que outros: ao ostentoso absurdo da peregrinação, ou ao puro horror de matar civis em nome de algum muro ou gruta ou rocha ou santuário sagrado, podemos contrapor uma relaxada ou urgente caminhada de um canto a outro da biblioteca ou da galeria, ou um almoço com um amigo agradável, em busca da verdade e da beleza. Algumas dessas excursões às estantes de livros ou ao almoço ou à galeria nos colocarão, se forem sérias, em contato com crenças e crentes, desde os grandes pintores e compositores devocionais até as obras de Agostinho, Tomás de Aquino, Maimônides e Newman. Esses poderosos eruditos podem ter escrito muita coisa má e muita coisa tola, e terem sido ignorantes da teoria dos germes causando doenças ou do lugar do globo terrestre no sistema solar, muito menos no universo, e é por essa simples razão que não há outros mais como eles nos dias de hoje, e que não haverá outros como eles amanhã. A religião falou suas últimas palavras inteligíveis ou nobres ou inspiradoras há muito tempo: ou foi isso, ou então se transmutou num admirável mas nebuloso humanismo, como, digamos, sucedeu com Dietrich Bonhoeffer, um bravo pastor luterano enforcado pelos nazistas por sua recusa em conspirar com eles. Não haveremos mais de ter profetas ou sábios dos quadros antigos, e é por isso que as devoções de hoje são apenas as repetições de ontem, às vezes distendidas até o ponto de uivar para afugentar o terrível vazio.

Enquanto alguma apologia religiosa é magnífica em seus modos limitados

— poderíamos citar Pascal — e parte dela é melancólica e absurda — aqui não podemos evitar citar C. S. Lewis —, ambos os estilos têm algo em comum, ou seja, a espantosa carga de tensão que precisam suportar. Quanto esforço é necessário para afirmar o inacreditável! Os astecas precisavam rasgar uma cavidade torácica humana *todo dia* simplesmente para assegurar que o sol nasceria. Monoteístas teoricamente devem importunar sua divindade mais vezes, talvez, para que não seja surda. Quanta vaidade deve estar oculta — sem muita efetividade, é óbvio — para fingir que se é pessoalmente objeto de um plano divino? Quanto respeito próprio precisa ser sacrificado para que seja possível sofrer continuamente na consciência do próprio pecado? Quantas premissas desnecessárias precisam ser feitas, e quanta contorção é exigida, para receber cada nova descoberta da ciência e manipulá-la de modo a se “encaixar” nas palavras reveladas de antigas divindades criadas pelo homem? Quantos santos e milagres e concílios e conclaves são requeridos para estabelecer primeiramente um dogma e então — após infinita dor e perda e absurdo e crueldade

— ser forçado a rescindir um desses dogmas? Deus não criou o homem à sua própria imagem. Evidentemente, foi o contrário, o que constitui a indolor explicação para a profusão de deuses e religiões, e o fratricídio, entre e em meio aos credos, que vemos ao nosso redor e que tanto retardou o desenvolvimento da civilização.

Atrocidades religiosas passadas e presentes ocorreram não porque somos maus, mas porque é um fato da natureza que a espécie humana seja, biologicamente, apenas em parte racional. A evolução cuidou para que os nossos lobos pré-frontais fossem pequenos demais, nossas glândulas adrenais muito grandes, e os nossos órgãos reprodutores aparentemente projetados por uma comissão sem visão unificadora; uma receita que, sozinha ou combinada, com toda certeza conduz a distúrbio e infelicidade. Mas ainda assim, que diferença quando se deixam de lado os esforçados crentes e se assume o não menos árduo trabalho de um Darwin, ou um Hawking, ou um Crick. Esses homens são mais esclarecedores quando estão errados, ou quando exibem seus inevitáveis vieses, do que qualquer pessoa de fé falsamente modesta que tenta em vão a quadratura do círculo e explicar como ele, uma mera criatura do Criador, tem a possibilidade de saber o que o Criador pretende. Não se pode concordar em tudo

em questões de estética, mas nós, humanistas, ateístas e agnósticos seculares não desejamos privar a humanidade de suas maravilhas ou consolações. De maneira nenhuma. Se você dedicar um pouco de tempo a estudar as impressionantes fotografias tiradas pelo telescópio Hubble, estará examinando coisas que são muito mais assombrosas e belas — e mais caóticas e atordoantes e ameaçadoras

— que qualquer história da criação ou do “fim dos dias”. Se você ler Hawking falando do “horizonte de eventos”, aquela borda teórica do “buraco negro” sobre a qual alguém poderia teoricamente mergulhar e ver o passado e o futuro (exceto que, infelizmente e por definição, não teria “tempo” suficiente), eu ficaria surpreso se você ainda continuasse ligado a Moisés e a sua pouco impressionante

“sarça ardente”. Se você examinar a beleza e a simetria da dupla hélice, e seguir adiante para ter a sequência do seu genoma totalmente analisado, ficará imediatamente impressionado por esse fenômeno quase perfeito estar no núcleo do nosso ser, e reasssegurado (espero eu) de ter tanta coisa em comum com outras tribos da espécie humana — e “raça”, junto com “criação”, tendo sido jogadas no incinerador — e ainda mais fascinado por saber o quanto você igualmente faz parte do reino animal. Agora finalmente você pode ser apropriadamente humilde diante daquilo que fez você, que acontece não ser um

“quem”, mas um processo de mutação com mais elementos aleatórios do que nossa vaidade gostaria. Isso é mistério e prodígio mais que suficiente para qualquer mamífero conviver: a pessoa mais culta do mundo agora tem que admitir — *não* direi confessar — que sabe cada vez menos, mas pelo menos sabe cada vez menos sobre cada vez mais.

Quanto à consolação, já que pessoas religiosas tão amiúde insistem que a fé responde a essa suposta necessidade, simplesmente direi que aqueles que oferecem falso consolo são falsos amigos. Em todo caso, os críticos da religião não se limitam apenas a negar que ela tem um efeito analgésico. Ao contrário, advertem contra o placebo e o frasco de água colorida. Provavelmente, a citação errada mais popular dos tempos modernos — decerto a mais popular nesta discussão — é a afirmação de que Marx desprezou a religião como “o ópio do povo”. Ao contrário, esse filho de uma linhagem rabínica levava a fé muito a sério e escreveu em sua *Introdução à crítica da filosofia do direito* de Hegel: A angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da angústia real e o *protesto* contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, da

mesma maneira que é a alma de uma situação sem alma. É o ópio do povo.

A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é exigida para sua felicidade real. A exigência de abandonar as ilusões acerca de sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões. A crítica à religião é, portanto, embrionariamente, a crítica àquele vale de lágrimas cujo halo é a religião. A crítica arrancou as flores imaginárias da corrente, não de forma que o homem use a corrente sem qualquer fantasia ou consolo, mas de forma que ele se livre da corrente e colha a flor viva.

Assim, a famosa citação errada não é tanto uma “citação errada” e sim uma tentativa bastante crua de representar erradamente o argumento filosófico contra a religião. Aqueles que têm acreditado no que padres e rabinos e imãs lhe dizem sobre o que os descrentes pensam e o que eles pensam, encontrarão surpresas adicionais desse tipo à medida que formos adiante. Talvez venham a desconfiar do que lhes é dito — ou não aceitar de “boa-fé”, que é o problema inicial.

Marx e Freud, há de se reconhecer, não foram doutores nem cientistas exatos. Melhor é pensar neles como grandes e falíveis ensaístas imaginativos.

Em outras palavras, quando o universo intelectual se altera, não me

sinto arrogante o suficiente para me eximir de autocrítica. E fico contente em pensar que algumas contradições permanecerão contraditórias, alguns problemas jamais serão resolvidos pelo equipamento mamífero do córtex cerebral humano e algumas coisas são indefinidamente impossíveis de serem conhecidas. Se se descobrisse que o universo é finito ou infinito, qualquer uma das descobertas seria igualmente estuprificante e impenetrável para mim. E embora eu tenha conhecido muita gente mais sábia e mais inteligente que eu, não sei de ninguém que possa ser sábio ou inteligente o bastante para dizer algo diferente.

Logo, a crítica mais delicada à religião é também a mais radical e a mais devastadora. A religião é feita pelo homem. Mesmo os homens que a fizeram não conseguem estar de acordo quanto ao que seus profetas ou redentores ou gurus realmente disseram ou fizeram. Menos ainda podem ter esperança de nos dizer o “significado” de descobertas e evoluções posteriores que foram, no seu início, obstruídas pelas suas religiões ou denunciadas por elas. E ainda assim...

os crentes ainda alegam saber! Não só saber, mas saber *tudo*. Não só saber que deus existe, e que criou e supervisionou todo o empreendimento, mas também saber o que “ele exige de nós” — desde a nossa dieta, passando pela nossa observância até a moralidade sexual. Em outras palavras, numa vasta e complicada discussão onde sabemos cada vez mais sobre cada vez menos e,

todavia, ainda podemos ter esperança de algum esclarecimento à medida que seguimos em frente, uma facção — composta ela mesma de facções que se guerreiam mutuamente — tem a pura arrogância de nos dizer que já possuímos toda a informação essencial de que necessitamos. Tamanha estupidez, combinada com tamanho orgulho, deveria bastar por si só para excluir a

“crença” do debate. A pessoa que tem certeza, e que alega procuração divina para essa sua certeza, pertence agora à primeira infância da nossa espécie. A despedida pode ser longa, mas já começou e, como todas as despedidas, não deve ser protelada.

Estou seguro de que, se você me conhecesse, não saberia necessariamente que essa é a minha opinião. Provavelmente já me sentei por mais tempo com amigos religiosos do que qualquer outro tipo. Esses amigos muitas vezes me irritam dizendo que eu sou um “buscador”, o que não sou, não na maneira que eles acham. Se eu voltasse a Devon, onde a sra. Watts tem seu não visitado túmulo,

seguramente me veria sentado quieto no fundo de alguma velha igreja celta ou saxônica. (O lindo poema de Philip Larkin, “Church Going” [Ir à igreja])

capta perfeitamente a minha própria atitude.) Certa vez escrevi um livro sobre George Orwell, que poderia ter sido meu herói se eu tivesse heróis, e fiquei consternado com sua insensibilidade com a queima de igrejas na Catalunha em 1936. Sófocles mostrou, bem antes da ascensão do monoteísmo, que Antígona falava pela humanidade em sua repulsa contra a profanação. Deixo aos fiéis incendiarem mutuamente suas igrejas, mesquitas e sinagogas, e podemos ter certeza de que sempre o farão. Quando vou à mesquita, tiro os sapatos. Quando vou à sinagoga, cubro a cabeça. Certa vez cheguei a observar a etiqueta de um ashram na Índia, embora para mim tenha sido um verdadeiro teste. Meus pais não tentaram me impor nenhuma religião: provavelmente fui afortunado em ter um pai que não tivesse adorado em especial sua estrita criação batista/calvinista, e uma mãe que preferiu a assimilação — em parte pensando em mim — em lugar do judaísmo de seus antepassados. Sei agora o bastante sobre todas as religiões para saber que sempre teria sido um infiel em todas as épocas e em todos os lugares, mas o meu ateísmo particular é um ateísmo protestante. Foi da esplêndida liturgia da Bíblia do rei Jaime e do livro de orações de Cranmer —

uma liturgia que a fátua Igreja da Inglaterra descartou de forma barata — que

discordei pela primeira vez. Quando meu pai morreu e foi enterrado numa capela com vista para Portsmouth — a mesma capela na qual o general Eisenhower rezara pelo sucesso na noite anterior ao Dia D em 1944 —, fiz a prédica do púlpito e escolhi como texto um versículo da epístola de Saulo de Tarso, posteriormente aclamado como “São Paulo”, aos Filipenses (capítulo 4, versículo 8):

Concluindo, caros irmãos, absolutamente tudo o que for verdadeiro, tudo o que for honesto, tudo o que for justo, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, nisso pensai.

Escolhi esse trecho por causa do seu caráter assombroso e fugidio, que estará junto comigo na hora final, e por sua injunção essencialmente secular, e porque se destacava em meio à esterilidade de retórica, queixumes, absurdos e ameaças que o cercam.

A discussão com a fé é a fundação e a origem de todas as discussões,

porque é o início — mas não o fim — de todas as discussões sobre filosofia, ciência, história e natureza humana. É também o início — mas de forma nenhuma o fim — de todas as disputas sobre a vida boa e a cidade justa. A fé religiosa é, precisamente *porque* ainda somos criaturas em evolução, inextirpável. Ela jamais morrerá, ou pelo menos não até superarmos o nosso medo da morte, e do escuro, e do desconhecido, e um do outro. Por essa razão, eu não a proibiria nem que pensasse poder fazê-lo. Muito generoso da minha parte, você pode dizer. Mas será que os religiosos me concederiam a mesma indulgência? Pergunto porque existe uma diferença real e séria entre mim e meus amigos religiosos, e os amigos reais e sérios são suficientemente honestos para admiti-la. Eu me contentaria em ir aos b'nai mitzvah dos seus filhos, maravilhar-me com suas catedrais góticas, “respeitar” sua crença de que o Corão foi ditado, embora exclusivamente em árabe, a um mercador iletrado, ou interessar-me por consolações wicca, hindus e jainistas. E acontece que eu continuarei a fazê-lo sem insistir na polida condição recíproca — que é *que eles por sua vez me deixem em paz*. Mas isso, a religião é, em última análise, incapaz de fazer.

Enquanto escrevo estas palavras, e enquanto você as lê, pessoas de fé estão, dos seus modos diferentes, planejando a sua e a minha destruição, e a destruição de todas as realizações humanas, com tanta dificuldade conquistadas, com as quais

entrei em contato. *A religião envenena tudo.*

2

A RELIGIÃO MATA

A aversão dele à religião, no sentido geralmente ligado ao termo, era do mesmo tipo que a de Lucrécio: ele a encarava com os sentimentos devidos não a um mero delírio mental, mas a um grande mal moral. Olhava para ela como a maior inimiga da moralidade: primeiro, por estabelecer excelências fictícias — crença em credos, sentimentos devocionais e cerimônias, não relacionados com o bem da espécie humana —, e fazendo com que estas fossem aceitas como substitutas da virtude genuína: mas, acima de tudo, viciando o padrão da moral; fazendo com que esta consista em realizar a vontade de um ser, no qual ela esbanja prodigamente todas as frases de adulação, mas a quem ela descreve, em sóbria verdade, como eminentemente odioso.

JOHN STUART MILL SOBRE SEU PAI, EM SUA *Autobiografia*

Tantum religio potuit suadere malorum.

(A tais píncaros de maldade são os homens levados pela religião.)

LUCRÉCIO, *De Rerum Natura*

IMAGINE QUE VOCÊ SEJA CAPAZ DE REALIZAR UM FEITO DO
QUAL eu sou incapaz.

Imagine, em outras palavras, que você possa visualizar um criador infinitamente benigno e todo-poderoso, que concebeu você, depois o fez e o moldou, trouxe-o ao mundo que ele criou para você, e agora supervisiona e cuida de você mesmo enquanto você dorme. Imagine mais, que se obedecer às regras e aos mandamentos que ele amorosamente prescreveu, você se qualificará para uma eternidade de bem-aventurança e tranquilidade. Não digo que o invejo nessa crença (porque para mim ela parece o desejo de uma forma horrível de ditadura benevolente e inalterável), mas tenho sim uma pergunta sincera. Por que essa crença não torna os seus adeptos felizes? Deveria parecer-lhes que entraram em posse de um segredo maravilhoso, do tipo que poderiam recorrer em momentos

até mesmo da mais extrema adversidade.

Superficialmente, às vezes parece como se isso de fato ocorresse. Já estive em cultos evangélicos, em comunidades negras e brancas, onde todo o evento foi um longo brado de exaltação por ser salvo, amado e assim por diante. Muitos cultos, em todas as religiões e entre quase todos os pagãos, são planejados exatamente para evocar celebração e festejo comunal, e é precisamente por isso que desconfio deles. Há também momentos mais contidos, sóbrios e elegantes.

Quando eu era membro da Igreja Ortodoxa Grega, podia sentir, mesmo que não conseguisse acreditar, as palavras jubilosas trocadas entre os crentes na manhã de Páscoa: “Christos anesti!” (Cristo ascendeu!) “Alethos anesti!” (Ele realmente ascendeu!). Fui membro da Igreja Ortodoxa Grega, devo acrescentar, por um motivo que explica por que muita, muita gente professa uma fidelidade exterior. Entrei para a Igreja para agradar aos meus sogros. O arcebispo que me recebeu em sua comunhão no mesmo dia em que celebrou meu casamento, dessa maneira embolsando duas tarifas em vez da única habitual, mais tarde tornou-se um entusiástico chefe de torcida e levantador de fundos para seus colegas ortodoxos sérvios, os autores de assassinatos em massa Radovan Karadžić e Ratko Mladić, que lotaram incontáveis covas coletivas por toda a Bósnia. No meu casamento seguinte, oficiado por um rabino judeu reformista com

inclinação einsteiniana e shakespeariana, eu tinha um pouco mais em comum com o oficiador. Mas mesmo ele estava cômico de que sua perene homossexualidade era, em princípio, condenada como pecado capital, passível da punição de apedrejamento pelos fundadores de sua religião. Quanto à Igreja Anglicana, na qual fui originalmente batizado, hoje ela pode parecer um rebanho balindo pateticamente, mas como descendente de uma igreja que sempre desfrutou de subsídios estatais e de uma íntima relação com a monarquia hereditária, ela tem uma responsabilidade histórica pelas Cruzadas, pela perseguição aos católicos, judeus e dissidentes, e pelo combate contra a ciência e a razão.

O nível de intensidade flutua de acordo com o momento e o lugar, mas pode-se afirmar como verdade que a religião não se contenta, e no longo prazo não pode se contentar, com suas próprias alegações maravilhosas e sublimes garantias. Ela *precisa* tentar interferir na vida dos descrentes, ou hereges, ou

adeptos de outros credos. Ela pode falar sobre a bem-aventurança do mundo vindouro, mas quer poder neste mundo aqui. E é de esperar que seja assim.

Afinal, ela é totalmente criada pelo homem. E não tem a confiança nas suas diversas pregações sequer para permitir a coexistência entre diferentes credos.

Tomemos um único exemplo, de uma das mais veneradas figuras que a religião moderna produziu. Em 1996, a República da Irlanda organizou um referendo sobre uma pergunta: se a Constituição do Estado ainda deveria proibir o divórcio. A maioria dos partidos políticos, num país cada vez mais secular, instou os votantes a aprovar uma mudança na lei. Eles o fizeram por duas excelentes razões. Não se julgava mais correto que a Igreja Católica Romana legislasse sua moralidade para todos os cidadãos, e era obviamente impossível sequer imaginar uma eventual reunificação irlandesa se a grande minoria protestante no Norte fosse continuamente repelida pela possibilidade de uma lei clerical. Madre Teresa pegou um voo direto de Calcutá para ajudar na campanha, junto com a igreja e os defensores da linha dura, para o voto no “não”. Em outras palavras, uma mulher irlandesa casada com um bêbado incestuoso habituado a surrar a esposa nunca deveria esperar algo melhor, e poderia colocar sua alma em risco se rogasse por um recomeço, enquanto os protestantes podiam ou escolher as bênçãos de Roma ou ficar totalmente de fora. Não houve a mínima sugestão de que os católicos pudessem seguir os mandamentos de sua própria igreja sem impô-los a

todos os outros cidadãos. E isso nas ilhas britânicas, na última década do século xx. O referendo acabou por emendar a Constituição, mas por uma ínfima minoria. (Madre Teresa naquele mesmo ano deu uma entrevista dizendo que esperava que sua amiga princesa Diana estivesse mais feliz depois de ter escapado de um casamento obviamente desgraçado, mas é uma surpresa menor descobrir que a igreja aplica leis mais severas aos pobres ou que oferece indulgências aos ricos.)[2]

Uma semana antes dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, participei de um painel de discussão com Dennis Prager, um dos mais conhecidos apresentadores religiosos dos Estados Unidos. Ele me desafiou em público a responder ao que chamou de “pergunta direta sim/não” e eu concordei alegremente. Muito bem, disse ele. Eu devia imaginar-me numa cidade estranha ao anoitecer. Devia imaginar que havia um grande grupo de homens vindo na

minha direção. Agora — eu me sentiria mais seguro, ou menos seguro, se soubesse que estavam chegando de um culto religioso? Como o leitor bem pode ver, não é uma pergunta que aceita sim/não como resposta. Mas fui capaz de respondê-la como se não fosse hipotética: “Só para ficar na letra ‘B’, na realidade tive essa experiência em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdá. Em cada caso posso dizer com absoluta certeza, e posso dar os meus motivos, por que me sentiria imediatamente ameaçado se pensasse que o grupo de homens se aproximando de mim ao entardecer vinha de um serviço religioso”.

Aqui, então, está um breve resumo da crueldade inspirada pela religião que presenciei nesses seis lugares: Em Belfast, vi ruas inteiras incendiadas por ações de guerra entre diferentes seitas da cristandade, e entrevistei pessoas cujos parentes e amigos haviam sido sequestrados e mortos ou torturados por esquadrões da morte religiosos rivais, frequentemente sem nenhuma outra razão que não pertencer a outra denominação religiosa. Há uma velha piada em Belfast sobre um homem que é parado num bloqueio de rua e indagado sobre sua religião. Quando ele responde que é ateu, perguntam-lhe: “Ateu católico ou protestante?”. Penso que isso mostra como a obsessão está enraizada até mesmo no lendário senso de humor local. Em todo caso, isso ocorreu, com efeito, com um amigo meu e a experiência decididamente não foi nada agradável. O pretexto ostensivo para essa mutilação são nacionalismos rivais, mas a linguagem de rua usada por tribos rivais consiste em termos insultuosos aos outros credos (“Prods”

e “Teagues”). Por muitos anos, o *establishment* protestante queria que

os católicos fossem tanto segregados quanto suprimidos. De fato, nos tempos em que foi fundado o Estado do Ulster, o lema era: “Um parlamento protestante para um povo protestante”. O sectarismo é convenientemente autogerador e sempre se pode contar com ele para evocar um sectarismo recíproco. No ponto principal, a liderança católica estava de acordo: desejava escolas dominadas pelo clero e bairros segregados, para melhor exercer seu controle. Assim, em nome de deus, os velhos ódios eram martelados em novas gerações de crianças em idade escolar, e ainda são. (Mesmo a palavra “martelar” me provoca mal-estar: um ferramenta semelhante a essa era muitas vezes usada para destruir as rótulas daqueles que caíam vítimas de gangues religiosas.)

Quando vi Beirute pela primeira vez, no verão de 1975, a cidade ainda era reconhecível como “a Paris do Oriente”. Todavia, esse aparente Éden estava infestado de um amplo sortimento de serpentes. Sofria de um superávit positivo de religiões, todas elas “acomodadas” por uma Constituição estatal sectária. Por lei, o presidente tinha de ser um cristão, geralmente um católico maronita, o líder do parlamento, um muçulmano, e assim por diante. Isso nunca funcionou bem, porque institucionalizava as diferenças de credos bem como de castas e etnia (os muçulmanos xiitas eram a parte mais baixa da escala social, e os curdos eram totalmente destituídos de privilégios).

O principal partido cristão era na verdade uma milícia católica chamada

“Falange”, e havia sido fundado por um libanês maronita chamado Pierre Gemayel, que ficara muito impressionado com a sua visita às Olimpíadas nazistas em Berlim, em 1936. Mais tarde viria a adquirir notoriedade internacional por conduzir o massacre de palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, em 1982, agindo sob as ordens do general Sharon. Que um general judeu pudesse colaborar com um partido fascista já pode parecer suficientemente grotesco, mas eles tinham um inimigo muçulmano comum, e isso bastava. A invasão do Líbano por Israel naquele ano também deu ímpeto ao nascimento do Hezbollah, o modestamente denominado “Partido de Deus”, que mobilizou a classe baixa xiita e de forma gradual a pôs sob a liderança da ditadura teocrática do Irã que chegara ao poder três anos antes. Foi no adorável Líbano, também, que os fiéis, tendo aprendido o ofício do sequestro com as fileiras do crime organizado, passaram a nos apresentar as belezas dos atentados suicidas. Ainda posso ver aquela cabeça decepada na rua diante da arrasada embaixada francesa. De forma geral, eu tinha a tendência de atravessar a rua quando se encerravam os serviços religiosos.

Bombaim também costumava ser considerada uma pérola do Oriente, com seu colar de luzes ao longo da costa e sua magnífica arquitetura raj britânica. Era uma das cidades indianas mais diversificadas e plurais, e suas muitas camadas de textura foram sagazmente exploradas por Salman Rushdie — sobretudo em *O*

último suspiro do mouro — e nos filmes de Mira Nair. É verdade que houve ali embates intercomunitários, durante a época de 1947-8, quando o grande movimento histórico pela autonomia do governo indiano estava sendo arruinado

pelas exigências muçulmanas de um Estado separado e pelo fato de o Partido do Congresso ser liderado por um hindu devoto. Mas, provavelmente, tanta gente buscou refúgio em Bombaim durante aquele momento de sede de sangue religiosa quanto aqueles que fugiram ou foram expulsos de lá. Uma forma de coexistência cultural foi retomada, como muitas vezes acontece quando cidades são expostas ao mar e às influências externas. Os parses — antigos adeptos de Zoroastro que foram perseguidos na Pérsia — eram uma minoria proeminente, e a cidade também abrigava uma comunidade historicamente significativa de judeus. Mas isso não bastou para satisfazer o sr. Bal Thackeray e seu movimento nacionalista hindu Shiv Sena, que, nos anos 1990, decidiu que Bombaim deveria ser dirigida por e para seus correligionários, e despejou uma maré de brutamontes e assassinos nas ruas. Só para mostrar que podia fazê-lo, ordenou a troca de nome da cidade para “Mumbai”, o que é em parte o motivo de eu inclui-

la nesta lista com seu nome tradicional.

Belgrado foi a capital da Iugoslávia até a década de 1980, ou terra dos eslavos do sul, o que, por definição, significava que era capital de um Estado multiétnico e multiconfessional. Mas um intelectual croata secular uma vez me deu um aviso que, como em Belfast, acabou assumindo forma de piada: “Se eu digo às pessoas que sou ateu e croata”, disse ele, “elas me perguntam como posso provar que não sou sérvio”. Ser croata, em outras palavras, é ser católico romano. Ser sérvio é ser cristão ortodoxo. Nos anos 1940, isso significou um estado títere nazista, estabelecido na Croácia com o patrocínio do Vaticano, que naturalmente buscou eliminar todos os judeus da região mas também empreendeu uma campanha de conversão forçada dirigida a outra comunidade cristã. Como consequência, dezenas de milhares de cristãos ortodoxos foram ou massacrados ou deportados, e um vasto campo de concentração foi montado perto da cidade de Jasenovac. O regime do general Ante Pavelić e seu partido Ustasha era tão

repugnante que até mesmo oficiais alemães protestaram por serem forçados a se associar com ele.

Na época em que visitei o sítio do campo de Jasenovac, em 1992, a bota militar estava sendo calçada por outro pé. As cidades croatas de Vukovar e Dubrovnik tinham sido brutalmente bombardeadas pelas forças armadas da Sérvia, agora sob controle de Slobodan Milošević. A cidade de Sarajevo,

basicamente muçulmana, fora cercada e estava sendo bombardeada 24 horas por dia. Em outra parte da Bósnia e Herzegovina, especialmente ao longo do rio Drina, cidades inteiras foram saqueadas e massacradas naquilo que os próprios sérvios denominaram “limpeza étnica”. Na verdade, “limpeza religiosa” teria sido um termo mais exato. Milošević era um ex-burocrata comunista que sofrera mutação para se tornar um nacionalista xenófobo, e sua cruzada antimuçulmana, que servia de cobertura para a anexação da Bósnia a uma

“Grande Sérvia”, foi em grande parte empreendida por milícias extraoficiais operando sob seu controle “negável”. Essas gangues eram compostas de fanáticos religiosos, muitas vezes abençoadas por padres e bispos ortodoxos e, às vezes, reforçadas por colegas “voluntários” ortodoxos da Grécia e da Rússia. Foi feita uma tentativa especial de destruir toda evidência de civilização otomana, como no caso especialmente atroz de dinamitar vários minaretes históricos em Banja Luka, o que foi feito durante um cessar-fogo e não como resultado de alguma batalha.

O mesmo valia, como muitas vezes se esquece, para suas contrapartes católicas. As formações ustashas foram revividas na Croácia e fizeram uma perversa tentativa de conquistar a Herzegovina, como tinham feito na Segunda Guerra Mundial. A bela cidade de Mostar também foi bombardeada e sitiada, e a famosa Stari Most, ou “Ponte Velha”, que datava da época turca e era listada pela Unesco como sítio cultural de importância mundial, foi bombardeada até desabar rio abaixo. Com efeito, as forças extremistas católicas e ortodoxas conspiraram para uma sangrenta partilha e limpeza étnica da Bósnia e Herzegovina. Essas forças foram poupadas, e ainda são, dessa vergonha pública porque a mídia mundial preferiu a simplificação de “croatas” e “sérvios”, e só mencionava religião quando discutia “os muçulmanos”. Mas a tríade de termos

“croata”, “sérvio” e “muçulmano” é desigual e enganosa, no sentido de que equipara duas nacionalidades e uma religião. (O mesmo erro é feito de maneira diferente na cobertura do Iraque, com a tríade

“sunita-xiita-curdo”). Havia pelo menos 10 mil sérvios em Sarajevo durante o sítio, e um dos principais comandantes de sua defesa, um oficial e cavaleiro chamado general Jovan Divjak, cuja mão tive o orgulho de apertar sob o fogo, também era sérvio. A população judaica da cidade, que data de 1492, também se identificava em sua

maior parte com o governo e com a causa da Bósnia. Teria sido muito mais acurado se a imprensa e a televisão tivessem reportado que “hoje as forças cristãs ortodoxas retomaram seus bombardeios de Sarajevo” ou “ontem as milícias católicas conseguiram derrubar a Stari Most”. Mas a terminologia confessional era reservada apenas aos “muçulmanos”, mesmo que seus assassinos fizessem questão de se distinguir usando grandes cruzeiras ortodoxas sobre as cartucheiras, ou colando retratos da Virgem Maria nas coronhas de seus rifles. Assim, mais uma vez, *a religião envenena tudo*, inclusive as nossas próprias faculdades de discernimento.

Quanto a Belém, suponho que eu estaria disposto a conceder ao sr. Prager que num dia bom me sentiria suficientemente seguro parado nos arredores da Igreja da Natividade ao anoitecer. É em Belém, não longe de Jerusalém, que muitos acreditam que, com a cooperação de uma virgem imaculadamente concebida, Deus deu à luz um filho.

“O nascimento de Jesus Cristo ocorreu da seguinte maneira: Estando Maria, sua mãe, prometida em casamento a José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.” Sim, e o semideus grego Perseu nasceu quando Júpiter visitou a virgem Dânae como uma chuva de ouro e a deixou grávida. O

deus Buda nasceu através de uma abertura no flanco de sua mãe. Coatlicue, com sua saia de serpentes, pegou uma pequena bola de penas do céu e a escondeu no colo, e assim foi concebido o deus asteca Huitzilopochtli. A virgem Nana colheu uma romã da árvore regada pelo sangue do assassinado Agdistis, a colocou em seu colo e deu à luz o deus Átis. A filha virgem de um rei mongol acordou certa noite e viu-se banhada numa grande luz, que fez com que ela desse à luz Gengis Khan. Krishna nasceu da virgem Devaka. Horus nasceu da virgem Ísis. Mercúrio nasceu da virgem Maia. Rômulo nasceu da virgem Reia Sílvia. Por alguma razão, muitas religiões se forçam a pensar no canal de nascimento como uma via de mão única, e até mesmo o corão trata a Virgem Maria com reverência. No entanto, isso não fez diferença durante as Cruzadas, quando um exército papal se lançou a recapturar Belém e Jerusalém dos muçulmanos, destruindo incidentalmente no caminho muitas comunidades judaicas e saqueando a herética Bizâncio cristã, e infligindo massacres nas

estreitas ruas de Jerusalém, onde, segundo os histéricos e entusiasmados cronistas, o sangue derramado

chegou à altura das rédeas dos cavalos.

Algumas dessas explosões de ódio, fanatismo e sanguinolência já se foram, embora sempre haja novas iminentes nessa área, mas nesse meio-tempo uma pessoa pode sentir-se relativamente segura dentro e em torno da “Praça da Manjedoura”, que é o centro, como o nome sugere, de uma armadilha turística tão indisfarçavelmente rudimentar a ponto de envergonhar a própria Lourdes.

Quando visitei pela primeira vez a deplorável cidade, ela estava sob o controle nominal de uma municipalidade em grande parte palestina cristã, ligada a uma particular dinastia política identificada com a família Freij. Quando voltei a vê-

la, estava sob um brutal toque de recolher imposto pelas autoridades militares israelenses — cuja presença na Margem Ocidental não deixa de estar conectada com a crença em antigas profecias das escrituras, embora dessa vez com uma promessa diferente feita por um deus diferente a um povo diferente. Agora chega a vez de outra religião. As forças do Hamas, que reivindicam a totalidade da Palestina como um *waaf* islâmico, ou uma dádiva sagrada ao islã, começaram a empurrar para os lados os cristãos de Belém. Seu líder, Mahmoud al-Zahar, já anunciou que todos os habitantes do estado islâmico da Palestina deverão se conformar com a lei muçulmana. Em Belém, atualmente propõe-se que os não muçulmanos sejam sujeitos ao imposto *al-Jeziya*, a histórica cobrança imposta a *dhimmis* sob o antigo Império Otomano. Funcionárias da municipalidade estão proibidas de cumprimentar visitantes masculinos com aperto de mão. Em Gaza, uma jovem chamada Yusra al-Azami foi baleada e morta em abril de 2005 pelo crime de estar sentada sozinha, sem outra acompanhante, num carro com o seu noivo. O rapaz escapou com apenas uma surra cruel. O esquadrão “vício e virtude” dos líderes do Hamas justificou esse assassinato e a tortura casual dizendo que houve “suspeitas de comportamento imoral”. Na Palestina, que um dia já foi secular, turmas de rapazes sexualmente reprimidos são recrutados para bisbilhotar em volta de carros estacionados, com permissão de fazer o que lhes aprouver. [3]

Certa vez ouvi o falecido Abba Eban, um dos mais sérios e refinados diplomatas e estadistas de Israel, dar uma palestra em Nova York. A primeira coisa a chamar a atenção na disputa israelense-palestina, disse ele, era a facilidade com que podia ser resolvida. Partindo desse

ponto de suspense, ele foi

adiante dizendo, com a autoridade de um ex-ministro do Exterior e representante na ONU, que o ponto essencial era simples. Dois povos de tamanho aproximadamente equivalente reivindicavam a mesma terra. A solução era, obviamente, criar dois Estados lado a lado. Seguramente, algo tão autoevidente estava ao alcance da inteligência humana, não? E assim teria sido, décadas atrás, se os rabis messiânicos e os mulás e padres tivessem se mantido fora disso. Mas as reivindicações de exclusividade da autoridade concedida por deus, feitas por clérigos histéricos de ambos os lados, e alimentadas por cristãos com a mentalidade do Armagedom que esperam trazer o Apocalipse (precedido pela morte ou conversão de todos os judeus), tornaram a situação insustentável, colocando a humanidade inteira na posição de refém de uma briga que agora representa ameaça de uma guerra nuclear. *A religião envenena tudo*. Além de uma ameaça à civilização, ela tornou-se uma ameaça à sobrevivência da humanidade.

Chegamos por último a Bagdá. Esse é um dos maiores centros de aprendizagem e cultura da história. Foi aqui que algumas das obras perdidas de Aristóteles e outros gregos (“perdidas” porque as autoridades cristãs haviam queimado algumas, suprimido outras e fechado as escolas de filosofia, sob o fundamento de que não podia haver reflexões úteis sobre moralidade perante a pregação de Jesus) foram preservadas, retraduzidas e transmitidas via Andaluzia de volta para o ignorante Ocidente “cristão”. Bibliotecas, poetas e arquitetos de Bagdá eram renomados. Muitas das realizações tiveram lugar sob califas muçulmanos, que às vezes permitiam, e com igual frequência reprimiam, sua expressão, mas Bagdá também conserva os vestígios da antiga cristandade caldeia e nestoriana, e foi um dos muitos centros da diáspora judaica. Até o final da década de 1940, era o lar de tantos judeus quanto os que viviam em Jerusalém.

Não vou elaborar aqui uma posição sobre a derrubada de Saddam Hussein em abril de 2003. Simplesmente direi que aqueles que encaravam seu regime como “secular” estão se iludindo. É verdade que o Partido Ba’ath foi fundado por um homem chamado Michel Aflaq, um sinistro cristão com simpatia pelo fascismo, e também é verdade que a filiação ao partido estava aberta a todas as religiões (embora os membros judeus fossem, e tenho todo motivo para pensar,

limitados). No entanto, pelo menos desde a sua calamitosa invasão do Irã, em 1980, que levou a furiosas acusações da teocracia iraniana de que ele era um

“infiel”, Saddam Hussein vestiu todo seu governo — que de qualquer modo era baseado numa minoria tribal da minoria sunita — com uma roupagem de devoção e jihad. (O Partido Ba’ath sírio, também baseado num fragmento confessional da sociedade alinhado com a minoria alawita, igualmente desfrutou de uma longa e hipócrita relação com os mulás iranianos.) Saddam inscrevera as palavras “Allahu Akbar” — “Deus é Grande” — na bandeira iraquiana. Ele havia patrocinado uma imensa conferência internacional de guerreiros santos e mulás, e mantinha relações muito calorosas com seu outro principal patrocinador na região, a saber, o governo genocida do Sudão. E construíra a maior mesquita da região, dando-lhe o nome de mesquita “Mãe de Todas as Batalhas”, completada com um Corão escrito em sangue que ele alegava ser seu. Quando desfechou sua própria campanha genocida contra a população (basicamente sunita) do Curdistão — uma campanha que envolveu o consumado e atroz uso de armas químicas, bem como o assassinato e a deportação de centenas de milhares de pessoas —, ele a tinha chamado de “Operação Anfal”, tomando esse termo emprestado de uma justificativa corânica — “Os Despojos” da sura 8 —

para o despojamento e a destruição dos não crentes. Quando as forças da Coalizão cruzaram a fronteira iraquiana, encontraram o exército de Saddam dissolvendo-se feito um torrão de açúcar em chá quente, mas toparam com alguma resistência tenaz de um grupo paramilitar, reforçado por jihadistas estrangeiros, chamados Fedayin Saddam. Uma das tarefas desse grupo era executar qualquer um que desse as boas-vindas à intervenção ocidental, e alguns revoltantes enforcamentos e mutilações públicas logo foram capturados em vídeo para que todos vissem.

No mínimo, todos podem concordar que o povo iraquiano havia aguentado muita coisa nos precedentes 35 anos de guerra e ditadura, que o regime de Saddam não poderia continuar para sempre como um sistema fora da lei dentro da lei internacional, e que, portanto — quaisquer que possam ter sido as objeções aos reais meios de “mudança de regime” —, toda a sociedade merecia uma espaço para tomar fôlego, no qual pudesse considerar a reconstrução e a reconciliação. Nem um único minuto de tomada de fôlego foi autorizado.

Todo mundo sabe a continuação da história. Os simpatizantes da al-Qaeda, chefiados por um detento jordaniano chamado Abu Musab al-Zarqawi, desfecharam uma frenética campanha de assassinato e sabotagem. Eles não só matavam mulheres sem véu, jornalistas e professores seculares; não só implantavam bombas em igrejas cristãs

(o Iraque talvez tenha 2% de cristãos) e baleavam ou mutilavam cristãos que faziam e vendiam álcool; não só fizeram um vídeo de assassinato e degola em massa de um contingente de trabalhadores nepaleses convidados, que presumiram serem hindus e, portanto, não mereciam qualquer consideração. Essas atrocidades podiam ser contadas mais ou menos como rotina. Eles dirigiram a parte mais venenosa de sua campanha de terror contra os concidadãos muçulmanos. As mesquitas e os cortejos fúnebres da longamente oprimida maioria xiita sofriam explosões. Peregrinos que tinham percorrido longas distâncias para os recém-acessíveis santuários de Karbala e Najaf o faziam arriscando suas próprias vidas. Numa carta ao seu líder Osama bin Laden, Zarqawi dava as duas principais razões para essa política excepcionalmente cruel. Em primeiro lugar, escreveu ele, os xiitas eram hereges que não percorriam o caminho de pureza salafista correto. Eram, portanto, presa legítima para os verdadeiramente santos. Em segundo lugar, se fosse possível induzir uma guerra religiosa dentro da sociedade iraquiana, os planos de uma

“cruzada” ocidental não dariam em nada.^[4] A esperança óbvia era atizar uma contrarreação dos próprios xiitas, o que levaria os árabes sunitas para os braços dos seus “protetores” binladenistas. E, apesar de alguns nobres apelos por contenção por parte do grande aiatolá xiita Sistani, não se mostrava muito difícil provocar tal reação. Não demorou muito para que os esquadrões de morte xiitas, muitas vezes trajando uniformes da polícia, estivessem matando e torturando ao acaso membros da fé árabe sunita. A influência sub-reptícia da vizinha

“República Islâmica” do Irã não era difícil de detectar, e em algumas áreas xiitas também se tornou perigoso ser uma mulher sem véu ou uma pessoa secular. O

Iraque se vangloria de uma longa história de casamentos mistos e cooperação intercomunitária. Mas alguns anos dessa dialética de ódio conseguiram criar uma atmosfera de sofrimento, desconfiança, hostilidade e política baseada em seitas.

Mais uma vez, *a religião envenenara tudo*.

Em todos os casos que mencionei, houve aqueles que protestaram em nome

da religião e que tentaram se opor à maré crescente de fanatismo e ao culto da morte. Posso pensar num punhado de padres, bispos, rabinos e imãs que puseram a humanidade na frente da sua própria seita ou credo. A história nos dá muitos outros exemplos desses, os quais

discutirei mais adiante. Mas esse é um cumprimento ao humanismo, não à religião. Se tocarmos nesse ponto, as crises também levaram a mim, bem como a muitos outros ateístas, a protestar em nome dos católicos que sofriam discriminação na Irlanda, dos muçulmanos bósnios que enfrentavam extermínio nos Bálcãs cristãos, de afegãos e iraquianos xiitas que eram levados ao fio da espada por jihadistas sunitas, e vice-versa, e inumeráveis outros casos similares. Adotar essa postura é dever elementar de um ser humano com respeito próprio. Mas a relutância geral das autoridades clericais em emitir uma condenação sem ambiguidades, seja do Vaticano no caso da Croácia ou das lideranças sauditas e iranianas no caso de suas respectivas seitas, é uniformemente repugnante. E assim é a disposição de cada “rebanho”

de reverter ao comportamento atávico sob a menor provocação.

Não, sr. Prager, não achei uma regra prudente buscar ajuda quando o serviço religioso se encerra. E isso, conforme eu disse, é só a letra “B”. Em todos esses casos, qualquer pessoa preocupada com a segurança ou dignidade humana teria de esperar fervorosamente por uma erupção maciça de secularismo democrático e republicano.

Não precisei viajar a todos esses lugares exóticos para ver o veneno fazendo efeito. Muito antes do dia crítico de 11 de setembro de 2001, pude sentir que a religião estava começando a reafirmar seu desafio à sociedade civil.

Quando não estou atuando como um correspondente estrangeiro amador em experiência, levo uma vida bastante tranquila e ordeira: escrevo livros e ensaios, ensino meus alunos a amar a literatura inglesa, participo de agradáveis conferências de tipos literários, tomo parte nos transientes debates que surgem na área editorial e na academia. Porém, mesmo essa existência relativamente protegida tem estado sujeita a ultrajantes invasões, insultos e desafios. Em 14 de fevereiro de 1989, meu amigo Salman Rushdie foi atingido simultaneamente por uma sentença de morte e uma sentença de vida, pelo crime de escrever uma obra de ficção. Para ser mais preciso, o chefe teocrático de um Estado estrangeiro —

o aiatolá Khomeini do Irã — ofereceu publicamente dinheiro, em seu próprio nome, como recompensa para o assassinato de um romancista que era cidadão de outro país. Àqueles que foram incentivados a perpetrar esse corrompido esquema de assassinato, que se estendia a “todos os envolvidos na publicação”

de *Os versos satânicos*, não se oferecia somente uma fria quantia em dinheiro mas, também, um bilhete para o paraíso. É impossível imaginar uma afronta maior a cada valor da livre expressão. O aiatolá não tinha lido, e provavelmente não podia ler, e de toda maneira proibiu todo mundo de ler, o romance. Mas conseguiu deflagrar horrorosas demonstrações, entre os muçulmanos na Grã-

Bretanha bem como no mundo todo, onde multidões queimavam livros e berravam que o autor também devia ser lançado às chamas.

Esse episódio — em parte horripilante em parte grotesco — obviamente teve suas origens no mundo material ou “real”. O aiatolá, tendo sacrificado as vidas de centenas de milhares de jovens iranianos numa tentativa de prolongar a guerra que Saddam Hussein começara, e assim transformá-la numa vitória para sua própria teologia reacionária, recentemente fora forçado a reconhecer a realidade de concordar com a resolução de cessar-fogo das Nações Unidas, resolução essa que ele tinha jurado tomar veneno antes de assiná-la. Em outras palavras, ele estava precisando de um “problema”. Um grupo de muçulmanos reacionários na África do Sul, participantes do parlamento títere do regime do apartheid, havia anunciado que se o sr. Rushdie comparecesse a uma feira literária em seu país, ele seria morto. Um grupo fundamentalista no Paquistão derramara sangue nas ruas. Khomeini tinha de provar que não podia ser sobrepujado por ninguém.

Acontece que há algumas afirmações alegadamente feitas pelo profeta Maomé que são difíceis de conciliar com o ensinamento muçulmano. Eruditos do Corão têm tentado a quadratura desse círculo sugerindo que, nessas instâncias, o Profeta estava acidentalmente recebendo ditados de Satã em vez de Deus. Esse estratagema — que não teria desgraçado a escola mais sinuosa da apologética cristã medieval — oferecia uma oportunidade excelente para um romancista explorar a relação entre texto sagrado e literatura. Mas a mente literal não entende a mente irônica, e a vê sempre como fonte de perigo. Além disso, Rushdie fora educado como muçulmano e tinha compreensão do Corão, o que

efetivamente significava que era um apóstata. E “apostasia”, segundo o *hadith*, é passível de punição apenas com a morte. Não há direito de mudança de religião e todos os Estados religiosos sempre insistiram em duras penalidades para aqueles que tentaram.

Uma série de graves atentados foi realizada por esquadrões da morte religiosos, apoiados por embaixadas iranianas, para matar Rushdie.

Seus tradutores para o italiano e japonês foram criminosamente agredidos, ao que parece em virtude de uma crença absurda de que o tradutor pudesse saber seu paradeiro, e um deles foi mutilado de forma selvagem e deixado às portas da morte. O editor norueguês foi baleado diversas vezes nas costas com um rifle de alta velocidade e deixado como morto na neve, mas surpreendentemente sobreviveu. Seria de pensar que tal arrogante homicídio de patrocínio estatal, dirigido contra um indivíduo solitário e pacífico que buscava uma vida dedicada à linguagem, tivesse conclamado a uma condenação geral. Mas não foi o que aconteceu. Em consideradas declarações, o Vaticano, o arcebispo de Cantuária, e o rabino-chefe sefaradita de Israel, todos adotaram uma postura de simpatia ao...

aiatolá. E o mesmo fez o cardeal arcebispo de Nova York e muitas outras figuras religiosas de menor importância. Enquanto, de maneira geral, davam um jeito de dizer algumas palavras deplorando o fato de recorrer à violência, todos esses homens declararam que o principal problema levantado pela publicação de *Os versos satânicos* não era o assassinato por mercenários, mas a blasfêmia.

Algumas figuras públicas que não faziam parte de ordens religiosas, tais como o escritor marxista John Berger, o historiador conservador Hugh Trevor-Roper e o decano dos autores de espionagem John Le Carré, também declararam que Rushdie era o responsável por seus próprios problemas, e os fizera desabar sobre si ao “ofender” uma grande religião monoteísta. Para essas pessoas, não parecia haver nada de fantástico no fato de a polícia britânica ter de defender um cidadão ex-muçulmano nascido na Índia de uma campanha orquestrada para tirar sua vida em nome de deus.

Protegida como a minha vida normalmente é, senti o gosto dessa situação surreal quando o sr. Rushdie veio para Washington durante o fim de semana de Ação de Graças de 1993, para manter um compromisso com o presidente Clinton, e ficou uma ou duas noites em meu apartamento. Uma enorme e

ameaçadora operação de segurança foi necessária para concretizar isso, e quando a visita terminou, pediram-me para fazer uma visita ao Departamento de Estado.

Ali fui informado por um funcionário sênior de que fora interceptada uma

“conversa” digna de crédito manifestando a intenção de vingança contra mim e a minha família. Fui aconselhado a mudar meu endereço

e o número de telefone, o que me pareceu uma maneira improvável de evitar represálias. No entanto, chamou a minha atenção para algo que eu já sabia. Não é possível dizer: Bem, você segue no seu sonho xiita de um imã oculto e eu sigo no meu estudo de Thomas Paine e George Orwell, e o mundo é grande o bastante para nós dois. O

verdadeiro crente não consegue descansar até o mundo inteiro curvar-se a seus pés. Não é óbvio para todos, digamos, os devotos, que a autoridade religiosa é suprema e que aqueles que declinam em reconhecê-la abriam mão do seu direito de existir?

E, como sempre acontece, foram os *assassinos* dos xiitas que forçaram esse ponto ao chamar a atenção do mundo alguns anos depois. O regime do Talibã no Afeganistão havia sido tão medonho, chacinando a população hazara xiita, que o próprio Irã havia considerado invadir o país em 1999. E tão grande era a obsessão do Talibã pela profanação que bombardeara e destruíra metodicamente uma das maiores obras culturais do mundo — as estátuas gêmeas de Buda em Bamiyan, que na sua magnificência mostravam a fusão dos estilos helênico e outros no passado do Afeganistão. Mas, pré-islâmicas como eram, as estátuas constituíam um permanente insulto ao Talibã e a seus hóspedes da al-Qaeda, e a redução de Bamiyan a cacos e entulho serviu de prenúncio para a incineração de outras duas estruturas gêmeas, bem como de quase 3 mil vidas humanas, no centro de Manhattan, no outono de 2001.

Todo mundo tem seu próprio Onze de Setembro: vou passar por cima do meu, exceto para dizer que alguém que eu conhecia ligeiramente foi lançada contra os muros do Pentágono tendo conseguido telefonar ao marido dando uma descrição dos assassinos e das suas táticas (e tendo sabido por ele que não se tratava de um sequestro e que ela ia morrer). Do telhado do meu prédio em Washington, pude ver a fumaça subindo do outro lado do rio e, desde então, nunca mais passei pelo Capitólio ou pela Casa Branca sem pensar no que poderia ter acontecido não fosse a coragem e o expediente dos passageiros do

quarto avião, que conseguiram fazer com que ele pousasse na Pensilvânia a apenas vinte minutos de voo do seu destino.

Bem, numa resposta adicional a Dennis Prager, fui capaz de escrever: aí está a sua resposta. Os dezenove assassinos suicidas de Nova York, Washington e Pensilvânia eram, sem sombra de dúvida, os crentes mais sinceros dentro daqueles aviões. Talvez possamos ouvir um pouco menos sobre como “pessoas de fé” possuem vantagens morais que outros só têm a invejar. E o que aprender com o júbilo e a extática

propaganda com que o grande feito de fidelidade foi recebido no mundo islâmico? Na época, os Estados Unidos tinham um advogado-geral chamado John Ashcroft, que afirmara que o país “não tinha rei exceto Jesus” (uma declaração exatamente duas palavras longa demais). E um presidente que queria entregar o cuidado dos pobres a instituições “com base na fé”. Não poderia ser esse um momento em que a luz da razão, e a defesa de uma sociedade que separasse igreja e Estado, e que valorizasse a livre expressão e a livre investigação, ganhassem um ou dois pontos?

A decepção foi, e para mim continua sendo, aguda. Em poucas horas, os

“reverendos” Pat Robertson e Jerry Falwell anunciaram que a imolação de seus semelhantes era um julgamento divino da sociedade secular que tolerava homossexualidade e aborto. No serviço memorial solene pelas vítimas, realizado na bela Catedral Nacional, em Washington, foi permitida uma prédica de Billy Graham, um homem cuja ficha de oportunismo e antissemitismo já é por si só uma pequena desgraça nacional. Seu absurdo sermão fazia a alegação de que todos os mortos estavam agora no paraíso e não retornariam a nós mesmo que pudessem. Digo absurdo porque é impossível, mesmo nos termos mais lenientes, acreditar que um bom número de cidadãos pecadores não fora assassinado naquele dia pela al-Qaeda. E não há razão para acreditar que Billy Graham pudesse saber os paradeiros de suas almas, muito menos seus desejos póstumos.

Mas havia também algo de sinistro em ouvir alegações detalhadas de conhecimento do paraíso, do tipo que o próprio Bin Laden estava fazendo em nome dos assassinos.

As coisas continuaram a se deteriorar no intervalo entre a remoção do Talibã e a derrubada de Saddam Hussein. Um oficial militar sênior chamado general William Boykin anunciou que lhe fora concedida uma visão enquanto

servia anteriormente durante o fiasco na Somália. Ao que parece, a face do próprio Satã fora detectada por alguma fotografia aérea de Mogadíscio, mas isso servira apenas para aumentar a confiança do general de que seu deus era mais forte que a divindade malévola da oposição. Na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, em Colorado Springs, revelou-se que cadetes judeus e agnósticos estavam sendo cruelmente agredidos por um grupo de quadros

“renascidos” que não sofriam punição, insistindo que apenas aceitando

Jesus como salvador pessoal eles eram qualificados para servir. O vice-comandante da academia enviou e-mails fazendo proselitismo por um dia nacional de oração (cristã). Uma capelã chamada MeLinda Morton, que se queixou dessa histeria e intimidação, foi abruptamente transferida para uma base distante no Japão.

Entrementes, o multiculturalismo vazio também contribuía com seu quinhão, assegurando, entre outros meios, a distribuição de edições sauditas baratas do Corão para uso no sistema prisional americano. Esses textos wahabis iam ainda mais longe que o original, recomendando a guerra santa contra todos os cristãos, judeus e secularistas. Observar tudo isso era testemunhar um tipo de suicídio cultural: um “suicídio assistido”, no qual crentes e não crentes estavam igualmente preparados para officiar. [5]

Deve-se ressaltar de vez que esse tipo de assunto, além de ser antiético e antiprofissional, era também decididamente inconstitucional e antiamericano.

James Madison, autor da Primeira Emenda à Constituição, que proíbe qualquer lei referente ao estabelecimento de uma religião, foi também autor do Artigo VI, que declara sem qualquer ambiguidade que “nenhum teste religioso jamais será exigido como qualificação para qualquer agência ou órgão público”. Seus *Detached Memoranda* [Memorandos Desvinculados] deixam muito claro que ele a princípio se opunha à nomeação governamental de capelães, fosse para as forças armadas ou nas cerimônias de abertura do Congresso. “O estabelecimento de uma capelania no Congresso é uma violação palpável da igualdade de direitos, bem como de princípios constitucionais.” Quanto à presença clerical nas forças armadas, Madison escreveu: “O objeto desse estabelecimento é sedutor; o motivo é louvável. Mas não é mais seguro ater-se a um princípio certo, e confiar nas suas consequências, do que confiar no raciocínio, por mais capcioso que seja, em favor de um princípio errado? Observem os exércitos e marinhas do

mundo, e digam se na indicação de seus ministros de religião, o que está mais em vista: o interesse espiritual dos rebanhos ou o interesse temporal do Pastor?”.

Qualquer um que citasse Madison hoje provavelmente seria considerado ou subversivo ou insano e, contudo, sem ele e Thomas Jefferson, coautores do Estatuto da Virgínia sobre Liberdade Religiosa, os Estados Unidos teriam prosseguido como era antes — com os judeus proibidos de exercer certos cargos em alguns estados, os

católicos em outros e, no estado mais católico de Maryland, uma lei pela qual “palavras profanas concernentes à Santa Trindade”

eram passíveis de punição por tortura, marcação a ferro, e, na terceira ofensa,

“morte sem benefício de clero”. A Geórgia continuaria sustentando que sua fé estadual oficial era o “protestantismo” — qualquer que pudesse ser entre os muitos híbridos de Lutero.[6]

À medida que o debate sobre a intervenção no Iraque ia se tornando mais acalorado, torrentes positivas de absurdos jorravam dos púlpitos. A maioria das igrejas se opunha ao esforço de remover Saddam Hussein, e o papa se desgraçou completamente emitindo um convite pessoal ao procurado criminoso de guerra Tariq Aziz, um homem responsável pelo assassinato oficial de crianças. Aziz não só foi bem recebido no Vaticano como importante membro católico de um partido fascista governante (não foi a primeira vez que tal indulgência foi concedida), como foi levado a Assisi para uma sessão pessoal de preces no santuário de São Francisco, que aparentemente costumava discursar para os pássaros. Isso, ele deve ter pensado, era fácil demais. Do outro lado do espectro confessional, alguns, mas não todos, os evangélicos americanos trovejaram jubilosamente ante a perspectiva de ganhar o mundo muçulmano para Jesus.

(Digo “alguns, mas não todos” porque um grupo dissidente fundamentalista começou a partir dali a fazer piquetes nos funerais de soldados americanos mortos no Iraque, alegando que suas mortes são uma punição divina por causa da homossexualidade americana. Uma placa especialmente saborosa, esfregada na cara dos enlutados, é “Graças a Deus pelos IEDs” ,[7] as bombas colocadas junto às estradas por fascistas muçulmanos igualmente antigays. Não é meu problema decidir qual é a teologia correta aqui: Eu diria que as chances de qualquer uma estar correta são as mesmas.) Charles Stanley, cujos sermões semanais da Primeira Igreja Batista em Atlanta são assistidos por milhões de

pessoas, poderia ter sido qualquer imã demagógico quando disse: “Devemos nos oferecer para servir ao esforço de guerra de qualquer maneira possível. Deus combate com gente que se opõe a Ele, que luta contra Ele e seus seguidores”. O

serviço de notícias Baptist Press da sua organização imprimiu o artigo de um missionário exultante pelo fato de “a política externa americana, o seu poder militar, abriram uma oportunidade para o

evangelho na terra de Abraão, Isaac e Jacó”. Para não ser superado, Tim LaHaye resolveu ir ainda mais longe. Mais conhecido como coautor da série de romances pulp *Left Behind*, que deixam o americano médio pronto para o “arrebatamento” e depois para o Armagedom, ele falou do Iraque como “um ponto focal nos acontecimentos do fim dos tempos”. Outros entusiastas bíblicos tentaram ligar Saddam Hussein ao perverso rei Nabucodonosor da antiga Babilônia, uma comparação que o próprio ditador provavelmente teria aprovado, dada a reconstrução feita por ele dos antigos muros da Babilônia com tijolos que tinham seu nome inscrito em cada um deles.

Assim, em vez de uma discussão racional sobre a melhor maneira de conter e derrotar o fanatismo religioso, havia o reforço mútuo das duas formas da mania: a agressão jihadista reconjurava o espectro sanguinário das Cruzadas.[8]

Sob esse aspecto, a religião não é diferente do racismo. Uma versão dela inspira e provoca a outra. Certa vez me fizeram outra pergunta traiçoeira, pouco mais profunda que a de Dennis Prager, destinada a revelar o meu nível de preconceito latente. Você está numa plataforma de metrô em Nova York, tarde da noite, numa estação deserta. De repente aparece um grupo de uma dúzia de negros. Você permanece onde está ou se dirige para a saída? Mais uma vez fui capaz de responder que tinha tido essa exata experiência. Esperando sozinho um trem, bem depois da meia-noite, vi-me de repente acompanhado de uma equipe de manutenção saindo do túnel com suas ferramentas e luvas de trabalho. Todos eles eram negros. Imediatamente me senti mais seguro e fui na direção deles.

Não tinha a menor ideia de qual era sua filiação religiosa. Mas, nos outros casos que citei, a religião tinha sido um enorme multiplicador de suspeita e ódio tribal, com os membros de cada grupo falando do outro precisamente nos mesmos tons de intolerância. Os cristãos comem carne de porco contaminada, e eles e os judeus ingerem o venenoso álcool. Os moradores budistas e muçulmanos do Sri Lanka culpavam as celebrações de Natal de 2004, onde se consumiu vinho, pelo

tsunami que imediatamente se seguiu. Católicos são sujos e têm filhos demais.

Os muçulmanos procriam como coelhos e limpam o traseiro com a mão errada.

Os judeus têm piolhos nas barbas e buscam o sangue de crianças cristãs para adicionar sabor e prazer às matzot da Páscoa judaica — o Pessach. E assim por diante.

3

UMA BREVE DIGRESSÃO SOBRE O

PORCO; OU POR QUE O CÉU

DETESTA PRESUNTO

TODAS AS RELIGIÕES TENDEM A APRESENTAR ALGUMA RESTRIÇÃO ou proibição dietética, seja a agora caducada injunção católica de comer peixe às sextas-feiras, ou a adoração da vaca pelos hindus como animal consagrado e invulnerável (o governo da Índia chegou a se oferecer para importar e proteger todo o gado que enfrentasse abate como resultado da encefalite bovina, ou doença da “vaca louca”, que varreu a Europa na década de 1990), ou a recusa por parte de algumas culturas orientais de consumir qualquer carne animal, ou fazer mal a qualquer outra criatura, seja rato ou pulga. Mas o mais velho e mais persistente de todos os fetiches é o ódio, e até mesmo o pavor, do porco. Ele surgiu na Judeia primitiva, e durante séculos foi uma das maneiras — sendo a outra a circuncisão — pela qual os judeus podiam ser reconhecidos.

Mesmo que a sura 5.60 do Corão condene particularmente os judeus, mas também outros não crentes a se transformarem em porcos e macacos — um tema muito intenso na recente pregação muçulmana salafista —, e que o Corão descreva a carne suína como suja ou até mesmo “abominável”, os muçulmanos não parecem ver nada de irônico na adoção desse tabu especialmente judaico.

Um verdadeiro horror aos porcos manifesta-se por todo o mundo islâmico. Um bom exemplo seria a continuidade da proibição de *A revolução dos bichos* de George Orwell, uma das mais encantadoras e úteis fábulas dos tempos modernos, de cuja leitura as crianças muçulmanas em idade escolar são privadas.

Cheguei a examinar algumas das solenes ordens de proibição escritas por ministros da Educação árabes, que são tão estúpidos que deixam de perceber o papel malévolo e ditatorial desempenhado pelos porcos na própria história.

Orwell na verdade não gostava de porcos, como consequência do seu

fracasso como pequeno fazendeiro, e sua repulsa é compartilhada por muitos adultos que tiveram que trabalhar com esses animais difíceis em condições agrícolas. Amontoados em chiqueiros, os porcos tendem a se comportar suinamente, por assim dizer, tendo ruidosas e nojentas brigas. Eles não ignoram comer sua própria cria e até mesmo seus excrementos, enquanto sua tendência à galanteria relaxada e casual é muitas vezes dolorosa aos olhos mais sensíveis.

Mas foi notado com frequência que os porcos, quando deixados aos seus próprios recursos, e dotados de suficiente espaço, mantêm-se muito limpos, montam pequenas habitações, criam famílias e se envolvem em interação social com outros porcos. As criaturas também exibem muitos sinais de inteligência, e foi calculado que a relação crucial — entre o peso do cérebro e o peso do corpo

— é quase tão elevada neles quanto nos golfinhos. Há uma grande capacidade de adaptação entre o porco e o seu ambiente, como atestam os javalis e “porcos selvagens”, em oposição aos plácidos leitões cevados e porquinhos brincalhões da nossa experiência mais imediata. Mas o casco fendido tornou-se um símbolo diabólico para os medrosos, e ousou dizer que é fácil presumir quem veio primeiro — o diabo ou o porco. Seria meramente enfadonho e idiota perguntar-se como o projetista de todas as coisas concebeu uma criatura tão versátil e então ordenou à sua criação mamífera superior a evitá-la completamente, ou arriscar-se ao seu eterno desprazer. Porém, muitos mamíferos em outras circunstâncias inteligentes sustentam a crença de que o céu detesta presunto.

Espero que a essa altura você já tenha adivinhado o que em todo caso sabemos — que esse simpático animal é um dos nossos primos bem próximos.

Ele compartilha uma boa parte do nosso DNA e, ultimamente, tem havido bem-vindos transplantes de pele, válvulas cardíacas e rins de porcos em humanos. Se

— o que eu sinceramente espero que não aconteça — um novo dr. Moreau pudesse corromper recentes progressos em clonagem e criar um híbrido, um

“homem-porco” é um resultado provável dos mais temidos. Nesse ínterim, quase tudo no porco é aproveitável, desde a sua nutritiva e deliciosa carne até sua grossa pele para couro e seus pelos para escovas. Na *graphic novel* de Upton Sinclair do matadouro de Chicago, *The Jungle*, é angustiante ler sobre como aqueles porcos são

transportados suspensos em ganchos, berrando enquanto suas gargantas são cortadas. Mesmo os nervos mais fortes dos trabalhadores mais

calejados ficam abalados com a experiência. Há alguma coisa naquele grito...

Forçando um pouco mais, pode-se notar que as crianças, quando não molestadas por rabinos e imãs, são muito atraídas por porcos, especialmente leitõezinhos, e que geralmente os bombeiros não gostam de comer porco assado nem torresmo. A primitiva palavra vernacular para carne humana assada na Nova Guiné e em outros lugares é “porco comprido”: eu pessoalmente nunca tive essa relevante experiência gustativa, mas parece que nós temos sim, quando comidos, um sabor muito semelhante ao dos porcos.

Isso ajuda a tornar absurda a habitual explicação “secular” da proibição original judaica. Argumenta-se que a proibição foi inicialmente racional, uma vez que a carne de porco em climas quentes pode se tornar rançosa e desenvolver os vermes da triquinose. Essa objeção — que talvez se aplique no caso de moluscos não *kasher*[9] — é absurda quando aplicada às condições atuais. Primeiro, a triquinose é encontrada em todos os climas, na verdade ocorre mais nos climas frios que nos quentes. Segundo, antigos assentamentos judaicos na terra de Canaã podem ser facilmente distinguidos pelos arqueólogos através da ausência de ossos de porco em seus escombros, em oposição à presença de tais ossos nos resíduos de outras comunidades. Em outras palavras, os não judeus não adoeciam nem morriam por comer carne de porco. (Além de qualquer outra coisa, se *tivessem* morrido por essa razão, não teria havido necessidade de o deus de Moisés ordenar sua matança por não-comedores-de-porco.)

Deve haver, portanto, alguma outra resposta para esse enigma. Considero a minha própria solução como original, embora sem o auxílio de Sir James Frazer e do grande Ibn Warraq eu poderia não ter deparado com ela. Segundo muitas autoridades antigas, a atitude dos primeiros semitas em relação ao suíno era tanto de reverência quanto de repugnância. Comer carne de porco era considerado algo especial, até mesmo privilegiado e ritualista. (Essa confusão maluca entre o sagrado e o profano é encontrada em todos os credos em todos os tempos.) A simultânea atração e repulsão era derivada de uma raiz antropomórfica: a aparência do porco, e o gosto do porco, e os gritos do porco ao morrer, e a evidente inteligência do porco, eram desagradavelmente reminiscentes demais do ser humano. Portanto, a porcofobia — e a porcofilia —

provavelmente se originaram numa época sombria de sacrifícios humanos e até mesmo canibalismo que os textos “sagrados” frequentemente fazem mais do que apenas insinuar. Nada que seja opcional — desde homossexualidade até adultério — jamais é tornado passível de punição a menos que aqueles que estejam proibindo (e exigindo as ferozes punições) tenham um desejo reprimido de participar. Conforme coloca Shakespeare em *Rei Lear*, o policial que açoitava a prostituta tem uma fervente necessidade de usá-la para o próprio delito pelo qual está aplicando o açoite.

A porcofilia também pode ser usada com propósitos de opressão e repressão. Na Espanha medieval, onde judeus e muçulmanos eram obrigados sob dor e tortura a se converter ao cristianismo, as autoridades religiosas justificadamente suspeitavam de que muitas das conversões não eram sinceras.

De fato, a Inquisição surgiu em parte devido ao santo pavor de que infiéis secretos estivessem frequentando a missa — onde, é claro, e de forma ainda mais repugnante, fingiam comer carne humana e beber sangue humano, na pessoa do próprio Cristo. Entre os costumes que surgiram como consequência estava servir, na maioria dos eventos formais e informais, um prato de charcutaria. Aqueles que foram afortunados o bastante para visitar a Espanha, ou qualquer restaurante espanhol, estarão familiarizados com o gesto de hospitalidade: literalmente dúzias de pedaços de carne de porco, fatiados e curados de maneiras diferentes. Mas a origem sinistra desse costume jaz num esforço constante de farejar heresia, e de estar seriamente atento a qualquer expressão reveladora de desprazer. Nas mãos de ardentes fanáticos cristãos, até mesmo o delicioso *jamón ibérico* podia ser introduzido no serviço como forma de tortura.

Hoje, essa antiga estupidez nos é novamente imposta. Fanáticos muçulmanos na Europa estão exigindo que os Três Porquinhos, Miss Piggy, o Leitãozinho do *Ursinho Pooh* e outros bichinhos e personagens tradicionais sejam removidos do inocente olhar de seus filhos. As desconsoladas criações da jihad provavelmente não leram o suficiente para conhecer a Imperatriz de Blandings, e as delícias infinitamente renováveis do conde de Emsworth nas esplêndidas páginas do incomparável autor sr. Whiffle, *The Care of the Pig*, mas haverá encrenca quando lá chegarem. Uma velha estátua de um javali selvagem,

num arboreto na Média Inglaterra, já foi ameaçada pelo inconsequente vandalismo islâmico.

Num microcosmo, esse fetiche aparentemente trivial mostra como a religião, a fé e a superstição distorcem toda a nossa imagem do mundo. O porco é tão próximo de nós, e tem sido tão conveniente para nós sob tantos aspectos, que atualmente os humanistas defendem com afincos que ele não deveria ser criado industrialmente, confinado, separado da sua cria e forçado a viver em sua própria imundície. Deixando de lado todas as outras considerações, a resultante carne rosada e esponjosa é *sim* um tanto repulsiva. Mas essa é uma decisão que podemos tomar sob a luz clara da razão e da compaixão, como algo estendido a criaturas semelhantes e aparentadas, e não como resultado de encantações das fogueiras da Idade do Ferro, onde delitos muito piores eram celebrados em nome de deus. “Cabeça de porco numa estaca”, diz o nervoso mas intrépido Ralph em face do ídolo zumbindo e supurando (primeiro morto e depois adorado) construído por escolares cruéis e apavorados em *O senhor das moscas*. “Cabeça de porco numa estaca.” E ele estava mais certo do que podia saber, e era muito mais sábio que os mais velhos, assim como os delinquentes mais jovens.

4

UMA NOTA SOBRE SAÚDE, PARA A

QUAL A RELIGIÃO PODE SER

ARRISCADA

Em épocas obscuras as pessoas são mais bem guiadas pela religião, da mesma maneira que numa noite escura como o breu um homem cego é o melhor guia; ele conhece as estradas e os caminhos melhor do que um homem que pode ver.

Quando chega a luz do dia, porém, é tolice usar um velho cego como guia.

HEINRICH HEINE, *Gedanken und Einfälle*

NO OUTONO DE 2001 EU ESTAVA EM CALCUTÁ COM O MAGNÍFICO fotógrafo Sebastião Salgado, um gênio brasileiro cujos estudos com a câmera tornaram vívidas as vidas de imigrantes, vítimas de guerras e aqueles trabalhadores que labutam para extrair produtos primários de minas e pedreiras e florestas. Nessa ocasião, ele estava atuando como enviado da Unicef e promovendo sua causa como uma cruzada — no sentido positivo do termo — contra o flagelo da pólio. Graças ao trabalho de cientistas inspirados e iluminados como Jonas Salk, agora é possível imunizar crianças contra essa

terrível enfermidade por um custo desprezível: os poucos centavos que custam para administrar duas gotas de vacina oral na boca de uma criança. Avanços na medicina têm conseguido deixar para trás o medo da varíola, e esperava-se confiantemente que mais um ano seria suficiente para fazer o mesmo com a pólio. A própria humanidade parecia ter se unido em torno dessa proposta. Em diversos países, incluindo El Salvador, combatentes em guerra haviam declarado cessar-fogo para permitir que as equipes de vacinação se movimentassem com mais liberdade. Países extremamente pobres e atrasados haviam investido recursos para levar as boas-novas a cada vilarejo: nenhuma criança mais morreria, ou ficaria inválida e desgraçada, por causa dessa doença

medonha. De volta a Washington, onde naquele ano muita gente mantinha-se em casa, com medo, após o Onze de Setembro, minha filha mais nova ia destemidamente de porta em porta no Halloween, exclamando “Gostosuras ou Travessuras para a Unicef”, assim curando ou salvando, com cada punhadinho de trocados, crianças que ela jamais conheceria. Tinha-se aquela rara sensação de participar de um empreendimento inteiramente positivo.

As pessoas de Bengala, sobretudo as mulheres, foram entusiasmadas e inventivas. Lembro-me de uma reunião do comitê em que convictas donas de casa em Calcutá planejaram sem o menor constrangimento unir-se às prostitutas da cidade para espalhar a informação até os confins mais longínquos da sociedade. Tragam suas crianças, ninguém fará perguntas, deixem que elas tomem as duas gotinhas. Alguém sabia de um elefante a alguns quilômetros da cidade que podia ser alugado para fazer um desfile de propaganda. Tudo ia bem: numa das cidades e num dos estados mais pobres do mundo havia um recomeço.

E então, começamos a ouvir um boato. Em alguns lugares remotos, cabeças-duras muçulmanos estavam espalhando a história de que as gotinhas eram um golpe. Se você tomasse esse sinistro remédio ocidental, seria atacado por impotência e diarreia (uma combinação deprimente e ameaçadora).

Era um problema, porque as gotas precisam ser administradas duas vezes

— a segunda vez como reforço e confirmação de imunidade —, e bastam apenas algumas poucas pessoas não vacinadas para permitir que a doença sobreviva e reviva, e volte a se espalhar através do contato e do fornecimento de água. Como no caso da varíola, a erradicação precisa ser completa e absoluta. Ao deixar Calcutá,

perguntava-me se a Bengala Ocidental conseguiria cumprir o prazo e declarar-se livre da pólio no fim do ano seguinte. Isso deixaria apenas bolsões do Afeganistão e uma ou duas regiões inacessíveis, já devastadas pelo fervor religioso, antes de podermos dizer que mais uma antiga tirania da doença fora decisivamente derrubada.

Em 2005 fiquei sabendo de um resultado. Na Nigéria — um país que antes fora verificado como provisoriamente livre da pólio — um grupo de figuras religiosas islâmicas emitiu uma sentença, ou *fatwa*, declarando que a vacina contra a pólio era uma conspiração dos Estados Unidos (e, surpreendentemente, das Nações Unidas) contra a fé muçulmana. As gotas eram destinadas, diziam

esses mulás, a esterilizar os verdadeiros crentes. Sua intenção e efeito eram genocidas. Ninguém deveria tomá-las, nem administrá-las às crianças. Em poucos meses a pólio estava de volta, e não só no norte da Nigéria. Os viajantes e peregrinos nigerianos já a tinham levado até Meca, voltando a disseminá-la para outros países livres da pólio, inclusive três países africanos e também o distante Iêmen. A pesada rocha teria de ser novamente empurrada de volta até o alto da montanha.

Você pode dizer que este é um caso “isolado”, o que seria uma forma sombriamente adequada de colocar a situação. Mas estaria enganado. Você se importaria de ver o meu vídeo do conselho dado pelo cardeal Alfonso Lopez de Trujillo, o presidente, no Vaticano, do Pontifício Conselho para a Família, advertindo com cuidado sua audiência de que todos os preservativos são feitos secretamente com muitos furos microscópicos, pelos quais o vírus da AIDS pode passar? Feche os olhos e tente visualizar o que você diria se tivesse a autoridade de infligir o maior sofrimento possível com a mínima quantidade de palavras.

Considere o dano que esse dogma causou: presumivelmente tais furos também permitem a passagem de outras coisas, o que, em primeiro lugar, destrói a utilidade do preservativo. Fazer tal afirmação em Roma já é perverso o suficiente. Mas traduza a mensagem para a língua de países pobres e sofridos, e veja o que acontece. Durante a época de Carnaval no Brasil, o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Rafael Llano Cifuentes, disse num sermão à sua congregação que

“a igreja é contra o uso da camisinha. Relações sexuais entre homem e mulher devem ser naturais. Nunca vi um cachorro usando camisinha durante sua relação com outro cachorro” .[10] Figuras clericais graduadas em vários outros países — o cardeal Obando y Bravo da

Nicarágua, o arcebispo de Nairóbi, no Quênia, o cardeal Emmanuel Wamala de Uganda —, todos eles disseram a seus rebanhos que camisinhas transmitem AIDS. O cardeal Wamala, de fato, deu a opinião de que mulheres que morrem de AIDS em vez de empregar proteção de látex deveriam ser consideradas mártires (embora presumivelmente esse martírio tenha lugar dentro dos limites do casamento).

As autoridades islâmicas não têm sido melhores, mas algumas vezes até piores. Em 1995, o Conselho de Ulemás da Indonésia instou que preservativos só fossem disponibilizados a pares oficialmente casados, e com prescrição. No

Irã, um trabalhador que seja descoberto como HIV positivo pode perder o emprego, e médicos e hospitais têm o direito de recusar tratamento para pacientes com AIDS. Um funcionário do Programa de Controle da AIDS do Paquistão disse à revista *Foreign Policy* em 2005 que o problema era menor em seu país por causa de “melhores valores sociais e islâmicos”. [11] Isso num Estado onde a lei permite que uma mulher seja *condenada* a sofrer estupro coletivo para expiar a “vergonha” de um crime cometido pelo seu irmão. É a velha combinação religiosa de repressão e negação: um flagelo como a AIDS não pode ser mencionado porque os ensinamentos do Corão são, por si só, suficientes para inibir o sexo pré-marital, o uso de drogas, o adultério e a prostituição. Mesmo uma breve visita, digamos, ao Irã, demonstrará o contrário. São os próprios mulás que lucram com a hipocrisia licenciando “casamentos temporários”, nos quais os certificados de casamento valem por algumas horas, às vezes em casas especialmente designadas, com uma declaração de divórcio pronta para ser entregue na conclusão dos negócios. Isso poderia quase ser chamado de prostituição... Da última vez em que me foi oferecida uma oportunidade dessas, foi bem na frente do horrível santuário do aiatolá Khomeini, ao sul de Teerã.

Mas, mulheres de véu e trajando burcas, infectadas por seus maridos com o vírus, devem morrer em silêncio. É certeza que milhões de outras pessoas decentes e inofensivas morrerão, impotentes e miseráveis, em todo o mundo, como resultado desse obscurantismo.

A atitude da religião em relação à medicina, como a atitude da religião em relação à ciência, sempre é necessariamente problemática e com frequência necessariamente hostil. Um crente moderno pode dizer e até mesmo acreditar que sua fé é bastante compatível com a ciência e a medicina, mas o fato constrangedor sempre será que ambas têm a tendência de quebrar o monopólio da religião e, muitas vezes,

sofrem feroz resistência por esse motivo. O que acontece com o curador religioso ou xamã quando qualquer pobre cidadão pode ver o efeito pleno de medicamentos e cirurgias, administrados sem cerimônias ou mitificações? Mais ou menos a mesma coisa que acontece com o fazedor de chuva quando aparece o meteorologista, ou com o adivinho dos céus quando professores mostram telescópios elementares. Pragas da antiguidade eram consideradas punições dos deuses, o que contribuía em muito para fortalecer o

domínio dos sacerdotes e estimular a queima de infiéis e hereges, que eram considerados — numa explicação alternativa — disseminadores de doença por meio de bruxaria ou envenenamento de poços.

Podemos fazer concessões para as orgias de estupidez e crueldade que foram toleradas antes de a humanidade ter um conceito claro da teoria dos germes para a doença. A maioria dos “milagres” do Novo Testamento tem a ver com cura, o que era de enorme importância numa época em que mesmo doenças simples muitas vezes eram o fim. (O próprio Santo Agostinho disse que não teria acreditado no cristianismo se não fossem os milagres.) Críticos científicos da religião, tais como Daniel Dennett[12], têm sido bastante generosos ao apontar que rituais de cura aparentemente inúteis podem ter ajudado pessoas a melhorar, na medida em que sabemos quão importante pode ser o moral em auxiliar o corpo a combater ferimentos e infecções. Mas essa seria uma desculpa só possível em retrospecto. Na época em que o dr. Jenner descobriu que uma vacina de varíola bovina podia evitar a varíola humana, a desculpa se tornou vazia.

Contudo, Timothy Dwight, presidente da Universidade de Yale e até hoje um dos mais respeitados “religiosos” americanos, opunha-se à vacinação da varíola pois a enxergava como uma interferência sobre o desígnio divino. E essa mentalidade ainda está fortemente presente, muito depois que seu pretexto e sua justificativa na ignorância humana desapareceram.

É interessante, e sugestivo, que o arcebispo do Rio faça sua analogia com cachorros. Eles não se dão ao trabalho de botar uma camisinha: quem somos nós para questionar sua fidelidade à natureza? Na recente divisão na Igreja Anglicana sobre homossexualidade e ordenação, vários bispos apresentaram o fátuo argumento de que a homossexualidade “não é natural” porque não ocorre em outras espécies. Deixando de lado o absurdo fundamental dessa observação: os seres humanos são parte da “natureza” ou não? Ou, se por acaso são homossexuais, são criados à imagem de deus ou não? Deixando de lado o fato de que inúmeros tipos de aves e mamíferos e primatas se

envolvem sim em jogos homossexuais: quem são os clérigos para interpretar a natureza? Eles têm se mostrado bastante incapazes de fazê-lo. Um preservativo é, simplesmente, uma condição necessária mas não suficiente para evitar a transmissão da AIDS. Todas as autoridades qualificadas, inclusive aquelas que afirmam que a abstinência é

ainda melhor, estão de acordo quanto a isso. A homossexualidade está presente em todas as sociedades, e sua incidência poderia parecer parte do “desígnio”

humano. Devemos forçosamente confrontar tais fatos da maneira como os encontramos. Sabemos agora que a peste bubônica não foi espalhada pelo pecado nem por decadência moral, mas por ratos e pulgas. O arcebispo Lancelot Andrewes, durante a celebrada “Morte Negra” em Londres, em 1665, notou com inquietude que o horror recaía tanto sobre os que oravam e mantinham a fé quanto sobre aqueles que não o faziam. Ele chegou perigosamente perto de tropeçar em um fato real. Enquanto escrevia este capítulo, irrompeu uma discussão em minha cidade, Washington, D. C. O papilomavírus humano (HPV) há muito é conhecido como uma infecção sexualmente transmissível que, na sua pior forma, pode causar câncer cervical em mulheres. Existe agora uma vacina

— atualmente as vacinas são desenvolvidas com rapidez cada vez maior — não para curar a doença, mas para imunizar mulheres contra ela. Mas há forças na administração que se opõem à adoção dessa medida, sob o pretexto de que ela falha em desestimular o sexo pré-marital. Aceitar a disseminação do câncer cervical em nome de deus não é diferente, moral ou intelectualmente, de sacrificar essas mulheres num altar de pedra e agradecer à divindade por nos dar o impulso sexual e, então, condená-lo.

Não sabemos quanta gente na África morreu ou morrerá por causa do vírus da AIDS, que foi isolado e se tornou tratável, num grande feito da pesquisa científica humana, pouco tempo depois de ter feito sua aparição letal. De outro lado, sabemos sim que fazer sexo com uma virgem — uma das “curas” locais mais populares — na verdade não impede nem elimina a infecção. E sabemos também que o uso de preservativos pode ao menos contribuir, como forma de profilaxia, para a limitação e contenção do vírus. Não estamos lidando, como os primeiros missionários teriam adorado acreditar, com curandeiros e selvagens que resistem aos benefícios que os missionários trazem. Não, estamos lidando com a administração Bush, que, numa república supostamente secular no século XXI, recusa-se a compartilhar seu orçamento de auxílio ao exterior com instituições beneficentes e clínicas que ofereçam conselho sobre planejamento familiar. Pelo menos duas das maiores religiões estabelecidas, com milhões de adeptos na África, acreditam que a cura é muito pior que a doença. E também

alimentam a crença de que a praga da AIDS é, de certo modo, um veredicto do céu para o desvio sexual — em particular a homossexualidade. Um simples golpe da potente navalha de Ockham eviscera essa malcozida selvageria: mulheres homossexuais não só não contraem AIDS (exceto se tiverem azar numa transfusão ou agulha), como estão mais livres de *toda* infecção venérea até mesmo em relação aos heterossexuais. No entanto, as autoridades clericais persistentemente se recusam a ser honestas até mesmo em relação à existência de lésbicas.

Fazendo isso, seguem demonstrando que a religião continua a representar uma urgente ameaça à saúde pública.

Faço uma pergunta hipotética. Sendo um homem de uns 57 anos, sou surpreendido chupando o pênis de um bebê. Peço que você visualize o seu ultraje e repulsa. Ah, mas eu já tenho a minha explicação toda pronta. Sou um mohel: um circuncidador oficial autorizado a remover

prepúcios. Minha autoridade provém de um texto antigo, que ordena que eu pegue o pênis do menino na mão, faça o corte em torno do prepúcio e complete o ato pondo o pênis na boca, sugando o prepúcio e cuspidor fora a pele amputada junto com um bocado de sangue e saliva. Essa prática foi abandonada pela maioria dos judeus, seja por causa da sua natureza pouco higiênica, seja devido a associações perturbadoras, mas ainda persiste entre os fundamentalistas hassídicos que esperam a reconstrução do Segundo Templo em Jerusalém. Para eles, o rito primitivo da *peri'ah metsitah* é parte da original e inquebrável aliança com deus.

Na cidade de Nova York, em 2005, descobriu-se que esse ritual, realizado por um mohel de 57 anos, passou herpes genital para vários garotinhos, tendo causado a morte de pelos menos dois deles. Em circunstâncias normais, a revelação teria levado o Departamento de Saúde Pública a proibir a prática e o prefeito a denunciá-la. Mas na capital do mundo moderno, na primeira década do século XXI, não foi o que aconteceu. Em vez disso, o prefeito Bloomberg desconsiderou os relatórios dos distintos médicos judeus que advertiram do perigo desse costume, dizendo à sua burocracia na área de saúde para adiar qualquer veredicto. O crucial, disse ele, era ter certeza de que o direito de livre exercício da religião não estava sendo infringido. Num debate público com Peter Steinfeld, o liberal “editor de religião” católico do *New York Times*, disseram-me a mesma coisa.

Acontece que era ano de eleição para prefeito em Nova York, o que frequentemente explica muita coisa. Em grandes áreas da África animista e muçulmana, meninas novas são sujeitas ao inferno da circuncisão e infibulação, a mutilação genital que envolve cortar os lábios e o clitóris, geralmente com uma pedra afiada, e então costurar a abertura vaginal com um barbante forte, que não deve ser removido até que rompido pela força masculina na noite nupcial.

Compaixão e biologia permitem que nesse meio-tempo seja deixada uma pequena abertura para a passagem do sangue menstrual. O cheiro fétido, a dor, a humilhação e o sofrimento resultantes excedem qualquer coisa que se possa facilmente imaginar, e de maneira inevitável resultam em infecção, esterilidade, vergonha e morte de muitas das mulheres e bebês no parto. Nenhuma sociedade poderia tolerar tal insulto à condição da mulher e, portanto, a sobrevivência desse hábito, se não fosse a abominável prática sagrada e santificada. Mas então, nenhum nova-iorquino permitiria atrocidades contra crianças de colo não fosse por essa mesma consideração. Pais professando acreditar nas absurdas alegações de “Ciência Cristã” têm sido acusados, mas nem sempre condenados, de negar cuidados

médicos urgentes a seus filhos. Pais que se imaginam sendo

“Testemunhas de Jeová” têm recusado permissão para que seus filhos recebam transfusões de sangue. Pais que imaginam que um homem chamado Joseph Smith foi conduzido a um conjunto de placas de ouro enterradas têm casado suas filhas “mórmons” menores de idade com tios e cunhados, que algumas vezes já têm esposas mais velhas. Os fundamentalistas xiitas no Irã baixaram a idade de

“consentimento” para nove anos, talvez numa admirada imitação à idade da

“esposa” mais nova do “profeta” Maomé. Noivas crianças na Índia são açoitadas, e às vezes queimadas vivas, se o patético dote que trazem for julgado pequeno demais. O Vaticano, e a sua vasta rede de dioceses, somente na década passada foi obrigado a admitir cumplicidade num enorme clamor de estupro e tortura infantil, sobretudo, mas não exclusivamente, homossexual, no qual pederastas e sádicos foram protegidos pela lei e redesignados para paróquias onde a colheita de inocentes e indefesos era, com frequência, ainda mais rica.

Somente na Irlanda — que uma vez já foi uma discípula incapaz de questionar a Santa Mãe Igreja — estima-se agora que as crianças de escolas religiosas *não* molestadas eram provavelmente a minoria.

Agora, a religião professa um papel especial na proteção e instrução de crianças. “Desgraçado aquele”, diz o Grande Inquisidor em *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, “que maltrata uma criança.” O Novo Testamento traz Jesus informando-nos que alguém com essa culpa seria melhor se estivesse no fundo do mar, e com uma pedra de moer em volta do pescoço. Mas, tanto na teoria quanto na prática, a religião usa os inocentes e indefesos para propósitos de experimentos. De maneira nenhuma um judeu praticante adulto permitiria que seu pênis com o prepúcio cortado fosse colocado na boca de um rabino. (Isso seria legal, pelo menos em Nova York.) De maneira nenhuma mulheres adultas que se preocupam com seus clitóris e lábios vaginais permitiriam ser costuradas por outras desventuradas mulheres adultas. De maneira nenhuma Abraão se ofereceria para cometer filicídio para provar sua devoção ao Senhor ou à sua crença nas vozes que ouvia dentro da cabeça. De maneira nenhuma pais devotos se negariam ao socorro da medicina diante de um agudo estado de dor ou sofrimento. De maneira nenhuma — pelo que eu possa apreciar — um padre que fez os votos de celibato se permitiria ser um homossexual promíscuo. De maneira nenhuma uma congregação que acredita em exorcizar o

diabo pelo chicote escolheria um novo adulto a cada semana e o açoitaria até sangrar. De maneira nenhuma qualquer um que acredite em criacionismo instruiria seus colegas durante a hora do almoço. Mas o recrutamento de crianças desprotegidas para esses propósitos é algo que mesmo o mais dedicado secularista pode descrever com segurança como pecado.

Eu não me coloco como um exemplo de moral, e seria rapidamente derrubado se o fizesse, mas se eu fosse suspeito de estuprar uma criança, ou torturar uma criança, ou infectar uma criança com doença venérea, ou vender uma criança para escravidão sexual ou de qualquer outro tipo, consideraria cometer suicídio, quer fosse culpado, quer não. Se tivesse realmente cometido o delito, saudaria a morte sob qualquer forma que ela viesse tomar. A repulsa é inata em qualquer pessoa sadia, e não precisa ser ensinada. Como a religião tem se mostrado especialmente delinquente no assunto em que a autoridade moral e ética poderia ser contada como universal e absoluta, penso que temos o direito a pelo menos três conclusões provisórias. A primeira é que a religião e as igrejas são fabricadas, e que esse fato gritante é óbvio demais para se ignorar. A segunda

é que ética e moralidade são bastante independentes da fé e não podem derivar dela. A terceira é que a religião é — devido às suas alegações de permissão divina para suas práticas e crenças — não só amoral, mas imoral. O brutamontes ou psicopata ignorante que maltrata seus filhos deve ser punido mas pode ser compreendido. Aqueles que alegam um mandado celeste para a crueldade foram envenenados pelo mal e também constituem mais do que um perigo.

Na cidade de Jerusalém há uma ala especial no hospital psiquiátrico para aqueles que representam perigo para si mesmos e para os outros. Esses pacientes delirantes são os que sofrem da “síndrome de Jerusalém”. A polícia e os oficiais de segurança são treinados para reconhecê-los, embora sua mania esteja muitas vezes oculta sob uma máscara de tranquilidade enganadoramente beatífica. São pessoas que vieram à cidade santa para se anunciar como Messias ou redentor, ou para proclamar o fim dos tempos. A conexão entre a fé religiosa e a desordem mental é, do ponto de vista do tolerante e do “multicultural”, tanto muito óbvia quanto altamente não mencionável. Se alguém mata seus filhos e então diz que deus lhe ordenou a fazê-lo, podemos considerá-lo não culpado por motivo de insanidade, mas assim mesmo seria encarcerado. Se alguém mora numa caverna e alega estar tendo visões e experimentando sonhos proféticos, podemos deixá-lo em paz até que se descubra que ele está planejando, de maneira nada espectral, a alegria de um atentado suicida. Se alguém

se anuncia como um ungido de deus, e começa a estocar suco em pó Kool-Aid e armas e a se servir das mulheres e filhas de seus acólitos, nós franzimos um pouco mais a testa em ceticismo. Mas se essas coisas puderem ser pregadas sob a proteção de uma religião estabelecida, espera-se que nós a levemos a sério. Todos os três monoteísmos, só para pegar o exemplo mais saliente, louvam Abraão por estar disposto a ouvir vozes e aí levar o filho Isaac para um longo passeio, um passeio bastante louco e sinistro. E então o capricho, pelo qual sua mão assassina é finalmente contida, é relatado como misericórdia divina.

Atualmente compreende-se bem que a relação entre saúde física e saúde mental tem uma forte conexão com as funções, ou disfunções, sexuais. Será coincidência, então, que todas as religiões reivindicam o direito de legislar em questões de sexo? A principal maneira pela qual os crentes o impõem a si

mesmos, uns aos outros, e a não crentes, tem sido sempre a reivindicação do monopólio nessa esfera. A maioria das religiões (com exceção dos poucos cultos que na realidade o permitem ou estimulam) não precisa se preocupar muito em fazer vigorar o tabu do incesto. Como roubo e assassinato, este parece ser aversivo aos humanos sem maiores explicações. Mas num simples apanhado geral da história do medo e da proscrição sexual, tal como são codificados pela religião, defrontamo-nos com uma ligação muito perturbadora entre extrema lascívia e extrema repressão. Quase todo impulso sexual tem sido transformado em ocasião para proibição, culpa e vergonha. Sexo manual, sexo oral, sexo anal, sexo em posições que não sejam papai e mamãe: basta mencionar algum e descobre-se alguma temível proibição a ele. Mesmo no moderno e hedonista país que são os Estados Unidos, vários estados definem legalmente “sodomia” como aquilo que não é abertamente dirigido para a procriação heterossexual.

Isso levanta objeções gigantescas ao argumento do “desígnio”, quer optemos por chamá-lo de “inteligente” ou não. Claramente, a espécie humana é projetada para experimentar com o sexo. E não menos claramente, esse fato é bem conhecido dos sacerdotes. Quando o dr. Samuel Johnson completou o primeiro dicionário da língua inglesa, foi visitado por uma delegação de respeitáveis senhoras de idade que desejavam congratulá-lo por não incluir palavras indecentes. Sua resposta — dizendo achar interessante ver que as senhoras tinham estado a procurá-las no dicionário — contém quase tudo que necessita ser dito sobre o assunto. Judeus ortodoxos podem não conduzir intercuro por meio de um furo no lençol, mas de fato sujeitam suas

mulheres a banhos rituais para lavar a mácula da menstruação. Muçulmanos sujeitam adúlteros a serem publicamente açoitados a chicotadas. Cristãos costumavam lambe-los os lábios enquanto examinavam mulheres em busca de sinais de bruxaria.

Não preciso entrar em detalhes nesta área: qualquer leitor deste livro saberá de algum exemplo vívido, ou simplesmente adivinhará a que estou me referindo.

Uma prova consistente de que a religião é feita pelo homem e é antropomórfica também pode ser achada no fato de que também é, geralmente, feita pelo “homem”, ou seja, no sentido masculino. O livro sagrado de uso contínuo mais longo — o Talmude — ordena ao observante que agradeça diariamente ao seu criador por não ter nascido mulher. (Isso volta a levantar a

insistente pergunta: quem a não ser um escravo agradece ao seu senhor pelo que ele decidiu fazer sem consultá-lo?) O Velho Testamento, como os cristãos condescendentemente o chamam, tem a mulher clonada do homem para seu uso e conforto. O Novo Testamento tem São Paulo expressando ao mesmo tempo medo e desprezo pela mulher. Em todos os textos religiosos há um temor primitivo de que metade da raça humana seja simultaneamente contaminada e impura, e, contudo, também uma tentação ao pecado impossível de resistir.

Quem sabe isso explique o culto histérico da virgindade e da Virgem, e o pavor da forma feminina e das funções reprodutoras femininas? E talvez haja alguém que possa explicar a crueldade sexual e outras crueldades da religião sem qualquer referência à obsessão do celibato, mas este alguém não serei eu.

Simplesmente caí na risada quando li o Corão, com suas intermináveis proibições relativas ao sexo e sua corrupta promessa de infinita devassidão na próxima vida: é como ver através do “vamos fingir que” de uma criança, mas sem a indulgência que vem de observar os inocentes brincando. Os lunáticos homicidas — ensaiando para lunáticos genocidas — do Onze de Setembro talvez estivessem tentados por virgens, mas é muito mais revoltante contemplar que, como muitos de seus colegas jihadistas, eles *eram* virgens. Como os monges de antigamente, os fanáticos são tirados cedo das suas famílias, ensinados a desprezar as mães e irmãs, e chegam à vida adulta sem terem tido uma conversa normal, muito menos uma relação normal, com uma mulher. Isso, por definição, é doença. O cristianismo é reprimido demais para oferecer sexo no paraíso — na

verdade, nunca foi capaz de desenvolver um céu tentador —, mas tem sido pródigo em sua promessa de punição sádica e eterna para os reincidentes sexuais, o que é quase igualmente revelador para mostrar o mesmo ponto de maneira diferente.

Um subgênero especial da literatura moderna é a autobiografia de um homem ou de uma mulher que uma vez passou por educação religiosa. O mundo moderno é atualmente secular o bastante para que alguns desses autores tentem fazer graça com aquilo pelo que passaram e sobre o que se esperava que acreditassem. No entanto, tais livros tendem necessariamente a ser escritos por aqueles afortunados que sobreviveram à experiência. Não temos meios de

quantificar os danos causados quando se diz a dezenas de milhões de crianças que a masturbação as deixará cegas, ou que pensamentos impuros provocarão uma eternidade de tormentos, ou que membros de outros credos, inclusive das suas próprias famílias, arderão em chamas, ou que beijos resultam em doenças venéreas. Tampouco podemos ter esperança de quantificar os danos causados por santos instrutores que enfatizam essas mentiras e as acompanham por chicotadas, estupros e humilhações públicas. Alguns daqueles que “repousam em tumbas não visitadas” podem ter contribuído para o bem no mundo, mas aqueles que pregaram ódio, medo e culpa, e que arruinaram inúmeras infâncias, deveriam ser gratos por terem pregado um inferno que foi somente uma entre suas perversas falsidades, e por não terem sido enviados para ali apodrecer.

Violenta, irracional, intolerante, aliada ao racismo, tribalismo e fanatismo, investida em ignorância e hostil à livre investigação, desprezando mulheres e coerciva em relação às crianças: a religião organizada deveria ter muita coisa pesando em sua consciência. Há mais uma acusação a ser acrescentada à lista.

Como parte necessária de sua mente coletiva, a religião aguarda a destruição do mundo. Com esse termo não quero dizer que ela “aguarda” no sentido puramente escatológico de antecipar o fim. Quero dizer, sim, que ela almeja aberta ou dissimuladamente que o fim ocorra. Talvez parcialmente cônica de que seus argumentos insustentáveis não sejam inteiramente persuasivos, e talvez constrangida com sua própria e gananciosa acumulação de poder e riqueza temporais, a religião nunca cessou de proclamar o Apocalipse e o dia do juízo.

Essa tem sido um tema constante, desde os tempos em que os primeiros curandeiros e xamãs aprenderam a predizer eclipses e a usá-

los em seu malcozido conhecimento celeste para aterrorizar os ignorantes. E se estende das epístolas de São Paulo, que claramente pensava e esperava que o tempo estivesse se esgotando para a humanidade, passando pelas dementes fantasias do livro da Revelação, ou do Apocalipse, que ao menos foi escrito de forma memorável pelo alegado São João, o Divino, na ilha grega de Patmos, até a série de pulp-fiction recordista de vendas *Left Behind*, que, de ostensiva “autoria” de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, foi ao que parece gerada pelo velho expediente de deixar dois orangotangos soltos num processador de texto:

O sangue continuava a subir. Milhões de aves se agrupavam na área banqueteadando-se com os restos [...] e a espremedeira de vinhos foi pisoteada fora da cidade, e sangue saiu da espremedeira, até a altura das rédeas dos cavalos, por trezentos e cinquenta e dois quilômetros. [13]

Isso é puro deleite maníaco, entremeado de meias citações. De forma mais reflexiva, mas dificilmente menos lamentável, pode ser encontrado em “Battle Hymn of the Republic”, de Julia Ward Howe, que trata da mesma espremedeira de vinhos, e no murmúrio de Robert Oppenheimer ao assistir a primeira detonação nuclear em Alamogordo, Novo México, e ouvir a si mesmo citando o épico hindu Bhagavad Gita: “Eu me tornei a Morte, o destruidor de mundos”.

Uma das muitas associações entre a crença religiosa e a sinistra, mimada e egoísta infância da nossa espécie é o desejo reprimido de ver tudo destruído, arruinado, transformado em nada. Essa necessidade colérica é acoplada a duas outras espécies de “alegria de culpa” ou, como dizem os alemães, *schadenfreude*.

A primeira, a própria morte é cancelada — ou talvez reembolsada ou compensada — pela obliteração de todos os outros. A segunda, sempre se pode esperar de modo egoísta que sejamos pessoalmente poupados, contentemente conduzidos ao seio do exterminador em massa, e de um local seguro observar os sofrimentos dos menos afortunados. Tertuliano, um dos muitos pais da igreja que achavam difícil dar uma descrição persuasiva do paraíso, talvez tenha sido esperto em recorrer ao mais baixo denominador comum possível e prometer que um dos prazeres mais intensos do pós-vida seria a interminável contemplação das torturas dos malditos. Ele falou com mais verdade do que imaginava evocando o caráter artificial da fé.

Como em todos os casos, os achados da ciência são muito mais inspiradores de reverência do que as retóricas divinas. A história do

cosmo começa, se usarmos a palavra “tempo” significando alguma coisa, cerca de 12

bilhões de anos atrás. (Se usarmos a palavra “tempo” de forma errada, acabaremos com os cálculos infantis do celebrado arcebispo James Ussher de Armagh, que calculou que a Terra — “a Terra” sozinha, entenda bem, não o cosmo — teve como data de nascimento o sábado, 22 de outubro, em 4004 a.C., às seis da tarde. Essa determinação de data foi endossada por William Jennings Bryan, um ex-secretário de Estado americano e duas vezes indicado como candidato presidencial democrata, num depoimento dado à corte na terceira

década do século XX.) A verdadeira idade do Sol e dos planetas que o orbitam —

um deles destinado a abrigar vida e todos os outros condenados à ausência de vida — talvez seja 4,5 bilhões de anos, sujeito à revisão. Esse microscópico sistema solar específico provavelmente tem pelo menos esse mesmo número de anos para percorrer seu impetuoso curso: a expectativa de vida do nosso Sol é de mais cinco sólidos bilhões de anos. No entanto, marque no calendário. Por volta dessa época, ele imitará milhões de outros sóis e sofrerá uma explosiva mutação para uma inchada “gigante vermelha”, fazendo com que os oceanos terrestres fervam e extinguindo toda possibilidade de vida de qualquer forma. Nenhuma descrição de qualquer profeta ou visionário chega sequer perto de retratar a terrível intensidade e irrevogabilidade desse momento. Temos ao menos um compassivo motivo autocentrado para não temer passar por isso: pelas projeções correntes, nesse meio-tempo a biosfera provavelmente já terá sido destruída por diversos tipos mais lentos de aquecimento. Como espécie sobre a Terra, segundo muitos peritos otimistas, não temos muito mais éons à nossa frente.

Com que desprezo e desconfiança, então, devem se encarar aqueles que não estão dispostos a esperar, e que se iludem e aterrorizam os outros — em especial as crianças, como sempre — com horríveis visões do apocalipse, seguido de um julgamento severo daquele que supostamente, para começo de conversa, nos pôs neste inescapável dilema. Podemos rir agora daqueles pregadores de inferno e danação que adoravam assustar almas jovens com descrições pornográficas de tortura eterna, mas esse fenômeno reapareceu numa forma mais preocupante com a santa aliança entre os crentes e o que podem tomar emprestado ou roubar do mundo da ciência. Temos aí Pervez Hoodbhoy, distinto professor de física nuclear e de altas energias da Universidade de Islamabad, no Paquistão, escrevendo sobre a

assustadora mentalidade que prevalece em seu país — um dos primeiros Estados do mundo a definir sua nacionalidade pela religião: Num debate público às vésperas dos testes nucleares paquistaneses, o ex-chefe do Exército paquistanês, general Mirza Aslam Beg, disse: “Podemos fazer um primeiro ataque, e um segundo e até mesmo um terceiro”. A perspectiva de uma guerra nuclear não o comoveu. “Você pode morrer atravessando a rua”, disse ele, “ou pode morrer numa guerra nuclear. Você tem que morrer algum dia, de algum jeito.” [...] A Índia e o Paquistão são sociedades amplamente tradicionais, onde a estrutura de crença fundamental exige abdicação do poder e rendição a forças maiores.

Uma crença fatalista hindu de que os astros no alto determinam o nosso destino, ou a equivalente crença muçulmana no *kismet*, com certeza contribuem para parte do problema. [14]

Não vou discordar do corajosíssimo professor Hoodbhoy, que ajudou a nos alertar para o fato de que havia diversos simpatizantes secretos de Bin Laden entre os burocratas do programa nuclear paquistanês, e que também expôs os selvagens fanáticos dentro desse sistema, que tinham esperança de domar o poder dos míticos *djinn*s, ou demônios do deserto, para propósitos militares. Em seu mundo, os inimigos são basicamente muçulmanos e hindus. Mas também no mundo “judaico-cristão” existem aqueles que gostam de fantasiar sobre o conflito final e adornar a visão com nuvens em forma de cogumelo. É uma ironia trágica e potencialmente letal que aqueles que mais desprezam a ciência e o método da livre investigação tenham podido usufruir dela e anexar os sofisticados produtos resultantes aos seus sonhos doentios.

O desejo de morte, ou algo não muito diferente, pode estar secretamente presente em todos nós. Na virada de ano de 1999 para 2000, muita gente culta falou e publicou infinitos absurdos sobre uma série de possíveis calamidades e dramas. Isso não era melhor que numerologia primitiva: na verdade, até um pouco pior, considerando que 2000 era apenas um número em calendários cristãos, e até mesmo os mais resolutos defensores da história bíblica agora admitem que, se Jesus algum dia de fato nasceu, decerto não foi no Natal do ano zero. A ocasião não foi nada mais que um hodômetro para idiotas, que buscavam uma emoção barata para uma catástrofe iminente. Mas a religião torna tais impulsos legítimos e reivindica o direito de officiar no fim da vida, da mesma forma que espera monopolizar as crianças no início da vida. Não pode haver dúvida de que o culto da morte e a insistência nos portentos do fim procedem de um desejo sub-reptício de ver acontecer e dar um fim a ansiedade e dúvida que sempre ameaçam a manutenção da fé. Quando ocorre um terremoto, ou a

inundação de um tsunami, ou as torres gêmeas explodem, pode-se ver e ouvir a satisfação secreta dos fiéis: “Estão vindo, é isso o que acontece quando vocês não nos escutam!”. Com um sorriso untuoso eles oferecem a redenção que não lhes cabe conceder e, quando questionados, mostram a ameaçadora carranca, que diz: “Ah, então você está rejeitando a oferta do paraíso? Bem, neste caso temos reservado outro destino para você”. Quanto amor! Quanto cuidado!

O elemento do desejo de obliteração pode ser visto sem disfarce nas seitas milenárias de hoje, que traem seu egoísmo bem como seu nihilismo anunciando

quantos serão “salvos” da catástrofe final. Aqui os protestantes extremos mostram praticamente os mesmos defeitos que os mais histéricos muçulmanos.

Em 1844, ocorreu um dos maiores “renascimentos” religiosos americanos, liderado por um lunático semianalfabeto chamado William Miller. O sr. Miller conseguiu lotar os cumes montanhosos dos Estados Unidos com tolos crédulos que (tendo vendido seus pertences a preço barato) foram persuadidos de que o mundo acabaria em 22 de outubro daquele ano. Eles se mudaram para terras altas — que diferença achavam que *aquilo* faria? — ou para os telhados de seus casebres. Quando o fim não chegou, a escolha de termos feita por Miller foi altamente sugestiva. Foi, segundo anunciou, “A Grande Decepção”. No nosso tempo, o sr. Hal Lindsey, autor do best-seller *The Late Great Planet Earth*, traiu a mesma sede de extinção. Estimulado por velhos conservadores americanos e respeitosamente entrevistado na TV, o sr. Lindsey uma vez datou o começo da

“Tribulação” — um período de sete anos de conflito e terror — para 1988. Isso teria produzido o próprio Armagedom (o encerramento da “Tribulação”), em 1995. O sr. Lindsey pode ser um charlatão, mas é certeza de que ele e seus seguidores sofrem de uma persistente sensação de anticlímax.

5

AS ALEGAÇÕES METAFÍSICAS DA

RELIGIÃO SÃO FALSAS

Sou um homem de um único livro.

Tomás de Aquino

Nós sacrificamos o intelecto a Deus.

Inácio de Loyola

A razão é a meretriz do Diabo, que nada pode fazer
a não ser difamar e prejudicar tudo que Deus diz e faz.

Martinho Lutero

Olhando para o alto, para as estrelas, sei muito bem

Que se for por elas, posso ir para o inferno.

W. H. AUDEN, *“The More Loving One”*

ESCREVI ANTES QUE JAMAIS TERÍAMOS DE CONFRONTAR OUTRA vez a fé impressionante de um Tomás de Aquino ou um Maimônides (em contraste com a fé cega de seitas milenares e absolutistas, das quais temos um suprimento aparentemente ilimitado e infinitamente renovável). Isso ocorre por uma simples razão. Fé desse tipo — do tipo que pode aguentar pelo menos por algum tempo um confronto com a razão — é agora claramente impossível. Os primeiros pais da fé (eles fizeram questão de assegurar que não houvesse mães) viviam num tempo de abissal ignorância e medo. Maimônides não incluiu, no seu *Guia dos perplexos*, aqueles que ele não considerava dignos do esforço: os povos “turcos”, negros e nômades, cuja “natureza é como a natureza de animais sem fala”.

Aquino meio que acreditava em astrologia e estava convencido de que o núcleo plenamente formado (não que ele conhecesse a palavra como nós a conhecemos)

de um ser humano estava contido dentro de cada espermatozoide individual.

Tudo que nos resta é lamentar as palestras sombrias e estúpidas acerca de continência sexual das quais poderíamos ter sido poupados se esse absurdo tivesse sido exposto antes do que foi. Agostinho era um fantasista autocentrado e um geocêntrico ignorante: estava culpadamente convencido de que deus se importava com seu roubo trivial de algumas pereiras sem importância e bastante persuadido — por um solipsismo análogo — de que o Sol girava em volta da Terra. E também fabricou a louca e cruel ideia de que as almas de crianças não batizadas eram mandadas para o “limbo”. Quem é capaz de imaginar a carga de sofrimento que essa doentia “teoria” impôs a milhões de

país católicos durante os anos, até sua acanhada e apenas parcial revisão pela igreja da nossa época?

Lutero tinha terror de demônios e acreditava que os mentalmente perturbados eram obra do diabo. Maomé, alegam seus seguidores, pensava, assim como Jesus, que o deserto pululava de *djins*, ou espíritos malignos.

Deve-se afirmar claramente. A religião vem de um período da pré-história humana em que ninguém — nem mesmo o poderoso Demócrito, que concluiu que toda a matéria era feita de átomos — tinha a menor ideia do que se passava.

Ela provém da aflitiva e medrosa primeira infância da nossa espécie e é uma tentativa infantil de atender à nossa inescapável demanda de conhecimento (bem como de conforto, segurança e outras necessidades infantis). Hoje, o menos culto dos meus filhos sabe muito mais sobre a ordem natural que qualquer um dos fundadores de religiões, e seria gostoso pensar que — embora a conexão não seja totalmente demonstrável — é por isso que parece tão pouco interessado em mandar seus semelhantes humanos para o inferno.

Todas as tentativas de conciliar fé com ciência e razão estão consignadas ao fracasso e ao ridículo, precisamente por esses motivos. Leio, por exemplo, sobre alguma conferência ecumênica de cristãos que desejam mostrar sua mente aberta e convidam alguns físicos para participar. Mas sou compelido a recordar o que sei — que, para começar, em primeiro lugar, não existiriam tais igrejas se a humanidade não tivesse medo do clima, do escuro, da peste, do eclipse e de todo tipo de outras coisas não explicáveis facilmente. E também se a humanidade não tivesse sido obrigada a pagar, sofrendo a dor de consequências extremamente angustiantes, díizimos e taxas exorbitantes que ergueram os imponentes edifícios

da religião.

É verdade que cientistas às vezes foram religiosos ou, no mínimo, supersticiosos. Sir Isaac Newton, por exemplo, era um espiritualista e alquimista de um tipo particularmente risível. Fred Hoyle, um ex-agnóstico que ficou apaixonado pela ideia de “desígnio”, ou projeto, foi o astrônomo de Cambridge que cunhou o termo “big bang”. (Aliás, ele veio com essa expressão tola numa tentativa de desacreditar o que é agora a teoria aceita para a origem do universo.

Esse foi um dos tiros que, por assim dizer, saíram pela culatra, uma

vez que, da mesma maneira que “Tory” e “impressionista” e “sufragista”, foi adotado por aqueles a quem era dirigido.) Steven Hawking não é crente, e quando foi convidado a Roma para se encontrar com o falecido papa João Paulo II, pediu que lhe fossem mostrados os registros do julgamento de Galileu. Mas ele fala sem constrangimento da chance de a física “conhecer a mente de Deus”, e isso agora parece uma metáfora bastante inofensiva, como, por exemplo, quando os Beach Boys cantam ou dizem: “God only knows...” [Só Deus sabe...].

Antes de Charles Darwin revolucionar todo o nosso conceito sobre as nossas origens, e de Albert Einstein fazer o mesmo com o começo do nosso cosmo, muitos cientistas, filósofos e matemáticos assumiam o que poderia ser chamado de posição “em cima do muro” e professavam uma ou outra espécie de deísmo, sustentando que a ordem e a previsibilidade do universo pareciam de fato implicar um projetista, se não um projetista que participasse ativamente dos assuntos humanos. Essa postura de transigência era lógica e racional para a época, e sobretudo influente entre os intelectuais da Filadélfia e da Virgínia, tais como Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, que conseguiram capturar um momento de crise e usá-lo para introduzir valores do Iluminismo nos documentos da fundação dos Estados Unidos da América.

Contudo, como São Paulo inesquecivelmente disse, quando se é criança, a pessoa sente e pensa como criança. Mas quando se torna homem, deixam-se de lado as coisas infantis. Não é possível localizar o momento exato em que homens estudados deixaram de jogar a moeda entre um criador e um longo e complexo processo, ou cessaram de tentar cindir a diferença “deísta”, mas a humanidade começou a crescer um pouco nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. (Charles Darwin nasceu em 1809, no

mesmo dia que Abraham Lincoln, e não há dúvida sobre qual deles provou ser o maior “emancipador”.) Se alguém tivesse de imitar a bobagem do arcebispo Ussher e tentasse vir com a data exata na qual a moeda conceitual caiu consistentemente de um lado, seria o momento em que Pierre-Simon de Laplace foi convidado a se encontrar com Napoleão Bonaparte.

Laplace (1749-1827) foi o brilhante cientista francês que levou o trabalho de Newton um passo adiante e mostrou, por meio do cálculo matemático, como as operações do sistema solar eram aquelas de corpos girando sistematicamente num vácuo. Quando, mais tarde, ele voltou sua atenção para as estrelas e nebulosas, postulou a ideia de

colapso e implosão gravitacional, ou aquilo que agora tranquilamente chamamos de “buraco negro”. Num livro em cinco volumes intitulado *Mecânica celeste*, ele apresentou tudo isso e, como muitos homens de seu tempo, também era intrigado com o planetário, um modelo funcional do sistema solar visto, pela primeira vez, *de fora*. Tudo isso agora são lugares-comuns, mas na época eram revolucionários, e o imperador pediu para se encontrar com Laplace e ganhar de presente um conjunto de livros ou (os relatos diferem) uma versão do planetário. Pessoalmente desconfio que o coveiro da Revolução Francesa queria o brinquedo e não os volumes: era um homem apressado e tinha conseguido fazer com que a igreja batizasse sua ditadura com uma coroa. Em todo caso, na sua maneira infantil, exigente e insensível, ele quis saber por que a cifra de deus não aparecia nos cálculos de Laplace. E aí veio a tranquila, sublime e refletida resposta: “Je n’ai pas besoin de cette hypothèse”

[Eu não preciso dessa hipótese]. Laplace se tornaria marquês e poderia mais modestamente ter dito: “Funciona bem sem essa ideia, Majestade”. Mas simplesmente afirmou que não precisava dela.

E nós tampouco. A decadência, o colapso e o descrédito da adoração a deus não começam em nenhum momento dramático, tal como o histriônico e autocontraditório pronunciamento de Nietzsche de que deus estava morto.

Nietzsche não poderia ter sabido disso, ou feito a suposição de que deus algum dia tivesse estado vivo, mais do que um padre ou curandeiro poderia declarar saber a vontade de deus. Não, o fim da adoração a deus se manifesta no momento, que se revela de forma um tanto mais gradual, em que se torna *opcional*, ou apenas uma entre muitas crenças possíveis. Para a maior parte da

existência humana, deve-se ressaltar, essa “opção” não existia realmente.

Sabemos, pelos muitos fragmentos de textos e confissões queimados e mutilados, que sempre houve seres humanos que não estavam convencidos. Mas desde o tempo de Sócrates, que foi condenado à morte por difundir um insalubre ceticismo, era considerado pouco aconselhável imitar o seu exemplo. E, para bilhões de pessoas ao longo dos tempos, a questão simplesmente não veio à tona.

Os devotos do Barão Samedi no Haiti desfrutavam do mesmo monopólio, fundado sobre a mesma coerção bruta, que os de João Calvino em Genebra ou Massachusetts: escolho esses exemplos porque

são ontem em termos de tempo humano. Muitas religiões agora se apresentam diante de nós com sorrisinhos insinuantes e mãos estendidas, como um comerciante pegajoso num bazar.

Oferecem consolo, solidariedade e elevação, competindo como estão num mercado. Mas nós temos o direito de lembrar como se comportaram barbaramente quando eram fortes e faziam ofertas que as pessoas não podiam recusar. E se por acaso nos esquecemos de como era isso, basta olhar os Estados e as sociedades onde o clero ainda tem o poder de ditar seus termos. Os patéticos vestígios podem ainda ser vistos, em sociedades modernas, nos esforços feitos pela religião para assegurar o controle sobre a educação, ou de se eximir de impostos, ou de adotar leis que proíbem as pessoas de insultar a onipresente e onisciente divindade, ou mesmo seu profeta.

Na nossa nova condição medíocre e semissecular, mesmo os religiosos falam com constrangimento do tempo em que os teólogos discutiam sobre proposições fúteis com fanática intensidade: a medida do comprimento das asas dos anjos, por exemplo, ou a discussão de quantas dessas figuras míticas podiam dançar sobre a cabeça de um alfinete. Obviamente é aterrador lembrar quantas pessoas foram torturadas e mortas, e quantas fontes de conhecimento foram lançadas às chamas, em fictícios debates sobre a Trindade, ou sobre o *hadith* muçulmano, ou sobre a chegada de um falso Messias. Mas para nós é melhor não cair no relativismo, ou no que E. P. Thompson chamou de “a enorme condescendência da posteridade” .[15] Os obsessivos escolásticos da Idade Média faziam o melhor que podiam com base em informação irremediavelmente limitada, no sempre presente medo da morte e do julgamento, expectativa de vida muito baixa e uma plateia de iletrados. Vivendo com frequência num temor

genuíno das consequências de erros, esforçavam suas mentes o máximo possível, desenvolvendo sistemas bastante impressionantes de lógica e dialética. Não é culpa de homens como Pedro Abelardo se tinham de trabalhar com cacos e pedaços de Aristóteles, de quem muitos escritos foram perdidos quando o imperador cristão Justiniano fechou as escolas de filosofia, mas que foram preservados em traduções árabes em Bagdá e então retransmitidas para uma Europa cristã ignorante por meio da Andaluzia judaica e muçulmana. Quando esta se apossou do material e relutantemente reconheceu que houvera discussão inteligente sobre ética e moralidade antes do suposto advento de Jesus, tentaram com o máximo empenho quadrar o círculo. Não temos muito a aprender com *o que* pensavam, mas muita coisa a aprender com *como* pensavam.

Um filósofo e teólogo medieval que continua a falar com eloquência através dos séculos é Guilherme Ockham. Às vezes conhecido como Guilherme de Ockham (ou Occam) e, presumivelmente, em homenagem a sua aldeia natal em Surrey, Inglaterra, que ainda ostenta o nome, ele nasceu em data desconhecida para nós e morreu — em provável grande agonia e medo, e supostamente da medonha Morte Negra — em Munique, no ano de 1349. Era franciscano (em outras palavras, acólito do anteriormente mencionado mamífero de quem se dizia ter pregado para os pássaros) e, portanto, condicionado a uma abordagem radical da pobreza, o que o fez entrar em colisão com o papado de Avignon em 1324. A disputa entre o papado e o imperador acerca da divisão secular e eclesiástica de poderes é irrelevante para nós neste momento (já que ambos os lados em última instância “perderam”), mas Ockham foi obrigado a buscar até mesmo a proteção do imperador em face do mundanismo papal.

Confrontado com acusações de heresia e ameaça de excomunhão, ele teve a força moral de responder que o próprio papa era o herege. Não obstante, e por ter sempre argumentado no fechado quadro de referência cristão, mesmo as autoridades cristãs mais ortodoxas admitem que ele foi um pensador original e corajoso.

Estava interessado, por exemplo, nas estrelas. Sabia sobre as nebulosas muito menos que nós, ou do que Laplace. Na verdade, não sabia nada sobre elas.

Mas empregou-as para uma interessante especulação. *Assumindo* que deus pode nos fazer sentir a presença de uma entidade inexistente, e *assumindo*, além disso,

que ele não precisa dar-se a esse trabalho se o mesmo efeito pode ser produzido em nós pela presença real dessa entidade, ainda assim deus poderia, se quisesse, levar-nos a acreditar na existência das estrelas sem que elas estivessem realmente presentes. “Todo efeito que Deus causa por meio da mediação de uma causa secundária, ele pode produzir imediatamente por si mesmo.” No entanto, isso não significa que devamos acreditar em qualquer coisa absurda, já que

“Deus não pode causar em nós conhecimento tal que, por meio dele, uma coisa é vista como estando evidentemente presente apesar de estar ausente, pois isso envolve uma contradição”. Antes de você começar a tamborilar seus dedos ante a enorme tautologia que aqui paira, como ocorre em tão grande parte da teologia e da teodiceia, considere o que padre Copleston, o eminente jesuíta, tem a dizer em seu comentário:

Se Deus tivesse aniquilado as estrelas, ainda assim poderia causar em nós o ato de ver o que um dia foi, na medida em que o ato é considerado subjetivamente, da mesma maneira que ele poderia nos dar uma visão do que será no futuro. Qualquer um dos atos seria de apreensão imediata, no primeiro caso do que foi e no segundo caso do que será. [16]

Isso é realmente muito impressionante, e não só para a sua época, foram necessários vários séculos desde Ockham para se chegar à compreensão de que, quando erguemos os olhos para as estrelas, frequentemente *estamos vendo* luz de corpos distantes que há muito deixaram de existir. Não importa particularmente que o direito de olhar através de telescópios e especular sobre o resultado foi obstruído pela igreja: não é culpa de Ockham e não há lei geral que obrigue a igreja a ser tão estúpida. E, partindo do inimaginável passado interestelar que envia luz através de distâncias que confundem nossos cérebros, chegamos à compreensão de que também sabemos algo sobre o futuro do nosso sistema, inclusive a sua taxa de expansão e a noção de seu eventual término. No entanto, e de modo crucial, agora podemos fazer isso abandonando (ou até mesmo, se você insiste, retendo) a ideia de deus. Mas em qualquer um dos casos, *a teoria funciona sem essa premissa*. Se preferir, você pode acreditar num articulador divino, mas não faz diferença nenhuma, e essa crença entre astrônomos e físicos se tornou privada e bastante rara.

Foi na verdade Ockham quem preparou nossas mentes para essa conclusão não bem-vinda (para ele). Ockham divisou um “princípio de economia”,

popularmente conhecido como “navalha de Ockham”, que se baseia para seu efeito em se desfazer de premissas desnecessárias e aceitar a primeira explicação ou causa suficiente. “Não multiplique entidades além do necessário.” E esse princípio se estende: “Tudo que é explicado mediante a afirmação de algo diferente do ato de compreender”, escreveu ele, “pode ser explicado sem a afirmação dessa coisa distinta”. Ele não tinha medo de seguir sua própria lógica aonde quer que esta pudesse levá-lo e antecipou a vinda da verdadeira ciência, ao concordar que era possível conhecer a natureza de coisas “criadas” sem qualquer referência ao seu “criador”. De fato, Ockham afirmou que não pode ser estritamente provado que deus, se definido como um ser que possui as qualidades de supremacia, perfeição, exclusividade e infinidade, existe. No entanto, se alguém pretende identificar uma causa primeira para a existência do mundo, pode-se optar por chamá-la de “deus”, mesmo que não se saiba a natureza precisa dessa causa primeira. E mesmo a causa primeira tem suas

dificuldades, já que uma causa em si necessita de outra causa. “É difícil ou impossível”, escreve ele, “provar contra os filósofos que não pode haver uma regressão infinita em causas do mesmo tipo, onde uma pode existir sem a outra.”

Logo, o postulado de um projetista ou criador apenas ergue a questão irrespondível de quem projetou o projetista ou criou o criador. A religião, a teologia e a teodiceia (agora sou eu falando, não Ockham) têm consistentemente fracassado em superar essa objeção. O próprio Ockham simplesmente precisou cair de volta na irremediável posição de que a existência de deus só pode ser

“demonstrada” pela fé.

Credo quia absurdum, nas palavras do “pai da igreja” Tertuliano, de forma a desarmar ou aborrecer, segundo o gosto de cada um. “Acredito porque é absurdo.” É impossível discutir seriamente com tal ponto de vista. Se é preciso ter fé para acreditar *em* alguma coisa, então a probabilidade de que essa coisa tenha alguma verdade ou valor diminui de maneira considerável. O trabalho mais duro de inquirir, provar e demonstrar é infinitamente mais gratificante, e nos tem confrontado com descobertas muito mais “milagrosas” e

“transcendentes” que qualquer teologia.

Na verdade, o “salto de fé” — para lhe dar o memorável nome que Søren Kierkegaard lhe conferiu — é uma impostura. Como ele próprio assinalou, não é

um “salto” que pode ser dado de uma vez por todas. É um salto que precisa continuar sendo executado sempre e sempre, apesar do acúmulo de evidência contrária. Esse esforço é na verdade demasiado para a mente humana e leva a delírios e manias. A religião entende perfeitamente bem que o “salto” está sujeito a retornos nitidamente decrescentes, e é por isso que na verdade ele não se baseia absolutamente na “fé”, mas em vez disso corrompe a fé e insulta a razão oferecendo evidência e apontando para “provas” confeccionadas. Essa evidência e essas provas incluem argumentos de projeto, revelações, punições e milagres. Agora que o monopólio religioso foi quebrado, está no mapa interior de qualquer ser humano ver essas evidências e provas como as fragilmente concebidas invenções que, na verdade, são.

Todo meu ser moral e intelectual é penetrado por uma convicção invisível de que qualquer coisa que caia sob o domínio dos nossos sentidos deve estar na natureza e, por mais excepcional que seja, não pode diferir em sua essência de todos os outros efeitos do mundo visível e tangível do qual somos uma parte autoconsciente. O mundo dos vivos contém maravilhas e mistérios suficientes tal como é — maravilhas e mistérios que atuam sobre nossas emoções e inteligência de formas tão inexplicáveis que quase justificariam a concepção de vida como um estado encantado. Não, sou firme demais na minha consciência do maravilhoso para ficar fascinado pelo mero sobrenatural que (entenda como quiser) não passa de um artigo manufaturado, produto de mentes insensíveis para as íntimas delicadezas da nossa relação com os mortos e com os vivos, em suas incontáveis quantidades; uma profanação para as nossas memórias mais ternas; um ultraje para a nossa dignidade.

JOSEPH CONRAD, nota do autor para *A linha de sombra*

HÁ UM PARADOXO CENTRAL NO NÚCLEO DA RELIGIÃO. OS TRÊS grandes monoteísmos ensinam as pessoas a pensar abjetamente em si mesmas, como miseráveis e culpados pecadores prostrados diante de um deus zangado e ciumento que, segundo relatos discrepantes, os criou do barro e do pó ou de um coágulo de sangue. As posições de oração são geralmente emulações do servo suplicante perante um monarca mal-humorado. A mensagem é de contínua submissão, gratidão e temor. A vida em si é uma coisa pobre: um intervalo no qual a pessoa se prepara para o além ou a vinda — ou segunda vinda — do Messias.

De outro lado, e como forma de compensação, a religião ensina as pessoas a serem bem autocentradas e presunçosas. Assegura-lhes que deus cuida de todas individualmente, e alega que o cosmo foi criado especificamente com elas em mente. Isso explica a expressão arrogante na face daqueles que praticam religião

de maneira ostensiva: favor desculpar a minha modéstia e humildade, mas acontece que estou ocupado numa missão para deus.

Como os seres humanos são naturalmente solipsistas, todas as formas de superstição desfrutam do que poderia ser chamada vantagem natural. Nos Estados Unidos nós nos esforçamos para aperfeiçoar arranha-céus e aviões a jato de alta velocidade (as duas obras que os assassinos de 11 de setembro de 2001

puseram lado a lado) e então pateticamente nos recusamos a dar aos

andares, ou às filas de poltronas, o desimportante número 13. Sei que Pitágoras refutava a astrologia apenas ressaltando que gêmeos idênticos não têm o mesmo futuro; sei também que o zodíaco foi desenhado muito antes que vários planetas do nosso sistema solar tivessem sido detectados; e é óbvio que entendo que não seria possível que me fosse “mostrado” meu futuro imediato ou de longo prazo sem que essa revelação alterasse o resultado. Milhares de pessoas consultam os

“astros” diariamente nos jornais e, então, têm ataques cardíacos ou acidentes de trânsito não previstos. (Um astrólogo de um tabloide londrino foi certa vez despedido por meio de uma carta do seu editor, que começava: “Como você sem dúvida previu”.) Em seu *Minima Moralia*, Theodor Adorno identifica o interesse em contemplar as estrelas como a consumação da fragilidade mental. No entanto, certa manhã, ao olhar de relance as projetadas situações para Áries, como fiz uma vez para saber que “um membro do sexo oposto está interessado e mostrará o interesse”, achei difícil suprimir um pequeno surto de empolgação idiótica, que na minha memória sobreviveu à posterior decepção. E então, toda vez que saio do meu apartamento não há sinal de ônibus, ao passo que toda vez que chego de volta em casa há um ônibus chegando. Quando estou de mau humor, só resmungo comigo mesmo “que azar o meu”, ainda que uma parte do meu pequeno cérebro de um quilo, um quilo e meio, lembre-me de que o horário do transporte coletivo em Washington, D. C., é elaborado e implantado sem qualquer referência aos meus movimentos. (Menciono isso no caso de poder se tornar importante: se eu for atropelado por um ônibus no dia em que este livro for publicado, certamente haverá gente que dirá que não foi acidente.) Então por que não deveria eu me sentir tentado a desdizer W. H. Auden e acreditar que o firmamento está, de algum modo misterioso, ordenado para o meu benefício? Ou, baixando algumas ordens de grandeza, que as flutuações da

minha fortuna pessoal sejam de absorvente interesse de um ser supremo? Um dos muitos defeitos no meu projeto é a minha propensão a acreditar ou desejar isso, e embora, como muita gente que conheço, eu tenha educação suficiente para enxergar através dessa falácia, devo admitir que ela é inata. Uma vez, no Sri Lanka, eu estava viajando de carro com um grupo de tâmeis numa expedição de auxílio a uma área litorânea de Tamil que havia sido fortemente atingida por um ciclone. Meus companheiros eram todos membros da seita de Sai Baba, que é muito forte na sul da Índia e no Sri Lanka. O próprio Sai Baba tem alegado levantar os mortos, e faz uma apresentação especial diante das câmeras produzindo cinzas sagradas com as palmas das

mãos. (Por que cinzas? Sempre me perguntei.)

Em todo caso, a viagem começou com meus amigos quebrando alguns cocos numa rocha para garantir uma viagem segura. Isso evidentemente não deu certo, porque a meio caminho atravessando a ilha, o nosso motorista acertou em cheio um homem que cambaleava à nossa frente enquanto passávamos por uma aldeia correndo demais. O homem ficou horivelmente ferido e — sendo uma aldeia cingalesa — a multidão que de forma rápida se juntou não tinha uma disposição muito favorável a esses intrusos tâmeis. Foi uma situação muito complicada, mas fui capaz de diluí-la um pouco sendo inglês, vestindo um branquíssimo terno tipo Graham Greene e tendo credenciais de imprensa emitidas pela Polícia Metropolitana de Londres. Isso impressionou o guarda local o suficiente para nos liberar temporariamente, e meus companheiros, que tinham estado de fato muito apavorados, ficaram mais que gratos pela minha presença e pela minha habilidade de falar rápido. Na verdade, telefonaram à sua sede de culto para anunciar que o próprio Sai Baba estivera conosco, na forma temporária da minha pessoa. Dali por diante, fui tratado literalmente com reverência e não me permitiram carregar nada nem buscar a minha comida.

Nesse ínterim, ocorreu-me verificar o que acontecera com o homem atropelado: tinha morrido no hospital por causa dos ferimentos. (Imagino o que o horóscopo dele havia predito para aquele dia.) Assim, em miniatura pude ver como um mero mamífero humano — eu mesmo — pode de repente começar a atrair olhares tímidos de assombro e veneração, e como outro mamífero humano —

nossa desafortunada vítima — pode ser de algum modo irrelevante para o

benigno projeto de Sai Baba.

“A não ser pela graça de Deus”, disse John Bradford no século XVI, ao ver desgraçados levados para a execução, “lá vou eu.” O que esta observação aparentemente compassiva na verdade significa — não que realmente

“signifique” alguma coisa — é: “Pela graça de Deus lá vai outra pessoa”.

Enquanto escrevia este capítulo, um acidente extremamente chocante ocorreu numa mina de carvão na Virgínia Ocidental. Treze mineiros sobreviveram à explosão mas ficaram presos no interior da mina,

concentrando a atenção do país para todo um ciclo de notícias até que, com imenso alívio, foi anunciado que haviam sido localizados sãos e salvos. Essas notícias alegres acabaram se revelando prematuras, o que constituiu uma insuportável angústia adicional para as famílias que já tinham começado a comemorar e dar graças antes de descobrir que todos exceto um dos homens havia sido sufocado sob a rocha. E também foi um constrangimento para os jornais e boletins noticiosos que tinham se apressado demais com o falso consolo. E você é capaz de adivinhar qual fora a manchete desses jornais e boletins? Claro que é capaz. “Milagre!” — com ou sem o ponto de exclamação — foi a invariável escolha, sobrevivendo zombeteiramente impressa e na memória para intensificar a dor dos parentes.

Não parece haver palavra para descrever a ausência de intervenção divina nesse caso. Mas os humanos desejam creditar as coisas boas como miraculosas, e lançar as coisas ruins em outra conta é aparentemente universal. Na Inglaterra, o monarca é o chefe hereditário da igreja, bem como o chefe hereditário do Estado: William Cobbett uma vez apontou que os próprios ingleses eram cúmplices desse absurdo servil, referindo-se à “Casa da Moeda Real” como “A Dívida Nacional”. A religião usa o mesmo truque, e da mesma maneira, e diante dos nossos próprios olhos. Na minha primeira visita ao Sacré Coeur em Montmartre, uma igreja que foi construída para celebrar a libertação de Paris dos prussianos e a Comuna de 1870-1, vi um painel em bronze que mostrava o padrão exato pelo qual uma chuva de bombas das Forças Aliadas, lançadas em 1944, tinha errado a igreja e explodido o bairro adjacente...

Dada essa esmagadora tendência à estupidez e ao egoísmo em mim mesmo e em meio à nossa espécie, é um tanto surpreendente descobrir que a luz da razão chegue a penetrar. O brilhante Schiller estava errado em seu *Joana d’Arc*

quando disse que “contra a estupidez os próprios deuses contendem em vão”. É

na realidade por *meio* dos deuses que convertemos a nossa estupidez e credulidade em algo inefável.

Os argumentos do “desígnio”, que são produtos desse mesmo solipsismo, assumem duas formas: macro e micro. E foram famosamente resumidas por William Paley (1743-1805) em seu livro *Natural Philosophy*. Aqui encontramos o simples exemplo do humano primitivo que topa com um relógio funcionando.

Ele pode não saber *para que* serve, mas pode discernir que não é uma rocha ou vegetal, e que foi fabricado, e até mesmo fabricado com algum propósito. Paley quis estender essa analogia tanto à natureza quanto ao homem. Sua complacência e mau discernimento são bem captados por J. G. Farrell em seu retrato de um sacerdote vitoriano treinado por Paley, em *The Siege of Krishnapur*:

“Como você explica o mecanismo sutil do olho, infinitamente mais complexo que o mero telescópio que a miserável humanidade foi capaz de inventar? Como você explica o olho da enguia, que poderia ser danificado por se entocar em lama e pedras, e é, portanto, protegido por uma cobertura córnea transparente? Como é que a íris do olho de um peixe não se contrai? Ah, pobre jovem mal orientado, é porque o olho do peixe foi projetado por Ele que está acima de tudo, para adaptar-se à luz fraca em que o peixe faz sua aquosa moradia! Como você explica o javali indiano?”, gritou ele. “Como você explica seus dois dentes curvos, com mais de metro de comprimento, crescendo para cima da mandíbula superior?”

“Para se defender?”

“Não, meu jovem, para esse propósito ele tem duas presas saindo da mandíbula inferior como as de um javali comum... Não, a resposta é que o animal dorme em pé e, para sustentar a cabeça, engancha as presas superiores nos galhos das árvores... pois o Projetista do Mundo pensou até no sono do javali!”

(Paley não se preocupou em explicar como o Projetista do Mundo veio a ordenar a tantas de suas criaturas humanas que tratassem o triste javali como se fosse um demônio ou leproso.) Na verdade, examinando a ordem natural, John Stuart Mill acertou muito mais perto o alvo ao escrever:

Se a décima parte do esforço para encontrar sinais de um deus benevolente todo-poderoso tivesse sido empregada em coletar evidência para difamar o caráter do criador, que extensão não teria encontrado no reino animal? Ele é dividido em devoradores e devorados, sendo a maioria das criaturas prodigamente suprida de instrumentos para atormentar suas presas.

Agora que as cortes protegeram os americanos (pelo menos por enquanto) da inculcação compulsória da estupidez “criacionista” nas salas de aula,

podemos fazer eco ao grande vitoriano lorde Macaulay e dizer que

“toda criança na escola sabe” que Paley pôs sua decrépita carroça escangalhada na frente dos seus velhos, arquejantes e arruinados bois. Os peixes não têm barbatanas porque precisam delas para a água, não mais do que os pássaros são equipados com asas para poderem atender a definição léxica de “aves”. (Além de que há numerosas espécies de pássaros que não voam.) É exatamente o contrário: um processo de adaptação e seleção. Que ninguém duvide do poder da ilusão original. Whittaker Chambers em seu sísmico livro *Witness* relata o primeiro momento em que abandonou o materialismo histórico, desertou mentalmente a causa comunista e embarcou na carreira que viria a desfazer o stalinismo nos Estados Unidos. Foi numa manhã em que teve uma rápida visão da orelha de sua filhinha bebê. As lindas dobras e espirais desse órgão externo o persuadiram num lampejo de revelação que nenhuma coincidência poderia tê-lo criado. Uma pequena aba carnuda de tamanha beleza devia ser divina. Bem, eu também fiquei maravilhado com as lindas orelhinhas da minha filha, mas nunca sem notar que (a) elas sempre precisam de um pouco de faxina, (b) que têm aparência de produzidas em massa, mesmo quando comparadas com as orelhas inferiores das filhas dos outros, (c) que à medida que as pessoas ficam mais velhas as orelhas têm aspecto mais e mais absurdo vistas de trás, e (d) que animais muito inferiores, tais como gatos e morcegos, têm orelhas muito mais fascinantes e bonitas e potentes. Para fazer eco a Laplace, de fato, eu diria que há muitos, muitos argumentos persuasivos contra o culto a Stálin, mas que o caso antiStálin é perfeitamente válido sem a premissa baseada na orelha de Chambers.

As orelhas são previsíveis e uniformes, e suas dobras são igualmente adoráveis quando a criança nasce totalmente surda. Isso não é verdade, no mesmo sentido, para o universo. Aqui há anomalias e mistérios e imperfeições

— para usar os termos mínimos — que não mostram sequer adaptação, muito menos seleção. Thomas Jefferson, na velhice, apreciava a analogia do relógio no seu próprio caso, e escrevia aos amigos que indagavam sobre sua saúde que a estranha mola estava quebrando e a engrenagem ocasional se desgastando. Isso obviamente levanta a desconfortável (para os crentes) ideia de defeitos embutidos que nenhum relojoeiro pode consertar. Será que isso também deve ser contado como parte do “desígnio”? (Como sempre, aqueles que tomam o crédito

numa coluna da contabilidade ficam calados e começam a usar subterfúgios quando chegam a outra coluna.) Mas quando se chega aos turbilhões uivantes do espaço exterior, com suas gigantes

vermelhas e anãs brancas e buracos negros, suas explosões e extinções titânicas, só podemos concluir vaga e tremulamente que o “desígnio” ainda não se impôs, e imaginar se foi assim que os dinossauros

“sentiram” a chegada dos meteoros rompendo a atmosfera terrestre, pondo fim à insípida e ruidosa rivalidade existente através dos pântanos primevos.

Mesmo o que se sabia de início sobre a simetria relativamente consoladora do sistema solar, até com sua evidente tendência a instabilidade e entropia, aborreceu Sir Isaac Newton o suficiente para fazê-lo propor que deus intervinha de vez em quando para colocar as órbitas de volta numa rota regular. Isso o expôs às provocações de Leibniz, que perguntou por que deus não podia ter feito algo que funcionasse direito da primeira vez. Na verdade, é só por causa do assustador vazio em outras partes que somos propensos a ficar impressionados com as condições aparentemente únicas e belas que permitiram que vida inteligente ocorresse na Terra. Mas aí, vaidosos como somos, ficaríamos impressionados, não? Essa vaidade permite com que desprezemos o fato implacável de que, apenas entre os corpos do nosso próprio sistema solar, os outros são todos frios demais para sustentar algo reconhecível como vida, ou quentes demais. O mesmo, como foi acontecer, vale para o nosso azul e redondo lar planetário, onde o calor briga com o frio para tornar grandes extensões dele terrenos inúteis, e onde aprendemos a viver, e sempre vivemos, numa exígua lâmina climática. Ao mesmo tempo, o sol está se aprontando para explodir e devorar os planetas dependentes como um ciumento chefe ou divindade tribal.

Belo projeto!

Até aí é a dimensão macro. E a micro? Desde que foram obrigados a participar dessa discussão, o que fizeram com grande relutância, os religiosos têm tentado fazer eco à admoestação de Hamlet a Horácio de que existem mais coisas entre céu e a terra do que sonham os meros humanos. Nosso lado reconhece de boa vontade este ponto: estamos preparados para descobertas no futuro que deixarão nossas faculdades mais atordoadas que os vastos avanços do conhecimento que chegaram a nós desde Darwin e Einstein. No entanto, essas descobertas chegarão a nós da mesma maneira — por meio de paciente,

escrupulosa e (dessa vez, esperamos) irrestrita investigação. Nesse meio-tempo, também temos de aperfeiçoar nossas mentes mediante o exercício laborioso da refutação das mais recentes asneiras concebidas

pelos fiéis. Quando os ossos de animais pré-históricos começaram a ser descobertos e examinados no século XIX, houve aqueles que disseram que os fósseis haviam sido colocados na rocha por deus, com o objetivo de testar a nossa fé. Isso não pode ser refutado. E tampouco a minha teoria-mascote de que, a partir dos padrões de comportamento que são observáveis, podemos inferir um desígnio que faz do planeta Terra, sem que saibamos, uma colônia penal e um asilo mental empregado como depósito de refugio por civilizações distantes e superiores. No entanto, fui educado por Sir Karl Popper para acreditar que uma teoria impossível de ser refutada é, em grande medida, uma teoria fraca.

Agora está nos sendo dito que características impressionantes, como o olho humano, não podem ser resultado, por assim dizer, do “cego” acaso. Acontece que a facção do “desígnio” escolheu um exemplo que não podia ser melhor.

Sabemos atualmente muita coisa sobre o olho, e sobre criaturas que o têm e que não o têm, e por quê. Devo aqui dar por um momento a palavra para o meu amigo dr. Michael Shermer:

A evolução também afirma *que organismos modernos devem mostrar uma variedade de estruturas de simples a complexas, refletindo uma história evolucionária em vez de uma criação instantânea*. O olho humano, por exemplo, é resultado de um longo e complexo trajeto que remonta a centenas de milhões de anos. Inicialmente um simples ponto ocular com um punhado de células sensíveis à luz que forneciam informações ao organismo sobre uma fonte de luz importante; ele evoluiu para um ponto ocular recuado, onde uma pequena endentação superficial preenchida com células sensíveis à luz fornecia dados adicionais sobre a direção da luz; então num ponto ocular de recuo profundo, onde células adicionais com maior profundidade fornecem informação mais acurada sobre o ambiente; então num olho-câmera pontual que é capaz de focalizar uma imagem no fundo de uma camada profundamente recuada de células sensíveis à luz; então numa lente pontual que é capaz de focalizar a imagem; então num olho complexo encontrado em modernos mamíferos como os humanos. [17]

Todos os estágios intermediários desse processo foram localizados em outras criaturas e sofisticados modelos computacionais foram desenvolvidos para testar a teoria, mostrando que ela realmente “funciona”. Há uma prova adicional da evolução do olho, como ressalta Shermer. É a inaptidão do seu

“desígnio”:

A anatomia do olho humano, na verdade, mostra qualquer coisa menos “inteligência” no seu desígnio. Ele é construído de cabeça para baixo e de trás para a frente, requerendo que fótons de luz viajem através da córnea, da lente, de fluido aquoso, vasos sanguíneos, células gliais, células amácrinas, células horizontais e células bipolares antes de chegar aos bastões e cones sensíveis à luz que traduzem o sinal luminoso em impulsos neurais — que são então enviados para o córtex visual na parte posterior do cérebro para processamento em padrões significativos. Para uma visão ideal, por que um projetista inteligente teria construído um olho de cabeça para baixo e de trás para a frente?

É porque evoluímos a partir de bactérias desprovidas de visão, que agora descobrimos que compartilham o nosso DNA, é que somos tão míopes. Essa é a mesma mal projetada óptica, completa com um deliberadamente “projetado”

ponto cego na retina, por meio do qual os primeiros humanos alegavam ter

“visto” milagres com seus próprios olhos. O problema nesses casos estava localizado em alguma outra parte do córtex, mas nunca devemos esquecer a injunção de Charles Darwin de que mesmo os mais evoluídos de nós continuarão a carregar “o indelével selo de sua origem humilde”.

Eu acrescentaria a Shermer que, embora seja verdade que somos os animais mais elevados e inteligentes, as águias marinhas têm olhos que calculamos ser sessenta vezes mais potentes e sofisticados que os nossos, e a cegueira, muitas vezes causada por parasitas microscópicos, que são eles mesmos milagres de engenhosidade, é um dos mais antigos e mais trágicos distúrbios conhecidos do homem. E por que conceder o olho superior (ou no caso do gato ou morcego, também o ouvido) a uma espécie inferior? A águia pode capturar acuradamente um peixe em movimento rápido detectado sob a água de muitos, muitos metros acima da superfície, ao mesmo tempo que manobra suas extraordinárias asas. As águias marinhas quase foram exterminadas pelo homem, enquanto você mesmo pode nascer cego como uma minhoca e ainda assim se tornar um pio e observante metodista, por exemplo.

“Supor que o olho”, escreveu Charles Darwin,

com todos seus inimitáveis mecanismos para ajustar o foco para diferentes distâncias, para admitir diferentes quantidades de luz, e para a correção da aberração esférica e cromática, possa ter sido formado por seleção natural, parece, confesso livremente, absurdo no mais alto grau possível.

Ele escreveu isso num ensaio intitulado “Órgãos de extrema perfeição e complicação”. Desde essa época, a evolução do olho tornou-se quase um

departamento de estudo separado. E por que não? É imensamente fascinante e gratificante saber que pelo menos quarenta diferentes configurações de olhos, e talvez sessenta configurações diferentes, evoluíram de maneiras bem distintas e paralelas, ainda que comparáveis. O dr. Daniel Nilsson, talvez a mais importante autoridade no assunto, descobriu entre outras coisas que três grupos inteiramente diferentes de peixes desenvolveram de modo independente *quatro* olhos. Uma dessas criaturas marinhas, *Bathylychnops exilis*, possui um par de olhos virados para fora, e outro par de olhos (engastados na parede dos dois principais) que voltam seu olhar diretamente para baixo. Isso seria um estorvo para a maioria dos animais, mas para um bicho aquático tem algumas vantagens óbvias. É

altamente importante notar que o desenvolvimento embriológico do segundo par de olhos não é uma cópia em miniatura do primeiro par, mas de uma evolução completamente distinta. Como coloca o dr. Nilsson numa carta a Richard Dawkins: “Essa espécie reinventou a lente apesar do fato de já tê-la inventado.

Serve como um bom apoio para o ponto de vista de que a lente não é difícil de se desenvolver”. Uma divindade criativa, é claro, em primeiro lugar teria mais provavelmente duplicado o complemento óptico, o que não nos teria deixado nada com que nos maravilhar, ou descobrir. Ou, como Darwin prosseguiu dizendo, no mesmo ensaio:

Quando se disse pela primeira vez que o Sol ficava parado e que o mundo girava ao seu redor, o senso comum da humanidade declarou falsa a doutrina; mas o velho ditado de *vox populi, vox Dei*, como bem sabe qualquer filósofo, não pode ser digno de confiança na ciência. A razão me diz que se numerosas gradações de um olho imperfeito e simples para um olho perfeito e complexo, cada grau sendo útil ao seu possuidor, podem ser demonstradas como existentes, como é certamente o caso; se, além disso, o olho sempre varia ligeiramente, e as variações são herdadas, como é com certeza igualmente o caso; e se

tais variações forem alguma vez úteis a qualquer animal em mutáveis condições de vida, então a dificuldade de acreditar que um olho perfeito e complexo poderia ser formado por seleção natural, embora inalcançável pela nossa imaginação, não pode ser considerada real.

Podemos sorrir levemente quando notamos que Darwin escreveu sobre o Sol ficar parado, e quando notamos que falou da “perfeição” do olho, mas só porque somos afortunados o bastante por sabermos mais do que ele sabia. O que é digno de notar, e de reter, é o seu uso apropriado do sentido daquilo que é prodigioso.

O verdadeiro “milagre” é que nós, que compartilhamos genes com as

bactérias originais que começaram a vida no planeta, evoluímos o tanto que evoluímos. Outras criaturas não desenvolveram olhos, ou desenvolveram olhos extremamente fracos. Aqui há um paradoxo intrigante: a evolução não tem olhos mas pode criá-los. O brilhante professor Francis Crick, um dos descobridores da dupla hélice, tinha um colega chamado Leslie Orgel, que resumiu esse paradoxo de maneira mais elegante que eu. “A evolução”, disse ele, “é mais esperta que você.” Mas esse elogio à “inteligência” da seleção natural não é, de modo algum, uma concessão para a estúpida noção de um “design inteligente”. Alguns dos resultados são extremamente impressionantes, como estamos propensos a pensar em nosso próprio caso. (“Que obra-prima é o homem!”, exclama Hamlet, antes de prosseguir para se contradizer um pouco ao descrever o resultado como

“quintessência do pó”; ambas as afirmações têm o mérito de serem verdadeiras.) Mas o processo pelo qual os resultados são obtidos é lento e infinitamente laborioso, e nos deu uma “cadeia” de DNA repleta de entulho inútil e que tem muito em comum com criaturas bem inferiores. O selo da nossa origem humilde pode ser encontrado no nosso apêndice, na nossa agora desnecessária camada de pelos que ainda crescem (e caem) depois de cinco meses no útero, nos nossos joelhos facilmente desgastáveis, na nossa cauda vestigial, e nos muitos caprichos dos nossos arranjos urogenitais. Por que é que as pessoas *continuam* dizendo

“Deus está nos detalhes”? Ele não está nos nossos, a menos que seus simplórios fãz criacionistas queiram assumir o crédito pela sua falta de jeito, falibilidade e incompetência.

Aqueles que se renderam, não sem muita luta, à esmagadora evidência da evolução, estão agora tentando conferir a si mesmos uma medalha pela sua própria aceitação da derrota. A própria magnificência e

variedade do processo, eles agora se apressam em dizer, argumenta em favor de uma mente originadora e diretora. Dessa maneira, eles optam em fazer do seu pretenso deus um tolo desastrado, transformando-o num remendão, num desajeitado que só dá mancadas e faz as coisas “à meia-boca” e que levou éons para criar algumas poucas figuras aproveitáveis juntando, nesse meio-tempo, pilhas de entulho e fracassos. Será que eles não têm mais respeito que isso pela sua divindade?

Dizem insensatamente que a biologia evolucionária é “só uma teoria”, o que trai sua ignorância do significado da palavra “teoria”, bem como do significado da

palavra “desígnio”. Uma “teoria” é algo que evoluiu — perdoem a expressão —

para se ajustar a fatos conhecidos. Será uma teoria bem-sucedida se sobreviver à introdução de fatos até então desconhecidos. E torna-se uma teoria aceita se puder fazer predições acuradas sobre coisas ou eventos que ainda não foram descobertos, ou que ainda não ocorreram. Isso pode levar tempo, e também está sujeito à versão do procedimento de Ockham: astrônomos dos faraós no Egito eram capazes de prever eclipses mesmo acreditando que a Terra era plana: só que precisavam de um bocado mais de trabalho. A predição de Einstein do desvio angular preciso da luz estelar devido à gravidade — verificado durante um eclipse na costa ocidental da África que ocorreu em 1919 — foi mais elegante e serviu para sustentar a sua “teoria” da relatividade.

Há muitas disputas entre os evolucionistas sobre *como* ocorreu o complexo processo, e como efetivamente começou. Francis Crick chegou a se permitir flertar com a teoria de que a vida foi “inseminada” na terra por bactérias espalhadas pela passagem de um cometa. No entanto, todas essas disputas, quando ou se forem resolvidas, serão solucionadas usando os métodos científicos e experimentais até agora provados. Em contraste, o criacionismo, ou

“design inteligente” (cuja única inteligência é encontrada na dissimulada redenominação de si mesma) *nem sequer é uma teoria*. Em toda sua bem definida propaganda, jamais chegou a tentar mostrar como uma única peça do mundo natural é mais bem explicada por “desígnio” do que por competição evolucionária. Em vez disso, ele se dissolve em tautologia pueril. Um dos

“questionários” criacionistas propõe-se uma indagação tipo “sim/não”,

a seguir: *Você sabe de alguma construção que não tenha tido construtor?*

Você sabe de alguma pintura que não tenha tido pintor?

Você sabe de algum carro que não tenha tido fabricante?

Se você respondeu SIM a alguma das perguntas acima, dê detalhes.

Nós sabemos a resposta em todos os casos: essas foram invenções trabalhosas (também por tentativa e erro) da humanidade, e foram trabalho de muitas mãos, e ainda estão “evoluindo”. É isso que faz do ignorante sarcasmo criacionista um disparate, ao comparar a evolução com um redemoinho soprando através de um amontoado de partes e surgindo de repente com um avião a jato jumbo. Para começo de conversa, não há “partes” espalhadas por aí à espera de

serem montadas. Outra coisa: o processo de aquisição e descarte das “partes”

(especialmente as asas) está tão longe de um redemoinho quanto se possa conceber. O tempo envolvido mais parece o de uma geleira que o de uma tempestade. E outra coisa mais: aviões a jato jumbo não estão crivados de

“partes” supérfluas ou que não funcionam, pessimamente herdadas de aeronaves menos eficientes. Por que concordamos com tanta facilidade em chamar essa desmascarada e velha não teoria pelo seu novo e astutamente escolhido disfarce de “design inteligente”? Não há absolutamente nada de “inteligente” nele. É a mesma baboseira de sempre (nesse caso, uma baboseira-jumbo).

Os aviões estão, na sua forma projetada pelos humanos, “evoluindo”.
E

assim, de forma bem diferente, estamos nós. No começo de abril de 2006 foi publicado um longo estudo da Universidade de Oregon na revista *Science*. Com base na reconstrução de genes antigos de animais extintos, os pesquisadores foram capazes de mostrar como a não teoria da “complexidade irreduzível” é uma piada. Moléculas de proteínas, descobriram eles, empregavam lentamente tentativa e erro, reutilizando e modificando partes existentes, para atuar num molde de chave e fechadura e “ligar” e “desligar” hormônios discrepantes. Essa marcha genética foi inaugurada às cegas 450 milhões de anos atrás, antes de a vida deixar o oceano e antes da evolução dos ossos. Sabemos agora coisas sobre a natureza que os fundadores da religião não podiam sequer começar a imaginar, e que teriam calado suas

línguas ultraconfiantes se eles tivessem sabido delas.

Todavia, novamente, uma vez que jogamos fora as premissas supérfluas, a especulação acerca de quem nos projetou para sermos projetistas torna-se tão infrutífera e irrelevante quanto a questão de quem projetou o projetista.

Aristóteles, cujo raciocínio sobre o movedor que não se move e a causa sem causa é o início dessa discussão, concluiu que a lógica necessitaria de 47 ou 55

deuses. Seguramente, até mesmo um monoteísta seria grato à navalha de Ockham nesse ponto, não? De uma pluralidade de movedores primordiais, os monoteístas foram pechinchando até chegarem a um só. E estão chegando cada vez mais perto da verdade, a cifra redonda. [18]

Precisamos também confrontar o fato de que a evolução é, além de mais esperta do que nós, infinitamente mais insensível e cruel, e também caprichosa.

A investigação de registros fósseis e de registros da biologia molecular nos

mostra que aproximadamente 98% de todas as espécies que já apareceram na Terra acabaram extintas. Houve extraordinários períodos de explosão de vida, invariavelmente seguidos por grandes “desaparecimentos”. Para que a vida pudesse chegar a se firmar num planeta que estava esfriando, ela teve primeiro que ocorrer com fantástica profusão. Temos um microvislumbre disso nas nossas pequenas vidas humanas: os homens produzem infinitamente mais fluido seminal do que é requerido para construir uma família humana, e são torturados

— de maneira não de todo desagradável — pela necessidade urgente de espalhá-

lo por toda parte, ou então livrar-se dele. (As religiões contribuíram desnecessariamente para essa tortura condenando várias maneiras simples de aliviar essa pressão presumivelmente “designada”.) A exuberante e prolífica variedade de vida de insetos, ou da vida de pardais, salmão ou bacalhau, é um desperdício titânico que assegura, em alguns casos, mas não todos, que haja suficientes sobreviventes.

Os animais superiores dificilmente estão isentos desse processo. As religiões que distinguimos também surgiram — por razões

autoevidentes — de povos que conhecemos. E na Ásia, no Mediterrâneo e no Oriente Médio, o registro humano pode remontar a um período de tempo impressionantemente longo e contínuo. No entanto, mesmo os mitos religiosos mencionam períodos de trevas e pragas e calamidades, quando parecia que a natureza tinha se voltado contra a existência humana. A memória popular, agora confirmada pela arqueologia, faz parecer altamente provável que enormes inundações tenham ocorrido quando o mar Negro e o Mediterrâneo foram formados, e que esses acontecimentos terríveis e medonhos continuaram a impressionar os contadores de histórias da Mesopotâmia e de outras partes. Todo ano, os fundamentalistas cristãos renovam suas expedições ao Monte Ararate na moderna Turquia, convencidos de que um dia descobrirão os destroços da Arca de Noé. Esse esforço é fútil e nada provaria mesmo que tivesse êxito, mas se essas pessoas tivessem a oportunidade de ler as reconstituições do que realmente aconteceu, ver-se-iam confrontadas com algo muito mais memorável do que o relato banal do dilúvio de Noé: uma súbita parede maciça de água escura rugindo através de uma planície densamente habitada. Esse evento de “Atlântida” teria se prendido à memória pré-histórica, isso sim, como de fato se prende à nossa.

No entanto, nós nem sequer possuímos uma memória soterrada ou mal narrada do que aconteceu com nossos semelhantes humanos nas Américas.

Quando os conquistadores cristãos católicos chegaram ao hemisfério ocidental no começo do século XVI d.C., comportaram-se com tamanha e indiscriminada crueldade e destrutividade que um deles, Bartolomeu de las Casas, chegou a propor uma renúncia e um pedido de desculpas formal, em reconhecimento que toda a empreitada havia sido um erro. Por mais bem-intencionado que ele possa ter sido, baseou seu peso na consciência sobre a ideia de que os “índios” viviam num Éden não perturbado, e que Espanha e Portugal tinham perdido a chance de redescobrir a inocência que antecederia a queda de Adão e Eva. Esse era um disparate que manifestava um desejo e, também, uma extrema condescendência: os olmecas e outras tribos tinham seus próprios deuses — aplacados principalmente por sacrifícios humanos — e também haviam desenvolvido elaborados sistemas de escrita, astronomia, agricultura e comércio. Registravam sua história e haviam descoberto um calendário de 365 dias que era mais acurado que seus correspondentes europeus. Uma sociedade em particular — os maias — também conseguira conceber o belo conceito de zero ao qual aludi anteriormente, e sem o qual o cálculo matemático é muito difícil. Pode ser significativo que o papado da Idade Média tenha resistido à ideia de “zero”

como estranha e herética, talvez por causa da sua origem supostamente árabe (na realidade sânscrita), mas talvez também porque contivesse uma possibilidade assustadora.

Alguma coisa se conhece das civilizações do istmo americano, mas até bem pouco tempo não sabíamos das vastas cidades e redes que um dia se estenderam através da bacia amazônica e em algumas regiões dos Andes. Apenas recentemente foi iniciado um trabalho sério de estudo dessas impressionantes sociedades, que cresceram e floresceram quando Moisés, Abraão, Jesus, Maomé e Buda eram venerados, mas que não tiveram parte nenhuma naquelas discussões e não foram incluídas nos cálculos dos fiéis monoteístas. É uma certeza que esses povos também tinham seus mitos da criação e suas revelações da vontade divina, e todo o bem que esta lhes causou. Mas eles sofreram, triunfaram e expiraram sem jamais estar em “nossas” preces. E desapareceram na amarga consciência de que não haveria ninguém para lembrar como tinham

sido, ou mesmo *como se* tivessem sido. Todas suas “terras prometidas” e profecias e lendas queridas e cerimônias poderiam muito bem ter ocorrido em outro planeta. Esse é um retrato de quão arbitrária a história humana realmente é.

Parece haver pouca ou nenhuma dúvida de que esses povos foram aniquilados, não só por conquistadores humanos mas por microrganismos dos quais nem eles nem seus invasores tinham qualquer conhecimento. Esses germes podem ter sido autóctones ou podem ter sido importados, mas o efeito foi o mesmo. Aqui, mais uma vez se vê a gigantesca falácia criada pelo homem que informa a nossa história do “Gênesis”. Como se pode provar em um parágrafo que esse livro foi escrito por homens ignorantes e não por nenhum deus? Porque ao homem é dado “domínio” sobre todos os bichos, aves e peixes. Mas não são especificados dinossauros nem plesiosauros nem pterodáctilos porque os autores não sabiam da sua existência, muito menos da sua criação supostamente especial e imediata. E tampouco é mencionado algum marsupial, porque a Austrália — a candidata seguinte para o novo “Éden” após a Mesoamérica —

ainda não estava em nenhum mapa. E o mais importante, no Gênesis não é concedido ao homem o domínio sobre germes e bactérias porque a existência dessas criaturas necessárias, porém perigosas, não era conhecida ou compreendida. E se tivesse sido conhecida ou compreendida, teria ficado imediatamente aparente que essas formas de vida tinham “domínio” *sobre nós*, e continuariam a desfrutá-lo de maneira incontestada até os sacerdotes serem empurrados para fora e a

pesquisa médica finalmente ter uma oportunidade.

Mesmo hoje, o equilíbrio entre o *Homo sapiens* e o “exército invisível” de micróbios de Louis Pasteur não está de maneira alguma decidido, mas o DNA ao menos nos possibilitou sequenciar o genoma dos nossos rivais letais, como o vírus da gripe aviária, e a elucidar o que temos em comum.

Provavelmente a tarefa mais assustadora que enfrentamos, como animais parcialmente racionais com glândulas adrenais demasiado grandes e lobos pré-

frontais demasiado pequenos, é a contemplação do nosso próprio peso relativo no esquema de coisas. Nosso lugar no cosmo é tão inimaginavelmente pequeno que não podemos, com o mísero dote de matéria craniana, contemplá-lo por muito tempo. Não menos difícil é a percepção de que talvez possamos ser bastante aleatórios em termos de presença na Terra. Podemos ter aprendido sobre

a nossa modesta posição na escala, sobre como prolongar nossas vidas, curar nossas doenças, aprender a respeitar e lucrar com outras tribos e outros animais, e empregar foguetes e satélites para facilitar a comunicação; mas então, a consciência da vinda de nossa morte, que será sucedida pela morte da nossa espécie e pela morte térmica do universo, oferece escasso conforto. Ainda assim, pelo menos não estamos na posição daqueles humanos que morreram sem sequer ter tido a chance de contar sua história, e que estão morrendo hoje, neste momento, após alguns minutos vazios e sofridos de uma existência de dor e medo.

Em 1909, foi feita uma descoberta de imensa importância nas montanhas Rochosas canadenses, na fronteira da Colúmbia Britânica. Ela é conhecida como Folhelho de Burgess, e embora seja uma formação natural e não tenha propriedades mágicas, é quase como uma máquina do tempo ou uma chave que nos permite visitar o passado. O passado muito remoto: essa pedreira de xisto começou a existir cerca de 570 milhões de anos atrás e registra o que os paleontologistas chamam familiarmente de “explosão cambriana”. Da mesma forma como houve grandes “mortes” e extinções durante o tempo evolucionário, houve também enérgicos momentos em que a vida de repente voltou a ser profusa e variada. (Um “designador” inteligente poderia ter se arranjado sem esses episódios caóticos de criação e extinção.)

A maioria dos animais modernos sobreviventes têm suas origens nessa

grandiosa florescência cambriana, mas até 1909 éramos incapazes de visualizá-

los em algo semelhante ao seu habitat original. Até então, também, tínhamos que nos apoiar em evidência proveniente de ossos e conchas, enquanto o Folhelho de Burgess contém muita “anatomia mole” fossilizada, inclusive conteúdo de sistemas digestivos. É uma espécie de Pedra de Roseta para a decodificação das formas de vida.

Nosso próprio solipsismo, muito vezes expresso em forma de diagrama ou caricatura, geralmente representa a evolução como uma espécie de escada ou progressão, com um peixe saltando para a margem no primeiro quadro, figuras encurvadas e prognatas nos quadros seguintes, e então, em lentos degraus, um homem ereto de terno erguendo o guarda-chuva e gritando “Táxi!”. Mesmo aqueles que observaram o padrão “serreado” de flutuação entre surgimento e

destruição, surgimento adicional e posterior destruição adicional, e que já mapearam o eventual fim do universo, estão relativamente de acordo de que existe uma obstinada tendência no sentido de uma progressão ascendente. Não é nenhuma grande surpresa: criaturas ineficientes serão ou extintas ou destruídas por criaturas mais bem-sucedidas. Mas o progresso não nega a ideia de aleatoriedade e, quando o grande paleontologista Stephen Jay Gould veio examinar o Folhelho de Burgess, chegou à conclusão mais inquietante e perturbadora de todas. Ele examinou os fósseis e seu desenvolvimento com minucioso cuidado e percebeu que se essa árvore pudesse ser replantada ou se essa sopa pudesse ser novamente fervida, provavelmente não reproduziria os mesmos resultados que agora “conhecemos”.

Vale a pena mencionar que a conclusão não foi mais bem-vinda a Gould do que a você ou a mim: na sua juventude, havia absorvido uma versão do marxismo e o conceito de “progresso” era real para ele. Mas era um estudioso muito escrupuloso para negar a evidência exibida com tanta clareza, e enquanto alguns biólogos evolucionários estão dispostos a dizer que o processo milimétrico e implacável tinha uma “direção” rumo à nossa forma de vida inteligente, Gould se absteve da companhia deles. Se as inúmeras evoluções do período cambriano pudessem ser registradas e “rebobinadas”, por assim dizer, e a fita tocada novamente, ele estabeleceu que não havia certeza nenhuma de que o resultado seria o mesmo. Vários ramos da árvore (uma analogia melhor seriam pequenos troncos num arbusto extremamente denso) acabam não dando em nada, mas com um novo “começo” poderiam ter florescido e prosperado, assim como alguns

que floresceram e prosperaram poderiam igualmente ter murchado e morrido. Todos nós apreciamos que a nossa natureza e a nossa existência se baseiem em sermos vertebrados. O primeiro vertebrado conhecido (ou

“cordado”) localizado no Folhelho de Burgess é uma criatura de cinco centímetros, e bastante elegante, batizada com o nome de uma montanha contígua, e também pela sua sinuosa beleza, *Pikaia gracilis*. Foi originalmente, e de modo errado, classificada como um verme (não devemos esquecer o quanto nosso conhecimento é de fato recente), mas em seus segmentos, musculatura e flexibilidade da espinha dorsal é um ancestral necessário que, no entanto, não requer adoração. Milhões de outras formas de vida pereceram antes de terminar

o período Cambriano, mas esse pequeno protótipo sobreviveu. Citando Gould: Rebobine a fita do tempo de volta para a época de Burgess, e toque de novo. Se o *Pikaia* não sobreviver no replay, nós estaremos apagados da história futura — todos nós, desde o tubarão, passando pelo pintassilgo, até o orangotango. Não penso que qualquer deficiente, dada a evidência de Burgess como é hoje conhecida, teria chances muito favoráveis para a mesma persistência que o *Pikaia* teve.

E assim, se você quiser fazer a pergunta que atravessa as eras — por que os humanos existem?

—, uma importante parte da resposta, tocando nos aspectos da questão que a ciência pode tratar, deve ser: porque o *Pikaia* sobreviveu à dizimação de Burgess. Essa resposta não cita uma única lei da natureza; não incorpora nenhum enunciado sobre trajetões evolucionários previsíveis, nem cálculo de probabilidades com base em regras gerais de anatomia ou ecologia. A sobrevivência do *Pikaia* foi uma “simples contingência histórica”. Não penso que se possa dar alguma resposta

“mais elevada”, e não consigo imaginar que possa haver alguma resolução mais fascinante. Nós somos a descendência da história, e devemos estabelecer nosso próprio caminho neste extremamente diverso e interessante entre os universos concebíveis — um universo indiferente ao nosso sofrimento, e portanto oferecendo-nos a máxima liberdade de prosperar, ou fracassar, da maneira escolhida por nós mesmos. [19]

Uma maneira “escolhida”, deve-se acrescentar, dentro de limites muito bem definidos. Eis aqui a voz tranquila, autêntica, de um

cientista dedicado e humanista. De maneira mais embaçada, já sabíamos disso. A teoria do caos nos familiarizou com a ideia de que o bater de asas casual de uma borboleta, provocando uma brisa suave, pode produzir um furioso tufão. O personagem Augie March, de Saul Bellow, observou com perspicácia o corolário da fritilária que diz que “se você segura uma coisa, você segura a adjacente”. E o livro atordoante, mas imensamente revelador de Gould sobre o Folhelho de Burgess é intitulado *Vida maravilhosa*, um eco de um dos mais queridos filmes sentimentais americanos.[20] No clímax desse filme envolvente mas abismal, Jimmy Stewart deseja nunca ter nascido, mas então um anjo lhe mostra como seria o mundo se seu desejo fosse realizado. Uma plateia de capacidade intelectual limitada recebe então um lampejo vicário de uma versão do princípio da incerteza de Heisenberg: qualquer tentativa de medir algo tem o efeito de alterar minimamente aquilo que está sendo medido. Só recentemente estabelecemos que a vaca é parente mais próxima da baleia do que do cavalo: outros prodígios com certeza nos esperam. Se a nossa presença aqui, na nossa forma presente, é de fato aleatória e contingente, então pelo menos podemos olhar com consciência para diante, para a evolução futura dos nossos pobres cérebros e para os estupendos avanços em medicina e extensão da vida,

derivados do trabalho das nossas elementares células-tronco e das células sanguíneas do cordão umbilical.

Nos passos de Darwin, Peter e Rosemary Grant, da Universidade de Princeton, eles têm ido durante os últimos trinta anos ao arquipélago de Galápagos, vivendo em condições árduas na minúscula ilha de Dafne Maior e, com efeito, observaram e mediram a maneira como tentilhões evoluíam e se adaptavam à medida que seus arredores mudavam. Eles demonstraram conclusivamente que o tamanho e o formato dos bicos dos pássaros se ajustaram à seca e à escassez, por adaptação ao tamanho e às características de diferentes sementes e besouros. Não só o bando originário de 3 milhões de anos mudava num sentido, como também, se a situação do besouro e da semente mudasse de volta, os bicos logo em seguida faziam o mesmo. Os Grants tomaram todos os cuidados, e *viram* a coisa acontecendo, e puderam publicar seus achados e provas para que todos vissem. Nós estamos em dívida com eles. Tiveram uma vida dura, mas teria sido melhor se, em vez disso, tivessem se mortificado numa gruta santa ou no alto de um pilar sagrado?

Em 2005, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Chicago conduziu um trabalho sério em dois genes, conhecidos como microcefalina e ASPM, que quando avariados são a causa da

microcefalia. Bebês que nascem com essa condição têm o córtex cerebral encolhido, provavelmente um lembrete do período em que o cérebro humano era muito menor do que agora. Considera-se em geral que a evolução dos seres humanos completou-se em torno de 50 mil a 60 mil anos atrás (um pequeno instante no tempo evolucionário), todavia esses dois genes aparentemente vêm evoluindo mais depressa nos últimos 37 mil anos, levantando a possibilidade de que o cérebro humano seja uma obra em progresso. Em março de 2006, um trabalho adicional na mesma universidade revelou que há cerca de setecentas regiões do genoma humano onde os genes foram remodelados por seleção natural nos últimos 5 mil a 15 mil anos. Esses genes incluem alguns dos responsáveis pelos nossos “sentidos de gosto e cheiro, digestão, estrutura óssea, cor da pele e função cerebral”. (Um dos grandes resultados emancipadores da genômica é mostrar que todas as diferenças

“raciais” e de cor são recentes, superficiais e enganosas.) É uma certeza moral que entre o momento que eu acabar de escrever este livro e o momento em que

ele for publicado, várias outras descobertas fascinantes e esclarecedoras terão sido feitas nesse florescente campo. Pode ser cedo demais para dizer que todo o progresso é positivo ou “para cima”, mas o desenvolvimento humano ainda está em andamento. Ele mostra a maneira como adquirimos imunidades e, também, a forma como não adquirimos. Estudos do genoma identificam grupos primitivos de europeus do norte que aprenderam a domesticar gado e adquiriram um gene distinto para “tolerância à lactose”, enquanto alguns povos de descendência africana mais recente (todos nós nos originamos na África) são propensos a uma forma de anemia falciforme que, ainda que desagradável em si mesma, resulta de uma mutação mais antiga que dava proteção contra a malária. E tudo isso será clarificado mais adiante se formos moderados e pacientes o bastante para compreender os blocos construtores da natureza e o selo humilde de nossas origens. Não é necessário nenhum plano divino, muito menos intervenção de anjos. *Tudo funciona sem essa premissa.* [21]

Logo, embora eu não goste de discordar de um tão grande homem, Voltaire foi simplesmente ridículo quando disse que se deus não existisse seria necessário inventá-lo. [22] Para começar, a invenção humana de deus é o problema. A nossa evolução foi examinada “para trás”, com a vida sobrepujando temporariamente a extinção, e o conhecimento atual finalmente capaz de rever e explicar a ignorância. A religião, é verdade, ainda possui a enorme vantagem, ainda que incômoda, de ter vindo “primeiro”. Mas, como constata Sam Harris de

forma incisiva em *A morte da fé*, se perdêssemos todo o nosso conhecimento arduamente adquirido e todos os nossos arquivos e toda a nossa ética e moral, num acesso tipo García Márquez de amnésia coletiva, e tivéssemos que reconstruir tudo de essencial a partir do zero, é difícil imaginar em que ponto precisaríamos recordar ou nos reassegurar de que Jesus nasceu de uma virgem.

[23]

Crentes conscienciosos também podem ter algum consolo. O ceticismo e a descoberta os liberaram do fardo de ter que defender seu deus na figura de um frívolo e desajeitado cientista maluco de cabelos em pé, e também de ter que responder a perguntas aflitivas sobre quem criou o bacilo da sífilis ou determinou a existência do leproso ou da criança idiota, ou concebeu os tormentos de Jó. Os fiéis estão absolvidos da acusação de não termos mais

necessidade de um deus para explicar o que não é mais misterioso. O que os crentes farão, agora que sua fé é opcional, privada e irrelevante, é problema deles. Não devemos nos preocupar, contanto que não façam mais tentativas de inculcar religião sob qualquer forma de coerção.

7

REVELAÇÃO: O PESADELO DO

“VELHO TESTAMENTO”

OUTRA MANEIRA PELA QUAL A RELIGIÃO SE TRAI, E TENTA ESCAPAR da mera confiança na fé e, em vez disso, oferecer “evidência” no sentido habitualmente entendido, é pelo argumento da revelação. Em certas ocasiões muito especiais, afirma-se, a vontade divina dava-se a conhecer por contato direto com seres humanos escolhidos ao acaso, a quem supostamente eram outorgadas leis inalteráveis que podiam então ser transmitidas aos menos favorecidos.

Há algumas objeções bastante óbvias a serem feitas quanto a isso. Em primeiro lugar, várias dessas revelações são ditas que ocorreram em diferentes momentos e lugares, para profetas e médiuns imensamente discrepantes. Em alguns casos — mais notavelmente o cristão —, uma revelação parece não bastar, e precisa ser reforçada por sucessivas aparições, com a promessa de uma aparição futura, porém definitiva. Em outros casos ocorre a dificuldade oposta, e a instrução divina é transmitida, apenas uma vez, exclusiva e final, para um personagem obscuro cuja mais leve palavra torna-se então lei. Como todas essas

revelações, muitas delas irremediavelmente inconsistentes, não podem por definição ser ao mesmo tempo verdadeiras, segue-se que algumas delas são falsas e ilusórias. Poder-se-ia deduzir também que apenas uma delas é autêntica, mas em primeiro lugar isso parece dúbio e, em segundo, parece necessitar de uma guerra religiosa para decidir a revelação de quem é a verdadeira. Uma dificuldade adicional é a aparente tendência do Todo-Poderoso de se revelar apenas a indivíduos iletrados e quase históricos, em regiões ermas do Oriente Médio que muito antes eram reduto de culto idólatra e superstição e, em muitos casos, já atulhadas de profecias existentes.

As tendências sincréticas do monoteísmo e a ancestralidade comum dos relatos significam, com efeito, que a refutação de um é a refutação de todos. Por

mais horríveis e odiosos que tenham sido os combates travados entre eles, os três monoteísmos alegam compartilhar uma linhagem pelo menos do Pentateuco de Moisés, e o Corão certifica os judeus como “o povo do livro”, Jesus como profeta, e uma virgem como sua mãe. (É interessante que o Corão não culpe os judeus pelo assassinato de Jesus, como faz um dos livros do Novo Testamento cristão, mas isso só porque perpetra a bizarra alegação de que outra pessoa foi crucificada pelos judeus em seu lugar.)

A história da fundação dos três credos diz respeito ao pretenso encontro de Moisés e deus, no alto do Monte Sinai. O que, por sua vez, levou à entrega do Decálogo, ou Dez Mandamentos. O conto é narrado no segundo livro de Moisés, conhecido como livro de Êxodo, nos capítulos 20-40. A máxima atenção foi concentrada no capítulo 20, onde são dados os mandamentos. Talvez não seja necessário resumí-los e expô-los, mas o esforço em prol da verdade vale a pena.

Em primeiro lugar (estou usando a versão do rei Jaime ou “Autorizada”: um entre muitos textos rivais laboriosamente traduzidos por mortais, ou do hebraico ou do grego, ou do latim), os assim chamados mandamentos não parecem com uma lista clara de dez ordens e proibições. Os três primeiros são variações do mesmo, no qual deus insiste na sua própria primazia e exclusividade, proibindo a construção de imagens esculpidas e de pronunciar seu nome em vão. Esse prolongado introito é acompanhado de algumas admoestações muito sérias, inclusive uma medonha advertência de que os pecados dos pais recairão sobre os filhos “até a terceira e quarta geração”. Isso nega a ideia moral e razoável de que crianças são inocentes dos delitos de seus pais. O quarto mandamento insiste na observância do dia santo do Shabat, e proíbe todos os crentes — e seus escravos e servos

domésticos — de realizar qualquer trabalho no decorrer desse dia. E acrescenta-se que, como foi dito no livro de Gênesis, deus fez o mundo todo em seis dias e descansou no sétimo (deixando espaço para especulações sobre o que teria feito no oitavo dia). O

preceito torna-se então mais conciso. “Honra teu pai e tua mãe” (isso, não pelo amor aos pais em si, mas “a fim de que tenhas longa vida e tudo te vá bem na terra que *Yahweh* teu Deus te concede”). Só então vêm os famosos quatro “não cometerás”, que secamente proíbem assassinato, adultério, roubo e falso testemunho. Finalmente, há a proscrição da cobiça, proibindo desejar a casa, o

servo, a serva, o boi, o asno, a esposa e outros bens do “teu próximo”.

Seria duro achar uma prova mais fácil de que a religião é feita pelo homem.

Existe, primeiramente, o falatório monárquico sobre respeito e temor, acompanhado por um severo lembrete de onipotência e vingança ilimitada, do tipo com que um imperador assírio ou babilônico poderia ter ordenado aos escribas que comesçassem uma proclamação. Então há um contundente lembrete para se manter trabalhando e só relaxar quando o absolutista disser. Seguem-se alguns rápidos lembretes legalistas, um dos quais é mal interpretado porque o original hebraico na realidade diz “não farás assassinato”. Porém, por menos consideração que se tenha pela tradição judaica, certamente é um insulto ao povo de Moisés imaginar que tivessem chegado até ali com a impressão de que assassinato, adultério, roubo e perjúrio fossem permitidos. (O mesmo argumento irresponsável pode ser dado de maneira distinta sobre as alegadas pregações posteriores de Jesus: quando ele conta a história do Bom Samaritano na estrada de Jericó, está falando de um homem que agiu de maneira humana e generosa sem, obviamente, jamais ter ouvido falar do cristianismo, e muito menos de ter seguido os implacáveis ensinamentos do deus de Moisés, que nunca menciona compaixão ou solidariedade humana.) Nenhuma sociedade já descoberta falhou em proteger a si mesma de crimes autoevidentes como aqueles supostamente estipulados no Monte Sinais. Por fim, em vez da condenação das más ações, há uma condenação estranhamente formulada de pensamentos impuros. Pode-se dizer que isso também é um alegado produto humano de tempo e espaço, pois lança a “esposa” junto das outras propriedades animais, humanas e materiais, do próximo. Mais importante, exige o impossível: um problema recorrente de todos os éditos religiosos. É possível restringir-se à força de atos malévolos, ou ser impedido de cometê-los, mas proibir as pessoas de *considerá-los* é demais. Em

particular, é absurdo esperar banir a inveja em relação às posses ou fortunas dos outros, no mínimo porque o espírito da inveja pode levar à emulação e à ambição, e ter consequências positivas. (Parece improvável que os fundamentalistas americanos, que desejam ver os Dez Mandamentos enaltecidos em toda sala de aula e tribunal — quase como uma imagem esculpida —, sejam tão hostis ao espírito do capitalismo.) Se deus realmente quisesse que as pessoas fossem livres de tais pensamentos, deveria ter tido mais cuidado para inventar

uma espécie diferente.

E então há a questão muito relevante sobre o que os mandamentos *não* dizem. Será moderno demais notar que não há nada sobre proteger crianças da crueldade, nada sobre estupro, nada sobre escravidão, e nada sobre genocídio?

Ou será exigir muito, “dentro do contexto”, notar que alguns desses delitos estão perto de ser positivamente recomendados? No versículo 2 do capítulo imediatamente seguinte, deus diz a Moisés para instruir seus seguidores acerca das condições sob as quais podem-se comprar e vender escravos (ou marcar suas orelhas com um furador) e as regras que governam a venda de suas filhas. Isso é sucedido pelos regulamentos insanamente detalhados que regem os bois que espetam e são espetados, inclusive os notórios versículos estipulando “alma por alma, olho por olho, dente por dente”. A microadministração de disputas agrícolas irrompe por um momento, com o abrupto versículo (Ex 22,18): “Não deixarás viver as feiticeiras”. Essa foi, durante séculos, a autorização oficial para os cristãos torturarem e queimarem mulheres que não se conformavam. De vez em quando há injunções que são morais, e também (pelo menos na adorável versão do rei Jaime) memoravelmente elaboradas: “Não tomarás o partido da maioria para fazeres o mal”, foi ensinado a Bertrand Russell por sua avó, e permaneceu com o velho herege por toda a vida. No entanto, basta murmurar algumas palavras solidárias pelos esquecidos e obliterados hivitas, canaanitas e hititas, presumivelmente também parte da criação original do Senhor, que estão sendo expulsos, sem a menor pena, de seus lares para abrir espaço para os ingratos e amotinados filhos de Israel. (Essa suposta “aliança” é a base para uma irredentista reivindicação pela Palestina que provocou intermináveis problemas até os dias presentes.)

Setenta e quatro dos anciãos, inclusive Moisés e Aarão, então se encontram com deus face a face. Vários capítulos inteiros falam das mais minuciosas estipulações sobre as pródigas, imensas cerimônias de sacrifício e expiação que o Senhor espera do seu recém-adotado povo,

e tudo isso acaba em lágrimas e num cenário absolutamente desanimador: Moisés retorna de sua sessão privada no alto da montanha para descobrir que o efeito de um encontro íntimo com deus se desfez, pelo menos para Aarão, e que os filhos de Israel fizeram um ídolo de suas joias e berloques. Ao ver isso, ele despedaça impetuosamente as duas

tábuas do Sinai (que assim parecem ter sido feitas pelo homem e não por Deus, e que precisam ser refeitas às pressas num capítulo posterior) e ordena o seguinte:

“Agarre cada um de vós sua própria espada, percorra o acampamento todo, de tenda em tenda, e mate seu irmão, seu parente, seu amigo e seu vizinho!”

Os filhos de Levi fizeram tudo segundo a palavra de ordem proferida por Moisés, e naquele dia morreram mais de três mil homens do povo.

Um número pequeno quando comparado com as crianças egípcias já massacradas por deus para que as coisas tivessem chegado até esse ponto, mas ajuda a construir o argumento pelo “antiteísmo”. Com isso quero dizer que deveríamos estar contentes por nenhum dos mitos religiosos ter qualquer verdade nele, ou ligada a ele. A Bíblia pode conter, e de fato contém, uma permissão oficial para tráfico de seres humanos, limpeza étnica, escravidão, preço de noivas, porque foi composta por mamíferos grosseiros e incultos.

Desnecessário dizer que nenhum dos pavorosos, desordenados eventos descritos no Êxodo jamais aconteceu. Arqueólogos israelenses estão entre os mais profissionais do mundo, ainda que sua erudição às vezes tenha sido contaminada por um desejo de provar que a “aliança” entre deus e Moisés era fundamentada em alguma base factual. Nenhum grupo de escavadores e estudiosos jamais trabalhou com mais afinco, ou com maior expectativa, do que os israelenses que peneiraram as areias do Sinai e de Canaã. O primeiro deles foi Yigael Yadin, cujo trabalho mais conhecido foi em Massada e que foi encarregado por David Ben-Gurion de escavar e encontrar os “feitos titulares”

que provariam a reivindicação israelense da Terra Santa. Até pouco tempo atrás, seus esforços evidentemente politizados recebiam a condescendência de uma plausibilidade superficial. Mas então foi realizado um trabalho muito mais extensivo e objetivo, apresentado mais notavelmente por Israel Finkelstein do Instituto de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, e seu colega Neil Asher Silberman.^[24] Esses homens consideravam a “Bíblia Hebraica” ou Pentateuco uma

bela obra, e a história moderna de Israel uma inspiração abrangente, cujo respeito eu me permito humildemente discordar. Mas sua conclusão é final, e ainda mais digna de crédito por impor a evidência acima do interesse próprio.

Não houve fuga do Egito, nem perambulação pelo deserto (muito menos durante o inacreditável período de quatro décadas mencionado no Pentateuco), nem

conquista dramática da Terra Prometida. Tudo foi inventado, com bastante simplicidade e inépcia, em data muito posterior. Nenhuma crônica egípcia tampouco menciona esse episódio, nem sequer de passagem, e o Egito era a potência que guarnecia Canaã, bem como a região do Nilo, em todos os tempos materiais. De fato, grande parte da evidência aponta o contrário. A arqueologia confirma *sim* a presença de comunidades judaicas na Palestina há muitos milhares de anos (o que pode ser deduzido, entre outras coisas, pela ausência daqueles ossos de porco nas lixeiras e estrumeiras), e mostra sim que houve um

“reino de Davi”, embora muito mais modesto, mas todos os mitos mosaicos podem ser fácil e seguramente descartados. Não penso que seja aquilo que os azedos críticos da fé às vezes chamam de conclusão “reducionista”. Há grande prazer a se tirar do estudo da arqueologia e de textos antigos, e também grande instrução. E isso nos traz cada vez mais perto de alguma aproximação da verdade. De outro lado, também levanta mais uma vez a questão do antiteísmo.

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud apresentou o ponto óbvio de que a religião sofria de uma deficiência incurável: derivava com demasiada clareza do nosso próprio desejo de escapar da ou sobreviver à morte. [25] Essa crítica de pensamento desejoso é forte e irresponsável, mas não lida realmente com os horrores e as crueldades e as loucuras do Velho Testamento. Quem — exceto um antigo sacerdote buscando exercer poder por meio dos experimentados e testados métodos do medo — poderia possivelmente *desejar* que essa meada fabular irremediavelmente emaranhada tivesse alguma veracidade?

Bem, os cristãos vêm trabalhando na mesma tentativa desejosa de “prova”

muito antes que a escola sionista de arqueologia começasse a fincar suas pás. A epístola de São Paulo aos Gálatas transmitia aos cristãos, como patrimônio intacto, a promessa de deus aos patriarcas judeus e, no século XIX e início do século XX, era quase impossível jogar fora uma casca de laranja na Terra Santa sem acertar um fervoroso

escavador. O general Gordon, o fanático pela Bíblia, mais tarde morto pelo Mahdi em Cartum, estava em extrema evidência. William Albright de Baltimore estava continuamente sustentando a Jericó de Josué e outros mitos. Alguns desses escavadores, mesmo contando com as técnicas primitivas do período, foram considerados sérios em vez de meros oportunistas.

E também sérios moralmente: o arqueólogo dominicano francês Roland de Vaux

deu margem a riscos ao declarar que, “se a fé histórica de Israel não é fundamentada na história, essa fé é errônea e, portanto, a nossa também é”. Um argumento extremamente admirável e honesto, pelo qual o bom padre pode ser agora considerado.

Muito antes de investigações modernas, traduções meticulosas e escavações terem ajudado a nos esclarecer, estava bem ao alcance de uma pessoa pensante perceber que a “revelação” no Sinai e o resto do Pentateuco era uma ficção mal costurada, introduzida bem depois dos não eventos que ela fracassa em descrever de forma convincente, ou mesmo plausível. Crianças inteligentes em idade escolar têm aborrecido seus professores com perguntas inocentes mas impossíveis de responder desde que foi instituído o estudo da Bíblia. O

autodidata Thomas Paine nunca foi refutado desde que escreveu, enquanto sofria feroz perseguição dos antirreligionistas jacobinos franceses, para mostrar que estes livros são espúrios, e que Moisés não é o autor deles; e mais ainda, que não foram escritos na época de Moisés, somente centenas de séculos depois, que são um tentativa de historiar a vida de Moisés, e dos tempos em que se diz que ele viveu; e também dos tempos anteriores a essa época, escritos por alguns enganadores muito estúpidos e ignorantes vários séculos depois da morte de Moisés; da mesma maneira que hoje os homens escrevem histórias de coisas que aconteceram, ou que supostamente aconteceram, várias centenas ou milhares de anos atrás. [26]

Em primeiro lugar, os livros intermediários do Pentateuco (Êxodo, Levítico e Números: Gênesis não contém nenhuma menção a ele) aludem a Moisés na terceira pessoa, como em “Então ordenou Yahweh a Moisés”. Poder-se-ia argumentar que ele preferia falar de si mesmo na terceira pessoa, embora esse hábito seja agora bem associado à megalomania, mas isso tornaria ridículas citações como em Números 12,3, na qual lemos: “Ora, Moisés era um homem *muito paciente* e o mais humilde dos homens de sua época”. À parte esse absurdo de alegar ser humilde de maneira tal a afirmar superioridade em

humildade acima de todos os outros, temos de lembrar a maneira predominantemente autoritária e sanguinária em que é descrito o comportamento de Moisés, em quase todos os outros capítulos. Isso nos dá a escolha entre um delirante solipsismo e a mais falsa das modéstias.

Mas talvez o próprio Moisés possa ser absolvido dessas duas acusações, uma vez que ele dificilmente teria conseguido administrar as contorções do

Deuteronômio. Nesse livro há numa apresentação do assunto, depois em tom discursivo, uma apresentação do próprio Moisés, depois a retomada da narrativa por quem quer que esteja escrevendo, depois outro discurso de Moisés, e então um relato da morte, do enterro e da magnificência do próprio Moisés. (Deve-se presumir que o relato do funeral não tenha sido escrito pelo homem que estava sendo sepultado, embora esse problema não pareça ter ocorrido para quem quer que tenha produzido o texto.)

Quem quer que tenha escrito o relato o fez muitos anos depois, parece muito claro. É-nos dito que Moisés chegou aos 120 anos de idade, e “nem seus olhos nem seu vigor físico haviam desvanecido”, e que então ascendeu ao pico do Monte Nebo, de onde podia ter uma visão clara da Terra Prometida na qual ele nunca entraria de fato. O profeta, com sua força natural subitamente abatida, então morre na terra de Moabe, e ali é enterrado. Ninguém sabe, diz o autor, “até este dia”, onde fica o sepulcro de Moisés. Acrescenta-se que *desde então* não houve profeta comparável em Israel. Essas duas expressões não têm efeito a menos que denotem a passagem de um tempo considerável. Espera-se então que acreditemos que um “ele” não especificado tenha enterrado Moisés; se foi ele mesmo novamente na terceira pessoa, parece ser obviamente implausível, e se foi o próprio deus quem realizou as exéquias, então não há como o autor do Deuteronômio ter sabido disso. De fato, o autor parece bem pouco claro acerca dos detalhes desse acontecimento, como seria de esperar se estivesse reconstruindo algo semiesquecido. O mesmo é uma verdade autoevidente com referência a numerosos outros anacronismos, onde Moisés fala de eventos (o consumo do “maná” em Canaã; a captura do enorme leito do “gigante” Ogue, rei de Basã) que podem jamais ter ocorrido, mas que nem sequer se alega terem ocorrido até bem depois da sua morte.

A forte probabilidade de que essa interpretação seja a correta é reforçada no capítulo 45 do Deuteronômio, onde Moisés reúne seus seguidores e lhes dá os mandamentos do Senhor, tudo de novo. (Não é

tão surpreendente assim: o Pentateuco contém dois relatos discrepantes da Criação, duas genealogias da semente de Adão, e duas narrativas do Dilúvio.) Um desses capítulos tem Moisés falando de si mesmo longamente, e o outro em discurso indireto. No capítulo 4, o mandamento contra fazer imagens esculpidas estende-se a proibir

qualquer “imagem” ou “semelhança” a qualquer figura, seja humana ou animal, para qualquer propósito. No capítulo 5, o conteúdo das duas tábuas de pedra é repetido aproximadamente da mesma forma como nos aparece no Êxodo, mas com uma diferença significativa. Dessa vez, o autor esquece que o dia do Shabat é sagrado porque deus fez o céu e a terra em seis dias e então descansou no sétimo. De repente, o Shabat é sagrado porque deus tirou seu povo da terra do Egito.

Então precisamos chegar àquelas coisas que provavelmente não aconteceram e que devemos ficar contentes por não terem acontecido. No Deuteronômio, Moisés dá ordens aos pais para apedrejar os filhos até a morte por indisciplina (o que parece violar pelo menos um dos mandamentos) e faz sem cessar pronunciamentos dementes (“Nenhum homem castrado, que tenha esmagado os testículos, ou amputado o órgão genital poderá fazer parte do povo de *Yahweh*, o SENHOR.”). Em Números, ele se dirige aos seus generais após uma batalha e se enfurece com eles por terem poupado tantos civis:

Agora, portanto, matai todas as crianças do sexo masculino. Matai igualmente todas as mulheres que tiveram relações sexuais. Não conserveis com vida senão as meninas e as moças virgens; elas vos pertencem.

Essa não é certamente a pior das incitações genocidas que ocorrem no Velho Testamento (rabinos israelenses debatem solenemente até hoje se essa exigência de exterminar os amalequitas é um mandamento em código para aniquilar os palestinos), mas ela tem um elemento de lascívia que torna um pouco óbvio demais quais devem ser as recompensas de um soldado com liberdade de pilhar e saquear. Pelo menos eu penso assim, e assim pensava Thomas Paine, que escreveu não para contestar a religião e sim para justificar o deísmo contra o que considerava acréscimos abomináveis nos livros sagrados.

Ele dizia que essa era uma “ordem para destruir os rapazes, massacrar as mães, e perverter as filhas”, o que lhe valeu uma magoada resposta de um dos celebrados religiosos da época, o bispo de Llandaff. O corpulento bispo galês alegou indignado que não estava absolutamente claro, a partir do contexto, que as mulheres jovens

estavam sendo preservadas para propósitos imorais e não para trabalho não pago. Seria insensível objetar contra uma inocência tão estúpida como essa, não fosse pela sublime indiferença do venerável clérigo em relação à

sorte dos meninos e, efetivamente, de suas mães.

Poder-se-ia percorrer o Velho Testamento livro por livro, fazendo aqui uma pausa para uma frase lapidar (“O ser humano nasce para a tribulação”, como diz o livro de Jó, “assim como as fagulhas naturalmente voam para cima”), e há um versículo fino, mas sempre há de se encontrar as mesmas dificuldades. As pessoas chegam a idades impossíveis e ainda concebem filhos. Indivíduos medíocres envolvem-se em combates homem a homem e discussões com deus ou seus emissários, levantando sempre de novo toda a questão da onipotência divina ou mesmo do bom senso divino, e o chão fica para sempre encharcado com o sangue dos inocentes. Além disso, o contexto é opressivamente confinado e *local*. Nenhum desses provincianos, ou sua divindade, parecem ter alguma ideia de um mundo além do deserto, dos rebanhos e do gado, e dos imperativos da subsistência nômade. Isso é desculpável por parte de caipiras provincianos, obviamente, mas, e quanto ao seu guia supremo e irado tirano? Talvez ele tenha sido feito à sua imagem, ainda que não esculpida?

8

O “NOVO” TESTAMENTO

ULTRAPASSA O MAL DO “VELHO”

TESTAMENTO

O TRABALHO DE RELER O VELHO TESTAMENTO É ÀS VEZES cansativo, mas sempre necessário porque, à medida em que se avança, começam a ocorrer premonições sinistras. Abraão — outro ancestral de todo monoteísmo — está pronto para fazer um sacrifício humano de seu próprio primogênito. E chega um boato de que “uma virgem conceberá e gerará um filho”. Gradualmente esses dois mitos começam a convergir. É necessário ter isso em mente quando chegamos ao Novo Testamento porque, se você pegar qualquer um dos quatro evangelhos e lê-los ao acaso, não demorará muito até ficar sabendo que este ou aquele ato ou frase atribuídos a Jesus foram feitos de tal maneira para que uma antiga profecia se realizasse. (Falando da chegada de Jesus a Jerusalém, montado num jumento, Mateus diz em

seu capítulo 21, versículo 4: “No entanto, isso ocorreu para que se cumprisse o que fora dito por meio do profeta”. A referência é provavelmente Zacarias 9, 9, onde é dito que, quando o messias chegar, estará montado num jumento. Os judeus ainda estão esperando essa chegada e os cristãos alegam que ela já ocorreu!) Se pode parecer estranho que uma ação seja realizada de forma deliberada para concretizar uma profecia, é porque isso é *mesmo* estranho.

E é necessariamente estranho porque, assim como o Velho Testamento, o

“Novo” também é obra de carpintaria grosseira, martelada e montada bem depois dos seus pretensos acontecimentos, e cheia de tentativas improvisadas para fazer com que as coisas deem certo. Por concisão, vou me render de novo a um autor melhor do que eu e citar o que H. L. Mencken irrefutavelmente diz em seu *Treatise on the Gods*:

O fato simples é que o Novo Testamento, como o conhecemos, é um ajuntamento atrapalhado de documentos mais ou menos discordantes, alguns dos quais provavelmente de origem respeitável,

mas outros palpavelmente apócrifos, e a maioria deles, os bons junto com os ruins, mostrando sinais inconfundíveis de terem sido manipulados. [27]

Tanto Paine quanto Mencken, que, por motivos distintos, propõem-se a um esforço honesto de ler os textos, foram respaldados por erudição bíblica posterior, grande parte da qual adotada para mostrar que os textos ainda eram relevantes. Mas esse argumento tem lugar acima da cabeça daqueles para quem o

“Grande Livro” é tudo que se necessita. (Podemos nos lembrar do governador do Texas que, indagado se a Bíblia também devia ser ensinada em espanhol, retrucou que “se inglês foi bom o bastante para Jesus, então é bom o bastante para mim”. Corretamente os simplórios são assim chamados.)

Em 2004, um filme novelesco sobre a morte de Jesus foi produzido por um fascista australiano e ator canastrão chamado Mel Gibson. O sr. Gibson é adepto de uma excêntrica e cismática seita católica formada principalmente dele mesmo e do seu pai, um bandido ainda mais violento, e afirmou que é uma pena que a sua querida esposa vai para o inferno porque não aceita os sacramentos corretos.

(Esse horrendo destino ele descreve como “uma declaração do trono”.)

A doutrina de sua própria seita é explicitamente antissemita e o filme buscava, de maneira incansável, jogar a culpa da crucificação nos judeus. Apesar do óbvio fanatismo, que provocou críticas de alguns cristãos mais cautelosos, o filme *A Paixão de Cristo* foi empregado oportunamente por muitas igrejas da “corrente principal” como ferramenta de recrutamento. Em um dos eventos ecumênicos pré-lançamento que patrocinou, o sr. Gibson defendeu sua bagunça cinematográfica — que é também um exercício de homoerotismo sadomasoquista estrelado por um ator sem talento que ao que parece nasceu na Islândia ou em Minnesota — como sendo baseada em relatos de “testemunhas oculares”. Na época, julguei extraordinário que um sucesso de milhões de dólares pudesse ser abertamente baseado numa alegação patentemente fraudulenta, mas ninguém pareceu se importar. Mesmo as autoridades judaicas permaneceram, em grande parte, em silêncio. Mas, então, algumas delas quiseram amortecer esse velho argumento, que durante séculos levou aos pogroms da Páscoa contra os “judeus assassinos de Cristo”. (Foi só duas décadas depois da Segunda Guerra Mundial que o Vaticano retirou formalmente a acusação de “deicídio” contra o povo judeu como um todo.) E a verdade é que os

judeus costumavam reivindicar crédito pela Crucificação. Maimônides descreve a punição do detestável herege nazareno como um dos maiores feitos dos anciãos judeus, insistindo que o nome de Jesus nunca fosse mencionado, exceto quando acompanhado de um praguejar, e anunciando que sua punição deveria ser ferver em excremento por toda a eternidade. Que belo católico Maimônides teria dado!

No entanto, ele caiu nos mesmos erros que os cristãos, ao assumir que os quatro Evangelhos fossem em algum sentido registros históricos. Seus múltiplos autores — nenhum dos quais publicou qualquer coisa até muitas décadas após a Crucificação — não conseguem concordar em nada que tenha importância.

Mateus e Lucas não conseguem coincidir no Nascimento Imaculado ou na genealogia de Jesus. Eles claramente se contradizem sobre a “Fuga para o Egito”, Mateus dizendo que José foi “avisado em sonho” para fugir imediatamente e Lucas dizendo que todos os três permaneceram em Belém até

“a purificação de Maria conforme as leis de Moisés”, o que equivaleria a quarenta dias, e então voltaram a Nazaré via Jerusalém. (Aliás, se existe alguma verdade na partida apressada para o Egito para ocultar uma criança da campanha infanticida de Herodes, então Hollywood, e

muitos, muitos iconógrafos cristãos vêm nos iludindo. Teria sido muito difícil levar um bebê loiro, de olhos azuis, para o delta do Nilo sem chamar a atenção, em vez de evitá-la.) O Evangelho segundo Lucas afirma que o nascimento milagroso ocorreu num ano em que o imperador César Augusto ordenou um censo com propósito de taxaço, e que isso aconteceu numa época em que Herodes reinava na Judeia e Quirino era governador da Síria. Isso é o mais próximo de uma triangulaço de dataço histórica que qualquer autor bíblico chega a tentar. Mas Herodes morreu quatro anos “a.C.” e, durante a sua administraço, o governador da Síria não era Quirino. Não há menço a qualquer censo de Augusto por qualquer historiador romano, mas o cronista judeu Josefo menciona um que ocorreu — sem a onerosa exigência de obrigar as pessoas a retornar ao seu local de nascimento, e seis anos depois de supostamente ter ocorrido o nascimento de Jesus. É evidente que isso é, na sua totalidade, uma reconstrução deturpada, e com base oral, realizada algum tempo considerável depois do “fato”. Os escribas não conseguem nem mesmo concordar quanto aos elementos míticos: discordam fortemente sobre o

Sermão da Montanha, a unço de Jesus, a traiço de Judas e a insistente

“negaço” de Pedro. E o mais estarrecedor, não conseguem concordar sobre um relato comum da Crucificaço ou da Ressurreiço. Logo, a interpretaço que temos simplesmente de descartar é aquela que alega certificaço divina para todos os quatro. O livro no qual talvez todos os quatro se baseiam, conhecido de modo especulativo pelos estudiosos como “Q”, perdeu-se para sempre, o que parece um imenso descuido por parte do deus que é, alegadamente, o seu

“inspirador”.

Sessenta anos atrás, em Nag Hammadi, no Egito, foi descoberto um tesouro de “Evangelhos” abandonados perto de um sítio cristão copta muito antigo.

Esses rolos eram do mesmo período e proveniência que muitos dos Evangelhos subsequentemente canônicos e “autorizados” e vêm sendo conhecidos há muito pelo nome coletivo de “Gnósticos”. Esse título lhes foi dado por certo Ireneu, um dos primeiros padres da igreja que os pôs sob proibiço por serem heréticos.

Eles incluem os “Evangelhos” ou narrativas de figuras marginais, mas significativas no “Novo” Testamento aceito, tais como “Tomé, o

Incrédulo” e Maria Madalena. E agora incluem também o Evangelho de Judas, que durante séculos soube-se que existia, mas que só foi trazido à luz e publicado pela National Geographic Society na primavera de 2006.

O livro é em sua essência uma baboseira espiritualista, como seria de esperar, mas oferece uma versão dos “acontecimentos” que é parcialmente mais crível do que o relato oficial. Por um motivo: ele sustenta, como seus textos correlatos, que o suposto deus do “Velho” Testamento é o deus a ser evitado, uma emanção sinistra de mentes doentias. (Isso facilita ver por que ele foi banido e denunciado com tanta firmeza: o cristianismo ortodoxo nada mais é do que uma justificação e um encerramento dessa maligna história.) Judas participa da ceia final de Pessach, como de costume, mas se afasta do roteiro habitual.

Quando Jesus parece apiedar-se dos outros discípulos por saberem tão pouco sobre o que está em jogo, seu colega velhaco diz que acredita saber qual é a dificuldade: “Eu sei quem tu és e de onde vieste”, ele diz ao líder. “Tu és do reino imortal de Barbelo.” Esse “Barbelo” não é um deus, mas um destino celeste, uma pátria que está além das estrelas. Jesus vem desse reino celestial, mas não é filho de nenhum deus mosaico. Em vez disso, é um avatar de Set, o

terceiro e pouco conhecido filho de Adão. É ele que mostrará aos setianos o caminho para casa. Reconhecendo que Judas é pelo menos um adepto menor desse culto, Jesus o leva para o lado e lhe dá a missão especial de ajudá-lo a se despojar de sua forma carnal e assim retornar ao céu. E também promete mostrar a Judas as estrelas que lhe possibilitarão segui-lo.

Por mais maluca que seja essa ficção científica, faz infinitamente mais sentido do que a eterna maldição lançada sobre Judas por fazer algo que alguém tem de fazer, nessa crônica pedantemente arranjada de uma morte anunciada. E

também faz infinitamente mais sentido do que culpar os judeus por toda a eternidade. Durante muito tempo, houve um incandescente debate sobre quais dos “Evangelhos” deviam ser considerados como de inspiração divina. Alguns argumentavam em favor destes, outros em favor daqueles, e muitas vidas foram horivelmente perdidas nessa discussão. Ninguém ousava dizer que eram todos escritos pelo homem muito depois de o suposto drama ter acabado, e o

“Apocalipse” de São João parece ter conseguido se espremer no

cânone por causa do nome (bastante comum) do seu autor. Mas, como diz Jorge Luis Borges, caso os gnósticos alexandrinos tivessem ganhado a parada, algum Dante posterior teria nos desenhado uma imagem do mundo hipnoticamente bela das maravilhas de “Barbelo”. Esse conceito eu prefiro chamar de “Folhelho de Borges”: a verve e imaginação necessárias para visualizar uma seção transversal de ramos e folhagens evolucionárias, com as extraordinárias mas reais possibilidades de que uma haste ou linha (ou melodia ou poema) tenha predominado no labirinto. Grandes abóbadas e campanários e hinos, ele poderia ter acrescentado, o teriam consagrado, e habilidosos torturadores teriam trabalhado por dias naqueles que duvidassem da verdade de Barbelo: a começar pelas unhas, abrindo engenhosamente o caminho até os testículos, a vagina, os óleos e as vísceras. A não crença em Barbelo teria sido, analogamente, uma sinal infalível de que a pessoa não tinha absolutamente nenhuma moral.

O melhor argumento que conheço para a existência altamente questionável de Jesus é este: seus iletrados discípulos vivos não nos deixaram nenhum registro e, em todo caso, não teriam sido “cristãos”, uma vez que jamais haveriam de ler esses livros posteriores nos quais cristãos precisam afirmar sua crença e, em todo caso, não tinham ideia de que alguém viria a fundar uma igreja

com base nos anúncios de seu mestre. (E tampouco, em qualquer um dos Evangelhos posteriormente compilados, mal existe alguma palavra para sugerir que Jesus quisesse ser fundador de uma igreja.)

Não obstante tudo isso, as profecias do confuso “Velho” Testamento indicam que o messias nascerá na cidade de Davi, que parece de fato ter sido Belém. No entanto, os pais de Jesus, ao que parece, eram de Nazaré e, se tiveram um filho, provavelmente ele foi dado à luz nessa cidade. Portanto, um volume enorme de invenção — referente a Augusto, Herodes e Quirino — é investido em confeccionar a história do censo e mudar a cena do nascimento para Belém (onde, aliás, jamais é mencionado algum “estábulo”). Mas por que fazer tudo isso, já que uma invenção muito mais fácil poderia ter feito com que nascesse logo de cara em Belém, sem quaisquer correrias desnecessárias para isso acontecer? As próprias tentativas de esticar e curvar a história podem ser uma prova inversa de que alguém de posterior importância realmente *nasceu*, de modo que, em retrospecto, e para realizar a profecia, a evidência precisou ser um tanto massageada. Mas então até mesmo a minha tentativa de ser justo e ter a mente aberta nesse caso é subvertida pelo Evangelho de João, que parece sugerir que Jesus não nasceu em Belém nem descendia do rei Davi. Se os apóstolos não sabem e não conseguem chegar a um

acordo, qual é a utilidade da minha análise? Em todo caso, se a sua linhagem real é algo para se vangloriar e motivo para profecias, por que a insistência em outras partes para o seu nascimento aparentemente humilde? Em quase todas as religiões, do budismo ao islã, aparece um profeta humilde ou um príncipe que vem a se identificar com os pobres, mas o que é isso se não populismo? Mal chega a ser surpresa que as religiões optem por se dirigir primeiro à maioria, que é pobre, desorientada e inculta.

As contradições e ignorâncias do Novo Testamento preencheram muitos livros escritos por eminentes estudiosos, e nunca foram explicadas por qualquer autoridade cristã, exceto nos mais frágeis termos de “metáfora” e de “um Cristo de fé”. A fragilidade deriva do fato de que, até recentemente, os cristãos podiam simplesmente queimar ou silenciar qualquer um que fizesse perguntas inconvenientes. Os Evangelhos são úteis, porém, para redemonstrar o mesmo ponto de seus volumes predecessores, ou seja, que a religião é fabricada pelo

homem. “Porquanto a Lei foi dada por intermédio de Moisés”, diz São João,

“mas a graça e a verdade vieram através de Jesus Cristo.” São Mateus tenta o mesmo efeito, baseando tudo em um ou dois versículos do profeta Isaías, que disse ao rei Acáz, quase oito séculos antes da ainda não fixada data do nascimento de Jesus, que “o Senhor, ele mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho”. Isso estimulou Acáz a acreditar que lhe seria dada vitória sobre seus inimigos (o que, como resultado, mesmo que se tome seu relato como narrativa histórica, ele não conseguiu). O quadro é alterado ainda mais quando sabemos que a palavra traduzida como “virgem”, ou seja, *almah*, significa apenas “mulher jovem”. Em todo caso, a partenogênese não é possível para mamíferos humanos e, mesmo que essa lei fosse relaxada em um caso apenas, isso não provaria que o bebê resultante tivesse poder divino. Logo, como de costume, a religião desperta suspeitas ao tentar provar demais. Por analogia reversa, o Sermão da Montanha reproduz Moisés no Monte Sinai, e os discípulos não descritos correspondem aos judeus que seguiam Moisés aonde quer que ele fosse, e assim a profecia é realizada para qualquer um que não note ou não se importe com o fato de que a história está sofrendo “engenharia reversa”, como diríamos atualmente. Numa breve passagem de apenas um Evangelho (apropriada pelo atormentador de judeus, Mel Gibson) os rabinos aparecem fazendo eco a deus no Sinai e realmente *clamam* para que a culpa no sangue de Jesus recaia sobre todas suas gerações descendentes: uma exigência

que, mesmo que tivesse sido feita, jazia bem além do direito ou poder deles.

Mas o caso do Nascimento Virgem é a prova mais fácil possível de que os humanos estiveram envolvidos na criação de uma lenda. Jesus faz altas alegações por seu pai celeste, mas nunca menciona que a mãe é ou era virgem, e é repetidamente muito rude e áspero com ela quando lhe aparece, como fazem as mães judias, para perguntar ou ver como ele está. Ela própria parece não ter lembrança da visita do Arcanjo Gabriel, ou do enxame de anjos, todos dizendo-lhe que ela é a mãe de deus. Em todos os relatos, tudo que seu filho faz lhe causa enorme surpresa, quando não choque. O que poderia estar ele fazendo ao falar com os rabinos no templo? O que estaria dizendo quando educadamente lhe diz que está cuidando dos negócios do pai? Seria de esperar uma memória materna mais forte, especialmente de alguém que tenha passado pela experiência, única

entre todas as mulheres, de se descobrir grávida sem ter preenchido as notórias condições para esse feliz estado. Lucas chega a cometer uma vez um lapso de linguagem, falando os “pais de Jesus” quando se refere unicamente a José e Maria quando estes visitam o templo para a purificação dela e são saudados pelo velho Simeão, que pronuncia seu maravilhoso *nunc dimittis*, que (outra das minhas oratórias favoritas) também pode ser um pretendido eco de Moisés vislumbrando a Terra Santa apenas na sua extrema velhice.

Então há a extraordinária questão da grande prole de Maria. Mateus nos informa (13,55-57) que havia quatro irmãos de Jesus, e também algumas irmãs.

No Evangelho de Tiago, que não é canônico, mas tampouco renegado, temos o relato do irmão de Jesus com esse nome, que evidentemente era muito ativo em círculos religiosos no mesmo período. Indiscutivelmente, Maria pode ter

“concebido” como *virgo intacta* e dado à luz um bebê, o que decerto a teria deixado menos intacta. Mas como ela continuou produzindo filhos, do homem José que só existe em discurso indireto, e ainda assim consegue tornar a sagrada família tão grande que “testemunhas oculares” continuam reparando nela?

Para resolver esse dilema quase imencionável e quase sexual, aplica-se de novo a engenharia reversa, dessa vez bem mais recentemente que os frenéticos concílios da igreja que decidiram quais Evangelhos eram “sinóticos” e quais eram “apócrifos”. É determinado que a própria

Maria (de cujo nascimento não há absolutamente nenhum relato em qualquer livro sagrado) deve ter tido uma

“Imaculada Conceção” prévia que a deixou essencialmente imaculada. E é determinado ainda que, como o preço do pecado é a morte e ela não pode ter possivelmente pecado, não pode ter morrido. Daí o dogma da “Assunção”, que afirma a partir do ar que o ar é o meio pelo qual ela subiu ao céu ao mesmo tempo que evitou o túmulo. É interessante notar as datas desses éditos magnificamente engenhosos. A doutrina da Imaculada Conceção foi anunciada ou descoberta por Roma em 1852, e o dogma da Assunção em 1950. Dizer que algo é “fabricado pelo homem” nem sempre quer dizer que seja estúpido. Essas heroicas tentativas de resgate merecem algum crédito, mesmo que assistamos ao barco original fazer água e afundar sem deixar vestígio. Mas, por mais

“inspirada” que possa ser a resolução da igreja, seria um insulto à divindade alegar que tal inspiração fosse, de alguma forma, divina.

Da mesma maneira que o roteiro do Velho Testamento está repleto de enigmas com sonhos e astrologias (o sol fica parado de modo que Josué possa completar seu massacre num sítio que nunca foi localizado), também a Bíblia cristã está cheia de predições de estrelas (notavelmente aquela sobre Belém) e feiticeiros e curandeiros. Muitos dos dizeres e feitos de Jesus são inócuos, especialmente as “beatitudes” que expressam um fantasioso pensamento desejoso acerca dos humildes e apaziguadores. Porém muitos são ininteligíveis e mostram crença em magia, vários são absurdos e mostram uma atitude primitiva em relação à agricultura (isso se estende a todas as menções sobre arar e semear, e a todas as alusões a mostardeiras e figueiras), e muitos, pelo seu aspecto imediato, são abertamente imorais. A analogia de seres humanos com lírios, por exemplo, sugere — junto com muitas outras injunções — que coisas como parcimônia, inovação, vida em família, e assim por diante, são pura perda de tempo. (“Não vos preocupeis com o dia de amanhã.”) É por isso que alguns dos Evangelhos, canônicos e apócrifos, relatam pessoas (incluindo os membros da sua família) dizendo naquela época que pensavam que Jesus fosse louco. Havia também aqueles que notaram que ele era um sectário judeu bastante rígido: em Mateus 15,21-28 lemos sobre o seu desprezo por uma mulher canaanita que implorou sua ajuda para um exorcismo e foi bruscamente informada de que ele não perderia sua energia com uma não judia. (Seus discípulos, e a persistência da mulher, acabaram por persuadi-lo a abrandar e expulsar o não demônio.) Na minha opinião, uma história idiossincrática como essa é outro motivo oblíquo para pensar que tal personalidade pode em algum momento ter vivido. Havia muitos profetas dementes perambulando pela Palestina naquela época, mas

este declaradamente acreditava, pelo menos em parte do tempo, que era deus ou filho de deus. E isso fazia toda a diferença. Façamos apenas duas premissas: que ele acreditava nisso e que também prometia aos seus seguidores que revelaria seu reino antes que eles chegassem ao fim de suas vidas, e todos, exceto um ou dois comentários sentenciosos, fazem algum sentido. Esse ponto nunca foi apresentado com franqueza maior do que por C. S. Lewis (que recentemente ressurgiu como o mais popular apologista cristão) em seu *Cristianismo puro e simples*. Ele por acaso está falando da alegação de Jesus de tomar os pecados para si:

Agora, a menos que o orador seja Deus, isso é realmente tão absurdo que chega a ser cômico.

Todos podemos entender como um homem perdoa ofensas contra si. Você pisa no meu pé e eu o perdoo, você rouba o meu dinheiro e eu o perdoo. Mas o que pensar de um homem que, mesmo sendo roubado ou tendo seu pé pisado, anuncia que perdoou você por pisar no pé de outro homem e roubar o dinheiro de outro homem? Imbecilidade asinina é a descrição mais delicada que podemos dar a essa conduta. Todavia, foi o que Jesus fez. Disse às pessoas que seus pecados estavam perdoados, e nunca se deu ao trabalho de perguntar às outras pessoas a quem esses pecados tinham sem dúvida prejudicado. Sem hesitar, comportou-se como se Ele fosse a parte mais envolvida, a pessoa mais prejudicada em todos esses delitos. Isso faz sentido apenas se ele fosse realmente o Deus cujas leis são quebradas e cujo amor é ferido em todo pecado. Na boca de qualquer orador que não seja Deus, essas palavras simplesmente implicam o que posso encarar apenas como tolice e presunção sem rivais em qualquer outro personagem na história. [28]

Cabe notar que Lewis assume, sem qualquer evidência firme que seja, que Jesus *foi realmente* um “personagem na história”, mas deixemos isso passar. Ele merece algum crédito por aceitar a lógica e a moralidade daquilo que acabou de afirmar. Para aqueles que argumentam que Jesus pode ter sido um grande mestre moral sem ser divino (entre os quais, aliás, o deísta Thomas Jefferson alegava estar), Lewis tem sua contundente resposta:

Essa é aquela única coisa que não devemos dizer. Um homem que fosse meramente um homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre moral. Seria ou um lunático

— no mesmo nível que alguém que diz que é um ovo cozido — ou então seria o Diabo do Inferno. Você que faça a sua escolha. Ou esse

homem era, e é, o Filho de Deus: ou então um maluco e algo pior. Você pode calá-Lo por tolice, pode cuspir Nele e matá-Lo como demônio; ou pode cair a Seus pés e chamá-Lo de Senhor e Deus. Mas não venha com absurdos paternalistas sobre Ele ser um grande mestre humano. Ele não nos deixou isso em aberto. Não era Sua intenção.

[29]

Não estou escolhendo aqui um testa de ferro: Lewis é o principal veículo de propaganda escolhido pelo cristianismo do nosso tempo. E tampouco estou aceitando suas categorias barbaramente sobrenaturais, tais como diabo e demônio. E menos de tudo aceito seu raciocínio, que é tão patético a ponto de desafiar a descrição e que toma suas duas alternativas falsas como antíteses exclusivas, e então as usa para fabricar um grosseiro *non sequitur* (“Agora me parece óbvio que Ele não era nem lunático nem demônio: e consequentemente, por mais estranho ou assustador ou improvável que possa parecer, tenho de aceitar a visão de que Ele era e é Deus.”

[30]) No entanto, dou-lhe o crédito pela honestidade e por alguma coragem. Ou os Evangelhos são, em algum sentido literal, verdade, ou a coisa toda é essencialmente uma fraude e talvez, desse ponto de vista, uma fraude imoral. Bem, pode-se afirmar com certeza, e com

suas próprias evidências, que os Evangelhos não são decerto uma verdade literal.

Isso significa que muitos dos “ditos” e ensinamentos de Jesus são boato sobre boato sobre boato, o que ajuda a explicar a natureza deturpada e contraditória. O

mais flagrante nisso, pelo menos em retrospecto e certamente do ponto de vista dos que acreditam, concerne à iminência da sua segunda vinda e sua completa indiferença à fundação de qualquer igreja temporal. A *logia* ou discursos reportados são citados amiúde por bispos dos primeiros tempos da igreja que desejavam ter estado na época, mas não estiveram, como comentários de terceira mão avidamente solicitados. Deixe-me dar um exemplo conspícuo. Muitos anos depois que C. S. Lewis se foi para sua recompensa, um rapaz muito sério chamado Bart Ehrman começou a examinar suas próprias premissas fundamentalistas. Ele frequentara as duas mais eminentes academias fundamentalistas cristãs nos Estados Unidos e era considerado pelos fiéis como um de seus heróis. Fluente em grego e hebraico (ele detém agora uma cadeira de estudos religiosos), acabou não conseguindo conciliar sua fé com sua erudição.

Ficou atônito ao descobrir que algumas das mais conhecidas histórias

de Jesus foram rabiscadas no cânone muito após o fato, e isso era verdade em relação à história talvez mais conhecida de todas.

É a celebrada história sobre a mulher surpreendida em adultério (João 8,3-11). Quem não ouviu ou leu como os fariseus judeus, hábeis em casuística, arrastaram essa pobre mulher perante Jesus exigindo saber se ele concordava com a punição mosaica de apedrejá-la até a morte? Se ele não concordasse, estaria violando a lei. Se concordasse, seria um contrassenso às suas próprias pregações. É fácil visualizar o esquálido zelo com que agrediam a mulher. E a resposta calma (depois de escrever no chão) — “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a lhe atirar uma pedra.” — penetrou na nossa literatura e na nossa consciência.

Esse episódio chega a ser celebrado em celuloide. Faz uma aparição como flashback na caricatura de Mel Gibson, e é um momento adorável no *Doutor Jivago* de David Lean, em que Lara em seu limite vai ao padre e é indagada sobre o que Jesus disse à mulher caída. “Vai, e não peques mais”, é a resposta dela. “E ela o fez, filha?”, pergunta ferozmente o padre. “Eu não sei, padre.”

“Ninguém sabe”, responde o padre, impotente nessas circunstâncias.

De fato, ninguém sabe. Muito antes de ler Ehrman, eu mesmo tinha algumas perguntas. Se o Novo Testamento teoricamente deve justificar Moisés, por que solapar as pavorosas leis do Pentateuco? Olho por olho, dente por dente e matança de bruxas podem parecer coisas brutais e estúpidas, mas se apenas não pecadores têm o direito de punir, então como podia uma sociedade imperfeita determinar como castigar quem cometesse delitos? Deveríamos ser todos hipócritas. E que autoridade tem Jesus para “perdoar”? Presumivelmente, pelo menos uma esposa ou um marido, em algum lugar da cidade, sentiu-se enganado e ultrajado. Será o cristianismo, então, pura permissividade sexual? Se é assim, ele tem sido gravemente mal compreendido desde então. E o que foi escrito no chão? Ninguém sabe, mais uma vez. Além disso, a história diz que depois que os fariseus e a multidão se dispersaram (provavelmente por constrangimento), não ficou mais ninguém, exceto Jesus e a mulher. Nesse caso, quem é o narrador do que ele disse a ela? Mesmo assim, eu achava uma boa história.

O professor Ehrman vai mais longe. Ele faz algumas perguntas mais óbvias.

Se a mulher foi “surpreendida em adultério”, o que significa em flagrante delito, então onde está seu parceiro masculino? A lei

mosaica, delineada no Levítico, deixa claro que ambos devem sofrer apedrejamento. De repente percebi que o núcleo do encanto da história é o da moça trêmula e solitária, xingada e arrastada por uma turba de fanáticos famintos de sexo, que finalmente encontra um rosto amigo. Quanto ao que está escrito na poeira do chão, Ehrman menciona uma velha tradição que postula que Jesus estava rabiscando as transgressões conhecidas dos outros presentes, fazendo assim com que enrubescessem, ficassem evasivos e acabassem indo embora às pressas. Acho que adoro essa ideia, mesmo significando um nível de curiosidade e pruridos (e capacidade de previsão) mundanos da parte dele, aumentando suas próprias dificuldades.

Abrangendo tudo isso está o chocante fato de que, como Ehrman reconhece,

A história não é encontrada nos nossos mais antigos e melhores manuscritos do Evangelho de João; seu estilo de redação é muito diferente do que encontramos no restante de João (inclusive histórias imediatamente anteriores e posteriores); e inclui um grande número de palavras e frases que de outro modo são estranhas ao Evangelho. A conclusão é inevitável: essa passagem não era originalmente parte do Evangelho. [31]

Mais uma vez escolhi a minha fonte na base de “evidência contra o interesse”: em outras palavras, de alguém cuja viagem acadêmica e intelectual original não tinha a menor intenção de contestar a sagrada escritura. A defesa da consistência, autenticidade ou “inspiração” bíblica tem estado em farrapos já há algum tempo, os rasgos só ficam mais e mais óbvios com a melhora da pesquisa e, portanto, não se consegue tirar desse lado nenhuma “revelação”. Logo, que os defensores e combatentes da religião baseiem-se apenas na fé, e que sejam suficientemente corajosos para admitir que é isso que estão fazendo.

9

O CORÃO É EMPRESTADO DE MITOS

TANTO JUDAICOS QUANTO

CRISTÃOS

SENDOS OS FEITOS E “DIZERES” DE MOISÉS, ABRAÃO E JESUS TÃO mal fundamentados e tão inconsistentes, bem como tantas vezes imorais, é preciso proceder com o mesmo espírito de inquirição para com o que muitos acreditam ser a última revelação: a do Profeta

Maomé e seu Corão ou “recitação”. Aqui, mais uma vez, o Anjo (ou Arcanjo) Gabriel é encontrado trabalhando, ditando suras ou versículos para uma pessoa de pouca ou nenhuma instrução. Aqui, mais uma vez, há histórias como o dilúvio de Noé, e as injunções contra a idolatria. Aqui, mais uma vez, os judeus são os primeiros recebedores da mensagem e os primeiros tanto a ouvi-la quanto a descartá-la. E aqui, mais uma vez, há um vasto comentário de um relato duvidoso sobre os feitos e dizeres reais do Profeta, dessa vez conhecido como *hadith*.

O islã é simultaneamente o mais e o menos interessante dos monoteísmos do mundo. Ele é construído sobre seus primitivos antecessores judaico e cristão, selecionando um pedaço aqui e um caco acolá, então se esses caem por terra, o islã também cai parcialmente. Sua narrativa básica se passa também num contexto impressionantemente pequeno e relata fatos sobre brigas locais bastante tediosas. Nenhum dos seus documentos originais, tais como estão, pode ser comparado com qualquer texto hebraico, grego ou latino. Quase todas as tradições são orais e é tudo em árabe. De fato, muitas autoridades concordam que o Corão só é inteligível nessa língua, que por si só está sujeita a inúmeras inflexões idiomáticas e regionais. Isso nos deixaria, em face da situação, com a absurda e potencialmente perigosa conclusão de que deus era monoglota. Tenho na minha frente um livro, *Introducing Muhammad*, escrito por dois muçulmanos britânicos extremamente hipócritas que têm a esperança de apresentar ao

Ocidente uma versão amigável do islã. Por mais seletivo e inspirador de simpatia que o texto possa ser, eles insistem que,

como a literal Palavra de Deus, o Corão é o Corão apenas no texto revelado original. Uma tradução jamais pode ser o Corão, essa sinfonia inimitável, “o próprio som que comove homens e mulheres às lágrimas”. Uma tradução pode ser somente uma tentativa de dar a mais crua sugestão do significado das palavras contidas no Corão. É por isso que todos os muçulmanos, qualquer que seja sua língua nativa, sempre recitam o Corão no seu original em árabe. [32]

Os autores vão adiante, fazendo algumas observações altamente inconvenientes sobre a tradução de N. J. Dawood para a Penguin, o que me deixa contente por ter sempre usado a versão Pickthall, mas de modo algum convencido de que, se eu quiser me converter, deverei dominar outro idioma. No meu próprio país natal, tenho a triste consciência de que há uma bela tradição poética, inacessível a mim porque jamais saberei a maravilhosa língua chamada gaélico. Mesmo

que deus seja ou tenha sido árabe (uma premissa arriscada), como poderíamos esperar que ele “se revelasse” por meio de uma pessoa iletrada, que por sua vez seria possivelmente incapaz de passar adiante suas palavras inalteradas (muito menos inalteráveis)?

Pode parecer um ponto sem importância, mas não é. Para os muçulmanos, a anunciação do divino a uma pessoa de extrema simplicidade, iletrada, tem algo do mesmo valor que o ventre humilde da Virgem Maria tem para os cristãos. E

também possui o mesmo mérito útil de ser de todo não verificável, e irrefutável.

Como se presume que Maria supostamente falava aramaico e Maomé, árabe, suponho que se possa garantir que deus seja de fato multilíngue e sabe falar qualquer língua que bem entender. (Ele optou em ambos os casos por usar o Arcanjo Gabriel como intermediário da sua mensagem.) No entanto, o fato impressionante continua sendo que todas as religiões têm resistido firmemente a qualquer tentativa de traduzir seus textos sagrados em línguas “compreendidas dos povos”, como diz o livro de orações de Cranmer. Não teria havido Reforma Protestante não fosse pela demorada luta para ter a Bíblia passada para o vernáculo, rompendo-se assim o monopólio dos padres. Homens devotos como Wycliffe, Coverdale e Tyndale foram queimados vivos por tentarem as primeiras traduções. A Igreja Católica nunca se recuperou da desistência do mistificador ritual em latim, e as principais correntes protestantes sofreram sobremaneira por

passar suas próprias Bíblias para uma linguagem mais cotidiana. Algumas seitas místicas judaicas ainda insistem no hebraico e fazem jogos de palavras cabalísticos até mesmo com os espaços entre as letras, mas, entre a maioria dos judeus, também, os rituais supostamente imutáveis da antiguidade foram abandonados. O encanto da classe clerical foi quebrado. Somente no islã não houve reforma e, até hoje, qualquer versão vernácula do Corão ainda precisa ser impressa com um texto árabe em paralelo. Isso deveria despertar suspeitas até mesmo na mente mais lerda.

Conquistas muçulmanas posteriores, impressionantes pela sua rapidez, alcance e determinação, têm contribuído para a ideia de que os encantamentos árabes devem ter alguma coisa a ver com elas. Mas se você aceitar essa reles vitória terrena como prova, deve aceitar o mesmo para as sanguinárias conquistas tribais de Josué ou para os conquistadores e cruzados cristãos. Existe mais uma objeção. Todas as

religiões cuidam de silenciar ou executar aqueles que as questionam (e eu opto por encarar essa tendência recorrente como um sinal de fraqueza e não de força). Já faz algum tempo desde que o judaísmo e o cristianismo recorreram abertamente a tortura e censura. O islã não só começou a condenar ao fogo eterno todos os que duidavam, mas ainda reivindica o direito de fazê-lo em quase todos os seus domínios, e ainda prega que esses mesmos domínios podem e devem ser ampliados por meio de guerra. Nunca, em qualquer época, houve alguma tentativa de questionar ou sequer investigar as alegações do islã que não tenha sido recebida com repressão assaz rápida e severa. Provisoriamente, então, tem-se o direito de concluir que a aparente unidade e confiança da fé é uma máscara para uma insegurança muito profunda e provavelmente justificada. E, naturalmente, nem é preciso dizer que há e sempre houve conflitos sangrentos *entre* diferentes escolas do islã, resultando em acusações de heresia e profanação, e terríveis atos de violência, estritamente intermuçulmanos.

Tenho tentado o meu melhor com essa religião, que é tão estranha para mim quanto para muitos milhões que sempre haverão de duvidar que o deus encarregou um não leitor (mediante um intermediário) com o exigente chamado para “ler”. Como eu disse, há muito tempo adquiri um exemplar da tradução do Corão feita por Marmaduke Pickthall, que foi certificada por fontes respeitáveis

no ulemá, ou autoridade religiosa islâmica, como a mais próxima de uma tradução aproximada em inglês. Comparei a inúmeras reuniões, de preces de sexta-feira em Teerã a mesquitas em Damasco e Jerusalém e Doha e Istambul e Washington, D. C., e posso atestar que “a recitação” em árabe realmente tem o aparente poder de criar bem-aventurança e também fúria entre aqueles que a ouvem. (Também participei de orações na Malásia e na Indonésia e na Bósnia, onde há um ressentimento entre muçulmanos que não falam árabe pelo privilégio concedido aos árabes e ao idioma árabe, e aos movimentos e regimes árabes, numa religião que pretende ser universal.) Recebi na minha própria casa Sayed Hossein Khomeini, neto do aiatolá e clérigo da cidade santa de Qom, e com cuidado lhe entreguei o meu próprio exemplar do Corão. Ele o beijou, discutiu-o longamente e com reverência, e para meu conhecimento escreveu na contracapa os versículos que julgou terem refutado a reivindicação do seu avô à autoridade clerical neste mundo, bem como derrubado a alegação do seu avô para tirar a vida de Salman Rushdie. Quem sou eu para julgar em tal disputa? No entanto, a ideia de que um texto idêntico pode gerar mandamentos diferentes para pessoas diferentes me é bastante familiar por outras razões. Não há necessidade de exagerar as dificuldades de compreender as alegadas profundidades do islã. Se

compreendermos as falácias de uma religião

“revelada”, compreendemos de todas.

Apenas uma vez, em 25 anos de discussões frequentemente acaloradas em Washington, D. C., fui ameaçado com violência real. Foi quando estava num jantar com alguns membros da equipe e colaboradores da Casa Branca de Clinton. Um dos presentes, conhecido responsável por pesquisas de opinião e arrecadador de fundos, questionou-me acerca da minha recente viagem ao Oriente Médio. Ele queria minha opinião sobre por que os muçulmanos eram tão

“esquentados, malditos *fundamentalistas*”. Recitei todo o meu repertório de explicações, acrescentando que muitas vezes se esquece de que o islã é uma religião relativamente jovem, ainda no calor da sua autoconfiança. Não era para os muçulmanos a crise de dúvidas próprias que havia tomado conta do cristianismo ocidental. E acrescentei que, por exemplo, enquanto havia pouca ou nenhuma evidência sobre a vida de Jesus, a figura do profeta Maomé era, em contraste, uma pessoa comprovável na história. O homem mudou de cor mais

rápido do que qualquer um que eu já tivesse visto. Depois de guinchar que Jesus Cristo tinha significado para muito mais gente que eu algum dia poderia imaginar, e que, por falar com tanta displicência, eu era mais repugnante do que as palavras eram capazes de expressar, recuou seu pé e preparou um chute que apenas a sua decência — possivelmente seu cristianismo — impediu de acertar a minha canela. Em seguida mandou a esposa acompanhá-lo, para ir embora.

Hoje sinto que lhe devo um pedido de desculpas, ou pelo menos meio pedido. Embora saibamos de fato que quase certamente existiu uma pessoa de nome Maomé num intervalo de tempo e espaço bastante restrito, temos o mesmo problema que em todos os casos precedentes. Os relatos que narram seus feitos e palavras foram compilados muitos anos depois e estão irremediavelmente corrompidos por incoerências devido a interesse próprio, boatos e analfabetismo.

A história é bastante familiar, mesmo que seja nova para você. Alguns habitantes de Meca no século VII seguiam uma tradição abraâmica e chegavam a acreditar que seu templo, a Kaaba, fora construído por Abraão. O templo em si

— a maior parte do seu mobiliário tendo sido destruída por fundamentalistas posteriores, especialmente os wahabis — é dito

como tendo se tornado depravado por idolatria. Maomé, filho de Abdullah, veio a ser um daqueles *hunafa* que “se afastaram” para buscar conforto em outra parte. (O livro de Isaías também convoca os verdadeiros crentes a “sair” do que é ímpio e se separar.) Retirando-se para uma gruta desértica no Monte Hira durante o mês do calor, ou Ramadã, ele estava “adormecido ou em transe” (estou citando o comentário de Pickthall) quando ouviu uma voz que lhe ordenou a ler. Retrucou duas vezes que era incapaz de ler e três vezes foi lhe ordenado que o fizesse. Por fim, indagando o que deveria ler, continuou a receber ordens em nome de um senhor que “criou o homem de um coágulo de sangue”. Depois que o Arcanjo Gabriel (que assim se identificou) disse a Maomé que ele deveria ser o mensageiro de Alá e partiu, Maomé confiou em sua esposa Khadijah. No seu regresso a Meca, ela o levou para conhecer seu primo, um ancião chamado Waraqa ibn Naufal, “que conhecia as Escrituras dos judeus e cristãos”. Esse veterano barbado declarou que o enviado divino que um dia visitou Moisés viera novamente ao Monte Hira. Daí por diante, Maomé adotou o modesto título de “Escravo de Alá”, sendo que esta última palavra é o correspondente árabe para “deus”.

As únicas pessoas que de início tiveram algum interesse pela alegação de Maomé foram os gananciosos guardiões do templo em Meca, que a viram como uma ameaça aos negócios da peregrinação, e os zelosos judeus de Yathrib, uma cidade a trezentos quilômetros de distância, que por algum tempo vinham proclamando o advento do Messias. O primeiro grupo tornou-se mais ameaçador e o segundo mais amistoso, o que resultou na viagem de Maomé, ou hégira, a Yathrib, agora conhecida como Medina. A data dessa fuga conta como a inauguração da era muçulmana. Mas assim como a chegada do Nazareno na Palestina judaica, que começou com tantos augúrios celestes animadores, essa também terminaria muito mal, com os judeus árabes percebendo que estavam deparando com mais uma decepção, se não com um verdadeiro impostor.

Segundo Karen Armstrong, uma das analistas mais simpáticas— para não dizer apologéticas — ao islã, os árabes da época tinham um sentimento de mágoa por terem sido deixados fora da história. Deus aparecera aos cristãos e judeus, “mas não enviara aos árabes nenhum profeta e nenhuma escritura em sua própria língua”. Logo, embora ela não o diga dessa maneira, já estava mais do que na hora de alguém ter uma revelação local. E, uma vez tida a revelação, Maomé não estava inclinado a deixá-la ser criticada como sendo de segunda mão por adeptos de outros credos. O registro da sua carreira no século VII, assim como os livros do Velho Testamento, rapidamente se torna um relato de rancorosas brigas entre algumas centenas, às vezes alguns

milhares, de aldeões e cidadãos, nas quais o dedo de deus supostamente deveria estabelecer e determinar o resultado das disputas paroquiais. Assim como os primeiros derramamentos de sangue do Sinai e de Canaã, que igualmente não são documentados por nenhuma evidência independente, milhões de pessoas foram desde então mantidas reféns pelo caráter supostamente providencial dessas horríveis querelas.

Há algum questionamento quanto ao fato de o islã ser realmente uma religião separada. De início, ele preencheu uma necessidade entre os árabes de ter um credo distinto ou especial, para sempre identificado com sua língua e com suas impressionantes conquistas posteriores, que, ainda que não tão admiráveis quanto às do jovem Alexandre da Macedônia, certamente transmitiam a ideia de serem apoiadas por uma vontade divina até se esgotarem nas bordas dos Bálcãs e

do Mediterrâneo. Mas o islã, quando examinado, não é muito mais que um bastante óbvio e mal-ajambrado conjunto de plágios, servindo-se de tradições e livros mais antigos conforme a ocasião parecesse requerer. Assim, longe de ter

“nascido na clara luz da história”, como Ernest Renan tão generosamente formulou, o islã nas suas origens é apenas tão obscuro e aproximado quanto as fontes das quais tomou emprestado. Faz reivindicações imensas para si, invoca prostrada submissão ou “rendição” como máxima para seus adeptos, e exige deferência e respeito dos não crentes. Não há nada — absolutamente nada — em seus ensinamentos que possa sequer começar a justificar tal presunção e arrogância.

O profeta morreu no ano 632 do nosso calendário aproximado. O primeiro relato de sua vida foi apresentado uns bons 120 anos depois por Ibn Ishaq, cujo original se perdeu e só pode ser consultado por meio de sua forma retrabalhada, de autoria de Ibn Hisham, que morreu em 834. Acrescentem-se a isso boatos e obscuridade, e não existe nenhum relato de como os seguidores do Profeta compilaram o Corão, ou de como seus vários dizeres (alguns anotados por secretários) foram codificados. E esse problema familiar fica ainda mais complicado — mais ainda que no caso cristão — pelo assunto da sucessão.

Diferente de Jesus, que aparentemente se propôs a retornar logo à Terra e que (fora o absurdo de Dan Brown) não deixou descendentes conhecidos, Maomé foi um general e político e — ao contrário de Alexandre da Macedônia, um pai prolífico — não deixou instruções

quanto a quem deveria assumir seu manto.

Disputas pela liderança começaram quase em seguida à sua morte, e então o islã teve o seu primeiro importante cisma — entre os sunitas e os xiitas — antes mesmo de se estabelecer como sistema. Não precisamos tomar partido no cisma, exceto para ressaltar que pelo menos uma das escolas de interpretação deve estar bem enganada. E a identificação inicial do islã com um califado terreno, composta de contendores rivais para o dito manto, o marcou desde os primeiros tempos como uma fabricação humana.

Algumas autoridades muçulmanas dizem que durante o primeiro califado de Abu Bakr, logo depois da morte de Maomé, surgiram preocupações de que suas palavras transmitidas oralmente pudessem ser esquecidas. Tantos soldados muçulmanos haviam sido mortos em batalha que a quantidade dos que tinham o

Corão alojado em segurança em suas memórias tinha se tornado alarmantemente pequena. Decidiu-se, portanto, juntar cada testemunha viva, junto com “pedaços de papel, pedras, folhas de palmeira, ombros humanos, costelas e pedaços de couro” sobre os quais os dizeres haviam sido escritos, e dá-los a Zaid ibn Thabit, um dos ex-secretários do Profeta, para uma colação autorizada. Uma vez feito isso, os crentes tiveram algo semelhante a uma versão autorizada.

Se isso é verdade, o Corão dataria de uma época bastante próxima da própria vida de Maomé. Mas logo descobrimos que não há certeza ou concordância quanto à verdade dessa história. Alguns dizem que foi Ali — o quarto califa, não o primeiro, e fundador dos xiitas — quem teve a ideia. Muitos outros — a maioria sunita — afirma que foi o califa Otman, que reinou de 644 a 656, quem tomou a decisão final. Informado por um de seus generais de que soldados de diferentes províncias estavam brigando por causa de relatos discrepantes do Corão, Otman ordenou a Zaid ibn Thabit que reunisse os vários textos, unificasse-os e fizesse com que fossem transcritos num texto único.

Quando a tarefa estava completa, Otman ordenou que cópias padronizadas fossem enviadas a Kufa, Basra, Damasco e outros lugares, com uma cópia-mestra retida em Medina. Otman desempenhou assim o papel canônico que fora assumido, na padronização, no expurgo e na censura da Bíblia cristã, por Ireneu e pelo bispo Atanásio de Alexandria. O rolo foi elaborado, e alguns textos declarados sagrados e inerentes, enquanto outros se tornaram “apócrifos”.

Superando Atanásio, Otman ordenou que as edições anteriores e rivais fossem destruídas.

Mesmo supondo que essa versão dos acontecimentos esteja correta, o que significaria que não haveria chance de os estudiosos poderem determinar, ou mesmo discutir, o que realmente aconteceu nos tempos de Maomé, a tentativa de Otman de abolir a discórdia foi em vão. A língua árabe escrita tem duas características que dificultam sua aprendizagem por um estrangeiro: usa pontos para distinguir consoantes como “b” e “t”, e na sua forma original não tinha sinal ou símbolo para vogais curtas, que eram representadas por vários traços ou sinais parecidos com vírgulas. Leituras amplamente diferentes, mesmo na versão de Otman, eram possibilitadas por essas variações. A escrita árabe em si não foi padronizada até a última parte do século IX, e nesse meio-tempo o Corão, sem

pontos e com vogais estranhas, gerava explicações barbaramente distintas de si mesmo, como acontece até hoje. Isso pode não ter importância no caso da *Ilíada*, mas lembre-se de que supostamente estamos falando da palavra inalterável (e *final*) de deus. Existe, é óbvio, uma ligação entre a pura fragilidade dessa reivindicação e a certeza absolutamente fanática com que ela é apresentada. Para tomar um exemplo que mal pode ser considerado desprezível, as palavras árabes escritas no exterior do Domo da Rocha em Jerusalém são diferentes de qualquer versão que aparece no Corão.

A situação é ainda mais incerta e deplorável quando chegamos ao *hadith*, ou a vasta literatura secundária oralmente gerada, que supostamente transmite os dizeres e as ações de Maomé, a história da compilação do Corão e as palavras dos “companheiros do Profeta”. Cada *hadith*, para ser considerado autêntico, deve ser apoiado por sua vez por um *isnad*, ou cadeia, de testemunhas supostamente confiáveis. Muitos muçulmanos deixam que sua atitude em relação à vida cotidiana seja determinada por essas historietas: por exemplo, considerar cães como impuros pelo simples pretexto de que se diz que Maomé assim os via. (Minha história favorita é exatamente oposta: diz-se que o Profeta teria cortado a longa manga das suas vestes em vez de perturbar um gato que dormitava sobre ela. Os gatos, em terras muçulmanas, têm sido em geral poupados do horrível tratamento que recebem por parte dos cristãos, que com frequência os viam como familiares satânicos de bruxas.)

Como seria de esperar, as seis coletâneas autorizadas do *hadith*, que acumulam boatos sobre boatos, desenrolando seu longo carretel de *isnads* (“A disse a B, tendo ouvido de C, que aprendeu de D”), foram

reunidas séculos depois dos acontecimentos que pretendem descrever. Um dos mais famosos dos seis compiladores, Bukhari, morreu 238 anos depois de Maomé. Bukhari é considerado pelos muçulmanos excepcionalmente confiável e honesto, e parece ter merecido essa reputação pelo fato de que, dos *300 mil* atestados que acumulou durante a vida dedicada ao desígnio, ele determinou que *200 mil* deles eram inteiramente sem valor e sem sustentação. Exclusão posterior de tradições dúbias e *isnads* questionáveis reduziram seu grandioso total para 10 mil *hadith*.

Você tem liberdade de acreditar, se assim o quiser, que a partir dessa massa disforme de testemunhos iletrados e semilembados, o pio Bukhari, mais de dois

séculos depois, conseguiu selecionar apenas os puros e imaculados capazes de se sustentar sob escrutínio.

Alguns desses candidatos para autenticidade podem ter sido mais fáceis de filtrar que outros. O estudioso húngaro Ignác Goldziher, para citar um estudo recente de Reza Aslan, esteve entre os primeiros a mostrar que muitos dos *hadith* nada mais eram que “versículos da Torá e dos Evangelhos, trechos de ditos rabínicos, antigas máximas persas, passagens da filosofia grega, provérbios indianos, e até mesmo uma reprodução palavra por palavra da Prece do Senhor”.

Grandes pedaços de citação bíblica mais ou menos direta podem ser encontrados nos *hadith*, inclusive a parábola dos trabalhadores contratados no último momento, e a injunção “Que tua mão esquerda não saiba o que tua mão direita faz”, este último exemplo significando que essa peça de pseudopropriedade inócua tem um lugar em dois conjuntos de escritura revelada. Aslan observa que, no século IX, quando os eruditos legais muçulmanos tentavam formular e codificar a lei mediante o processo conhecido como *ijihad*, foram obrigados a separar muitos *hadith* nas seguintes categorias: “mentiras contadas para ganho material, mentiras contadas para vantagem ideológica”. Muito corretamente, o islã com efeito renega a ideia de que é uma nova fé, muito menos o cancelamento das anteriores, e usa as profecias do Velho Testamento e os Evangelhos do Novo como uma constante muleta para se apoiar ou provisão para recorrer. Em retribuição a essa derivativa modéstia, tudo que ele pede é ser aceito como a revelação final e absoluta.

Como seria de esperar, ele contém muitas contradições internas. Com frequência é citado como dizendo que “não há obrigatoriedade na religião”, e fazendo ruídos tranquilizadores de outros credos como

povos “do livro” ou

“seguidores de uma revelação anterior”. A ideia de ser “tolerado” por um muçulmano é tão repulsiva para mim quanto as outras condescendências pelas quais cristãos católicos e protestantes concordaram em “tolerar-se” mutuamente, ou a “tolerância” estendida aos judeus. O mundo cristão era tão horrível a esse respeito, e por tanto tempo, que muitos judeus preferiam viver sob o governo otomano e se submeter a tributos especiais e outras distinções desse tipo. No entanto, a real referência corânica à tolerância benigna do islã é categorizada, porque alguns desses mesmos “povos” e “seguidores” podem ser “tais que

tenham inclinação para fazer o mal”. E basta apenas uma breve familiaridade com o Corão e os *hadith* para descobrir outros imperativos, tais como: Ninguém que morre e encontra o bem de Alá (no próximo mundo) desejaria voltar a este mundo, mesmo que lhe fosse dado o mundo inteiro e tudo que há nele, exceto o mártir que, vendo a superioridade do martírio, gostaria de voltar para o mundo e ser morto novamente.

Ou:

Deus não há de perdoar aqueles que servem outros deuses além Dele; mas há de perdoar quem Ele desejar por outros pecados. Aquele que serve outros deuses além de Deus é culpado de um pecado hediondo.

Escolhi o primeiro desses dois violentos excertos (de todo um dicionário de possíveis citações repugnantes) porque ele nega com tamanha perfeição o que Sócrates teria dito na *Apologia* de Platão (aonde chegarei). E escolhi o segundo porque é um empréstimo patente e abjeto dos “Dez Mandamentos”.

A probabilidade de que qualquer dessa retórica criada por humanos seja

“inerente”, para não dizer “final”, é conclusivamente refutada não só pelas suas inúmeras contradições e incoerências, mas pelo famoso episódio dos alegados

“versos satânicos” do Corão, a partir dos quais Salman Rushdie bem mais tarde viria a fazer um projeto literário. Nessa muito discutida ocasião, Maomé estava buscando se conciliar com alguns proeminentes politeístas de Meca e, no devido momento, vivenciou uma “revelação” que lhes permitia afinal continuar cultuando algumas das mais velhas divindades locais. Mais tarde ocorreu-lhe que isso não

podia estar certo e que ele devia ter sido inadvertidamente

“canalizado” pelo diabo, que, por algum motivo, tinha brevemente optado por relaxar seu hábito de combater monoteístas no próprio terreno deles. (Maomé acreditava piamente não só no próprio diabo como também em demônios do deserto menores, ou *djinn*s.) Foi notado inclusive por algumas de suas esposas que o Profeta era capaz de ter uma “revelação” que por acaso servia para algumas de suas necessidades de curto prazo e, às vezes, era zombado por causa disso. E é dito mais — por nenhuma autoridade que precise ser acreditada —, que quando ele experimentava uma revelação em público às vezes era tomado de dor e de um forte badalo nos ouvidos. Gotas de suor jorravam dele, mesmo nos dias mais gelados. Alguns críticos cristãos sem coração sugeriram que ele era epilético (embora deixem de notar os mesmos sintomas no ataque vivido por

Paulo no caminho de Damasco), mas não temos necessidade de especular dessa maneira. Basta reformular a inevitável pergunta de David Hume. O que é mais provável: que um homem seja usado por deus como transmissor para enviar revelações já existentes ou que esse homem declare revelações já existentes e acredite ser, ou alegue ser, ordenado por deus a fazê-lo? Quanto às dores e aos ruídos na cabeça, ou ao suor, pode-se apenas lamentar o fato de que a comunicação direta com deus não seja uma experiência de calma, beleza e lucidez.

A existência física de Maomé, por mais pobremente que seja atestada pelo *hadith*, é uma fonte tanto de força como de fraqueza para o islã. Ela parece colocá-lo concretamente no mundo e nos fornece uma descrição física plausível do homem em si, mas também torna toda a história terrena, material e grosseira.

Podemos titubear um pouco em relação ao noivado desse mamífero com uma menina de nove anos e pelo agudo interesse que ele tinha nos prazeres da mesa de jantar e na divisão dos despojos após suas muitas batalhas e numerosos massacres. Acima de tudo — e aqui está uma armadilha que o cristianismo conseguiu evitar, atribuindo ao seu profeta um corpo humano mas uma natureza não humana —, ele foi abençoado com numerosos descendentes e assim colocou sua posteridade religiosa numa posição em que era refém da sua posteridade física. Nada é mais humano e falível que o princípio hereditário ou dinástico e o islã tem sido torturado desde o seu nascimento por querelas entre príncipes e pretendentes, todos alegando a gota relevante do sangue original. Se o total daqueles que alegam descendência do fundador fosse somado, provavelmente excederia o número de pregos e lascas necessários para construir a

cruz de mil pés na qual, a julgar pelo número de relíquias em forma de lascas, Jesus foi evidentemente martirizado. Quanto à linhagem dos *isnads*, uma linha de parentesco direta com o Profeta poderá ser estabelecida se a pessoa por acaso conhecer, e puder pagar, o imã local correto.

Do mesmo modo, os muçulmanos ainda prestam certa reverência àqueles mesmos “versos satânicos” e trilham o caminho pagão politeísta que foi traçado muito antes que o Profeta tivesse nascido. Todo ano no *haji*, ou peregrinação anual, eles podem ser vistos caminhando em círculos ao redor do cuboide Kaaba, o santuário no centro de Meca, cuidando de fazê-lo sete vezes (“seguindo a

direção do Sol em volta da Terra”, [33] como diz de forma estranha, e sem dúvida multicultural, Karen Armstrong) antes de beijar a estrutura de pedra negra na parede da Kaaba. Esse provável meteorito, que sem dúvida impressionou os camponeses quando caiu na Terra (“os deuses devem estar loucos: não, fazer esse *deus* deve ser loucura”), é uma escala no caminho para outras expiações pré-islâmicas, durante as quais seixos devem ser arremessados desafiadoramente contra uma rocha que representa o Malvado. Sacrifícios de animais completam o quadro. Como muitos, mas não todos, dos principais sítios do islã, Meca está fechada aos não crentes, o que de certo modo contradiz sua reivindicação à universalidade.

Com frequência se diz que o islã difere dos outros monoteísmos por não ter uma “reforma”. Isso é ao mesmo tempo correto e incorreto. Há versões do islã

— mais notavelmente a sufi, muito detestada pelos devotos — que são sobretudo espirituais em vez de literais, e que assumiram alguns acréscimos de outras religiões. E, como o islã evitou o erro de ter um papado absoluto capaz de proclamar éditos compulsórios (daí a proliferação de *fatwa* s conflitantes de autoridades conflitantes), seus adeptos não podem ser mandados a deixar de acreditar no que um dia consideraram como dogma. Isso poderia ser para o bem, mas permanece o fato de que a alegação central do islã — de ser impossível de ser provado e definitivo — é ao mesmo tempo absurda e inalterável. Suas muitas seitas discrepantes e antagônicas, de Ismaili a Ahmadi, todas concordam com essa alegação indissolúvel.

“Reforma” tem significado, para judeus e cristãos, uma disposição mínima de reconsiderar a sagrada escritura como se fosse (conforme propôs Salman Rushdie de forma tão ousada, por sua vez) algo que possa ser sujeito a escrutínio literário e textual. O número de “Bíblias”

possíveis é atualmente admitido como imenso, e sabemos, por exemplo, que o portentoso termo cristão “Jeová” é uma tradução errada dos impronunciáveis espaços entre as letras no hebraico

“Yahweh” .[34] Contudo, nenhum projeto comparável jamais foi empreendido pela erudição corânica. Nenhuma tentativa séria foi feita para catalogar as discrepâncias entre suas várias edições e manuscritos, e mesmo os esforços mais incipientes de fazê-lo foram recebidos com fúria quase inquisitorial. Um caso crítico sob esse aspecto é a obra de Christoph Luxenberg, *The Syriac-Aramaic*

Version of the Koran, publicada em Berlim no ano 2000. Luxenberg propõe tranquilamente que, longe de ser uma arenga monoglota, o Corão é muito mais bem entendido quando se reconhece que muitas de suas palavras são sírio-aramaicas e não árabes. (Seu exemplo mais celebrado diz respeito às recompensas de um “mártir” no paraíso: quando retraduzido e redigido, a oferta celestial consiste em doces uvas-passas brancas e não virgens.) Esta é a mesma língua, e a mesma região, da qual emergiram o judaísmo e o cristianismo: não pode haver dúvida de que uma pesquisa sem restrições resultaria na eliminação de muito obscurantismo. Mas, no mesmo ponto em que o islã deveria se juntar aos seus predecessores e se sujeitar a uma releitura, há um “macio” consenso entre quase todas as religiões que, devido à suposta obrigação de respeito que devemos aos fiéis, esse é o exato momento de permitir que o islã afirme suas alegações com seu próprio valor nominal. Mais uma vez, a fé está ajudando a sufocar a livre investigação e as consequências emancipatórias que ela poderia trazer.

10

O ESPALHAFATO DO MIRACULOSO E

O DECLÍNIO DO INFERNO

As filhas do alto sacerdote Anius transformavam o que quisessem em trigo, vinho ou óleo. Athalida, filha de Mercúrio, foi ressuscitada diversas vezes.

Esculápio ressuscitou Hipólito. Hércules arrastou Alceste de volta da morte.

Heres retornou ao mundo após passar uma quinzena no inferno. Os pais de Rômulo e Remo foram um deus e uma virgem vestal. O Paládio caiu do céu na cidade de Troia. O cabelo de Berenice virou uma constelação [...]. Dê-me o nome de algum povo no qual prodígios

incríveis não foram realizados, especialmente quando pouca gente sabia ler e escrever.

VOLTAIRE, *Milagres e idolatria*

UMA VELHA FÁBULA CONTA O CASTIGO QUE LEVOU UM FANFARRÃO que vivia contando e recontando a mesma história sobre um salto realmente estupendo que uma vez dera na ilha de Rhodes. Nunca, ao que parecia, alguém testemunhara um salto em distância tão heroico. Embora o narrador jamais se cansasse da história, o mesmo não se podia dizer da sua audiência. Finalmente, quando ele mais uma vez tomou fôlego para relatar a história da grande façanha, um dos presentes o silenciou dizendo com rispidez: “Hic Rhodus, hic salta!” (Aqui é Rhodes, salte aqui!).

Da mesma maneira que profetas e visionários e grandes teólogos parecem ter desaparecido, também a era dos milagres parece ter ficado em algum lugar no passado. Se os religiosos fossem sensatos, ou tivessem confiança em suas convicções, deveriam dar as boas-vindas ao eclipse dessa era de fraude e mistificação. Mas a religião, mais uma vez, desacredita a si mesma provando ser insuficiente para satisfazer os fiéis. Acontecimentos reais ainda são requeridos para impressionar os crédulos. Não temos dificuldade em ver isso quando

estudamos os curandeiros e mágicos e adivinhos de culturas antigas ou mais remotas: obviamente foi uma pessoa esperta que primeiro aprendeu a predizer um eclipse e então usou esse evento planetário para impressionar e intimidar sua plateia. Antigos reis no Camboja calculavam o dia em que os rios Mekong e Bassac começariam a súbita enchente anual para se juntar, e sob a terrível pressão da água, com efeito pareceriam estar revertendo seu curso de volta para o grande lago em Tonle Sap. Relativamente em pouco tempo, havia uma cerimônia na qual o líder de indicação divina surgia e parecia ordenar às águas que corressem para trás. Moisés, às margens do Mar Vermelho, podia muito bem ter percebido uma coisa dessas. (Em tempos mais modernos, o espetaculoso rei Sihanouk do Camboja explorou esse milagre natural com considerável efeito.) Considerando tudo isso, é surpreendente como alguns desses milagres

“sobrenaturais” parecem agora insignificantes. Como no caso das sessões espíritas, que com cinismo oferecem balbucios do além para parentes dos saudosos falecidos, nunca é dito ou feito nada de realmente interessante. Em relação à história da “fuga noturna” de Maomé para Jerusalém (diz-se que a marca do casco de seu cavalo Borak ainda pode ser vista no local da mesquita de Al-Aqsa), seria

indelicado fazer a observação óbvia de que cavalos não podem voar e nem voam. Mais pertinente é observar que as pessoas, desde o início da sua longa e exaustiva jornada através da superfície da Terra, fitando por dias a fio a traseira de uma mula, têm fantasiado sobre como acelerar esse tedioso processo. Folclóricas botas de sete léguas podem dar a quem as usa uma elasticidade na passada, mas isso é só um remendo no problema. O verdadeiro sonho, durante milhares de anos, envolvia a inveja das aves (descendentes de penas dos dinossauros, como sabemos) e o o anseio de voar. Carruagens no céu, anjos que podiam planar livremente nas correntes térmicas... é fácil demais ver a raiz do desejo. Assim o Profeta fala do anseio de cada camponês que desejava que seu animal pudesse alçar voo e seguir no ar. Mas, com poder infinito, seria de imaginar a possibilidade de fabricar um milagre mais impressionante e menos simplório. A levitação também desempenha um vasto papel na fantasia cristã, como confirmam as histórias da Ascensão e Assunção. Naquela época, pensava-se que o céu era uma bacia e o clima comum uma fonte de portento e intervenções. Dada essa patética limitada visão do cosmo, o acontecimento mais

trivial podia parecer milagroso enquanto um acontecimento realmente capaz de nos estarrecer — tal como o sol parar de se mover — podia ainda assim parecer um fenômeno local.

Assumindo que um milagre seja uma mudança *favorável* na ordem natural, a última palavra sobre o tema foi escrita pelo filósofo escocês David Hume, que nos concedeu livre-arbítrio sobre o assunto. Um milagre é uma perturbação ou distúrbio no curso esperado e estabelecido das coisas. Isso poderia envolver qualquer coisa, desde o sol nascer no Oeste até um animal de repente sair por aí recitando versos. Muito bem, então o livre-arbítrio também envolve decisão. Se parece que você está presenciando uma coisa dessas, há duas possibilidades. A primeira é que as leis da natureza foram suspensas (em seu favor). A segunda é que você está interpretando mal, ou sofrendo de delírio. Assim, a probabilidade da segunda deve ser pesada contra a probabilidade da primeira.

Se você só ouve um relato do milagre de segunda ou terceira mão, as chances precisam ser ajustadas em conformidade com isso antes de decidir dar crédito a uma testemunha que alega ter visto algo que você não viu. E se você está separado da “visão” por muitas gerações, e não tem corroboração independente, as chances precisam ser ajustadas ainda mais drasticamente. Mais uma vez poderíamos recorrer ao confiável Ockham, que nos advertiu para não multiplicar contingências desnecessárias. Logo, permita-me dar um exemplo

antigo e um moderno: o primeiro é a ressurreição corporal e o segundo são os ovnis.

Os milagres têm declinado, em seu assombroso impacto, desde os tempos antigos. Além disso, os mais recentes que nos foram oferecidos têm sido bastante espalhafatosos. A notória liquefação anual do sangue de São Genaro em Nápoles, por exemplo, é um fenômeno que pode ser (e tem sido) facilmente repetido por qualquer conjurador competente. Grandes “mágicos” seculares como Harry Houdini e James Randi demonstraram com facilidade que levitar, caminhar no fogo, mergulhar na água e dobrar colheres, tudo isso pode ser executado, em condições de laboratório, para expor a fraude e salvar o cliente incauto de ser esfolado. Em todo caso, milagres não justificam a verdade da religião que os pratica: Aarão supostamente venceu os mágicos do Faraó numa competição aberta, mas não negou que eles também eram capazes de

realizar prodígios. No entanto, por algum tempo não tem sido alegada nenhuma ressurreição, e nenhum xamã que se proponha a fazê-la concordou em reproduzir seu truque de modo a sustentar um desafio. Logo, devemos perguntar a nós mesmos: será que a arte da ressurreição desapareceu? Ou estamos nos baseando em fontes duvidosas?

O Novo Testamento em si é uma fonte altamente duvidosa. (Um dos achados mais espantosos do professor Bart Ehrman é que o relato da ressurreição de Jesus no Evangelho de Marcos só foi acrescentado muitos anos depois.) Mas, segundo o Novo Testamento, a coisa podia ser feita de modo quase lugar-comum. Jesus conseguiu duas vezes, nos casos de outras pessoas, levantando tanto Lázaro quanto a filha de Jairo, e parece que ninguém achou que valia a pena entrevistar qualquer um dos sobreviventes para perguntar acerca de suas extraordinárias experiências. E tampouco parece que alguém guardou algum registro sobre esses dois indivíduos terem “morrido” outra vez ou não, ou então como morreram. Se permaneceram imortais, então entraram para a antiga companhia do “Judeu Errante”, que foi condenado pelo cristianismo inicial a ficar andando para sempre depois de ter encontrado Jesus na Via Dolorosa; e esse sofrimento foi infligido a um mero espectador para realizar a profecia, que de outra forma não teria se realizado, de que Jesus viria novamente durante o tempo de vida de pelo menos uma pessoa que o vira na primeira vez. No mesmo dia em que Jesus encontrou o desafortunado vagabundo, ele próprio foi executado com revoltante crueldade, momento em que, conforme o Evangelho de Mateus 27,52-53: “Os sepulcros se abriram e os corpos de muitos santos que haviam morrido foram ressuscitados.

E, deixando as sepulturas, logo após a ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram para muitas pessoas”. Isso parece incoerente, uma vez que os cadáveres ao que parece se ergueram no momento da morte na cruz e da Ressurreição, mas é narrado no mesmo tom casual que o terremoto, o rasgo no véu do templo (dois outros eventos que não atraíram a atenção de nenhum historiador) e os comentários reverentes do centurião romano.

Essa suposta frequência de ressurreição só serve para solapar o caráter único daquele por meio de quem a humanidade obteve perdão dos pecados. E

não há culto ou religião antes ou depois, de Osíris ao vampirismo e o vodu, que

não se apoie em alguma crença inata nos “mortos-vivos”. Até hoje, os cristãos discordam quanto ao que acontecerá no dia do juízo: você receberá de volta sua velha carcaça de corpo que já morreu, ou será reequipado ganhando alguma outra forma. Por enquanto, e fazendo uma revisão até mesmo das alegações feitas pelos fiéis, pode-se dizer que a ressurreição não provaria a verdade da doutrina do homem morto, nem sua paternidade, nem a probabilidade de um novo retorno em forma carnal e reconhecível. Todavia, mais uma vez, muita coisa está sendo “provada”. A ação de um homem que se apresenta de forma voluntária para morrer por seus semelhantes é universalmente encarada como nobre. A alegação adicional de não “realmente” morto torna todo o sacrifício uma trapaça exibicionista. (Logo, aqueles que dizem que “Cristo morreu pelos nossos pecados”, quando ele de forma nenhuma “morreu” de verdade, estão fazendo uma afirmação que é falsa em seus próprios termos.) Não tendo testemunhos confiáveis ou consistentes, por exemplo, no que se refere ao período de tempo necessário para certificar uma tão extraordinária alegação, estamos enfim autorizados a dizer que temos o direito, se não a obrigação, de nos respeitarmos o suficiente para desacreditar a coisa toda. Isso é, a menos que, ou até que, seja apresentada uma evidência superior, o que até agora não ocorreu.

E alegações excepcionais exigem evidência excepcional.

Passei grande parte da minha vida como correspondente, e há muito tempo me acostumei a ler relatos de primeira mão dos mesmos acontecimentos que eu havia presenciado, escritos por pessoas em quem eu geralmente confiava, que não estavam de acordo com o meu próprio relato. (Nos meus dias de correspondente na Fleet Street, em Londres, cheguei a ler histórias impressas sob *meu próprio* nome que

não eram reconhecíveis para mim depois que os subeditores haviam acabado com elas.) E já entrevistei algumas centenas de milhares de pessoas que alegam ter tido encontros diretos com naves espaciais ou tripulações de naves espaciais de outra galáxia. Algumas delas são tão vívidas e detalhadas (e tão comparáveis a outros depoimentos de outras pessoas que não podem ter comparado anotações) que alguns acadêmicos impressionáveis propuseram que lhes concedamos a presunção da verdade. Mas aqui entra a óbvia razão ockhamista de por que seria absolutamente errado fazê-lo. Se a enorme quantidade de “contatos” e abduzidos estão dizendo uma partícula

mínima de verdade, então se conclui que seus amigos alienígenas não estão tentando manter sua existência em segredo. Bem, nesse caso, então por que não ficam parados quietos por algo mais que uma única foto rápida? Nunca foi fornecido um rolo de filme não editado, muito menos um pedacinho de metal não existente na Terra, ou uma minúscula amostra de tecido. E os esboços desses seres têm uma consistente semelhança antropomórfica com os desenhos oferecidos pelos quadrinhos de ficção científica. Como a viagem de Alpha Centauri (a origem preferida) envolveria flexibilizar um pouco as leis da física, mesmo a menor partícula de matéria seria de enorme utilidade e, literalmente, faria a terra tremer. Em vez disso... nada. Nada, isto é, exceto o crescimento de uma imensa superstição nova, baseada numa crença em textos e cacos ocultos que são acessíveis apenas a alguns poucos privilegiados. Bem, eu já vi isso antes. A única decisão responsável é suspender ou conter qualquer julgamento até que os devotos apareçam com alguma coisa que não seja meramente infantil.

E estenda-se isso ao presente, onde estátuas de virgens ou santos são anunciadas chorando ou sangrando. Mesmo que eu não pudesse facilmente apresentar você a gente capaz de produzir efeito idêntico nas horas vagas, usando gordura de porco e outros materiais, ainda assim me perguntaria por que uma divindade se contentaria em produzir um efeito tão insignificante. Acontece que sou umas das pouquíssimas pessoas que já tomaram parte na verificação de uma “causa” de santidade, como a Igreja Católica Romana a chama. Em junho de 2001, fui convidado pelo Vaticano para testemunhar numa audiência sobre a beatificação de Agnes Bojaxhiu, uma ambiciosa albanesa que se tornara muito conhecida pelo seu nome de guerra, “Madre Teresa”. Embora o então papa tivesse abolido o famoso ofício de “Advogado do Diabo”, para melhor confirmar e canonizar um número enorme de novos “santos”, a igreja ainda era obrigada a buscar testemunho de críticos, e assim encontrei-me representando o diabo, por assim dizer, *pro bono*.

Eu já havia ajudado a expor um dos “milagres” ligados ao trabalho dessa mulher. O homem que originalmente a tornou famosa era um distinto, ainda que tolo, evangelista (mais tarde católico) britânico chamado Malcolm Muggeridge.

Foi seu documentário na BBC, *Something Beautiful for God*, que lançou a marca

“Madre Teresa” no mundo, em 1969. O *cameraman* desse filme foi um homem

chamado Ken Macmillan, que recebera altos elogios pelo seu trabalho na grande série de história da arte de lorde Clark, *Civilisation*. Seu conhecimento de cor e iluminação era de primeira categoria. Eis a história, conforme Muggeridge a contou no livro que acompanhava o filme:

O Lar dos Moribundos [de Madre Teresa] é parcamente iluminado por pequenas janelas no alto das paredes, e Ken [Macmillan] foi categórico ao afirmar que era impossível filmar ali. Tínhamos conosco apenas uma luz reduzida e era quase impossível deixar o local adequadamente iluminado no tempo que tínhamos à nossa disposição. Decidiu-se então que, mesmo assim, Ken deveria fazer uma tentativa, mas por segurança ele também filmou um pouco no pátio externo onde alguns dos ocupantes estavam sentados ao sol. No filme processado, a parte filmada no interior estava banhada por uma luz suave particularmente bela, ao passo que a parte filmada fora estava escura e confusa [...]. Eu mesmo estou absolutamente convencido de que aquela luz, inexplicável tecnicamente, é na verdade a Luz Gentil à qual o cardeal Newman se refere em seu magnífico e conhecido hino.

E conclui que

É precisamente para isso que são os milagres — para revelar a realidade da criação externa de Deus. Estou pessoalmente persuadido de que Ken registrou a primeiro milagre fotográfico autêntico [...]. Receio ter falado e escrito sobre isso a ponto de ser tedioso. [35]

Ele certamente estava correto na sua última sentença: na época em que terminara, havia transformado Madre Teresa numa figura mundialmente famosa.

Minha contribuição era conferir e transcrever o testemunho verbal direto de Ken Macmillan, o próprio *cameraman*. Aqui está ele:

Durante a filmagem de *Something Beautiful for God*, houve um episódio

em que fomos levados a um edifício que Madre Teresa chamava Lar dos Moribundos. Peter Chafer, o diretor, disse: “Ah, bem, está muito escuro aqui dentro. Você acha que conseguimos pegar alguma coisa?”. E nós tínhamos acabado de receber na BBC um tipo novo de filme feito pela Kodak, que não tivéramos tempo de testar antes de partir, então eu disse a Peter: “Ora, podemos muito bem fazer uma tentativa”. Então filmamos. E quando voltamos após algumas semanas, um mês ou dois depois, estamos ali sentados na sala de exibição dos Ealing Studios e acabamos deparando com as tomadas no Lar dos Moribundos. E foi uma surpresa. Podia-se ver cada detalhe. E eu disse: “É

impressionante. É extraordinário”. E ia prosseguir dizendo, sabe, três vivas para a Kodak. Não tive a chance de dizer porque Malcolm, sentado na primeira fila, virou-se e disse: “É luz divina! É

Madre Teresa. Você vai descobrir que é luz divina, rapaz”. E três ou quatro dias depois descobri que estava recebendo telefonemas de jornalistas dos periódicos londrinos que diziam coisas do tipo: “Soubemos que você acabou de voltar da Índia com Malcolm Muggeridge e foi testemunha de um milagre”.

Então, nascia uma estrela... Por essas e minhas outras críticas, fui convidado e solicitado pelo Vaticano, em uma sala fechada contendo uma Bíblia,

um gravador, um monsenhor, um decano e um padre, a lançar alguma luz sobre a questão da “Serva de Deus, Madre Teresa”. Porém, mesmo que parecessem estar me pedindo isso de boa-fé, seus colegas do outro lado do mundo estavam certificando o necessário “milagre” que permitiria que a beatificação (prelúdio para toda canonização) seguisse adiante. Madre Teresa morreu em 1997. No primeiro aniversário da sua morte, duas freiras na aldeia bengali de Raigunj alegaram ter atado uma medalha de alumínio da falecida (uma medalha que supostamente estivera em contato com seu corpo morto) ao abdome de uma mulher chamada Monica Besra. Essa mulher, que dizia estar sofrendo de um grande tumor uterino, ficou a partir daí curada do tumor. Há de se notar que Monica é um nome católico de mulher não muito comum em Bengala, e, portanto, provavelmente a paciente e com certeza as freiras já eram fãs de Madre Teresa. Essa definição não incluiria o dr. Manju Murshed, superintendente do hospital local, nem o dr. T. K. Biswas e seu colega ginecologista dr. Ranjan Mustafi. Todos os três se apresentaram dizendo que a sra. Besra estivera sofrendo de tuberculose e de um cisto no ovário, e fora tratada com êxito de ambas as aflições. Dr. Murshed estava

particularmente aborrecido pelas numerosas ligações que recebera da ordem da Madre Teresa, as “Missionárias da Caridade”, pressionando-o a dizer quer as curas tinham sido milagrosas. A própria paciente não serviu como sujeito de entrevista muito impressionante, falando rápido demais porque, como ela disse, “de outra forma poderia esquecer”, e pedindo que fosse poupada de algumas perguntas por ter de

“lembrar”. Seu próprio marido, um homem chamado Selku Murmu, quebrou o silêncio após algum tempo para dizer que a esposa fora curada por tratamento médico comum e regular.[\[36\]](#)

Qualquer supervisor de hospital em qualquer país lhe dirá que às vezes pacientes têm recuperações impressionantes (da mesma maneira que pessoas saudáveis muitas vezes ficam gravemente doentes de forma inexplicável).

Aqueles que desejam certificar milagres talvez queiram dizer que tais recuperações não têm explicação “natural”. Mas isso não significa absolutamente que haja uma explicação “sobrenatural”. Nesse caso, porém, não houve nada nem remotamente surpreendente no retorno da sra. Besra à saúde.

Alguns distúrbios familiares têm sido tratados com métodos bem conhecidos.

Estavam sendo feitas alegações extraordinárias sem ao menos uma evidência comum. Contudo, em breve chegará em Roma o dia em que uma vasta e solene cerimônia proclamará a santidade de Madre Teresa, uma mulher cuja intercessão pode trazer melhoras à medicina em todo o mundo. Isso não constitui um escândalo por si só, mas postergará ainda mais o dia em que os aldeões indianos deixarão de confiar em curandeiros e faquires. Em outras palavras, muita gente morrerá sem necessidade como resultado desse falso e desprezível “milagre”. Se isso é o melhor que a igreja pode fazer numa época em que suas alegações podem ser verificadas por médicos e repórteres, não é difícil imaginar o que foi manipulado em tempos passados de ignorância e medo, quando os padres confrontavam menos dúvida e oposição.

Mais uma vez a navalha de Ockham é clara e decisiva. Quando são oferecidas duas explicações, deve-se descartar aquela que explica menos, ou não explica absolutamente nada, ou levanta mais perguntas que respostas.

O mesmo vale para aquelas ocasiões em que as leis da natureza são aparentemente suspensas de uma maneira a *não* oferecer alegria ou provável consolo. Desastres naturais não são na verdade violações das leis da natureza e, sim, parte da inevitável flutuação dentro delas, mas têm sido sempre usados para amedrontar os crédulos com a grandeza da desaprovação de deus. Os primeiros cristãos, operando em zonas da Ásia Menor onde terremotos eram e são frequentes, reuniam multidões quando um templo pagão desabava, instando as pessoas a se converterem enquanto ainda era tempo. A colossal explosão vulcânica em Cracatoa no fim do século XIX provocou uma enorme guinada para o islã entre a aterrorizada população da Indonésia. Todos os livros sagrados falam animadamente de enchentes, furacões, raios e outros portentos. Após o terrível tsunami asiático de 2004, e após a inundação de Nova Orleans em 2005, homens bastante sérios e cultos como o arcebispo da Cantuária ficaram reduzidos ao nível de camponeses estupidificados quando agonizaram em público tentando interpretar a vontade de deus nessa questão. Mas ao se ater à mera premissa, baseada num conhecimento absolutamente certo, de que vivemos num planeta que ainda está esfriando, tem um núcleo fundido, falhas e fendas na crosta, e um sistema climático turbulento, então simplesmente não é necessária tamanha ansiedade. Tudo já está explicado. Não consigo ver por que os

religiosos são tão relutantes em admitir isso; essa admissão os libertaria de todas as questões fúteis sobre por que deus permite tanto sofrimento. Mas pelo visto esse aborrecimento é um pequeno preço a pagar para manter vivo o mito da intervenção divina.

A suspeita de que uma calamidade pode ser também uma punição é ainda mais útil na medida em que permite uma infinidade de especulação. Depois de Nova Orleans, que sofreu de uma combinação letal por ter sido construída abaixo do nível do mar e negligenciada pela administração Bush, fiquei sabendo por um importante rabino em Israel que essa era a vingança pela evacuação dos colonos judeus da Faixa de Gaza, e pelo prefeito de Nova Orleans (que não realizara o seu próprio trabalho com excepcional maestria) que esse era o veredicto de deus sobre a invasão ao Iraque. Você pode mencionar nessa situação os seus próprios pecados favoritos, como fizeram os “reverendos” Pat Robertson e Jerry Falwell após a imolação do World Trade Center. Nesse caso, a causa próxima devia ser buscada e encontrada na rendição dos Estados Unidos ao homossexualismo e ao aborto. (Alguns egípcios antigos acreditavam que a sodomia era a causa de terremotos: aguardo o reviver dessa interpretação com força especial quando a Falha de San Andreas manifestar seu próximo tremor sob a Gomorra que é San Francisco.) Quando os destroços

enfim se assentaram no Marco Zero, descobriu-se que dois pedaços de uma viga rompida ainda estavam de pé em formato de cruz, e muitos comentários assombrados resultaram daí. Como toda arquitetura sempre envolveu vigas cruzadas, seria de surpreender que uma característica dessas *não* aparecesse. Admito que eu teria ficado impressionado se os escombros tivessem formado uma Estrela de Davi ou uma estrela com um crescente, mas não há registro de que isso tenha alguma vez ocorrido em qualquer lugar, mesmo em locais onde a população local pudesse ficar impressionada com o fato. E lembre-se, os milagres devem supostamente ocorrer sob o comando de um ser que é onipotente, além de onisciente e onipresente. Seria de esperar a ocorrência de exibições mais magníficas do que as que parecem sempre acontecer.

A “evidência” para a fé, portanto, parece deixar a fé com aspecto ainda mais fraco do que se ela ficasse de pé sozinha, sem qualquer apoio. O que pode ser afirmado sem evidência também pode ser desprezado sem evidência. E isso é

ainda mais verdadeiro quando a “evidência” eventualmente oferecida é tão esfarrapada e em interesse próprio.

O “Argumento de Autoridade” é o mais fraco de todos os argumentos. Ele é fraco quando enunciado de segunda ou terceira mão (“o Bom Livro diz”), e é ainda mais fraco quando enunciado de primeira mão, como toda criança sabe ao ouvir o pai ou a mãe dizer “porque eu estou mandando” (e como todo pai ou mãe sabe quando se vê reduzido a pronunciar as palavras que um dia julgou tão convincentes). Não obstante, é preciso certo “salto” de outro tipo para se ver afirmando que toda religião é inventada por mamíferos comuns e não possui nenhum segredo ou mistério. Por trás do véu de Oz, não há nada a não ser blefe.

Será que isso pode realmente ser verdade? Como alguém que sempre se impressionou pelo peso da história e da cultura, eu continuo me fazendo essa pergunta. Será então que foi tudo em vão: a grande luta dos teólogos e eruditos, e os estupendos esforços de pintores e arquitetos e músicos para criar algo duradouro e maravilhoso que servisse de testemunho para a glória de deus?

De jeito nenhum. Para mim não importa se Homero foi uma pessoa ou muitas, ou se Shakespeare era um católico secreto ou um agnóstico no armário.

Eu não deveria sentir o meu próprio mundo destruído se o maior

escritor sobre amor e tragédia e comédia e moral fosse finalmente revelado como tendo sido o tempo todo o conde de Oxford, embora deva acrescentar que para mim é importante sua autoria exclusiva, e eu ficaria entristecido e diminuído em saber que o homem era Bacon. Shakespeare tem muito mais proeminência moral do que o Talmude ou o Corão ou qualquer relato das assustadoras contendas das tribos da Idade da Pedra. Mas há muita coisa a ser aprendida e apreciada no exame da religião e, com frequência, nos encontramos de pé sobre os ombros de distintos escritores e pensadores que certamente eram superiores intelectuais e até mesmo morais. Muitos deles, no seu tempo, rasgaram e destruíram o disfarce da idolatria e do paganismo, e até mesmo arriscaram-se ao martírio em disputas com seus próprios correligionários. No entanto, chegou agora um momento na história em que até um pigmeu como eu pode reivindicar saber mais — e não só por mérito próprio — e ver que a destruição final de todo o disfarce já passou da hora. Entre elas, as ciências da crítica textual, arqueologia, física e biologia

molecular demonstraram que os mitos religiosos são falsos e criados pelo homem, e também tiveram êxito em desenvolver explicações melhores e mais esclarecidas. A perda da fé pode ser compensada pelos assombros mais novos e maiores que temos diante de nós, bem como por uma imersão na quase miraculosa obra de Homero e Shakespeare e Milton e Tolstói e Proust, toda ela também “criada pelo homem” (embora às vezes nos perguntemos se é isso mesmo, como no caso de Mozart). Posso dizer isso como alguém cuja fé secular tem sido abalada e descartada, não sem sofrimento.

Quando eu era marxista, não mantinha minhas opiniões como uma questão de fé, mas tinha sim a convicção de que algum tipo de teoria unificada de campo poderia ter sido descoberta. O conceito de materialismo histórico e dialético não era absoluto e não tinha qualquer elemento sobrenatural, mas tinha sim seu elemento messiânico, na ideia de que um momento derradeiro poderia chegar, e com toda certeza tinha seus mártires e santos e doutrinadores e (após algum tempo) seus papados rivais mutuamente excomungadores. E teve também seus cismas e inquisições e caças a hereges. Fui membro de uma seita dissidente que admirava Rosa Luxemburgo e Leon Trótski, e posso decididamente dizer que nós também tínhamos nossos profetas. Rosa Luxemburgo parecia quase uma combinação de Cassandra e Jeremias quando trovejou as consequências da Primeira Guerra Mundial; e a grande biografia em três volumes de Leon Trótski escrita por Isaac Deutscher tinha o título *O Profeta* (em seus três estágios: armado, desarmado e banido). Quando jovem, Deutscher fora treinado para o rabinato, e teria dado um brilhante talmudista —

assim como Trótski. Eis o que diz Trótski — antecipando o gnóstico Evangelho de Judas — sobre a forma como Stálin assumiu o comando do Partido Bolchevique:

Dos doze Apóstolos de Cristo, somente Judas revelou-se traidor. Mas se tivesse adquirido poder, teria representado os outros onze Apóstolos como traidores, e também todos os Apóstolos menores, que Lucas enumera como setenta.

E aqui, nas arrepiantes palavras de Deutscher, eis o que aconteceu quando as forças pró-nazistas na Noruega forçaram o governo a negar asilo a Trótski e deportá-lo mais uma vez, para vagar pelo mundo até encontrar a morte. O velho encontrou-se com o ministro do Exterior norueguês Trygve Lie e outros, e então:

Trótski ergueu a voz de modo que ela ressoasse pelos salões e corredores do Ministério: “Este é o seu primeiro ato de rendição ao nazismo no seu próprio país. Vocês pagarão por isso. Julgam-se livres e seguros para lidar com um exilado político como bem entendem. Mas está próximo o dia

— lembrem-se disso! —, está próximo o dia em que os nazistas os expulsarão do seu próprio país, todos vocês...”. Trygve Lie deu de ombros diante dessa estranha profecia. No entanto, menos de quatro anos depois, esse mesmo governo teve realmente de fugir da Noruega ante a invasão nazista; e, enquanto os ministros e o idoso rei Haakon estavam na costa, amontoados, esperando ansiosamente a embarcação que deveria levá-los para a Inglaterra, lembraram-se com reverência das palavras de Trótski como a maldição de um profeta se realizando.

Trótski tinha uma sólida crítica materialista que lhe possibilitava ser presciente, de modo nenhum o tempo todo, mas de forma impressionante em algumas ocasiões. E é certo que tinha um senso — expresso em seu emotivo ensaio *Literatura e revolução* — do insaciável anseio dos pobres e oprimidos para se erguerem acima do mundo estritamente material e conquistarem algo transcendente. Durante boa parte da minha vida compartilhei dessa ideia e ainda não a abandonei de todo. Mas chegou uma época em que não pude me proteger, e na verdade não queria me proteger, da investida de realidade. O marxismo, eu reconhecia, tinha suas glórias intelectuais, filosóficas e éticas, mas estavam no passado. Algo desse período heroico talvez pudesse ser retido, mas o fato tinha de ser encarado: não havia mais nenhum guia para o futuro. Além disso, o próprio conceito de uma solução total havia levado aos mais apavorantes sacrifícios humanos, e à invenção de justificativas para eles. Aqueles de nós que tinham

buscado uma alternativa racional para a religião haviam chegado a um término que era igualmente dogmático. O que mais se podia esperar de algo produzido pelos primos próximos dos chimpanzés? Infalibilidade? Assim, caro leitor, se você chegou até aqui e descobriu a sua própria fé solapada — como eu espero —, estou disposto a dizer que em alguma medida sei pelo que você está passando. Há dias em que sinto falta das minhas velhas convicções como se elas fossem um membro amputado. Mas em geral sinto-me melhor, e não menos radical, e você também se sentirá melhor, eu garanto, uma vez que tenha abandonado o doutrinário, permitindo que sua mente não acorrentada conduza seu próprio pensar.

11

“A MARCA DE SUA ORIGEM

HUMILDE”: OS PRIMÓRDIOS

CORRUPTOS DA RELIGIÃO

No que concerne a questões de religião, as pessoas são culpadas de todo tipo possível de desonestidade e delito intelectual.

SIGMUND FREUD, *O futuro de uma ilusão*

As várias formas de culto, que prevaleceram no mundo romano, eram todas consideradas pela população como igualmente verdadeiras, pelo filósofo como igualmente falsas, e pelo magistrado como igualmente úteis.

EDWARD GIBBON, *Declínio e queda do Império Romano*

UM VELHO DITADO POPULAR DE CHICAGO DIZ QUE, SE VOCÊ QUER manter o respeito pelos vereadores da cidade, ou seu apetite por salsichas, deve ter o cuidado de não estar presente quando os primeiros estão se arrumando e as últimas sendo fabricadas. É a anatomia do homem, disse Engels, que é a chave para a anatomia do macaco. Logo, se observarmos o processo de uma religião em formação, podemos fazer algumas suposições sobre as origens das religiões que foram formadas antes que a maioria das pessoas soubesse ler. De uma ampla seleção de religiões fabricadas como salsichas, vou escolher o “culto da carga” [37] na Melanésia, o superstar pentecostal Marjoe, e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, comumente conhecida como mórmons.

O seguinte pensamento seguramente ocorreu a muita gente ao longo

da história: e se houver uma vida depois da morte, mas não um deus? E se houver um deus, mas não uma vida depois da morte? Pelo que eu saiba, o autor que mais claramente deu voz a esse problema foi Thomas Hobbes em sua obra-prima de 1651, *Leviatã*. Recomendo fortemente que leia você mesmo a parte III,

capítulo 38, e a parte IV, capítulo 44, pois o domínio de Hobbes tanto da sagrada escritura como da língua inglesa é empolgante. Ele também nos lembra como era arriscado, e sempre foi, sequer pensar nessas coisas. Seu brusco e irônico introito é eloquente por si só. Refletindo sobre a absurda história da “Queda” de Adão (a instância original de alguém que é criado livre e então sobrecarregado de proibições impossíveis de serem obedecidas), Hobbes opina — sem esquecer de temerosamente acrescentar que o fazia “não obstante com submissão nesta, e em todas as questões, das quais a determinação dependia das Escrituras” — que, se Adão foi condenado à morte por pecar, sua morte deve ter sido postergada, já que se maquinou para gerar uma larga posteridade antes de efetivamente morrer.

Tendo plantado o pensamento subversivo — que proibir Adão de comer de uma árvore para não morrer, e de outra para não viver para sempre, é absurdo e contraditório —, Hobbes foi forçado a imaginar escrituras alternativas e até mesmo castigos alternativos e eternidades alternativas. Ele faz ver que as pessoas poderiam não obedecer à lei dos homens se tivessem mais medo da retaliação divina do que de uma morte horrível no aqui e agora, mas havia reconhecido o processo pelo qual as pessoas sempre são livres para inventar uma religião que as convenha, gratifique ou agrade. Samuel Butler iria adaptar essa ideia em seu *Erewhon Revisited*. No *Erewhon* original, o sr. Higgs faz uma visita a um país remoto do qual consegue acabar fugindo num balão. Retornando duas décadas depois, descobre que na sua ausência tornara-se um deus chamado

“Filho do Sol”, adorado no dia em que ascendera ao céu. Dois sumos sacerdotes são encarregados de celebrar a ascensão, e quando Higgs ameaça expô-los e revelar-se como mero mortal, dizem-lhe: “Você não deve fazer isso, porque toda a moral deste país está vinculada em torno desse mito e, se souberem que você não ascendeu ao céu, acabarão se tornando perversos”.

Em 1964 surgiu um célebre documentário chamado *Mondo Cane*, ou

“mundo-cão”, no qual os diretores capturavam numerosas crueldades e ilusões humanas. Foi a primeira ocasião em que se podia ver uma nova religião sendo formada abertamente aos olhos das câmeras. Os

habitantes das ilhas do Pacífico podiam ter ficado separados durante séculos do mundo mais desenvolvido economicamente, mas, quando visitados pelo impacto fatal, muitos deles foram demasiado espertos para entender de imediato a situação. Aí vinham chegando

grandes embarcações com velas infladas e ondulantes, trazendo tesouros e armas e aparelhos que estavam além de qualquer comparação. Alguns dos ilhéus mais incultos fizeram o que muita gente faz quando confrontada com um fenômeno novo e tentaram traduzir tudo num discurso que pudessem eles próprios entender (não muito diferente dos temerosos astecas que, ao verem pela primeira vez na Mesoamérica soldados espanhóis montados em cavalos, concluíram que tinham centauros como inimigos). Essas pobres almas concluíram que os ocidentais eram seus ancestrais há muito pranteados, finalmente voltando do outro lado do túmulo carregados de bens. Essa ilusão não podia ter sobrevivido por muito tempo ao encontro com os colonizadores, porém, mais tarde, observou-se em diversos lugares que os ilhéus mais inteligentes tiveram uma ideia melhor. Eles notaram que foram construídos ancoradouros e docas, provocando a vinda de mais navios que descarregavam mais bens. Agindo por analogia e imitação, os nativos construíram seus próprios ancoradouros na esperança de que eles também atraíssem alguns navios. Por mais fútil que fosse esse procedimento, retardou fortemente o avanço dos missionários cristãos. Quando estes entraram em cena, foram indagados onde estavam os presentes (e logo vieram com bugigangas).

No século XX, o “culto da carga” reviveu numa forma ainda mais impressionante e comovente. Unidades das forças armadas dos Estados Unidos, chegando ao Pacífico para construir campos de pouso para a guerra com o Japão, descobriram que eram objetos de servil emulação. Entusiastas locais abandonaram suas observâncias cristãs superficiais e dedicaram todas suas energias à construção de faixas de pouso que pudessem atrair aviões carregados.

Construíam e acendiam fogueiras, para simular as tochas que orientavam os aviões americanos a pousar. Isso ainda continua até hoje, o que é a parte mais triste da sequência *Mondo Cane*. Na ilha de Tana, um soldado americano foi declarado o redentor. Seu nome, John Frum, parece ter sido também uma invenção. Mas mesmo depois de o último militar ter ido embora em um navio ou avião, em 1945, o eventual retorno do salvador Frum era pregado e predito, e uma cerimônia anual ainda leva o seu nome. Em outra ilha chamada Nova Bretanha, vizinha da Papua Nova Guiné, o culto é ainda mais impressionantemente análogo. Tem dez mandamentos (as “Dez Leis”), uma

trindade que tem uma presença no céu e outra na terra, e um sistema ritual de pagar tributos na esperança de aplacar essas autoridades. Se o ritual for realizado com suficiente pureza e fervor, acreditam seus adeptos, então virá uma era de leite e mel. Esse futuro radiante, é triste dizer, é conhecido como “Período das Companhias” e fará com que a Nova Bretanha floresça e prospere como se fosse uma corporação multinacional.

Algumas pessoas podem se sentir ofendidas pela mera sugestão de uma comparação aqui, mas não estão os livros sagrados do monoteísmo oficial repletos de anseios materiais e de descrições exprimindo grande admiração —

que chegam quase a dar água na boca — da riqueza de Salomão, dos prósperos rebanhos e manadas dos fiéis, das recompensas para um bom muçulmano no paraíso, para não falar dos muitos, muitos lúgubres relatos de saques e pilhagens? Jesus, é verdade, não mostra nenhum interesse pessoal em ganhos, mas fala sim de um tesouro no céu e até mesmo de “mansões” como incentivo para segui-lo. Não é também verdade que todas as religiões ao longo dos tempos têm mostrado um agudo interesse em acumular bens materiais no mundo real?

A sede de dinheiro e conforto mundano é apenas um subtexto da entorpecente história de Marjoe Gortner, o “menino fenômeno” do mascatear evangélico americano. Grotescamente batizado de “Marjoe” (uma cretina junção dos nomes Maria e José) por seus pais, o pequeno mestre Gortner foi empurrado para o púlpito aos quatro anos, vestindo um revoltante traje de lordezinho aristocrata, orientado a dizer que recebera ordem divina para pregar. Se ele reclamasse ou chorasse, sua mãe o segurava debaixo da torneira ou pressionava uma almofada na sua cara, sempre tendo o cuidado, como ele conta, de não deixar marcas. Treinado como uma foca, logo atraiu as câmeras e, aos seis anos, já estava oficiando matrimônios de adultos. Sua celebridade se difundiu e muitos afluíam para ver a criança miraculosa. Seu melhor palpite é que conseguiu levantar 3 milhões de dólares em “contribuições”, sendo que nada foi reservado para sua educação e seu próprio futuro. Aos dezessete anos ele se rebelou contra seus impiedosos e cínicos pais e “caiu fora” para entrar na contracultura californiana do começo dos anos 1970.

Na imortal pantomima infantil de Natal, *Peter Pan*, chega um momento de clímax em que a fada Sininho parece estar morrendo. A luz brilhante que a

representa no palco começa a enfraquecer e há apenas um meio de salvar a trágica situação. Um ator vai para a frente do palco e pergunta às crianças:

“Vocês acreditam em fadas?”. Se elas continuam respondendo confiantemente

“SIM!” então a luzinha enfraquecida começa de novo a aumentar seu brilho.

Quem pode fazer alguma objeção a isso? Ninguém quer estragar a crença das crianças na magia — haverá tempo de sombra mais adiante para desilusões — e ninguém está esperando na saída, pedindo com aspereza que contribuam com seus cofrinhos para a Igreja da Salvação de Sininho. Os fatos em que Marjoe era explorado tinham todo o conteúdo intelectual da cena de Sininho, asquerosamente combinado com a ética do Capitão Gancho.

Cerca de uma década depois, o sr. Gortner extraiu a melhor vingança possível pela sua infância roubada e vazia e decidiu fazer um favor ao público geral para compensar sua conscienciosa fraudulência. Convidou uma equipe de filmagem para acompanhá-lo enquanto ostensivamente “retornava” para pregar o evangelho, e deu-se ao trabalho de explicar como são executados todos os truques. É assim que você induz mulheres maternais (ele era um rapaz bonito) a abrir mão de suas economias. É assim que você programa a música para criar um efeito de êxtase. É nesta hora que você fala de como Jesus o visitou pessoalmente. É assim que você põe tinta invisível na testa, em formato de cruz, de modo que ela apareça de repente quando você começa a transpirar. É nesta hora que você realmente dá o golpe de misericórdia. Ele cumpre todas as suas promessas, contando antecipadamente ao diretor do filme o que pode fazer e o que fará, e então vai ao auditório para encenar com absoluta convicção. As pessoas choram e gritam, e caem por terra em espasmos e ataques, guinchando o nome do seu salvador. Velhos homens e mulheres grosseiros, ásperos e cínicos, esperam pelo momento psicológico de exigir dinheiro e começam a contá-lo avidamente, mesmo antes que a paródia do “serviço” tenha terminado. De vez em quando, vê-se o rosto de uma criança pequena, arrastada para a tenda com ar aflito e desconfortável enquanto seus pais se contorcem e gemem e se desfazem do seu pagamento arduamente ganho. Sabia-se, é claro, que toda a gama do evangelismo era apenas isto: o “Conto do Perdoador”, de Chaucer, [38] encenado por atores de segunda categoria. (Vocês ficam com a fé. Nós ficamos com o dinheiro.) E é isso que deve ter acontecido quando as indulgências eram

vendidas abertamente em Roma, e quando um prego ou lasca do Crucifixo podiam conseguir um belo preço em qualquer mercado de pulgas da cristandade.

Mas ver o crime exposto por alguém que é ao mesmo tempo vítima e explorador ainda é algo bem chocante, mesmo para o descrente mais endurecido. Após esse conhecimento, qual perdão? O filme *Marjoe* ganhou o Prêmio da Academia em 1972, e não fez absolutamente nenhuma diferença. Os moinhos dos pregadores da TV continuam moendo e os pobres continuam a financiar os ricos, exatamente como se os reluzentes templos e palácios de Las Vegas tivessem sido construídos pelo dinheiro daqueles que ganharam, e não dos que perderam.

Em seu encantador romance, *A criança no tempo*, Ian McEwan nos dá um desolado personagem e narrador que está reduzido pela tragédia a um estado quase inerte, no qual ele assiste vagamente a grande parte da programação diurna da TV. Observando a maneira como seus semelhantes se permitem — se dispõem — a ser manipulados e humilhados, ele cunha a expressão para aqueles que se envolvem em presenciar o espetáculo. É, decide ele, “a pornografia do democrata”. Não é uma posição esnobe notar a maneira como as pessoas mostram sua ingenuidade e seu instinto de manada, e seu desejo, talvez sua necessidade, de serem crédulas e enganadas. Esse é um problema antigo. A credulidade pode ser uma forma de inocência, e até mesmo inócua em si, mas provê um constante convite para os maldosos e espertos explorarem seus irmãos e irmãs, e essa é uma das grandes vulnerabilidades humanas. Nenhum relato honesto do crescimento e da persistência da religião, ou da recepção de milagres e revelações, é possível sem referência a esse insistente fato.

Se os seguidores do profeta Maomé esperavam pôr fim a quaisquer

“revelações” futuras após a imaculada concepção do Corão, o calcularam sem o surgimento do fundador daquele que é agora um dos credos que mais rapidamente crescem no mundo. E não previram (como poderiam, mamíferos que eram?) que o profeta desse ridículo novo culto usaria como modelo seu próprio profeta. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias —

doravante conhecidos como mórmons — foi fundada por um talentoso oportunista que, apesar de organizar seu texto em termos cristãos abertamente plagiados, anunciou que “eu serei para esta geração um novo Maomé” e adotou

como seu lema de luta as palavras, que julgava ter aprendido do islã, “Ou o Alcorão ou a espada”. Ele era ignorante demais para saber que se é usada a sílaba *al* não é necessário usar outro artigo definido, mas até aí se parecia com Maomé ao ser capaz de apenas tomar emprestadas as bíblias de outros povos.

Em março de 1826, uma corte em Bainbridge, Nova York, condenou um homem de 21 anos por ser “uma pessoa desordeira e um impostor”. Isso deveria ter sido tudo que teríamos de ouvir sobre Joseph Smith, que admitiu no julgamento defraudar cidadãos organizando loucas expedições para extrair ouro e, também, por alegar possuir poderes sombrios e “necromânticos”. No entanto, em quatro anos ele estava de volta aos jornais locais (todos eles ainda possíveis de se ler) como descobridor do “Livro de Mórmon”. Ele tinha duas vantagens locais enormes que a maioria dos impostores e charlatões não possuía. Primeiro, operava no mesmo distrito freneticamente pio que nos deu o Shakers, o antes mencionado William Miller, que repetidamente predisse o fim do mundo, e vários outros autoproclamados profetas americanos. Tão notória tornou-se essa tendência local que a região passou a ser conhecida como “Burned-Over District”, [39] em homenagem à maneira como o distrito foi tomado pelo fogo de uma loucura religiosa seguida de outra. Segundo, operava numa área em que, diferente de grandes regiões da América do Norte que eram recém-abertas, tinha, sim, sinais de uma história antiga.

Uma civilização indígena desaparecida e derrotada havia legado à posteridade uma quantidade considerável de montículos que serviam de sepulturas que, quando casual e amadoristicamente profanados, revelaram conter não somente ossos, mas também artefatos e pedra bastante avançados, cobre e prata batida. Havia oito desses sítios num raio de doze milhas da deficitária fazenda que a família Smith chamava de lar. Havia duas escolas ou facções igualmente estúpidas que tinham um fascinado interesse por esses assuntos: a primeira eram os escavadores de ouro e adivinhos de tesouros, que traziam suas varinhas mágicas e cristais e sapos recheados em busca de lucro, e a segunda eram os que tinham esperança de encontrar o local de repouso da tribo perdida de Israel. A esperteza de Smith foi ser membro de ambos os grupos e unir cupidez com antropologia requentada.

A história real da impostura é quase constrangedora de se ler, e quase constrangedoramente fácil de desmascarar. (Foi contada pela dra. Fawn Brodie, cujo livro de 1945, *No Man Knows My History*, foi uma

tentativa honesta feita por uma historiadora profissional de apresentar a interpretação mais delicada possível dos “acontecimentos” relevantes.) Em poucas palavras, Joseph Smith anunciou que havia sido visitado (três vezes, como de costume) por um anjo chamado Moroni. O dito anjo o informou de um livro, “escrito em placas de ouro”, que explicava as origens dos que viviam no continente norte-americano, bem como as verdades do evangelho. Havia, além disso, duas pedras mágicas, incrustadas nas placas peitorais gêmeas Urim e Tumim do Velho Testamento, que possibilitariam ao próprio Smith traduzir o livro mencionado. Após muita luta ele trouxe esse aparato enterrado para casa em 21 de setembro de 1827, cerca de dezoito meses após sua condenação por fraude. Então se propôs a produzir uma tradução.

Os “livros” resultantes revelaram-se um registro anotado por antigos profetas, a começar por Néfi, filho de Leí, que fugira de Jerusalém em aproximadamente 600 a.C. e viera para a América. Muitas batalhas, maldições e aflições acompanharam suas subseqüentes perambulações e as de sua numerosa descendência. Como os livros se revelaram dessa forma? Smith recusava-se a mostrar as placas de ouro para qualquer pessoa, alegando que sua visão para outros olhos significaria a morte. Mas encontrou um problema que será familiar aos estudantes do islã. Era extremamente loquaz e fluente como debatedor e alinhavador de histórias, como atestam numerosos relatos. Mas era analfabeto, pelo menos no sentido de que, embora soubesse ler um pouco, não sabia escrever. Era, portanto, necessário um escriba para anotar seu inspirado ditado.

Esse escriba foi inicialmente Emma, sua esposa, e depois, quando mais mãos se fizeram necessárias, um desafortunado vizinho chamado Martin Harris. Ouvindo Smith citar as palavras de Isaías 29, versículos 11-12, referentes à repetida injunção para “Ler”, Harris hipotecou sua fazenda para ajudar na tarefa e mudou-se para a casa dos Smith. Sentava-se de um lado de um cobertor pendurado dividindo a cozinha, e Smith sentava-se do outro com suas pedras de tradução, ditando através do cobertor. Para tornar a cena ainda mais feliz, Harris foi advertido de que se tentasse dar uma olhadela nas placas, ou olhasse o profeta, sofreria um ataque e morreria imediatamente.

A sra. Harris não engolia nada disso e já estava furiosa com a inépcia do marido. Então roubou as primeiras 116 páginas e desafiou Smith a reproduzi-las, como ele presumivelmente — dado seu poder de revelação — era capaz.

(Mulheres determinadas como essa aparecem muito raramente na

história da religião.) Após algumas semanas muito ruins, o astuto Smith contratou com outra revelação. Ele não replicaria o original, que a essa altura poderia estar nas mãos do diabo e aberto a uma interpretação de “versos satânicos”. Mas o Senhor que tudo vê o havia, nesse ínterim, suprido de algumas placas menores, na realidade as próprias placas de Néfi, que contavam uma história bastante similar.

Com infinito labor, a tradução foi retomada, com novos escrivas atrás do cobertor, como a ocasião exigia e, quando foi finalizada, todas as placas de ouro originais foram transportadas para o céu, onde aparentemente permanecem até hoje.

Os partidários mórmons às vezes dizem, como os muçulmanos, que não pode ter sido algo fraudulento porque o trabalho de falsificação teria sido demasiado para um homem pobre e iletrado. Eles têm a seu favor dois pontos úteis: se Maomé foi alguma vez condenado em público por fraude e pretensa necromancia nós não temos registro desse fato, e o árabe é um idioma um tanto opaco mesmo para um estrangeiro relativamente fluente. No entanto, sabemos que o Corão é composto em parte por livros e histórias anteriores e, no caso de Smith, é uma tarefa igualmente simples, ainda que tediosa, descobrir que 25 mil palavras do Livro de Mórmon são tiradas direto do Velho Testamento. Essas palavras podem ser encontradas principalmente nos capítulos de Isaías, incluídas no livro de Ethan Smith, *View of the Hebrews: The Ten Tribes of Israel in America*. Essa obra, popular na época, escrita por um pio simplório, alegando que os índios americanos eram originários do Oriente Médio, parece ter posto o outro Smith em primeiro lugar na sua trilha de extrair ouro. Mais umas 2 mil palavras do Livro de Mórmon são tiradas do Novo Testamento. Dos 350

“nomes” no livro, mais de cem vêm diretamente da Bíblia e outros cem são quase tão roubados que não faz diferença. (O grande Mark Twain referiu-se famosamente a ele como “clorofórmio impresso”, mas eu o acuso de bater fraco demais, já que o livro na verdade contém “O Livro do Éter” [\[40\]](#)) As palavras “e veio a suceder que” podem ser encontradas pelo menos 2 mil vezes, o que tem

reconhecidamente um efeito soporífico. Estudos bastante recentes expuseram todos os outros “documentos” dos mórmons como, na melhor das hipóteses, um descarnado meio-termo e, na pior, uma deplorável falsificação, como a dra.

Brodie foi obrigada a reconhecer quando reeditou e atualizou seu extraordinário livro em 1973.

Como Maomé, Smith conseguia produzir revelações divinas no curto prazo e com frequência, apenas as que lhe fossem convenientes (especialmente, como Maomé, quando queria uma moça nova e desejava tomá-la como mais uma esposa). Como resultado, ele exagerou e teve um fim violento, tendo entrementes excomungado quase todos os homens pobres que de início haviam sido seus discípulos e obrigados a anotar seus ditados. Ainda assim, essa história levanta questões muito absorventes, com respeito ao que acontece quando uma óbvia picaretagem se transforma em religião séria diante dos nossos olhos.

O professor Daniel Dennett e seus correligionários têm atraído um bocado de críticas por sua explicação da religião pela “ciência natural”. Não importa o sobrenatural, argumenta Dennett, podemos descartar isso e ao mesmo tempo aceitar que sempre houve aqueles para quem “a crença na crença” é uma coisa boa em si. Os fenômenos podem ser explicados em termos biológicos. Em tempos primitivos, não seria possível que aqueles que acreditavam na cura do xamã tivessem como resultado uma disposição melhor, e, portanto, uma chance ligeira mas significativamente maior de serem *realmente* curados? “Milagres” e absurdos semelhantes à parte, nem mesmo a medicina moderna rejeita essa ideia.

E parece possível, passando para a arena psicológica, que pessoas possam se sentir melhor acreditando em alguma coisa em vez de nada, por mais inverdade que algo possa ser. [41]

Parte disso sempre será discutida entre antropólogos e outros cientistas, mas o que me interessa e sempre interessou é o seguinte: será que os pregadores e profetas também acreditam, ou será que só “acreditam na crença”? Será que pensam consigo mesmos, isto aqui é fácil demais? E será que racionalizam o truque dizendo que (a) se esses coitados não estivessem me escutando, estariam em situação ainda pior; ou (b) que se isso não lhes faz nenhum bem então igualmente não pode estar lhes fazendo muito mal? Sir James Frazer, em seu famoso estudo de religião e magia *The Golden Bough*, sugere que o curandeiro

novato se sai melhor quando *não* compartilha das ilusões de sua ignorante congregação. [42] Por um motivo, se levar a magia ao pé da letra terá muito mais probabilidade de cometer um erro capaz de encerrar sua carreira. É muito melhor ser um cínico e ensaiar a conjuração, e dizer a si mesmo que, no fim das contas, todo mundo estará em situação melhor. Smith com certeza parece um mero cínico, considerando o fato de que nunca esteve mais feliz do que quando

usava sua “revelação” para reivindicar autoridade suprema, ou para justificar a ideia de que o rebanho devia entregar a ele suas propriedades, ou para dormir com toda mulher disponível. Todos os dias nascem gurus e líderes de cultos dessa espécie.

Smith com toda certeza deve ter pensado que era fácil demais fazer com que uns coitados inocentes acreditassem em tudo que lhes dizia, especialmente quando estavam sedentos por um simples vislumbre daquele atraente tesouro dourado.

Mas teria havido algum momento em que ele também acreditou ter um destino, estando pronto a morrer para prová-lo? Em outras palavras, era o tempo todo um mercenário, ou havia dentro dele alguma pulsão? O estudo da religião me sugere que, ao mesmo tempo que ela não pode subsistir sem uma grande fraude, e também fraudes menores, essa continua sendo uma pergunta fascinante e um tanto aberta.

Havia dúzias de homens parcialmente educados, inescrupulosos, ambiciosos e fanáticos como Smith na área de Palmyra, Nova York, naquela época, mas só um deles conseguiu “decolar”. Isso ocorreu por dois prováveis motivos. Primeiro, e por todos os relatos, inclusive os de seus inimigos, Smith tinha um bocado de charme, autoridade e desembaraço natural: o que Max Weber chamou de parte “carismática” da liderança. Segundo, havia na época um grande número de pessoas famintas de terras e de um recomeço no Oeste, constituindo uma enorme força latente por trás da noção de um novo líder (para não falar de um novo livro sagrado) que pudesse pressagiar uma “Terra Prometida”. As andanças dos mórmons no Missouri, Illinois e Utah, e os massacres que igualmente sofreram e infligiram ao longo do caminho, deram corpo e sustentáculo à ideia de martírio e exílio — e à ideia de “gentios”, como desdenhosamente chamavam os não crentes. É um grande relato histórico (ao contrário de sua origem numa peça de fabricação vulgar) que pode ser lido com respeito. Todavia, possui duas manchas indeléveis: a primeira é a pura obviedade

e crueza de suas “revelações”, que foram oportunamente improvisadas por Smith e, mais tarde, pelos seus sucessores, à medida que seguiam adiante. E a segunda é o seu revoltante e grosseiro racismo.

Pregadores cristãos de todos os tipos justificaram a escravidão até a Guerra Civil americana, e mesmo depois, com a suposta justificativa bíblica de que entre os três filhos de Noé (Sem, Cam e Jafé), Cam fora amaldiçoado e lançado na servidão. Mas Joseph Smith levou essa asquerosa fábula adiante, fulminando em seu “Livro de Abraão” que

as raças morenas do Egito haviam herdado essa mesma maldição. E também, na inventada batalha de “Cumora”, um sítio convenientemente localizado perto do seu próprio local de nascimento, os “nefitas” — descritos com pele clara e

“bonitos”, na verdade “deleitáveis” — lutaram contra os “lamanitas”, cujos descendentes foram punidos com pigmento escuro por terem se afastado de deus.

À medida que aumentava a crise acerca da escravidão americana, Smith e seus discípulos, ainda mais dúbios, pregavam contra os abolicionistas no Missouri pré-guerra. Diziam solenemente que houvera um terceiro grupo no céu durante a batalha final entre Deus e Lúcifer. Esse grupo, como era explicado, tentara permanecer neutro. Mas após a derrota de Lúcifer fora forçado a entrar no mundo, compelido a “tomar corpos na amaldiçoada linhagem de Canaã; e daí a raça negra ou africana”. Assim, quando a dra. Brodie escreveu o seu primeiro livro, nenhum americano negro tinha permissão de deter nem mesmo a mais modesta posição de decano, muito menos o sacerdócio, na Igreja Mórmon. E

tampouco os descendentes de Cam eram admitidos nos ritos sagrados do templo.

Se existe alguma coisa que prova a fabricação humana da religião, é o modo como os anciãos mórmons resolveram essa dificuldade. Confrontados com as palavras diretas de um de seus livros sagrados e o crescente desprezo e isolamento que isso lhes impunha, fizeram a mesma coisa que tinham feito quando sua predileção pela poligamia teria lhes trazido retaliações federais sobre o próprio Utah de deus. Tiveram ainda uma nova “revelação” e, mais ou menos na época em que foi instituído o Ato dos Direitos Civis de 1965, foi-lhes divinamente revelado que pessoas negras também eram humanas, afinal.

Deve ser dito em favor dos “Santos dos Últimos Dias” (essas presunçosas palavras foram acrescentadas à “Igreja de Jesus Cristo” original de Smith em 1833) que eles combateram de frente uma das grandes dificuldades da religião

revelada. É o problema daqueles que nasceram antes da “revelação” exclusiva, ou que morreram sem jamais ter a oportunidade de compartilhar de suas maravilhas. Os cristãos costumavam resolver esse problema dizendo que Jesus desceu ao inferno após ser crucificado, onde se acredita que tenha salvado ou convertido os

mortos. Há de fato uma bela passagem no *Inferno* de Dante, quando ele chega para resgatar os espíritos dos grandes homens como Aristóteles, que presumivelmente vinham ardendo por séculos até a chegada de Jesus. (Em outra cena menos ecumênica do mesmo livro, o profeta Maomé é encontrado sendo estripado em revoltantes detalhes.) Os mórmons aperfeiçoaram essa solução bastante antiga com algo da mentalidade bastante literal. Reuniram um gigantesco banco de dados genealógicos num repositório enorme em Utah e estão ocupados preenchendo-o com os nomes de todas as pessoas cujos nascimentos, casamentos e mortes foram tabulados desde que começaram os registros. Isso é muito útil se você quer consultar a sua árvore familiar, contanto que não faça objeções a seus antepassados que se tornaram mórmons. Toda semana, em cerimônias especiais nos templos mórmons, as congregações se reúnem e recebem uma cota de nomes de falecidos para “rezar”

em sua igreja. Esse batismo retroativo dos mortos me parece suficientemente inofensivo, mas o Comitê Judaico Americano ficou furioso quando descobriu que os mórmons tinham adquirido os registros da “solução final” nazista, e estavam diligentemente batizando o que podia ser de fato chamado de “tribo perdida”: os judeus assassinados na Europa. Por toda sua tocante ineficácia, esse exercício pareceu de mau gosto. Sou solidário com o Comitê Judaico Americano, mas mesmo assim penso que os seguidores do sr. Smith deveriam ser congratulados por conceberem uma solução tecnológica das mais simplórias para um problema que tem desafiado a encontrar uma saída desde que o homem inventou a religião.

12

UMA CODA: COMO AS RELIGIÕES

ACABAM

PODE SER AO MESMO TEMPO ÚTIL E INSTRUTIVO DAR UMA rápida olhada no encerramento de religiões, ou de movimentos religiosos. Os “mileritas”, por exemplo, que um dia já foram apocalípticos, hoje só sobrevivem na forma reduzida dos “adventistas do sétimo dia”. E não voltaremos a ouvir falar, a não ser na forma mais vestigial e nostálgica, de Pã ou Osíris ou qualquer um dos milhares de deuses que um dia já mantiveram as pessoas sob absoluta servidão.

Mas devo confessar uma leve simpatia, que tentei e fracassei em reprimir, por Sabbatai Zevi, o mais imponente dos “falsos messias”. Em meados do século XVII, ele galvanizou comunidades judaicas

inteiras através do Mediterrâneo e do Levante (chegando a regiões longínquas como a Polônia, Hamburgo e até mesmo Amsterdam, que havia repudiado Spinoza) com sua alegação de ser o escolhido que conduziria os exilados de volta à Terra Santa, dando início à era de paz universal. Sua chave para a revelação foi o estudo da Cabala — mais recentemente revivida e na moda por uma mulher do *showbiz* bizarramente conhecida como Madonna —, e sua chegada foi saudada por congregações judaicas históricas na sua região natal de Esmirna, até Salônica, Constantinopla e Alepo. (Os rabinos de Jerusalém, tendo sido perturbados antes por alegações messiânicas prematuras, foram mais céticos.) Utilizando conjurações cabalísticas que tornavam seu próprio nome equivalente a “Moshiach” ou “Messias” quando decodificado a partir de um anagrama hebraico, ele pode ter convencido a si mesmo, e certamente persuadiu outros, de que era o aguardado. Nas palavras de um de seus discípulos:

O profeta Natã profetizou e Sabbatai Zevi pregou que quem não corrigisse sua conduta não desfrutaria do conforto em Sião e Jerusalém, e que seria condenado à vergonha e ao eterno desprezo. E houve um arrependimento, semelhante ao qual nunca se viu desde que o mundo foi criado até o dia de hoje. [43]

Este não era um rude pânico “milerita”. Eruditos e homens cultos debatiam a questão apaixonadamente e por escrito, e, como consequência, existe um excelente registro dos acontecimentos. Todos os elementos de uma profecia verdadeira (e falsa) estavam presentes. Os devotos de Sabbatai apontavam para seu equivalente de João Batista, um carismático rabino chamado Natã de Gaza.

Os inimigos o descreviam como epiléptico e herege, acusando-o de violar a lei.

E por sua vez eram apedrejados pelos partidários de Sabbatai. Convocações e congregações se enfureciam juntas, e se encolerizam umas contra as outras.

Numa viagem para se anunciar em Constantinopla, o navio de Sabbatai foi assolado por uma tempestade, mas ele repreendeu as águas e, quando foi encarcerado pelos turcos, sua prisão foi iluminada por chamas sagradas e recendeu a aromas doces (ou não, de acordo com muitos relatos discrepantes).

Ecoando uma disputa cristã muito dura, os adeptos do rabino Natã e de Sabbatai sustentavam que sem a fé, o conhecimento da Torá e a realização de boas ações, tudo seria inútil. Seus oponentes declaravam

que a Torá e as boas ações eram o principal. Tão completo sob todos os aspectos foi o drama que mesmo os teimosos rabinos anti-Sabbatai em Jerusalém, a certa altura, pediram para ser informados se houvesse qualquer milagre ou sinal verificável ligado ao pretenso messias que vinha embriagando os judeus de júbilo. Homens e mulheres vendiam tudo que tinham e preparavam-se para segui-lo até a Terra Prometida.

As autoridades imperiais otomanas tinham um bocado de experiência em lidar com a inquietação civil entre minorias confessionais da época (estavam em pleno processo de arrancar Creta dos venezianos) e se comportavam com muito mais circunspeção do que, supostamente, os romanos haviam se comportado.

Entenderam que, se Sabbatai fosse reivindicar o reino sobre todos os reinos, além de reivindicar uma larga área de sua província na Palestina, então era um provocador secular além de religioso. Mas quando chegou a Constantinopla, tudo que fizeram foi trancafiá-lo. Os ulemás, ou autoridades religiosas muçulmanas, foram igualmente sagazes. Foram contra a execução desse turbulento súdito, para que seus entusiásticos crentes não “fizessem uma nova religião”.

O roteiro ficou quase completo quando um ex-discípulo de Sabbatai, um tal de Nehemiah Kohen, veio à sede geral do grão-vizir e denunciou seu ex-mestre

como praticante de imoralidade e heresia. Intimado ao palácio do vizir, e com permissão de fazer sua saída da prisão com uma procissão de correligionários entoando hinos, o Messias foi indagado sem rodeios se concordaria com um julgamento por ordálio. Os arqueiros da corte o usariam como alvo e, se os céus desviassem as setas, ele seria julgado genuíno. Caso recusasse, seria empalado.

Se quisesse declinar totalmente a escolha, poderia afirmar-se como verdadeiro muçulmano e teria permissão de viver. Sabbatai Zevi fez o que quase todo mamífero comum teria feito: fez a profissão de fé padrão naquele deus e seu mensageiro e foi lhe concedida uma sinecura. Mais tarde foi deportado para uma parte do império que era quase um *Judenrein*, na fronteira albaniano-montenegrina, e ali faleceu, supostamente no Yom Kipur de 1676, na hora precisa da oração vespertina, quando se diz que Moisés deu o último suspiro. Seu túmulo, muito procurado, nunca foi identificado de forma conclusiva.

Seus aflitos seguidores imediatamente se dividiram em diversas facções.

Houve alguns que se recusaram a acreditar na sua conversão ou apostasia.

Houve outros que argumentaram que ele apenas se tornara muçulmano para ser um messias ainda maior. Houve outros ainda que sentiram que ele tinha apenas adotado um disfarce. E é claro que houve aqueles que alegaram que ele fora alçado aos céus. Seus verdadeiros discípulos acabaram adotando a doutrina da

“ocultação”, que, você não ficará surpreso em saber, envolve a crença de que o Messias, invisível a nós, não “morreu” de fato, mas espera o momento em que a humanidade esteja pronta para seu magnífico retorno. (“Ocultação” é também o termo empregado pelos xiitas pios para descrever a presente e duradoura condição do 12º Imã ou “Mahdi”: uma criança de cinco anos que aparentemente sumiu da vista humana no ano 873.)

Então a religião de Sabbatai Zevi chegou ao fim, e sobrevive apenas na minúscula seita sincrética conhecida na Turquia como Dönme, que oculta uma lealdade judaica numa exterior observância islâmica. Mas se seu fundador tivesse sido condenado à morte, ainda hoje estaríamos ouvindo falar dela e das elaboradas excomunhões mútuas, apedrejamentos e cismas em que seus seguidores acabariam se envolvendo subsequentemente. O contexto mais próximo dos nossos dias é a seita hassídica conhecida como Chabad, o movimento Lubavitch que um dia foi liderado (e segundo alguns, ainda é) por

Menachem Schneerson. Aguardava-se com confiança que a morte desse homem no Brooklyn, em 1994, produzisse uma era de redenção, o que até agora não ocorreu. O Congresso dos Estados Unidos já havia estabelecido um “dia” oficial em honra a Schneerson, em 1983. Assim como ainda existem seitas judaicas que sustentam que a “solução final” nazista foi uma punição para os que viviam no exílio de Jerusalém, há também aqueles que preservam a política do gueto que mantinha um guardião dos portões, cuja tarefa era alertar os outros caso o Messias chegasse inesperadamente. (“É um trabalho estável”, teria dito um desses guardas, em tom bastante defensivo.)

Examinando as quase religiões ou as que poderiam-ter-sido, poder-se-ia experimentar uma leve sensação de pena, não fosse o constante alarido dos outros pregadores, todos eles alegando que é o *seu* Messias, e o de mais ninguém, que deve ser esperado com servilismo e reverência.

COMPORTAREM MELHOR?

POUCO MAIS DE UM SÉCULO DEPOIS QUE JOSEPH SMITH CAIU vítima da violência e da obsessão que ele ajudara a liberar, outra voz profética ergueu-se nos Estados Unidos. Um jovem pastor negro chamado dr. Martin Luther King começou a pregar que seu povo — os descendentes da mesma escravidão que Joseph Smith e todas as igrejas cristãs tão calorosamente aprovavam — deveria ser livre. É

quase impossível, mesmo para um ateu como eu, ler seus sermões ou assistir a gravações de seus discursos sem uma profunda emoção do tipo que às vezes pode levar a lágrimas genuínas. A “Carta da prisão de Birmingham” do dr. King, escrita em resposta a um grupo de clérigos cristãos brancos que o instava a mostrar moderação e “paciência” — em outras palavras, saber o seu lugar —, é um modelo de polêmica. Com gelada polidez e mentalidade generosa, ainda assim respira com a resoluta convicção de que a suja injustiça do racismo não deve mais ser suportada.

A magnífica biografia do dr. King em três volumes escrita por Taylor Branch tem como títulos sucessivos de cada volume *Parting the Waters*, *Pillar of Fire* e *A t Canaan's Edge*. E a retórica com que King se dirigia a seus seguidores destinava-se a evocar a própria história que eles melhor conheciam — que começa com Moisés, que primeiro diz ao Faraó: “Deixa meu povo ir”. Discurso após discurso, ele inspirava os oprimidos e exortava e envergonhava seus opressores. Lentamente, os envergonhados líderes religiosos do país passaram para o seu lado. O rabino Abraham Heschel perguntou: “Onde nos Estados Unidos de hoje ouvimos uma voz como a voz dos profetas de Israel? Martin Luther King é um sinal de que Deus não abandonou os Estados Unidos da América”.

Mais impressionante de tudo, se seguirmos a narrativa mosaica, foi o

sermão que King fez na última noite de sua vida. Seu trabalho de transformar a opinião pública e modificar as teimosas administrações Kennedy e Johnson estava quase terminado, e ele estava em Memphis, Tennessee, para dar apoio a uma longa e amarga greve dos coletores de lixo da cidade, em cujos cartazes apareciam as simples palavras “Eu sou um homem”. No púlpito de Mason Temple, ele fez uma revisão da prolongada luta dos anos passados e então disse subitamente: “Mas para mim agora não importa”. Houve silêncio, até que ele continuou: “Porque eu estive no cume da montanha. E não me importo. Como

todo mundo, eu gostaria de viver uma vida longa. A longevidade tem seu lugar.

Mas não estou preocupado com isso agora. Só quero fazer o desejo de Deus. E

ele me permitiu subir a montanha. E eu olhei em volta. E vi a Terra Prometida. E

pode ser que eu não entre nela com vocês, mas quero que vocês *saibam, esta noite*, que nós como povo chegaremos à Terra Prometida!”. Ninguém que esteve lá naquela noite jamais esqueceu, e eu afirmo que o mesmo pode ser dito para qualquer um que assista ao filme que tão afortunadamente registrou aquele momento transcendente. A outra melhor maneira de vivenciar em segunda mão esse sentimento é escutar como Nina Simone cantou, naquela mesma semana terrível, “The King of Love Is Dead”. O drama inteiro tem a capacidade de unir elementos de Moisés no Monte Nebo com a agonia no Jardim de Getsêmani. O

efeito não é diminuído mesmo quando descobrimos que esse era um de seus sermões prediletos, e que ele havia feito várias vezes antes, e no qual podia recair conforme a ocasião exigisse.

Mas os exemplos dados por King dos livros de Moisés eram, felizmente para todos nós, metáforas e alegorias. Sua pregação mais imperativa era a da não violência. Na sua versão da história, não punições selvagens nem derramamentos de sangue genocidas. E tampouco mandamentos cruéis acerca de apedrejar crianças e queimar feiticeiras. Ao seu povo perseguido e desprezado não foi prometido o território de outros, nem foram incitados a realizar pilhagens e assassinar outras tribos. Em face da interminável provocação e brutalidade, King implorava a seus seguidores que se tornassem o que por algum tempo realmente se tornaram: os tutores morais dos Estados Unidos e do mundo além de suas bordas. Ele com efeito perdoou antecipadamente seus assassinos: o único detalhe que tornaria suas últimas palavras imaculadas e perfeitas teria sido uma

declaração explícita a esse respeito. Mas a diferença entre ele e os “profetas de Israel” não poderia ser mais acentuada. Se a população tivesse sido criada ouvindo no colo da mãe a história da *Anábase* de Xenofonte, e a longa e exaustiva jornada dos gregos para sua triunfal visão do mar, essa alegoria poderia ter servido igualmente bem. Naquela situação, porém, o “Bom Livro”

era o único ponto de referência que todo mundo tinha em comum.

O reformismo cristão surgiu originalmente da habilidade de seus advogados contrastarem o Velho Testamento com o Novo. Os antigos livros judaicos reunidos tinham um deus mal-humorado, implacável, sanguinário e provinciano, que provavelmente era mais assustador quando estava de bom humor (o atributo clássico do ditador). Enquanto isso, os livros reunidos dos últimos 2 mil anos continham apoio para os esperançosos e referências a docilidade, perdão, cordeiros e rebanhos, e assim por diante. Essa distinção é mais aparente que real, uma vez que é apenas nas relatadas observações de Jesus que encontramos alguma menção ao inferno e ao castigo eterno. O deus de Moisés exigia rudemente que outros povos, inclusive o seu favorito, sofressem massacres e pragas e até mesmo extirpação, mas, quando a sepultura se fechava sobre suas vítimas, ele tinha essencialmente acabado com elas, a menos que se lembrasse de amaldiçoar sua descendência sucessora. É só com o advento do Príncipe da Paz que ouvimos a assustadora ideia de uma punição adicional e da tortura dos mortos. Inicialmente pressagiado pelos falatórios de João Batista, o filho de deus é revelado como alguém que, se suas palavras mais suaves não forem de imediato aceitas, condenará o desatento ao fogo eterno. Desde então isso forneceu textos para clérigos sádicos, e aparece de forma bastante entusiástica nas invectivas do islã. Em nenhum momento o dr. King — que uma vez foi fotografado numa livraria esperando com calma por um médico enquanto a faca de um maníaco estava cravada em seu peito — nem sequer insinuou que aqueles que o insultavam e injuriavam deviam ser ameaçados com alguma vingança ou punição, neste mundo ou no vindouro, salvo as consequências de seu próprio e brutal egoísmo e estupidez. Ele chegou a formular esse apelo em termos mais cortesões do que, na minha humilde opinião, seus alvos mereciam. Então, em nenhum sentido real, em oposição ao nominal, ele era um cristão.

Isso não diminui em nada sua posição como grande pregador, não mais que

o fato de ser um mamífero igual ao resto de nós, e provavelmente ter plagiado sua dissertação de doutorado, e ter uma notória predileção por bebida e mulheres bem mais novas que sua esposa. Ele passou o resto da sua última noite em orgiástica devassidão, pelo que eu não o culpo. (Essas coisas, que obviamente perturbam os fiéis, são bastante encorajadoras pelo fato de mostrarem que um caráter moral não é pré-condição para grandes realizações morais.) Mas se o seu exemplo deve ser implantado, como com frequência é, para mostrar que a

religião tem um efeito capaz de elevar e liberar, vamos então examinar a alegação mais ampla.

Tomando como nosso exemplo a memorável história negra nos Estados Unidos, devemos descobrir, primeiramente, que os escravizados não eram cativos de algum Faraó, mas de várias sociedades e Estados cristãos que operaram por muitos anos um “comércio” triangular entre a costa ocidental da África, o litoral oriental da América do Norte e as capitais da Europa. Essa indústria enorme e terrível era abençoada por todas as igrejas e por longo tempo não levantou absolutamente nenhum protesto religioso. (Sua contraparte, o comércio de escravos no Mediterrâneo e no Norte da África, era explicitamente endossada e realizada em nome do islã.) No século XVIII, alguns poucos menonitas e quacres dissidentes na América começaram a clamar pela abolição, assim como alguns livres-pensadores como Thomas Paine. Thomas Jefferson, ruminando sobre como a escravidão corrompia e brutalizava os senhores, bem como os explorados, e torturava os escravos, escreveu: “De fato, tremo pelo meu país quando reflito que Deus é justo”. Era uma declaração tão incoerente quanto memorável: dada a maravilha de um deus que também era justo não haveria, no longo prazo, nada que levasse a tremer. Em todo caso, o Todo-Poderoso deu um jeito de tolerar a situação enquanto várias gerações nasciam e morriam sob o açoite, e até que a escravidão se tornasse menos lucrativa, e até mesmo quando o Império Britânico começasse a se livrar dela.

Esse foi o estímulo para a ressurreição do abolicionismo. Às vezes ele assumiu uma forma cristã, mais notavelmente no caso de William Lloyd Garrison, o grande orador e fundador do *Liberator*.^[44] O sr. Garrison foi um homem esplêndido sob quaisquer padrões, mas provavelmente foi uma sorte que seus conselhos religiosos iniciais não tenham sido seguidos. Ele baseou sua

primeira alegação no perigoso versículo de Isaías que incita os fiéis a “sair e se separar” (esta também é a base teológica do presbiterianismo fanático e fundamentalista de Ian Paisley na Irlanda do Norte). Na visão de Garrison, a União e a Constituição dos Estados Unidos eram “uma aliança com a morte” e ambos deviam ser destruídos: foi de fato ele quem conclamou a secessão antes que os Confederados a fizessem. (Numa fase posterior da vida ele descobriu a obra de Thomas Paine e tornou-se menos um pregador e mais um abolicionista efetivo, bem como um dos primeiros partidários do sufrágio feminino.) Foi o escravo fugitivo Frederick Douglass, autor da excitante e cáustica *Autobiografia*, quem evitou o uso da linguagem apocalíptica e exigiu, em vez disso, que os Estados Unidos *cumprissem*

as promessas universalistas contidas na sua Declaração e na sua Constituição. O leonino John Brown, que também começou como um temível e impiedoso calvinista, fez o mesmo. Mais tarde na vida, tinha as obras de Paine junto de si e admitiu a presença de livres-pensadores no seu minúsculo, mas transformador, exército e chegou a produzir e imprimir uma nova “Declaração”, modelada na de 1776, em nome dos escravizados. Isso foi na prática uma exigência muito mais revolucionária e mais realista, e preparou o caminho — conforme admitiu Lincoln — para a Proclamação da Emancipação.

Douglass era um tanto ambivalente em relação à religião, anotando em sua *Autobiografia* que os cristãos mais devotos constituíam os proprietários de escravos mais selvagens. A verdade óbvia disso foi sublinhada quando a secessão realmente chegou e a Confederação adotou o lema latino “Deo Vindice” ou, com efeito, “Deus está do nosso lado”. Conforme ressaltou Lincoln em seu segundo discurso de posse bem ambivalente, ambos os lados do confronto faziam a mesma alegação, pelo menos em seus púlpitos, assim como ambos eram aficionados de altissonantes e confiantes citações da sagrada escritura. [45]

O próprio Lincoln hesitava em reivindicar autoridade dessa maneira. Na verdade, num dado momento fez uma declaração famosa dizendo que tais invocações do divino eram erradas, porque era uma questão de tentar estar do lado de deus. Pressionado a baixar uma Proclamação de Emancipação imediata na reunião de cristãos em Chicago, continuou a ver ambos os lados do debate como endossados pela fé e disse que “estes, porém, não são os tempos de

milagres, e suponho que seja reconhecido que não devo ter expectativa de uma revelação direta”. Era uma postura abertamente evasiva, contudo, quando ele enfim reuniu coragem para publicar a Proclamação, disse aos hesitantes remanescentes que havia prometido a si mesmo fazê-lo — na condição de que deus desse a vitória às forças da União em Antietam. Nesse dia, foi registrado o maior número já existente de mortes em solo dos Estados Unidos. Então, é possível que Lincoln quisesse de alguma forma santificar e justificar aquela apavorante carnificina. Isso seria algo muito nobre, até que se reflita que, sob a mesma lógica, a mesma carnificina decidida em favor do lado oposto teria adiado a libertação dos escravos! E Lincoln também disse: “Os soldados rebeldes estão rezando com uma seriedade bem maior, receio eu, que as nossas próprias tropas, esperando que Deus favoreça o seu lado; pois um dos nossos soldados, que foi tomado como prisioneiro, disse que não encontrou nada mais desanimador do que a evidente sinceridade daqueles entre os quais estava nas suas

orações”. Um pouquinho mais de sorte no campo de batalha para os uniformes cinzentos em Antietam e o presidente poderia vir a se preocupar com a possibilidade de deus ter abandonado totalmente a causa antiescravagista.

Não sabemos as crenças religiosas pessoais de Lincoln. Ele era afeito a referências a Deus Todo-Poderoso, mas nunca aderiu a nenhuma igreja e suas primeiras candidaturas sofreram grande oposição de clérigos. Seu amigo Herndon sabia que ele tinha lido com muita atenção Paine, Volney e outros livres-pensadores, e formou a opinião de que ele privadamente era um autêntico não crente. Isso parece improvável. No entanto, também seria impreciso dizer que ele era cristão. Muita evidência apoia a opinião de que era um cético atormentado com tendência ao deísmo. Qualquer que seja o caso, o máximo que pode ser dito em favor da religião no grave assunto da abolição é que, após centenas de anos, e tendo tanto imposto quanto adiado a questão até que interesses próprios levassem a uma guerra horrenda, finalmente conseguiu desfazer uma pequena parte dos estragos e sofrimentos que em primeiro lugar havia infligido.

O mesmo pode-se dizer da época de King. As igrejas do Sul retornaram aos seus velhos costumes após a Reconstrução, e abençoaram as novas instituições de segregação e discriminação. Foi só depois da Segunda Guerra Mundial e da

disseminação da descolonização dos direitos humanos que o clamor pela emancipação voltou a se erguer. Em resposta, voltou-se a declarar energicamente (em solo americano, na segunda metade do século XX) que deus não pretendia que os discrepantes descendentes de Noé se misturassem. Essa estupidez bárbara teve consequências no mundo real. O falecido senador Eugene McCarthy me disse que uma vez instara o senador Pat Robertson — pai do atual profeta televisivo — a apoiar uma legislação branda de direitos civis. “Certamente eu gostaria de ajudar as pessoas de cor”, veio a resposta, “mas a Bíblia diz que não posso.” Toda a definição de “o Sul” dizia que era branco e cristão. Foi exatamente isso que deu ao dr. King sua influência moral, porque ele foi capaz de pregar mais alto que os caipiras. Mas o pesado fardo jamais teria recaído sobre seus ombros se a religiosidade, para começo de conversa, não estivesse tão profundamente entranhada. Como mostra Taylor Branch, muitos no círculo interno e no séquito de King eram comunistas e socialistas seculares que durante várias décadas vinham adubando o solo para um movimento de direitos civis e ajudando a treinar voluntários corajosos como a sra. Rosa Parks para uma cuidadosa estratégia de desobediência civil, e essas associações “ateístas” seriam usadas o tempo todo contra King, especialmente do

púlpito. De fato, um dos resultados da sua campanha foi gerar a “reação adversa” do cristianismo branco de direita, que ainda é uma força poderosa abaixo da linha Mason-Dixon.

Quando o homônimo do dr. King afixou suas teses na porta da Catedral de Wittenberg em 1517 e posteriormente anunciou em Worms, “Esta é minha posição, outra coisa não posso fazer”, estabeleceu um padrão para a coragem intelectual e moral. Mas Martinho Lutero, que começou sua vida religiosa terrivelmente assustado com um raio que por pouco não o atingiu, seguiu adiante para se tornar ele próprio um fanático e perseguidor, investindo de forma assassina contra os judeus, berrando acerca de demônios e clamando aos principados germânicos que pisoteassem os pobres rebelados. Quando o dr. King assumiu sua postura nas escadarias do memorial do sr. Lincoln e mudou a história, também ele adotou uma posição à qual efetivamente fora forçado. Mas o fez como profundo humanista, e ninguém jamais pôde usar seu nome para justificar opressão ou crueldade. Por esse motivo ele se perpetua, e seu legado tem pouquíssimo a ver com sua professada teologia. Nenhuma força

sobrenatural foi requerida para a defesa contra o racismo.

Qualquer pessoa, portanto, que use o legado de King para justificar o papel da religião na vida pública deve aceitar todos os corolários do que parece estar implicando. Uma mínima olhada em todo o registro mostrará, primeiro, que pessoa por pessoa, os livres-pensadores, agnósticos e ateístas americanos são os que se saem melhor. A chance de a opinião de alguém *secular* ou livre-pensador levá-lo a denunciar toda a injustiça era extremamente alta. A chance de a crença religiosa de alguém levá-lo a assumir uma postura contra a escravidão e o racismo era estatisticamente muito pequena. Mas a chance de a crença religiosa de alguém levá-lo a apoiar a escravidão e o racismo era estatisticamente demasiado *alta*, e este último fato ajuda a compreender por que a vitória da justiça simples levou tanto tempo para se concretizar.

Até onde sei, não há país no mundo onde ainda se pratique a escravidão e cuja justificativa não seja derivada do Corão. Isso nos traz de volta à réplica feita, nos primeiros dias da República, a Thomas Jefferson. Sendo proprietário de escravos, Jefferson convocara o embaixador de Trípoli a Londres para lhe perguntar que direito ele e seus potentados patrícios berberes se arrogavam para capturar e vender tripulações e passageiros americanos de navios que trafegavam pelo Estreito de Gibraltar. (Atualmente estima-se que entre 1530 e 1780 mais de 1 milhão e um quarto de europeus foram raptados dessa

maneira.) Conforme Jefferson reportou ao Congresso:

O embaixador nos respondeu que era fundamentado nas Leis do Profeta, que estava escrito em seu Corão, que todas as nações que não tivessem respondido à sua autoridade eram pecadoras, que era direito e dever fazer a guerra contra elas sempre que pudessem ser encontradas, e escravizar todos que pudessem tomar como prisioneiros. [46]

O embaixador Abdrahaman foi adiante, mencionando o preço requisitado do resgate, o preço da proteção contra sequestros, e, por último, mas não menos importante, a sua própria comissão pessoal nesses procedimentos. (A religião mais uma vez trai suas conveniências criadas pelo homem.) Acontece que ele estava totalmente certo daquilo que disse sobre o Corão. A oitava sura revelada em Medina trata com relativa extensão dos justificados despojos de guerra e se alonga nos adicionais “tormentos do fogo” pós-morte que aguardam aqueles que são derrotados pelos crentes. Foi essa mesma sura que foi usada dois séculos

depois por Saddam Hussein para justificar seu assassinato em massa e sequestro de bens do povo do Curdistão.

Outro episódio histórico grandioso — a emancipação da Índia do governo colonial — é com frequência retratado como se tivesse envolvido uma ligação entre crença religiosa e resultados éticos. Assim como na heroica batalha do dr.

King, a verdadeira história tende a mostrar que o caso é algo praticamente oposto.

Depois do crítico enfraquecimento do Império Britânico na Primeira Guerra Mundial, e mais particularmente após o notório massacre de manifestantes indianos que protestavam na cidade de Amritsar em abril de 1919, ficou claro para os então controladores do subcontinente que o domínio de Londres cedo ou tarde chegaria ao fim. Não era mais uma questão de “se”, mas de “quando”. Não fosse esse o caso, uma campanha de desobediência pacífica não teria tido a menor chance. Assim, Mohandas K. Gandhi (às vezes conhecido como “o Mahatma” em respeito à sua posição como ancião hindu) estava, num certo sentido, empurrando uma porta aberta. Não há nisso nenhuma desonra, mas são exatamente as suas convicções religiosas que tornam seu legado dúbio, em vez de santo. Explicando a questão em poucas palavras: ele queria que a Índia retornasse a uma sociedade “espiritual” primitiva e dominada pelas aldeias, ele tornou muito mais

difícil a divisão de poder com os muçulmanos e estava bem preparado para fazer uso hipócrita da violência quando achava que lhe podia ser conveniente.

Toda a questão da independência da Índia estava entremeada com a questão da unidade: será que o ex-Raj britânico renasceria como o mesmo país, com as mesmas fronteiras e integridade territorial, e ainda seria chamado de Índia? A isso, certa facção rude de muçulmanos respondia “não”. Sob o domínio britânico eles haviam gozado de alguma proteção como uma minoria muito grande, mas não privilegiada, e não estavam dispostos a trocar esse estado de coisas para se tornar uma minoria num Estado de dominação hindu. Portanto, o simples fato de a principal força para a independência — o Partido do Congresso — ser dominada por um conspícuo hindu tornava a conciliação muito difícil. Podia-se argumentar, e de fato eu argumentaria, que a intransigência muçulmana teria desempenhado de qualquer maneira um papel destrutivo. Mas a tarefa de

persuadir os muçulmanos comuns a deixar o Congresso e juntar-se à particionista “liga muçulmana” foi muito facilitada pelo discurso de Gandhi de hinduísmo e pelas longas e ostensivas horas que ele passava em práticas de culto e manuseando sua roca de fiar.

A roca — que ainda aparece como símbolo na bandeira indiana — era a rejeição de Gandhi à modernidade. Ele fazia questão de vestir andrajos de sua própria manufatura, sandálias, de carregar um bastão e expressar hostilidade a maquinários e tecnologia. Ele tecia louvores à aldeia indiana, onde os ritmos milenares de animais e colheitas determinavam como a vida humana era vivida.

Milhões de pessoas teriam morrido de fome se o seu conselho tivesse sido seguido e teriam continuado a adorar vacas (astutamente denominadas

“sagradas” pelos sacerdotes para que os pobres ignorantes não matassem e comessem seu único capital durante tempos de seca e escassez). Gandhi merece crédito pela sua crítica ao desumano sistema hindu de castas, pelo qual ordens inferiores de humanidade eram condenadas a um ostracismo e desprezo que, de certa maneira, era ainda mais absoluto e cruel que a escravidão. Mas justo no momento em que a Índia mais precisava de um líder nacionalista moderno e secular, ganhou em seu lugar um guru e faquir. O ponto crucial da indesejada percepção veio em 1942, quando o Exército Imperial japonês havia conquistado a Malásia e a Birmânia e estava às portas da própria Índia. Acreditando (erradamente) que isso representava o

fim do Raj, Gandhi optou nesse momento por boicotar o processo político e divulgar sua notória conclamação aos britânicos para “Deixar a Índia”. E acrescentou que deveriam deixá-la “para Deus ou para a Anarquia”. O que, naquelas circunstâncias, teria significado praticamente a mesma coisa. Aqueles que com ingenuidade creditam a Gandhi um pacifismo consciencioso ou consistente poderiam querer perguntar se isso não significava deixar os imperialistas japoneses lutarem sua luta em seu lugar.

Entre as muitas consequências ruins da decisão de Gandhi/Congresso de retirar-se das negociações estava a abertura que deu aos adeptos da Liga Muçulmana para “permanecerem” nos Ministérios estatais que controlavam e, assim, fortalecer suas posições de barganha quando logo depois chegou o momento da independência. Sua insistência para que a independência tomasse a forma de mutilação ou amputação, com o Punjabe ocidental e a Bengala oriental

desmembrados do corpo nacional, tornou-se incontrolável. As hediondas consequências perduram até hoje, com adicionais banhos de sangue de muçulmanos-contra-muçulmanos em Bangladesh em 1971, a ascensão de um agressivo partido nacionalista hindu e uma confrontação na Caxemira que ainda hoje é a provocação mais provável para uma guerra termonuclear.

Sempre houve uma alternativa, na forma da posição secular assumida por Nehru e Rajagopalachari, que teriam negociado uma promessa de independência imediata após a guerra em troca de uma aliança comum, por parte da Índia e da Grã-Bretanha, contra o fascismo. Nesse caso, foi de fato Nehru e não Gandhi quem comandou seu país para a independência, mesmo com o terrível preço de uma partilha. Durante décadas, uma sólida fraternidade entre secularistas e esquerdistas britânicos e indianos havia defendido, e vencido, a discussão pela libertação da Índia. Nunca houve qualquer necessidade de uma obscurantista figura religiosa impor seu ego ao processo e, ao mesmo tempo, retardá-lo e distorcê-lo. O caso todo estava resolvido *sem essa premissa*. Todo dia se deseja que Martin Luther King tivesse vivido mais e continuado a emprestar sua presença e sua sabedoria à política americana. Quanto ao “Mahatma”, que foi assassinado por membros de uma seita fanática hindu por não ser devoto *o bastante*, deseja-se que ele pudesse ter vivido ainda que somente para ver que prejuízos trouxe (e fica-se aliviado por ele não ter vivido para implantar seu ridículo programa da roca de fiar.)

O argumento de que a crença religiosa melhora as pessoas, ou que ajuda a civilizar a sociedade, é um argumento que as pessoas tendem

a usar quando esgotam o resto do seu repertório. Muito bem, parecem dizer, paramos de insistir no Êxodo (digamos), ou no Nascimento Virgem ou mesmo na Ressurreição, ou na “fuga noturna” de Meca a Jerusalém. Mas onde estariam as pessoas sem a fé?

Não se abandonariam a todo tipo de licenciosidade e egoísmo? Não é verdade, como notoriamente disse uma vez G. K. Chesterton, se as pessoas deixam de acreditar em deus, elas não passa a acreditar em nada, mas, sim, em qualquer coisa?

A primeira coisa a ser dita é que o comportamento virtuoso por parte de um crente não é nenhuma prova — na verdade, nem sequer um argumento a favor

— da verdade de sua crença. Eu poderia, apenas em termos de argumento, agir de forma mais caridosa se acreditasse que o Senhor Buda nasceu de uma fenda no flanco de sua mãe. Mas será que isso não tornaria meu impulso caridoso dependente de algo bem mais tênue? Da mesma maneira, não digo que se pegasse um sacerdote budista roubando todas as oferendas deixadas pela gente simples no seu templo, isso desacreditaria o budismo. E, em todo caso, esquecemos o quanto tudo isso é contingente. De todas as milhares de religiões do deserto que havia, assim como com todos os milhões de espécies potenciais, aconteceu de um ramo fincar raízes e prosperar. Passando por suas mutações judaicas até sua forma cristã, acabou sendo adotado por razões políticas pelo imperador Constantino e transformado em religião oficial com — finalmente —

uma forma codificada e executável a partir de seus muitos livros caóticos e contraditórios. Quanto ao islã, tornou-se a ideologia de uma conquista extremamente bem-sucedida que foi adotada por dinastias dominantes exitosas, codificada e registrada por sua vez, e promulgada como a lei da terra. Uma ou duas vitórias militares no sentido oposto — como com Lincoln em Antietam —

e nós no Ocidente não seríamos reféns de disputas provincianas que ocorreram na Judeia e na Arábia antes de serem mantidos quaisquer registros sérios.

Poderíamos ter nos tornado devotos de um credo totalmente diferente — talvez hindu ou asteca ou confucionista —, e nesse caso ainda nos diriam, sendo estritamente verdade ou não, que ainda assim ele ajudava a ensinar às crianças a diferença entre certo e errado. Em outras palavras, acreditar num deus é de certa maneira expressar uma *disposição* de acreditar em qualquer coisa. Ao passo que rejeitar a

crença de modo nenhum é professar uma crença em nada.

Certa vez assisti a um debate entre o saudoso professor A. J. Ayer, distinto autor de *Language, Truth and Logic* e celebrado humanista, e um tal bispo Butler. O mediador era o filósofo Bryan Magee. A discussão seguiu com bastante polidez até que o bispo, ao ouvir Ayer afirmar que não via absolutamente nenhuma evidência para a existência de qualquer deus, interromper para dizer: “Então não consigo ver por que o senhor não leva uma vida de desenfreada imoralidade”.

Nesse ponto, “Freddie”, como era conhecido pelos amigos, abandonou sua suave urbanidade habitual e exclamou: “Devo dizer que penso que essa é uma

insinuação perfeitamente monstruosa”. Agora, Freddie havia com toda certeza quebrado a maioria dos mandamentos referentes ao código sexual, conforme traçado desde o Sinai. E era, de certa forma, justificadamente famoso por isso.

Mas era um excelente professor, um pai amoroso e um homem que passava grande parte do seu tempo livre pressionando por direitos humanos e liberdade de expressão. Dizer que sua vida era imoral seria uma caricatura da verdade.

Entre os muitos escritores que exemplificam a mesma coisa de maneira diferente, escolherei Evelyn Waugh, que tinha a mesma religião que o bispo Butler e que fez o melhor que pôde em sua ficção para argumentar em favor de operações da graça divina. Em seu romance *Memórias de Brideshead*, ele faz uma aguda observação. Os dois protagonistas, Sebastian Flyte e Charles Ryder, o primeiro sendo herdeiro de uma velha nobreza católica, recebem a visita do padre Phipps, que acredita que todos os rapazes devem ser apaixonadamente interessados por críquete. Quando desenganado dessa noção, ele olha para Charles “com a expressão que desde então vi nos religiosos, de inocente assombro pelo fato de que aqueles que se expõem aos perigos do mundo se dispõem tão pouco ao seu variado conforto”.

Assim, reexaminando a questão do bispo Butler. Não estaria ele na verdade dizendo a Ayer, ao seu próprio modo ingênuo, que se liberado das restrições da doutrina, *ele próprio* optaria por levar “uma vida de desenfreada imoralidade”?

Naturalmente espera-se que não. Mas existe muito de evidência empírica para reforçar a sugestão. Quando padres são maus, eles são

realmente muito maus e cometem crimes que fariam empalidecer o pecador médio. Talvez fosse preferível atribuir isso à repressão sexual e não às efetivas doutrinas pregadas, mas aí está: uma das efetivas doutrinas pregadas é a repressão sexual... Logo, a conexão é inevitável, e uma litania de piadas folclóricas já foi contada por todos os membros laicos da igreja desde que a religião começou.

A vida do próprio Waugh foi muito mais maculada por ofensas contra a castidade e sobriedade do que a de Ayer (só que parecia trazer ao primeiro menos felicidade do que a este último) e, como consequência, ele foi muitas vezes solicitado a conciliar a sua conduta privada com suas crenças públicas.

Sua resposta ficou famosa: ele pedia a seus amigos que imaginassem o quanto ele seria pior se *não* fosse católico. Para alguém que acreditava no pecado

original isso poderia ter servido como um virar de mesa, mas qualquer análise da vida de Waugh mostra que seus elementos mais perversos surgiram precisamente da sua fé. Não importam os tristes excessos de bebedeira e infidelidade conjugal: certa vez, ele enviou um telegrama de casamento a uma amiga divorciada e agora recasada dizendo-lhe que sua noite de núpcias aumentaria a solidão do Calvário e contribuiria para as cusparadas na face de Cristo. Apoiou movimentos fascistas na Espanha e na Croácia, e a condenável invasão da Abissínia por Mussolini, porque tinham o apoio do Vaticano, e escreveu em 1944 que agora apenas o Terceiro Reich se interpunha entre a Europa e o barbarismo. Essas deformidades num dos mais amados autores não surgiram apesar de sua religião, mas por causa dela. Sem dúvida houve atos privados de caridade e contrição, mas estes poderiam ter sido igualmente executados por uma pessoa sem fé nenhuma. Para não olhar além dos Estados Unidos, o grande coronel Robert Ingersoll, que foi o principal advogado da não religião até sua morte em 1899, deixava seus oponentes loucos por ser uma pessoa de imensa generosidade, um marido e pai amoroso e presente, um oficial destemido, e um possuidor daquilo que Thomas Edison com exagero desculpável chamou “todos os atributos de um homem perfeito”.

Na minha própria vida recente em Washington, tenho sido bombardeado com telefonemas obscenos e ameaçadores de muçulmanos, prometendo castigar a minha família porque não apoio uma campanha de mentiras, ódio e violência contra a democrática Dinamarca. Mas quando minha esposa acidentalmente deixou uma grande soma de dinheiro no banco traseiro de um táxi, o motorista sudanês teve um bocado de trabalho e despesas para descobrir a quem

pertencia aquela quantia, e fez uma viagem até a minha casa para devolvê-la intacta.

Quando cometi o erro vulgar de lhe oferecer 10% do dinheiro, ele deixou claro, com calma, mas com firmeza, que não esperava recompensa por cumprir seu dever islâmico. Em qual dessas duas versões da religião devemos confiar?

A pergunta é, sob certos aspectos, em última instância indecidível. Eu preferiria deixar a prateleira de escritos de Evelyn Waugh exatamente como é e apreciar que não se podem ter os romances sem os tormentos e as maldades do autor. E se todos os muçulmanos se comportassem como o homem que abriu mão de mais de uma semana de salário para fazer a coisa certa, eu poderia ficar

bastante indiferente às estranhas exortações do Corão. Se eu buscar na minha própria vida por exemplos de comportamento bom ou correto, não ficarei sobrecarregado por um excesso de opções. Uma vez, tremendo de medo, tirei meu colete à prova de bala em Sarajevo e o emprestei a uma mulher ainda mais apavorada que eu estava ajudando a escoltar para um local seguro (não sou o único a ter sido ateu numa trincheira). Senti na época que era o mínimo que podia fazer por ela, bem como a maioria. As pessoas que estavam lançando bombas e atirando eram cristãos sérvios, mas até aí, ela também era.

No norte de Uganda, no fim de 2005, eu estava num centro de reabilitação para crianças sequestradas e escravizadas nas terras do povo acholi, que vive no lado setentrional do Nilo. Os apáticos e distraídos garotinhos (e algumas meninas) estavam todos ao meu redor. Suas histórias eram aflitivamente similares. Havia sido raptados, em idades que variavam de oito a treze anos, de suas escolas e lares por uma milícia impassível que era, ela própria, originalmente composta de crianças sequestradas. Levadas à força para o mato, eram “iniciados” por meio de coação em um (ou dois) de seus métodos. Ou eram obrigados a participar de um assassinato, com o objetivo de se sentirem “sujos” e implicados, ou tinham de se submeter a prolongados e selvagens castigos de açoite, muitas vezes até trezentas chicotadas. (“Crianças que sentiram a crueldade”, disse um dos anciãos do povo acholi, “sabem muito bem como infligi-la.”) O sofrimento infligido por esse exército de desgraçados transformados em zumbis estava praticamente além de qualquer avaliação.

Havia dizimado aldeias, criado uma vasta população de refugiados, cometido crimes hediondos, tais como mutilação e estripação, e (num toque especial de maldade) continuado a sequestrar crianças, de modo

que os acholis precisavam ter cautela ao tomar contramedidas fortes para evitar matar ou ferir um dos

“seus”.

O nome da milícia era “Exército de Resistência do Senhor” [Lord’s Resistance Army — LRA], e era comandada por um homem chamado Joseph Kony, um arrebatado ex-coroinha que queria sujeitar a área ao governo dos Dez Mandamentos. Ele fazia batismos por meio de óleo e água, organizava ferozes cerimônias de punição e purificação, e assegurava seus seguidores contra a morte. Era uma pregação fanática do cristianismo. E acontecia que o centro de

reabilitação no qual eu me encontrava também era dirigido por uma organização cristã fundamentalista. Tendo estado nas matas e visto o trabalho da LRA, vi-me inclinado a falar com o homem que tentava reparar os danos. Como ele sabia, perguntei-lhe, qual deles era o verdadeiro crente? Qualquer instituição secular ou governamental podia estar fazendo o que ele fazia — prover próteses de membros, abrigo e “aconselhamento” —, mas para ser Joseph Kony alguém tinha de ter fé real.

Para minha surpresa ele não desconsiderou a minha pergunta. Era verdade, disse ele, que a autoridade de Kony surgia em parte do seu passado numa família sacerdotal cristã. Também era verdade que as pessoas estavam propensas a acreditar que ele era capaz de fazer milagres, apelando para o mundo dos espíritos e dizendo aos seus acólitos que eram à prova de morte. Mesmo alguns dos que haviam fugido ainda juravam que tinham visto prodígios realizados pelo homem. Tudo que um missionário podia fazer era tentar mostrar às pessoas uma face diferente do cristianismo.

Fiquei impressionado com a franqueza do homem. Havia algumas outras defesas que ele poderia ter oferecido. Joseph Kony obviamente está bem longe da “corrente principal” do cristianismo. No mínimo porque seus financiadores e responsáveis por armá-lo são os cínicos muçulmanos do regime sudanês, que o usam para criar problemas para o governo de Uganda, que por sua vez tem apoiado grupos rebeldes no Sudão. Numa aparente recompensa por esse apoio, Kony a certa altura começou a denunciar a posse e a ingestão de porcos, o que, a menos que na velhice ele tenha se tornado um judeu fundamentalista, sugere uma retribuição aos seus patrões. Esses assassinos sudaneses, por sua vez, vêm conduzindo há anos uma guerra de extermínio não só contra os cristãos e animistas do Sudão, mas contra os muçulmanos não árabes da província de Darfur. O islã pode não fazer oficialmente distinção entre raças e nações, mas os carniceiros em Darfur são muçulmanos árabes e suas vítimas são muçulmanos africanos. O Exército de Resistência do Senhor nada mais é do que um espetáculo secundário de um Khmer Vermelho cristão nesse horror mais geral.

Um exemplo ainda mais ilustrativo é proporcionado pelo caso de Ruanda, que em 1994 deu ao mundo um novo sinônimo para genocídio e sadismo. Ex-posseção belga, é o país mais cristão da África, vangloriando-se da mais alta

porcentagem de igrejas por cabeça da população, com 65% dos

ruandeses professando o catolicismo romano e outros 15% adeptos de várias seitas protestantes. A expressão “por cabeça” adquiriu uma conotação macabra em 1994, quando, a um dado sinal, as milícias racistas do “Poder Hutu”, incitadas pelo Estado e pela igreja, caíram sobre seus vizinhos tutsis e os assassinaram em massa.

Esse não foi um espasmo atávico de derramamento de sangue, mas uma versão africana friamente ensaiada da Solução Final, que vinha sendo preparada havia algum tempo. O primeiro aviso veio em 1987, quando um visionário católico com o nome enganosamente pitoresco de Pequenos Seixos começou a se gabar de ouvir vozes e ter visões, estas derivadas da Virgem Maria. As ditas vozes e visões eram afluientemente sanguinárias, predizendo massacre e apocalipse, mas também — como que em compensação — o retorno de Jesus Cristo no domingo da Páscoa de 1992. Aparições de Maria no alto de uma colina chamada Kibeho foram investigadas pela Igreja Católica e anunciadas como confiáveis. A esposa do presidente da Ruanda, Agathe Habyarimana, era especialmente tomada de transe por essas visões e mantinha uma estreita relação com o bispo de Kigali, capital da Ruanda. Esse homem, monsenhor Vincent Nsengiyumva, também era membro do comitê central do partido único de governo do presidente Habyarimana, o Movimento Revolucionário Nacional para o Desenvolvimento, ou NRMD [National Revolutionary Movement for Development]. Esse partido, junto com outros órgãos de Estado, era afeito a classificar qualquer mulher cujo comportamento era desaprovado como

“prostituta” e incentivava ativistas católicos a destruir qualquer loja que vendesse contraceptivos. Com o tempo, espalhou-se que a profecia seria cumprida e que as “baratas” — a minoria tutsi — em breve receberia o que lhes era reservado.

Quando o apocalíptico ano de 1994 efetivamente chegou, e tiveram início os massacres premeditados e coordenados, muitos tutsis e hutus dissidentes apavorados foram insensatos o suficiente para tentar buscar refúgio nas igrejas.

Isso facilitou consideravelmente a vida para os *interahamwe*, ou esquadrões da morte governamentais e militares, que sabiam onde achá-los e podiam contar com os padres e as freiras para apontar sua localização. (É por isso que tantos

sítios de sepulturas coletivas que foram fotografados estão em solo consagrado, e é também por isso que vários clérigos e freiras estão no banco dos réus nos presentes julgamentos do genocídio em Ruanda.) O

notório padre Wenceslas Munyeshyaka, por exemplo, uma proeminente figura da Catedral de Kigali da Sainte Famille, foi raptado e levado para fora do país com a assistência de padres franceses, mas desde então foi acusado de genocídio, de fornecer uma lista de civis aos *interahamwe*, e do estupro de uma jovem refugiada. De maneira nenhuma ele é o único clérigo a enfrentar acusações semelhantes. Para que não se pense que ele era meramente um padre “desvirtuado”, temos a palavra de outro membro da hierarquia de Ruanda, o bispo de Gikongoro, também conhecido como monsenhor Augustin Misago. Para citar um cuidadoso relato desses acontecimentos atroz:

O bispo Misago foi muitas vezes descrito como simpatizante do Poder Hutu; tem sido acusado publicamente de barrar os tutsis em locais de refúgio, criticando colegas do clero que ajudavam as

“baratas”, e pedindo a um emissário do Vaticano que visitou Ruanda em junho de 1994 para dizer ao papa “para encontrar um lugar para os padres tutsis porque o povo de Ruanda não os quer mais”. E mais ainda, em 4 de maio daquele ano, pouco antes da última aparição de Maria em Kibeho, o próprio bispo lá apareceu com uma equipe de policiais e disse a um grupo de noventa alunos tutsis, que estavam sendo ali retidos em preparação para o abate, que não se preocupassem, porque a polícia os protegeria. Três dias depois, a polícia ajudou a massacrar 82 das crianças. [47]

Crianças em idade escolar “retidas em preparação para o abate”... Talvez você se recorde da denúncia feita pelo papa desse indelével crime, e da cumplicidade da igreja nele? Ou talvez não, já que tal comentário nunca foi feito. Paul Rusesabagina, o herói de *Hotel Ruanda*, lembra-se do padre Wenceslas Munyeshyaka referindo-se até mesmo à sua mãe tutsi como “barata”.

Mas isso não o impediu, antes de sua prisão na França, de ter permissão da igreja francesa para reassumir seus “deveres pastorais”. Quanto ao bispo Misago, houve aqueles no Ministério da Justiça pós-guerra de Ruanda que sentiam que ele também devia ser acusado. Mas, como disse um dos funcionários do Ministério: “O Vaticano é forte demais, e demasiado sem remorsos, para que possamos pegar os bispos. Você nunca ouviu falar de infalibilidade?”.

No mínimo, isso impossibilita argumentar que a religião faz com que as pessoas se comportem de maneira mais gentil e civilizada. Quanto pior o ofensor, mais devoto ele acaba se revelando. Pode-se acrescentar que algumas

das pessoas mais dedicadas que trabalham para aliviar os sofrimentos também são crentes (no entanto, as melhores que conheci são secularistas que não estão tentando fazer proselitismo de nenhuma religião). Mas a chance de que uma pessoa que cometa crimes fosse “baseada na fé” era quase de 100%, ao passo que as chances de que uma pessoa de fé estivesse do lado da humanidade e da decência eram praticamente iguais a tirar cara ou coroa numa moeda. Estenda isso recuando na história, e as chances se tornam mais parecidas com as de uma predição astrológica que por acaso acaba se realizando. Isso acontece porque as religiões nunca poderiam ter começado, muito menos prosperado, não fosse a influência de homens tão fanáticos quanto Moisés, Maomé ou Joseph Kony, enquanto a caridade e o trabalho de alívio, ao mesmo tempo que atraem crentes de bom coração, são herdeiros do modernismo e do Iluminismo. Antes disso, a religião difundia-se não pelo exemplo, mas como auxílio para os métodos mais antiquados de guerra santa e imperialismo.

Eu era um admirador cauteloso do papa João Paulo II, que, por qualquer padrão humano, era uma pessoa séria e corajosa capaz de exibir coragem moral e física. Quando jovem, auxiliou na resistência antinazista em sua terra natal e, mais tarde, fez muito para ajudar na sua emancipação do domínio soviético. Seu papado foi, sob alguns aspectos, chocantemente conservador e autoritário, mas mostrou-se aberto à ciência e à investigação (exceto quando o vírus da AIDS

estava em discussão), e mesmo no seu dogma sobre aborto ele fez algumas concessões à “ética da vida”, que, por exemplo, passou a ensinar que a pena capital estava quase sempre errada. Ao morrer, João Paulo foi elogiado, entre outras coisas, pela quantidade de pedidos de desculpas que fez. Estes não incluíram, como deveriam, uma expiação pelo milhão de pessoas passadas no fio da espada em Ruanda. Contudo, abrangeram, sim, um pedido de desculpas aos judeus pelos séculos de antissemitismo cristão, um pedido de desculpas ao mundo muçulmano pelas Cruzadas, um pedido de desculpas aos cristãos ortodoxos pelas muitas perseguições que Roma lhes infligira, também, e alguma contrição genérica igualmente acerca da Inquisição. Isso parecia dizer que a igreja estivera em geral errada e com frequência fora criminosa no passado, mas agora estava purgada de seu pecado pela confissão e pronta para ser novamente infalível.

A CRISE DA RELIGIÃO ORGANIZADA NO OCIDENTE, E AS INÚMERAS maneiras pelas quais a moralidade religiosa tem realmente conseguido descer bem *abaixo* da média humana, sempre levaram alguns “candidatos” ansiosos a procurar uma solução mais branda a leste de Suez. De fato, uma vez me juntei a esses adeptos e acólitos potenciais, vestindo roupa laranja e frequentando o *ashram* de um celebrado guru em Poona (ou Pune), nas belas colinas sobre Bombaim. Adotei esse modo *sannyas* para ajudar a fazer um documentário para a BBC, então, se quiser, você pode muito bem questionar a minha objetividade, mas a BBC, na época, tinha sim um padrão de correção, e minha ordem era absorver o máximo que pudesse. (Um dia desses, tendo ao longo da minha vida sido anglicano, educado numa escola metodista, convertido por casamento à ortodoxia grega, reconhecido como uma reencarnação pelos seguidores de Sai Baba e casado outra vez por um rabino, serei capaz e tentarei atualizar *As variedades da experiência religiosa* de William James.)

O guru em questão chamava-se Bhagwan Sri Rajneesh. “Bhagwan”

significa simplesmente deus ou divino, e “Sri” significa santo, sagrado. Era um homem com olhos enormes carregados de espiritualidade e um sorriso sedutor, e um senso de humor natural, ainda que um tanto obscuro. Sua voz sibilante, em geral transmitida por meio de microfone de baixo volume no *dharshan* matutino, possuía uma qualidade levemente hipnótica. Isso servia um pouco para mitigar a banalidade igualmente hipnótica dos seus discursos. Talvez você tenha lido a tremenda sequência de romances em doze volumes de Anthony Powell, *A Dance to the Music of Time*. Nesse livro, um misterioso visionário chamado dr.

Trelawney mantém reunido seu grupo de iluminados seguidores apesar de várias dificuldades inevitáveis. Esses iniciados conseguem se reconhecer mutuamente não pela individualidade da sua aparência, mas por uma troca de confissões.

Quando se encontram, o primeiro precisa entoar “a essência de tudo é a

divindade da verdade”. A resposta apropriada é “a visão das visões cura a cegueira da vista”. Assim é efetuado o aperto de mão espiritual. Aos joelhos do Bhagwan (é preciso sentar-se de pernas cruzadas) não ouvi nada que fosse mais profundo que isso. Havia mais ênfase no amor, no seu sentido eterno, do que no círculo do dr. Trelawney, e certamente havia mais ênfase em sexo, no seu sentido imediato. Mas, de forma geral, a instrução era inócua. Ou teria sido, não fosse um

cartaz na entrada da tenda de pregação de Bhagwan. O pequeno cartaz nunca deixava de me irritar: “Sapatos e mentes devem ser deixados na porta”. Havia uma pilha de sapatos e sandálias ao lado da entrada e, na minha transcendente condição, quase que conseguia visualizar uma pilha de mentes abandonadas e vazias atendendo a esse pequeno lema literalmente desmiolado. [48] Tentei uma paródia de um koan zen: “Qual é a reflexão de uma mente descartada?”.

Para o bem-aventurado turista ou visitante, o *ashram* apresentava o aspecto externo de um fino resort espiritual, onde se podia ouvir um blá-blá-blá sobre o além em um ambiente exótico e luxuoso. Mas dentro dos seus sagrados recintos, como logo descobri, havia um princípio mais sinistro em funcionamento. Muitas personalidades aflitas ou perturbadas vinham a Poona em busca de consultas e conselhos. Várias delas eram abastadas (os clientes ou peregrinos incluíam um membro distante da família real britânica) e logo de início eram instadas —

como ocorre em tantas religiões — a se separar de todas as suas posses materiais. Prova da eficácia desse conselho podia ser vista na frota de carros Rolls-Royce mantida pelo Bhagwan e considerada a maior coleção desse tipo no mundo. Após essa sangria mais ou menos energética, os iniciados eram transferidos a sessões de “grupo”, onde começava a coisa realmente repugnante.

O filme *Ashram*, de Wolfgang Dobrowolny, rodado às escondidas por um ex-devoto e adaptado para o meu documentário, mostra o “lúdico” termo *kundalini* sob uma nova luz. Numa cena representativa, uma moça é despida até ficar nua e cercada de homens que vociferam contra ela, chamando a atenção para todos seus defeitos físicos e psíquicos, até que ela esteja miserável em meio a lágrimas e desculpas. A essa altura ela é abraçada e afagada e confortada, e lhe dizem que agora ela tem “uma família”. Soluçando com alívio masoquista, ela entra com humildade na tribo. (Não estava absolutamente claro o que ela tinha de fazer para receber as roupas de volta, mas sobre esse ponto ouvi alguns

testemunhos muito feios e dignos de crédito.) Em outras sessões envolvendo homens, as coisas eram suficientemente rudes para haver ossos quebrados e vidas perdidas: o príncipe alemão da Casa de Windsor nunca mais foi visto e seu corpo foi queimado às pressas, sem o tédio de uma autópsia.

Dizia-se em tom respeitoso e reverente que “o corpo do Bhagwan tem algumas alergias” e, não muito depois da temporada que passei ali, ele

abandonou o *ashram* e pelo visto decidi que não tinha mais uso para sua carcaça terrena. O que aconteceu com a coleção de Rolls-Royce nunca consegui descobrir, mas seus acólitos receberam algum tipo de mensagem para voltarem a se juntar na pequena Antelope, no Oregon, nos primeiros meses de 1983. E

assim fizeram, apesar de agora menos comprometidos com o estilo pacífico e descontraído. Os habitantes locais ficaram desconcertados ao descobrir um complexo armado sendo erigido na sua vizinhança, com forças de seguranças nada sorridentes vestidas de cor de laranja. Aparentemente foi feita uma tentativa de criar “espaço” para o novo *ashram*. Num episódio bizarro, foi encontrada uma substância para envenenar alimentos espalhada nos produtos de um supermercado em Antelope. Por fim, a comuna acabou se rompendo e se dispersando em meio a uma série de recriminações, e eu tenho de vez em quando topado com refugiados de olhar vazio, saídos da longa e enganosa instrução do Bhagwan. (Ele próprio reencarnou como “Osho”, em cuja honra era produzida uma acetinada mas estúpida revista até alguns anos atrás. Possivelmente seguidores remanescentes ainda sobrevivam.) Eu diria que a população em Antelope, Oregon, perdeu por muito pouco a oportunidade de ser tão famosa quanto Jonestown.

El sueño de la razón produce monstruos. O imortal Francisco Goya deu-nos uma água-forte com esse título em sua série *Los Caprichos*, onde um homem em um sono indefeso é açoitado por morcegos, corujas e outros predadores das trevas. Mas uma quantidade extraordinária de gente parece acreditar que a mente, e a faculdade de raciocinar — a única coisa que nos diferencia dos nossos parentes animais —, é algo em que não se deve confiar e até mesmo, na medida do possível, embotar. A busca pelo nirvana, e pela dissolução do intelecto, continua. E onde quer que seja tentada, produz um efeito de embotamento do mundo real.

“Faça um completo.” Esse é o humilde pedido do budista ao vendedor de hot-dog. Mas quando o budista entrega ao vendedor uma nota de vinte dólares, como pagamento do seu lambuzado sanduíche, espera um longo tempo pelo seu troco. Finalmente, ao pedir o troco, é informado de que “a mudança vem só de dentro” .[49] Toda essa retórica é fácil demais de parodiar, assim como a do cristianismo missionário. Na velha catedral anglicana de Calcutá, uma vez fiz uma visita à estátua do bispo Reginald Heber, que encheu os hinários da Igreja da Inglaterra com versos como estes:

Ainda que as brisas tropicais

Soprem suaves sobre o Ceilão

Onde toda perspectiva agrada

E somente o homem é vil

Ainda que com gentileza amorosa

As dádivas de Deus se espalhem

O pagão em sua cegueira

Curva-se ante pau e pedra.

É em parte como reação à condescendência de velhas asneiras coloniais como essa que muitos ocidentais passaram a venerar as religiões aparentemente mais sedutoras do Oriente. De fato, o Sri Lanka (nome moderno da adorável ilha do Ceilão) é um lugar de grande encanto. Sua gente é conhecida pela delicadeza e pela generosidade: como ousou o bispo Heber descrevê-la como vil? No entanto, o Sri Lanka é agora um país quase totalmente arruinado e desfigurado pela violência e pela repressão, e as forças contendoras são principalmente budistas e hinduístas. O problema começa com o próprio nome do estado:

“Lanka” é o nome da ilha na velha língua cingalesa, e o prefixo “Sri” significa simplesmente “santo”, no sentido budista da palavra. Essa troca de nome póscolonial significou que os tâmeis, que são sobretudo hinduístas, sentiram-se imediatamente excluídos. (Eles preferem chamar sua terra natal de “Eelam”.) Não levou muito tempo para que esse tribalismo étnico, reforçado pela religião, fizesse naufragar a sociedade.

Embora eu pessoalmente ache que a população tâmil tivesse uma queixa razoável contra o governo central, não é possível perdoar o seu comando guerrilheiro por empreender em primeira mão, junto com o Hezbollah e a al-Qaeda, a asquerosa tática de assassinatos suicidas. Essa técnica bárbara, que

também foi usada por eles para assassinar um presidente eleito da Índia, não desculpa os pogroms organizados por budistas contra os tâmeis, nem o assassinato, por um sacerdote budista, do primeiro presidente eleito do Sri Lanka independente.

É concebível que alguns leitores destas páginas fiquem chocados em saber da existência de assassinos e sádicos hindus e budistas. Quem

sabe eles imaginem vagamente que orientais contemplativos, devotados a dietas vegetarianas e rotinas de meditação, sejam imunes a tais tentações? Pode-se até mesmo argumentar que o budismo nem sequer é, no sentido que nós damos à palavra, uma “religião”. Não obstante, o ser perfeito alegadamente deixou um de seus dentes no Sri Lanka, e eu certa vez compareci a uma cerimônia que envolvia uma rara exibição pública, organizada por sacerdotes, desse objeto envolto em ouro. O bispo Heber não menciona osso em seu estúpido hino (embora, em inglês — “bone” — fosse um rima para “strawn” tão boa quanto

“stone” — pedra), e isso talvez aconteceu porque os cristãos sempre se dispuseram a reverenciar ossos de supostos santos e a mantê-los em macabros relicários em suas igrejas e catedrais. Seja lá o que for, na propiciação do dente, não tive a menor sensação de paz e bem-aventurança interior. Ao contrário, percebi que, se fosse um tâmil, teria uma boa chance de sofrer um desmembramento.

A espécie humana é uma espécie animal sem muita variação interna, e é fútil e inútil imaginar que em uma viagem ao Tibete, digamos, descobrirá uma harmonia com natureza ou eternidade inteiramente diferente. O Dalai Lama, por exemplo, é total e facilmente reconhecível para um secularista. Da mesma maneira que um príncipe medieval, ele faz a reivindicação não só de que o Tibete deve se tornar independente da hegemonia chinesa — uma exigência

“perfeitamente boa”, se me permitem traduzi-la para a linguagem do dia a dia

—, mas que ele próprio é o rei hereditário indicado pelo céu. Que conveniente!

Seitas dissidentes dentro da sua fé são perseguidas; seu domínio de um homem só num enclave indiano é absoluto; ele faz pronunciamentos absurdos sobre sexo e dieta e, quando nas suas viagens para encontrar arrecadadores de fundos em Hollywood, unge como santos os principais doadores como Steven Seagal e Richard Gere. (De fato, até mesmo o sr. Gere foi levado a se lamuriar um pouco

quando o sr. Seagal foi investido como *tulku*, ou pessoa de elevada iluminação.

Deve ser irritante ser deixado para trás num leilão espiritual desse tipo.) Admito que o atual “Dalai” ou supremo lama é um homem com algum charme e presença, da mesma forma que admito que a atual

rainha da Inglaterra é uma pessoa de mais integridade que a maioria de seus predecessores, mas isso não invalida a crítica à monarquia hereditária, e os primeiros visitantes estrangeiros ao Tibete ficaram estarelecidos com a dominação feudal e com os hediondos castigos que mantinham a população em permanente servidão a uma elite monástica parasítica.

Como se poderia provar facilmente que a religião “oriental” é idêntica às premissas não verificáveis da religião “ocidental”? Eis aqui uma decidida declaração de “Gudô”, um celebradíssimo budista japonês da primeira parte do século XX:

Como propagador do budismo eu ensino que “todos os seres sencientes têm a natureza do Buda”

e que “dentro do Dharma há igualdade, sem superior ou inferior”. Além disso, ensino que “todos os seres sencientes são meus filhos”. Tendo tomado essas palavras douradas como base da minha fé, descobri que estão em completo acordo com os princípios do socialismo. E foi assim que me tornei um crente no socialismo.

Aí está novamente: uma premissa sem fundamento de que uma indefinida

“força” externa tem uma mente própria, e a leve mas ameaçadora sugestão de que alguém que discorde está de alguma maneira em oposição à vontade paterna ou sagrada. Extraí essa passagem do exemplar livro de Brian Victoria, *Zen at War*, que descreve o modo como a maioria dos budistas japoneses decidiram que Gudô estava certo no geral mas errado no particular. As pessoas deviam realmente ser consideradas filhos, como são em todas as religiões, mas na verdade era o fascismo, e não o socialismo, que Buda e o dharma exigiam deles.

O sr. Victoria é adepto do budismo e alega — deixo isso a critério dele

ser também um sacerdote. Ele certamente leva sua fé a sério e conhece muita coisa sobre o Japão e os japoneses. Seu estudo da questão mostra que o budismo japonês tornou-se um servo leal — até mesmo um defensor — do imperialismo e do assassinato em massa, e que o fez não tanto por ser japonês, mas por ser budista. Em 1938, membros da liderança da seita do Nichiren fundaram um grupo dedicado ao “Budismo do Caminho Imperial”. Que declarava o seguinte:

O Budismo do Caminho Imperial utiliza a primorosa verdade do Lótus

Sutra para revelar a majestosa essência do regime nacional. A exaltação do verdadeiro espírito do Budismo Mahayana é um ensinamento que reverentemente apoia a obra do imperador. Foi isso que o grande fundador da nossa seita, Santo Nichiren, quis dizer quando se referiu à unidade divina de Soberano e Buda... Por essa razão, a principal imagem de adoração no Budismo do Caminho Imperial não é o Buda Shakyamuni que apareceu na Índia, mas sua majestade o imperador, cuja linhagem se estende por 10 mil gerações.

[50]

Efusões como essa estão — por mais perversas que possam ser —

praticamente além das críticas. Consistem, como a maioria das profissões de fé, em meramente *assumir* o que precisa ser provado. Assim, uma asserção insignificante é então seguida das palavras “por essa razão”, como se todo o trabalho lógico tivesse sido feito ao fazer a asserção. (Todas as declarações do Dalai Lama, que acontece de não advogar uma chacina imperialista, mas que saudou em alto e bom som os testes nucleares do governo indiano, também são esse tipo de *non sequitur*.) Os cientistas têm uma expressão para hipóteses que são totalmente inúteis, mesmo para se aprender a partir dos erros. Referem-se a elas como sendo “nem sequer erradas”. A maior parte do chamado discurso espiritual é desse tipo.

Você notará, ademais, que na visão dessa escola de budismo há outras escolas de budismo, da mesma forma “contemplativas”, que estão erradas. É

exatamente o que um antropólogo da religião esperaria encontrar em algo que, tendo sido fabricado, estava destinado a ser cismático. Mas em que base poderia um devoto de Buda Shakyamuni argumentar que esses copensadores japoneses estavam eles mesmos errados? Decerto não usando evidência ou raciocínio, que são alheios àqueles que falam de “primorosa verdade do Lótus Sutra”.

As coisas foram de mal a pior quando os generais japoneses mobilizaram seus zumbis zen-obedientes a uma obediência completa. O continente chinês tornou-se um campo de matança e todas as principais seitas do budismo japonês uniram-se para publicar a seguinte proclamação:

Reverenciando a política imperial de preservar o Oriente, os súditos do Japão imperial carregam o destino humanitário de 1 bilhão de pessoas de cor [...]. Que acreditam que é tempo de efetuar uma mudança fundamental no curso da história humana, que tem sido

centrada nos caucasianos.

[51]

Isso ecoa a linha assumida pelos xintoístas — outra quase religião que usufrui de apoio estatal — de que os soldados japoneses realmente tombaram

pela causa da independência asiática. Todo ano há uma famosa controvérsia sobre se os líderes civis e espirituais do Japão devem visitar o santuário Yasukuni, que enobrece oficialmente o exército de Hirohito. Todo ano milhões de chineses, coreanos e birmaneses protestam afirmando que o Japão não foi o inimigo do imperialismo no Oriente e, sim, uma forma mais nova e viciosa dele, e que o santuário Yasukuni é um lugar de horror. Como é interessante, porém, notar, os budistas japoneses da época encaravam a participação de seu país no eixo nazifascista como uma manifestação da teologia da libertação. Ou, conforme declarou na época a liderança budista unificada:

No intuito de estabelecer a paz eterna na Ásia Oriental, despertando a grande benevolência e compaixão do Budismo, às vezes aceitamos e às vezes agimos com energia. Agora não temos escolha a não ser exercer a benevolente e enérgica ação de “matar um para que muitos possam viver” (*issatsu tasho*). Isso é algo que o Budismo Mahayana aprova apenas com a maior seriedade.

Ninguém que advogue uma “guerra santa” ou “Cruzada” poderia ter dito melhor. O trecho da “paz eterna” é particularmente excelente. Na fase final do pavoroso conflito que o Japão iniciara, eram os monges budistas e xintoístas que estavam recrutando e treinando os bombardeadores suicidas, ou *kamikaze* (“vento divino”), fanáticos, assegurando-lhes que o imperador era o “rei sagrado dourado que gira a roda”, de fato uma das quatro manifestações do monarca budista ideal, e um *Tathagata*, ou “ser totalmente iluminado” do mundo material.

E como “o Zen trata a vida e a morte indiferentemente”, por que não abandonar as preocupações deste mundo e adotar uma política de prostração aos pés de um ditador homicida?

Esse caso sinistro também ajuda a embasar minha tese geral de considerar a

“fé” uma ameaça. Deveria ser possível eu empreender meus estudos e pesquisas numa casa, enquanto os budistas giram sua roda em outra.

Mas o desprezo pelo intelecto tem uma maneira estranha de *não* ser passivo. Pode acontecer uma de duas coisas: aqueles que são inocentemente crédulos podem se tornar presa fácil para aqueles que são menos escrupulosos e que buscam “liderá-los” e “inspirá-

los”. Ou aqueles cuja credulidade conduziu sua própria sociedade à estagnação podem buscar uma solução não num verdadeiro autoexame, mas em culpar outros pelo seu atraso. Ambas as coisas aconteceram na sociedade mais

consagradamente “espiritual” de todas.

Embora muitos budistas agora se arrependam daquela deplorável tentativa de provar sua própria superioridade, desde então nenhum budista foi capaz de demonstrar que o budismo estava errado em seus próprios termos. Uma fé que despreza a mente e o indivíduo livre, que prega submissão e resignação, e que encara a vida como uma coisa pobre e transitória, está mal equipada para uma autocrítica. Aqueles que ficaram entediados com as religiões convencionais da

“Bíblia” e que buscam “iluminação” por meio da dissolução de suas próprias faculdades críticas em algum tipo de nirvana, é melhor que fiquem avisados.

Podem pensar que estão deixando o reino do desprezado materialismo, mas ainda estão sendo requisitados a pôr sua razão para dormir, e a descartar suas mentes junto com as sandálias.

15

A RELIGIÃO COMO PECADO

ORIGINAL

EXISTEM, DE FATO, DIVERSOS ASPECTOS NOS QUAIS A RELIGIÃO não é somente amoral, mas positivamente imoral. E esses defeitos e crimes não são encontrados no comportamento de seus adeptos (que às vezes pode ser exemplar), e sim nos seus preceitos originais. Estes incluem:

- Apresentar uma imagem falsa do mundo aos crédulos e inocentes
- A doutrina do sacrifício de sangue
- A doutrina da expiação

- A doutrina da recompensa e/ou castigo eterno
- A imposição de tarefas e regras impossíveis

O primeiro ponto já foi coberto. Todos os mitos de criação de todos os povos há muito se sabe que são falsos, e têm sido recentemente substituídos por explicações infinitamente superiores e mais magníficas. À sua lista de pedidos de desculpas, a religião deveria simplesmente acrescentar um pedido de desculpas por impingir aos ingênuos pergaminhos artificiais e mitos populares, e por levar tanto tempo para reconhecer que isso foi feito. Sente-se a relutância em fazer essa admissão, uma vez que tenderia a explodir toda a concepção de mundo religiosa, porém, quanto maior a demora, mais abominável se tornará a negação.

SACRIFÍCIO DE SANGUE

ANTES DE SURGIR O MONOTEÍSMO, OS ALTARES DAS SOCIEDADES primitivas exalavam sangue, em grande parte de humanos e um pouco de crianças. A sede de sangue, pelo menos na forma animal, ainda está conosco. Judeus religiosos estão neste

momento tentando criar a imaculadamente pura “novilha ruiva” mencionada no livro de Números, capítulo 19, que, se sacrificada novamente de acordo com o exato e meticuloso ritual, provocará o retorno dos sacrifícios de animais no Terceiro Templo, acelerando o fim dos tempos e a vinda do Messias. Isso pode parecer um mero absurdo, mas uma equipe de fazendeiros cristãos com essa mentalidade está tentando, exatamente no momento em que escrevo, ajudar seus cofundamentalistas empregando técnicas especiais de cruzamento (emprestadas ou roubadas da ciência moderna) para produzir um “Angus Ruivo” perfeito em Nebraska. Entrementes, em Israel, os fanáticos bíblicos judeus também estão tentando criar uma criança humana, numa “bolha” pura, livre de contaminação, que, ao chegar à idade correta, terá o privilégio de cortar a garganta da novilha.

O ideal é que isso deveria ser feito no Monte do Templo, incomodamente o sítio dos lugares sagrados muçulmanos, ainda assim o mesmo local onde se diz que Abraão ergueu a faca sobre o corpo vivo de seu próprio filho. Outras degolas e estripações sacramentais, sobretudo de carneiros, ocorrem todo ano no mundo cristão e muçulmano, seja para celebrar a Páscoa ou a Festa de Eid.

Esta última, que homenageia a disposição de Abraão de fazer um

sacrifício humano de seu filho, é comum a todos os três monoteísmos e descende de seus ancestrais primitivos. Não há como suavizar o claro significado dessa assustadora história. O prelúdio envolve uma série de vilezas e delírios, desde a sedução de Ló por ambas suas filhas, o casamento de Abraão com sua meia-irmã, o nascimento de Isaac para Sara quando Abraão tinha cem anos, e muitos outros crimes e delitos rústicos críveis e incríveis. Talvez afligido por uma consciência pobre, mas de qualquer modo acreditando-se comandado por deus, Abraão concordou em assassinar seu filho. Preparou o altar do sacrifício, deitou o menino amarrado sobre ele (mostrando assim que conhecia o procedimento) e pegou a faca, no intuito de matar a criança como um animal. No último instante sua mão foi detida, não por deus, mas por um anjo, e ele foi elogiado desde as nuvens por demonstrar sua ferrenha disposição de assassinar um inocente como expiação de seus próprios crimes. Como recompensa pela sua fidelidade, foi lhe prometida uma longa e larga descendência.

Não muito depois disso (embora a narrativa do Gênesis não seja muito bem ilustrada quanto ao tempo) sua esposa Sara expirou com a idade de 127 anos, e

seu responsável marido encontrou um lugar para sepultá-la numa gruta na cidade de Hebron. Tendo vivido mais que ela, até chegar à bela idade de 175 anos, e tendo, nesse meio-tempo, gerado mais seis filhos, Abraão acabou sendo enterrado na mesma gruta. Até hoje, pessoas religiosas matam uns aos outros, e massacram seus próprios filhos e o do próximo, pelo direito de propriedade exclusiva desse buraco num morro impossível de ser identificado e localizado.

Houve um terrível massacre de moradores judeus em Hebron durante a revolta árabe de 1929, quando 67 judeus foram chacinados. Muitos deles eram lubavitchers, que consideravam todos os não judeus como racialmente inferiores, e tinham se mudado para Hebron porque acreditavam no mito do Gênesis, mas isso não justifica o pogrom. Permanecendo fora das fronteiras de Israel até 1967, a cidade foi capturada naquele ano com muita fanfarra pelas forças israelenses e tornou-se parte da Margem Ocidental ocupada. Colonos judeus começaram a

“retornar”, sob a liderança de um rabino particularmente violento e obnoxio chamado Moshe Levinger, e a construir um assentamento armado chamado Kiryat Arba acima da cidade, bem como alguns assentamentos menores dentro da área. Os muçulmanos entre a população basicamente árabe continuaram alegando que o louvável Abraão de fato estivera disposto a assassinar o filho, mas só pela

religião *deles* e não pela dos judeus. É isso que significa

“submissão”. Quando visitei o lugar descobri que a suposta “Gruta dos Patriarcas” ou “Gruta de Macpela” tinha entradas independentes e locais de culto separados para os dois requerentes antagonistas ao direito de celebrar essa atrocidade em seus próprios nomes.

Um pouco antes de eu chegar, ocorreu outra atrocidade. Um fanático israelense chamado dr. Baruch Goldstein viera até a caverna e, destravando a arma automática que tinha permissão de portar, a descarregou na congregação muçulmana. Matou 27 fiéis e feriu incontáveis outros antes de ser subjugado e surrado até a morte. Acontece que muita gente já sabia que o dr. Goldstein era perigoso. Enquanto servia como médico no Exército israelense, anunciara que não trataria de pacientes não judeus, tais como árabes israelenses, especialmente no Shabat. E acontece que ele estava obedecendo a uma lei rabínica ao declinar tal atendimento, como confirmaram muitas autoridades fundamentalistas judaicas, então um meio fácil de identificar um assassino desumano era notar

que ele era guiado por uma observância sincera e literal da instrução divina.

Desde então foram erguidos memoriais em seu nome por judeus observantes mais obstinados e, entre os rabinos que condenaram seu ato, nem todos o fizeram em termos inequívocos. A maldição de Abraão continua a envenenar Hebron, mas a justificativa religiosa pelo sacrifício de sangue envenena toda a nossa civilização.

EXPIAÇÃO

SACRIFÍCIOS HUMANOS ANTERIORES, COMO OS DOS ASTECAS E outras cerimônias das quais nos afastamos, eram comuns no mundo antigo e assumiam a forma de assassinato expiatório. Assumia-se que a oferta de uma virgem, ou de uma criança, ou de um prisioneiro, servia para apaziguar os deuses: mais uma vez, não uma propaganda muito boa para as propriedades morais da religião.

“Martírio”, ou o sacrifício deliberado da própria pessoa, pode ser visto sob uma luz ligeiramente distinta, embora quando praticado pelos hindus na forma de sati, ou o fortemente sugerido “suicídio” de viúvas, era desconsiderado pelos britânicos na Índia por razões tanto imperiais quanto cristãs. Aqueles “mártires”

que desejam matar outros bem como a si próprios, num ato de exaltação religiosa, são vistos de maneira ainda mais diferente: o islã

se opõe ostensivamente ao suicídio em si, mas parece que não consegue decidir se condena ou recomenda o ato de um arrojado *shahid*.

No entanto, a ideia de uma expiação *vicária*, do tipo que tanto perturbava até mesmo C. S. Lewis, é um refinamento adicional de uma superstição antiga.

Mais uma vez temos um pai demonstrando amor ao sujeitar o filho à morte por tortura, mas dessa vez o pai não está tentando impressionar deus. Ele *é* deus e está tentando impressionar os humanos. Faça a si mesmo a seguinte pergunta: o quanto o que se segue é moral? Contam-me acerca de um sacrifício humano que aconteceu 2 mil anos atrás, sem que eu o desejasse e em circunstâncias tão medonhas que, se eu estivesse presente e tivesse alguma influência, teria me sentido obrigado a tentar impedi-lo. Em consequência desse assassinato, meus próprios e múltiplos pecados me são perdoados e eu posso ter esperança de desfrutar da vida eterna.

Vamos desconsiderar, só por enquanto, todas as contradições entre os narradores da história original e assumir que seja basicamente verdadeira. Quais são as implicações adicionais? Não são tão reconfortadoras quanto parecem à primeira vista. Para começar, e tentando obter o benefício dessa assombrosa oferta, devo aceitar que sou *responsável* pelo castigo, zombaria e crucificação, sobre os quais não pude opinar nem deles participar, e ainda devo concordar que, toda vez que declino dessa responsabilidade, ou quando peço em palavra ou ação, estou intensificando a agonia sofrida. Ademais, sou solicitado a acreditar que a agonia foi *necessária* para compensar uma época anterior da qual também não participei, o pecado de Adão. É inútil objetar que Adão parece ter sido criado com insatisfação e curiosidade insaciáveis, e então proibido de satisfazê-

las: tudo isso resolvido muito antes de o próprio Jesus nascer. Ainda assim, a minha própria culpa no assunto é considerada “original” e inescapável. No entanto, ainda me é concedido o livre-arbítrio para rejeitar a oferta de uma redenção vicária. Todavia, caso eu exerça essa opção, encaro uma eternidade de tortura muito mais horrível que qualquer coisa suportada no Calvário ou qualquer coisa que tenha servido de ameaça àqueles que ouviram inicialmente os Dez Mandamentos.

O relato não fica mais fácil de acompanhar pela necessária compreensão de que Jesus ao mesmo tempo *desejava* e *necessitava* morrer e veio a Jerusalém no Pessach para fazê-lo, e que todos que

participaram do seu assassinato estavam cumprindo, sem o saber, a vontade de deus e realizando antigas profecias.

(Desconsiderada a versão gnóstica, é muito esquisito que Judas, que teria executado o ato estranhamente redundante de identificar um conhecido pregador para aqueles que o estavam caçando, devesse sofrer tal opróbrio. Sem ele, não teria havido a “Sexta-Feira Santa”, como os cristãos ingenuamente a chamam mesmo quando não estão num estado de espírito vingativo.)

Existe uma acusação (encontrada em apenas um dos quatro Evangelhos) de que os judeus que condenaram Jesus pediram para que seu sangue estivesse

“sobre suas cabeças” para futuras gerações. Esse não é um problema que diga respeito somente aos judeus ou àqueles católicos que se preocupam com a história do antissemitismo cristão. Suponhamos que o Sinédrio judaico tenha *de fato* feito tal pedido, como Maimônides achou que tivessem de, e devessem, ter

feito. Como o pedido poderia possivelmente ser imposto às gerações sucessoras?

Lembre-se que o Vaticano não afirmava que foram *alguns* judeus que mataram Cristo. Afirmava que foram *os judeus* que ordenaram sua morte e que o povo judeu, como um todo, era portador de uma responsabilidade coletiva. Parece bizarro que a igreja não tenha conseguido retirar a acusação generalizada de

“deicídio” por parte dos judeus até bem recentemente. Mas a chave para essa relutância é fácil de encontrar. Se você admite que os descendentes dos judeus não estão implicados, fica muito difícil argumentar que qualquer outra pessoa não presente ali estivesse implicada tampouco. Um buraco no tecido, como sempre, ameaça rasgar totalmente a coisa toda (ou apenas transformá-la em algo fabricado e tecido pelo homem, como o desacreditado Sudário de Turim). A coletivização da culpa, em suma, é imoral em si mesma, como a religião ocasionalmente tem sido obrigada a admitir.

CASTIGO ETERNO E TAREFAS IMPOSSÍVEIS

A HISTÓRIA DO EVANGELHO SOBRE O JARDIM DE GETSÊMANI costumava me absorver muito quando criança, porque sua “quebra” na ação e suas lamúrias humanas me faziam imaginar se parte daquele cenário fantástico poderia afinal ser verdade.

Com efeito, Jesus pergunta: “*Tenho* eu que passar por isto?”. É uma pergunta impressionante e inesquecível, e há muito resolvi que apostaria de bom grado a minha própria alma na crença de que a única resposta certa é “não”. Não podemos, como os temerosos camponeses da antiguidade, esperar jogar todos os nossos crimes num bode e aí levar o infeliz animal até o deserto. Nossa linguagem cotidiana é muito sólida quando se refere ao “bode expiatório” com desprezo. E a religião é uma enorme escritura de expiação pelo bode. Posso pagar a sua dívida, meu amor, se você tem sido imprudente, e se eu fosse um herói como Sidney Carton em *Um conto de duas cidades*, poderia até mesmo cumprir sua pena na prisão ou tomar o seu lugar no cadafalso. Maior amor um homem não tem. Mas não posso absolver você das suas responsabilidades. Seria imoral de minha parte oferecer e imoral da sua parte aceitar. E se a mesma oferta é feita a partir de outra época e outro mundo, através da mediação de intermediários e acompanhada de persuasões, ela perde toda sua grandeza e

torna-se aviltada num pensamento desejoso ou, pior ainda, numa combinação de chantagem com suborno.

A degeneração definitiva de tudo isso numa mera barganha foi deixada desagradavelmente óbvia por Blaise Pascal, cuja teologia não fica muito longe de sórdida. Sua celebrada “aposta” coloca as coisas na forma de uma pura negociata: o que você tem a perder? Se você acredita em deus e deus existe, você ganha. Se você acredita nele e está errado — e daí? Uma vez escrevi uma resposta a essa astuta maneira de cobrir apostas, que assumiu duas formas. A primeira foi uma versão da réplica hipotética de Bertrand Russell à hipotética pergunta: o que você dirá se morrer e for confrontado com seu Criador? Sua resposta? “Eu diria, ó Deus, você não nos deu evidência suficiente.” A minha resposta: Imponderável Senhor, presumo a partir de algumas, se não todas as suas muitas reputações, que o senhor prefere uma descrença honesta e convicta a uma simulação de fé hipócrita e de interesse próprio, ou aos fumegantes tributos dos altares sangrentos. Mas eu não contaria com isso.

Pascal me faz lembrar os hipócritas e as fraudes que abundam na racionalização talmúdica judaica. Não faça você mesmo nenhum trabalho no Shabat, mas pague alguém para fazer. Você obedece à lei ao pé da letra: quem está fazendo contagem? O Dalai Lama nos diz que você pode visitar uma prostituta, contanto que outra pessoa pague a ela. Os muçulmanos xiitas oferecem “casamento temporário”, vendendo aos homens permissão para tomar uma esposa por uma ou duas horas com os votos usuais e então se divorciar quando terminam.

Metade dos esplêndidos edifícios de Roma jamais teriam sido erguidos se a venda de indulgências não tivesse sido tão lucrativa: o próprio São Pedro foi financiado por uma oferta única desse tipo. O novo papa, antes Joseph Ratzinger, recentemente atraiu jovens católicos a uma festividade oferecendo certa “remissão de pecado” àqueles que comparecessem.

Esse patético espetáculo moral não seria necessário se as regras originais fossem possíveis de obedecer. Mas aos éditos totalitários que começam com revelação de autoridade absoluta, e que são implantados e se fazem vigorar por meio do medo, e baseados num pecado que foi cometido muito tempo atrás, são acrescentados regulamentos muitas vezes imorais e impossíveis ao mesmo tempo. O princípio essencial do totalitarismo é fazer leis que sejam *impossíveis*

de obedecer. A tirania que resulta será ainda mais impressionante se puder ser implantada por uma casta ou partido privilegiado, altamente zeloso na detecção dos erros. A maioria da humanidade, ao longo da sua história, tem vivido sob uma forma dessa ditadura assustadora, e uma grande parte ainda vive. Deixe-me dar alguns exemplos das regras que devem, mas não podem, ser seguidas.

O mandamento no Sinai que proibia pessoas de sequer *pensar* em cobiçar bens é a primeira pista. Ele tem eco no Novo Testamento, mediante a injunção que diz que um homem que olhar para uma mulher do modo errado na verdade já cometeu adultério. E é quase equiparado à atual proibição muçulmana e antiga proibição cristã de emprestar dinheiro a juros. Todos eles, cada um à sua maneira, tentam impor à iniciativa humana restrições impossíveis. Que só podem ser atendidos de uma entre duas maneiras. A primeira é por meio de um contínuo flagelo e mortificação da carne, acompanhado de uma briga incessante com os pensamentos “impuros”, que se tornam reais tão logo sejam nomeados ou mesmo imaginados. Daí surgem as histéricas confissões de culpa, falsas promessas de melhora e denúncias sonoras e violentas de outros pecadores e reincidentes: um estado policial espiritual. A segunda solução é a hipocrisia organizada, onde alimentos proibidos são rebatizados como outra coisa, ou onde uma doação às autoridades religiosas compra algum espaço de manobra, ou onde a ortodoxia ostensiva compra algum tempo, ou onde se pode depositar dinheiro numa conta, que depois será devolvido em outra — talvez com uma ligeira porcentagem adicional sem ser na forma de usura. A isso poderíamos chamar de república de bananas espiritual. Muitas teocracias, desde a Roma medieval até a moderna Arábia Saudita wahabi, conseguiram ser Estados policiais espirituais e república de bananas espirituais ao mesmo tempo.

Essa objeção aplica-se até mesmo a algumas das regras mais nobres e algumas das mais vis. O mandamento de “amar o próximo” é ao mesmo tempo delicado e severo: um lembrete do dever da pessoa para com os outros. O

mandamento de “amar o próximo *como a si mesmo*” é extremo e exigente demais para ser obedecido, da mesma forma que a instrução difícil-de-interpretar de amar os outros “como eu amei vocês”. Os seres humanos não são constituídos de modo a se preocupar com os outros como se preocupam consigo mesmos: a coisa simplesmente não pode ser feita (como qualquer “criador” inteligente

muito bem entenderia só de estudar seu próprio desígnio). Exigir que humanos sejam super-humanos, sob pena de sofrer morte e tortura, é exigir um terrível autoaviltamento em vista do repetido e inevitável fracasso em obedecer às regras. E, ao mesmo tempo, que sorriso arreganhado na cara daqueles que aceitam doações em dinheiro vivo que são feitas *in loco*! A assim chamada Regra de Ouro, às vezes identificada desnecessariamente com um conto popular sobre o Rabi Hillel na Babilônia, simplesmente nos ordena a tratar os outros como desejaríamos ser tratados por eles. Esse preceito sóbrio e racional, que se pode ensinar a qualquer criança com seu senso inato de justiça (e que é anterior a todas as “beatitudes” e parábolas de Jesus), está bem dentro da bússola de qualquer ateu e não requer masoquismo e histeria, ou sadismo e histeria, quando é violado. Ele é aprendido de forma gradual, como parte da evolução lentamente dolorosa da espécie, e uma vez apreendido nunca é esquecido. A consciência ordinária basta, sem qualquer ira celeste por trás.

Quanto às regras mais vis, é suficiente consultar mais uma vez o argumento do desígnio. As pessoas querem enriquecer e melhorar, e embora possam muito bem emprestar ou mesmo dar dinheiro a algum amigo ou parente necessitado, sem pedir nada a não ser a eventual devolução ou o reconhecimento agradecido, não darão dinheiro a completos estranhos sem esperar alguns juros. Por um interessante acaso, a cupidez e a avareza são a espora do desenvolvimento econômico. Nenhum estudioso do tema, de David Ricardo a Karl Marx e Adam Smith, deixou de ter consciência desse fato. Não é “da benevolência” do padeiro, observou Smith à sua arguta maneira escocesa, que esperamos o nosso pão de todo dia, mas do seu interesse próprio em assar e vender o pão. Em todo caso, pode-se optar por ser altruísta, o que quer que isso signifique, mas por definição não se pode ser *obrigado* ao altruísmo. Talvez fôssemos mamíferos melhores se não tivéssemos sido “criados” dessa maneira, mas com certeza nada poderia ser mais tolo do que ter um “criador” que então proibisse o

mesmíssimo instinto que ele instilou.

“Livre-arbítrio”, retrucam os casuístas. Você também não precisa obedecer às leis contra roubo e assassinato. Bem, pode-se ser programado geneticamente para certa quantidade de agressividade, ódio e cobiça e, ainda assim, evoluído o suficiente para ter cuidado em seguir todo estímulo. Se toda vez nos

rendêssemos a cada instinto básico nosso, a civilização teria sido impossível e não haveria escrita pela qual prosseguir nesse argumento. No entanto, não pode haver dúvida de que o ser humano, seja em pé ou deitado, encontra sua mão pousada sempre perto da genitália. Útil sem dúvida para rechaçar agressores primitivos, uma vez que nossos ancestrais decidiram assumir o risco de andar eretos e expor as vísceras, isto é ao mesmo tempo um privilégio e uma provocação negada à maioria dos quadrúpedes (alguns dos quais conseguem compensar alcançando com a boca o mesmo ponto que alcançamos com os nossos dedos e palma das mãos). Agora: quem concebeu a regra de que essa fácil aposição entre manual e genital deva ser proibida, mesmo em pensamento?

Falando mais claramente, quem ordenou que você *deve* tocar (por razões outras que nada têm a ver com sexo ou reprodução) mas que também *não deve*? Não parece haver aqui sequer alguma verdadeira autoridade escritural e, todavia, a maioria das religiões fez dessa uma proibição quase absoluta.

Poder-se-ia escrever um livro inteiro dedicado apenas à grotesca história de religião e sexo, e ao sagrado pavor do ato de procriação e dos impulsos e necessidades a ele associados, desde a emissão de sêmen até a efusão do sangue menstrual. Mas um modo conveniente de condensar toda a fascinante história é fazer uma única pergunta provocativa.

16

A RELIGIÃO É ABUSO INFANTIL?

Diga-me abertamente, eu lhe peço — responda-me: imagine que você mesmo esteja construindo o edifício do destino humano com o objetivo de deixar as pessoas felizes no final, de lhes dar por fim paz e descanso, mas para isso você precisa inevitável e irrevogavelmente torturar apenas uma ínfima criatura, aquela mesma criança que batia no peito com seu pequeno punho cerrado, e erguer seu edifício sobre o alicerce das suas lágrimas não atendidas — você concordaria em ser o

arquiteto em tais condições? Diga-me a verdade.

IVAN PARA ALIÓCHA, EM *Os irmãos Karamázov*

QUANDO CONSIDERAMOS SE A RELIGIÃO “FEZ MAIS MAL que bem” — não que isso dissesse *alguma coisa* sobre sua verdade e autenticidade —, defrontamo-nos com uma pergunta imponderavelmente grande. Como podemos saber quantas crianças tiveram suas vidas psicológicas e físicas irreparavelmente mutiladas pela inculcação compulsória da religião? Isso é quase tão difícil de determinar quanto o número de sonhos e visões espirituais e religiosos que se “realizaram”, que para ter um mínimo de valor teriam de ser mensurados contra todos os não registrados e não lembrados que não se realizaram. Mas podemos estar certos de que a religião sempre almejou operar nas mentes não formadas e indefesas dos pequenos, e tem percorrido grandes distâncias para assegurar esse privilégio, fazendo alianças com poderes seculares no mundo material.

Um dos grandes exemplos de terrorismo moral na nossa literatura é o sermão pregado pelo padre Arnall em *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce. O repulsivo velho padre está preparando Stephen Dedalus e os outros jovens dos quais era “encarregado” para um retiro em honra a São Francisco Xavier (o homem que levou a Inquisição para a Ásia e cujos ossos ainda são venerados por aqueles que escolhem venerar ossos). Ele decide impressioná-los e, com prazer malévolo, lhes dá uma longa e detalhada descrição do castigo

eterno, do tipo que a igreja costumava impor quando ainda tinha autoridade para fazê-lo. É impossível citar o palavrório todo, mas dois elementos particularmente vívidos — concernentes à natureza da tortura e à natureza do tempo — são do nosso interesse. É fácil ver que as palavras do padre destinam-se *precisamente* a assustar crianças. Em primeiro lugar, as imagens em si são infantis. Na seção de tortura, o próprio diabo faz uma montanha derreter como cera. Cada doença assustadora é incluída e a preocupação infantil de que esse sofrimento possa continuar para sempre é habilmente aproveitada. Quando chega a hora de retratar uma unidade de tempo, vemos uma criança numa praia brincando com grãos de areia, e a ampliação infantil de unidades (“Papai, se houvesse milhões de milhões de milhões de zilhões de gatinhos: eles encheriam o *mundo todo*?”) e então, acrescentando multiplicidades adicionais, a evocação das folhas da natureza, e os facilmente conjurados pelos e penas e escamas dos bichos de estimação. Durante séculos, homens adultos foram pagos para assustar crianças dessa maneira (e também para torturá-las, surrá-las e violentá-las, como também faziam na memória de Joyce e

na memória de incontáveis outros).

As outras idiotices e crueldades artificiais dos religiosos também são fáceis de detectar. A ideia de tortura é tão velha quanto a sordidez da humanidade, que é a única espécie com imaginação para adivinhar qual deve ser a sensação provocada quando um a impõe sobre o outro. Não podemos culpar a religião por esse impulso, mas podemos condená-la por institucionalizar e refinar a prática.

Os museus da Europa medieval, da Holanda a Toscana, estão atulhados de instrumentos e dispositivos sobre os quais homens santos trabalharam dedicadamente para ver quanto tempo podiam manter alguém vivo enquanto estava sendo tostado. Não é necessário entrar em maiores detalhes, mas havia também livros religiosos de instrução nessa arte e guias para detectar heresia por meio da dor. Aqueles que não tivessem a sorte de poder participar de um auto de fé (como era conhecida a sessão de tortura) tinham permissão para soltar as rédeas da fantasia em quantos lúgubres pesadelos conseguissem e infligi-los verbalmente, no intuito de manter os ignorantes num estado de medo permanente. Numa época em que pouco havia em termos de entretenimento público, mandar alguém publicamente para uma boa fogueira, para uma estripação ou para uma quebra de ossos na roda era muitas vezes uma recreação

tão boa quanto os santos homens ousavam permitir. Nada prova o caráter artificial da religião de forma tão óbvia quanto a mente doentia que projetou o inferno, não menos que a mente extremamente limitada que fracassou em descrever o céu — exceto como um lugar ou de conforto terreno, tédio eterno, ou (como pensava Tertuliano) um contínuo deleite na tortura de outros.

Os infernos pré-cristãos também eram altamente desagradáveis e recorriam à mesma engenhosidade sádica para sua invenção. No entanto, alguns dos mais antigos que conhecemos — especialmente o hindu — eram limitados no tempo.

Um pecador, por exemplo, podia ser condenado a um determinado número de anos no inferno, onde cada dia contava como 6.400 anos humanos. Se ele matasse um sacerdote, a sentença assim ajustada seria de 149.504.000.000 anos.

Nesse ponto, era permitido a ele o nirvana, que parecia significar aniquilação.

Coube aos cristãos achar um inferno do qual não havia escapatória

possível. (E a ideia é facilmente plagiada: certa vez ouvi Louis Farrakhan, líder da herética

“Nação do Islã”, só de negros, arrancar um rugido hediondo de uma turba no Madison Square Garden. Jogando uma cusparada nos judeus, berrou: “E não se esqueçam — quando for Deus a colocar vocês nos fornos, será PARA SEMPRE!”) A obsessão com crianças, e com o controle rígido sobre sua educação, tem sido parte de todo sistema de autoridade absoluta. Pode ter sido um jesuíta o primeiro a ser realmente citado como tendo dito: “dê-me a criança até os dez anos, e eu lhe darei o homem”, mas a ideia é muito mais velha que a escola de Inácio de Loyola. A doutrinação dos jovens com frequência tem o efeito inverso, como também sabemos pelo destino de muitas ideologias seculares, mas parece que a religião se dispõe a correr esse risco de marcar garotos e garotas com propaganda suficiente. O que mais podem esperar? Se a instrução religiosa não fosse permitida até a criança ter chegado à idade da razão, estaríamos vivendo num mundo muito diferente. Pais fiéis estão divididos acerca disso, já que naturalmente esperam compartilhar as maravilhas e delícias do Natal e outras festas com sua prole (e também podem fazer bom uso de deus, bem como de figuras menos importantes como Papai Noel, para ajudar a domar os rebeldes), mas repare no que acontece se o filho ou filha se extravia para outra fé, para não dizer outro culto, mesmo no início da adolescência. Os pais tendem a proclamar que essa outra fé está se aproveitando dos inocentes. Todos os monoteísmos têm,

ou costumavam ter, uma proibição muito forte contra apostasia exatamente por essa razão. Em seu *Memórias de uma menina católica*, Mary McCarthy lembra-se do seu choque ao saber de um pregador jesuíta que seu avô protestante — seu guardião e amigo — estava condenado ao castigo eterno porque tinha sido batizado do jeito errado. Criança precocemente inteligente, não esqueceu o assunto até fazer a madre superiora consultar algumas autoridades mais altas e descobrir uma brecha nos escritos do bispo Atanásio, que sustentava que os hereges só estariam condenados se rejeitassem a verdadeira igreja com plena consciência do que estavam fazendo. Seu avô, então, podia ser suficientemente ignorante da verdadeira igreja para escapar ao inferno.^[52] Mas que agonia para sujeitar uma menina de onze anos! E pense só no número de crianças menos curiosas que simplesmente aceitaram esse ensinamento malévolo sem questioná-

lo. Aqueles que mentem para os jovens dessa maneira são perversos ao extremo.

Dois casos — um de ensinamento imoral e outro de prática imoral —

podem ser aduzidos. O ensinamento imoral diz respeito ao aborto. Como materialista, penso que foi demonstrado que um embrião é um corpo e entidade separados, e não meramente (como alguns realmente costumavam argumentar) um abscesso dentro do corpo feminino. Havia feministas que diziam que era mais como um apêndice ou até mesmo — isso era seriamente sustentado — um tumor. Esse absurdo parece ter cessado. Entre as considerações que fizeram com que parasse, uma é a visão fascinante e comovente fornecida pela sonografia, e outra é a sobrevivência de bebês “prematurados” de peso mínimo, que adquiriram

“viabilidade” fora do útero. Esse é mais um modo pelo qual a ciência pode construir uma causa comum com o humanismo. Assim como nenhum ser humano de capacidade moral média poderia ficar indiferente à visão de uma mulher levando chutes na barriga, também ninguém pode deixar de se sentir muito mais indignado se a mulher em questão estiver grávida. A embriologia confirma a moralidade. As palavras “criança não nascida”, mesmo quando usadas de maneira politizada, descrevem uma realidade material.

No entanto, isso apenas abre a discussão em vez de fechá-la. Pode haver muitas circunstâncias diferentes nas quais não é desejável carregar um feto até o fim da gravidez. Ou a natureza ou deus parece apreciar isso, já que um grande número de gravidezes são “abortadas”, por assim dizer, por causa de

malformação, e conhecidas educadamente como “abortos espontâneos”. [53] Por mais triste que seja, é provavelmente um resultado menos infeliz do que a existência de um grande número de crianças deformadas ou mentalmente deficientes que de outra maneira teriam ou nascido mortas ou cujas vidas teriam sido um tormento para si mesmas e para os outros. Quanto à evolução em geral, portanto, no útero vemos um microcosmo da natureza e da própria evolução. Em primeiro lugar começamos como formas minúsculas que são anfíbias, antes de gradualmente desenvolverem pulmões e cérebro (e desenvolver para depois deixar cair essa agora inútil capa de pelos) e, então, fazer força para sair e respirar ar fresco após uma transição um tanto difícil. Da mesma maneira, o sistema é bastante impiedoso em eliminar aqueles que, para começar, nunca tiveram uma boa chance de sobreviver: nossos ancestrais nas savanas não poderiam sobreviver na sua época se tivessem uma ninhada de filhotes frágeis e dependentes para proteger contra os predadores. Aqui a analogia da evolução poderia não ser a “mão invisível” de Adam Smith (um termo do qual sempre desconfiei) tanto quanto o modelo de “destruição criativa” de Joseph Schumpeter, [54] segundo o qual nós nos

acostumamos a certa quantidade de fracassos naturais, levando em conta a falta de piedade da natureza e estendendo-se de volta até os remotos protótipos da nossa espécie.

Logo, nem todas as concepções levam, ou sempre levaram, a nascimentos.

E sempre, desde que a mera luta pela existência começou a diminuir, foi ambição da inteligência humana adquirir controle sobre a taxa de reprodução.

Famílias que estão à mercê da pura natureza, com sua inevitável exigência de profusão, estarão presas a um ciclo que não é muito melhor que o dos animais. A melhor maneira de adquirir alguma medida de controle é por profilaxia, que tem sido de modo incansável buscada desde que começaram a manter registros e que, na nossa época, veio a se tornar relativamente infalível e indolor. A segunda solução de reserva, que às vezes pode ser desejável por outros motivos, é a interrupção da gravidez: um expediente lamentado por muitos mesmo quando realizado sob terrível necessidade. Todas as pessoas pensantes reconhecem um doloroso conflito de direitos e interesses nessa questão, e lutam para chegar a um equilíbrio. A única proposição completamente inútil, seja moral ou quase, é a bárbara afirmação de que espermatozoides e óvulos são vidas potenciais que não

devem ser impedidas de se fundir e que, quando unidas, por mais brevemente que seja, têm alma e precisam ser protegidas por lei. Nessa base, um dispositivo intrauterino que impeça o óvulo de se prender à parede do útero é uma arma de assassinato, e uma gravidez ectópica (o desastrosos acidente que faz o óvulo começar a crescer dentro da trompa de Falópio) é uma vida humana em vez de um óvulo já condenado que também constitui uma ameaça urgente à vida da mãe.

Todo e cada passo rumo à clarificação dessa discussão vem sofrendo oposição radical do clero. Até mesmo a tentativa de educar as pessoas na possibilidade de um “planejamento familiar” foi anatematizada desde o começo, e seus primeiros advogados e professores foram detidos (como John Stuart Mill) ou jogados na cadeia ou expulsos de seus empregos. Apenas poucos anos atrás, Madre Teresa denunciou a contracepção como equivalente moral do aborto, o que “logicamente” significava (já que ela encarava o aborto como assassinato) que um preservativo ou uma pílula também eram armas de assassinato. Ela era um pouco mais fanática até mesmo que sua igreja, porém aqui, mais

uma vez, podemos ver quão enérgico e dogmático é o inimigo moral do bem. Ele exige que acreditemos no impossível e pratiquemos o iníviavel. Todo o argumento de estender proteção aos não nascidos, e expressar um viés em favor da vida, tem sido estragado por aqueles que usam as crianças não nascidas, bem como as nascidas, como meros objetos de manipulação de sua doutrina.

Quanto à prática imoral, é difícil imaginar alguma coisa mais grotesca do que a mutilação da genitália infantil. Tampouco é fácil imaginar qualquer coisa mais incompatível com o argumento do desígnio. Devemos assumir que um deus projetista prestaria atenção especial aos órgãos reprodutivos de suas criaturas, que são tão essenciais para a continuação da espécie. Mas rituais religiosos desde o início dos tempos têm insistido em arrancar crianças do berço e passar facas ou pedras afiadas em sua pudenda. Em algumas sociedades animistas e muçulmanas, são os bebês do sexo feminino que sofrem o pior, com a excisão dos lábios genitais e do clitóris. Essa prática às vezes é postergada até a adolescência e, conforme descrito anteriormente, acompanhada de infibulação, ou a costura da vagina, deixando apenas uma pequena abertura para a passagem

do sangue e da urina. O objetivo é claro — matar ou embotar o instinto sexual da menina e destruir a tentação de experimentar com algum homem, salvo aquele a quem ela será dada (e que terá o privilégio de arrebentar as costuras na temida noite nupcial). Nesse ínterim, ela será ensinada que sua visita de sangue mensal é uma maldição (todas as religiões expressam horror a isso e muitas ainda proíbem mulheres menstruadas de participarem do serviço religioso) e que ela é um vaso impuro.

Em outras culturas, notavelmente as “judaico-cristãs”, é na mutilação dos meninos pequenos que se insiste. (Por alguma razão, meninas podem ser judias sem nenhuma alteração genital: é inútil procurar alguma consistência nas alianças que os povos acreditam ter feito com deus.) Aqui, os motivos originais parecem ser duplos. O derramamento do sangue — no qual se insiste na cerimônia da circuncisão — é provavelmente uma sobrevivência simbólica dos sacrifícios de animais e humanos tão característicos da paisagem encharcada de sangue do Velho Testamento. Aderindo a essa prática, os pais podiam oferecer em sacrifício uma parte da criança como substituta para o todo. Objeções à interferência em algo que deus deve ter projetado com cuidado — o pênis humano — eram superadas pelo inventado dogma de que Adão nasceu circuncidado e à imagem de deus. De fato, alguns rabinos argumentam que Moisés também nasceu circuncidado, embora essa alegação possa resultar do fato de que sua própria

circuncisão não é mencionada em nenhum lugar do Pentateuco.

O segundo propósito — declarado por Maimônides sem qualquer ambivalência — era o mesmo que para as meninas: a destruição, na medida do possível, do lado prazeroso do intercuro sexual. Aqui está o que o sábio nos diz em seu *Guia dos perplexos*:

Com relação à circuncisão, uma das razões para ela é, na minha opinião, o desejo de provocar uma diminuição no intercuro sexual e um enfraquecimento do órgão em questão, de modo que essa atividade seja reduzida e o órgão fique num estado o mais quieto possível. Acreditava-se que a circuncisão aperfeiçoa o que é um defeito congênito [...]. Como podem as coisas naturais serem defeituosas de modo a precisarem ser aperfeiçoadas de fora, ainda mais porque *sabemos o quanto o prepúcio pode ser útil para o membro*? Na verdade, esse mandamento não foi prescrito com intenção de aperfeiçoar o que é um defeito congênito, mas aperfeiçoar o que é um defeito moral.

A dor corporal causada ao membro é o propósito real da circuncisão [...]. O fato de a circuncisão enfraquecer a faculdade de excitação sexual e às vezes talvez diminuir o prazer é indubitável.

Pois se no nascimento esse membro foi feito para sangrar e tem retiradas suas coberturas, ele deve

indubitavelmente estar enfraquecido. [55]

Maimônides não parecia particularmente impressionado com a promessa (feita a Abraão em Gênesis 17) de que a circuncisão o levaria a ter uma vasta descendência aos 99 anos. A decisão de Abraão de circuncidar seus escravos, bem como os homens da sua casa, foi uma questão lateral ou talvez efeito do entusiasmo, já que os não judeus não faziam parte da aliança. Mas ele circuncidou, sim, seu filho Ismael, que tinha então treze anos. (Ismael só teve de retirar o seu prepúcio: seu irmão mais novo Isaac — estranhamente descrito como “único” filho de Abraão em Gênesis 22 — foi circuncidado quando tinha oito dias, porém mais tarde foi totalmente oferecido como sacrifício.) Maimônides também argumentava que a circuncisão seria um meio de reforçar a solidariedade étnica e dava ênfase particular à necessidade de realizar a operação em bebês, e não naqueles que tinham chegado à idade da razão: O primeiro [argumento] é que, se a criança fosse deixada em paz até crescer, às vezes não a realizaria. O segundo é que uma criança não sofre tanta dor quanto o homem adulto porque sua membrana ainda é macia e sua imaginação fraca;

pois um homem adulto veria a coisa, que imaginaria antes de ocorrer, como dura e terrível. O terceiro é que os pais de uma criança que acabou de nascer levam com tranquilidade as coisas referentes a ela, pois até esse momento a forma imaginativa que compele os pais a amar a criança ainda não está consolidada [...].

Consequentemente, se o menino fosse deixado não circuncidado por dois ou três anos, isso exigiria o abandono da circuncisão por causa do amor e da afeição do pai por ele. Na época do nascimento, de outro lado, essa forma imaginativa é muito fraca, especialmente no que concerne ao pai, a quem esse mandamento é imposto.

Em palavras comuns, Maimônides está perfeitamente ciente de que, se não supostamente ordenado por deus, esse hediondo procedimento criaria, mesmo no pai mais devoto — e ele se refere só ao pai —, uma repulsão natural em favor da criança. Mas ele reprime essa percepção em favor de uma lei “divina”.

Em tempos mais recentes, alguns pseudosseculares têm aduzido em favor da circuncisão masculina. Tem-se argumentado que o processo é mais higiênico para o homem e, portanto, mais saudável para as mulheres, ajudando-as a evitar, por exemplo, câncer cervical. A medicina arrasou essas alegações, ou então as revelou como problemas que podem ser resolvidos com a mesma facilidade mediante uma “soltura” do prepúcio. A excisão total, originalmente ordenada por deus como o preço em sangue a ser pago pelo prometido massacre futuro dos canaanitas, está agora exposta pelo que realmente é — mutilação de uma criança

impotente com o objetivo de arruinar sua futura vida sexual. A ligação entre barbarismo religioso e repressão sexual não poderia ser mais clara do que quando “marcada na carne”. Quem consegue contar o número de vidas que se tornaram infelizes dessa maneira, sobretudo desde que os médicos cristãos começaram a adotar o antigo folclore judaico em seus hospitais? E quem aguenta ler os livros-textos e históricos médicos que registram calmamente o número de bebês do sexo masculino que morreram de infecção após o oitavo dia, ou que sofreu de disfunção e desfiguração grosseiras e insuportáveis? O registro de infecções sifilíticas e outras, de dentes de rabino podres ou outras indiscrições rabínicas, ou de um desastrado corte da uretra e, às vezes, de uma veia, é simplesmente assustador. E isso é permitido em Nova York em 2006! Se a religião e sua arrogância não estivessem envolvidas, nenhuma sociedade sadia permitiria essa amputação primitiva, e tampouco permitiria qualquer cirurgia praticada nos órgãos genitais sem o consentimento pleno e bem informado da pessoa

em questão.

A religião também deve ser culpada pelas terríveis consequências do tabu da masturbação (que também fornecia outra desculpa para a circuncisão entre os vitorianos). Durante décadas, milhões de rapazes e garotos eram aterrorizados na adolescência por conselhos supostamente “médicos” que os advertiam de cegueira, colapso nervoso e risco de insanidade se recorressem à autogratificação. Severas palestras de clérigos repletas de absurdos sobre o sêmen como fonte de energia finita e insubstituível dominaram a educação de gerações e mais gerações. Robert Baden-Powell redigiu um tratado obsessivo inteiro sobre o assunto, que usava para reforçar o cristianismo muscular do seu movimento escoteiro. Até hoje, essa loucura persiste nos sites islâmicos da internet, propondo-se a oferecer aconselhamento aos jovens. De fato, parece que os mulás têm se debruçado sobre os mesmos textos desacreditados, de Samuel Tissot e outros, que costumavam ser empunhados por seus predecessores cristãos com tão tristes efeitos. Encontra-se à disposição idêntica desinformação estranha e de mentalidade suja, especialmente de Abd al-Aziz bin Baz, o falecido grande mufti da Arábia Saudita, cujas advertências contra o onanismo são repetidas em muitos sites islâmicos. Tal hábito perturba o sistema digestivo, adverte ele, prejudica a visão, inflama os testículos, erode a medula espinhal (“o lugar no

qual o espermatozoide se origina”!) e provoca tremores e convulsões. Tampouco as “glândulas cerebrais” deixam de ser afetadas, com um concomitante declínio do QI e eventual insanidade. Por fim, e ainda atormentando milhões de jovens saudáveis com culpa e preocupação, o mufti lhes diz que seu sêmen acabará ficando mais ralo e insípido, impedindo-os de se tornarem pais no futuro. Os sites Inter-Islam e Islamic Voice reciclam esse disparate, como se já não fosse suficiente a repressão e a ignorância entre os jovens rapazes do mundo islâmico, que com frequência são mantidos longe de qualquer companhia feminina, efetivamente ensinados a desprezar suas mães e irmãs, e sujeitos à imbecilizante recitação rotineira do Corão. Tendo conhecido alguns dos produtos desse sistema

“educacional”, no Afeganistão e em outras partes, só posso reiterar que seu problema não é tanto eles desejarem virgens quanto o fato de *serem* virgens: seu crescimento emocional e psíquico é irremediavelmente tolhido em nome de deus, e a segurança de muitos outros ameaçada como consequência dessa alienação e deformação.

A inocência sexual, que pode ser encantadora nos jovens se não for

protelada de maneira desnecessária, é decididamente corrosiva e repulsiva no adulto maduro. Mais uma vez, como podemos avaliar os danos causados por velhos sujos e solteironas histéricas, indicados como guardiões clericais para supervisionar os inocentes em escolas e orfanatos? A Igreja Católica Romana em particular está sendo obrigada a responder a essa pergunta da maneira mais dolorosa, calculando o valor monetário do abuso infantil em termos de compensação. Bilhões de dólares já foram concedidos, mas não há preço a ser colocado nas gerações de meninos e meninas que foram apresentados ao sexo do modo mais alarmante e asqueroso por aqueles em quem eles e seus pais confiavam. “Abuso infantil” é na verdade um eufemismo tolo e patético para aquilo que vinha acontecendo: estamos falando de tortura e estupro sistemáticos de crianças, decididamente auxiliados e instigados por uma hierarquia que, com consciência, mudava os delinquentes mais grosseiros para paróquias onde estariam mais seguros. Considerando o que tem vindo à luz nas cidades modernas em tempos recentes, só podemos estremecer ao pensar no que acontecia ao longo dos séculos em que a igreja estava acima de qualquer crítica.

Mas o que as pessoas esperavam que acontecesse quando os vulneráveis eram

controlados por aqueles que, eles próprios homossexuais e desajustados, eram solicitados a ratificar um celibato hipócrita? E que foram ensinados a afirmar sombriamente, como artigo de fé, que as crianças eram “moleques” ou

“diabinhos” de Satã? Às vezes, a frustração resultante se exprimia em horríveis excessos de punição corporal, o que já é suficientemente ruim por si só. Mas quando as inibições artificiais de fato caem por terra, como vimos acontecer, resultam num comportamento que nenhum pecador médio envolvido em masturbação ou fornicação poderia sequer começar a contemplar sem horror.

Isso não é resultado de alguns poucos delinquentes entre os pastores, mas consequência de uma ideologia que buscava estabelecer o controle clerical por meio do controle do instinto sexual, e até mesmo dos órgãos sexuais. E pertence, como o resto da religião, à apavorada infância da nossa espécie. A resposta de Aliócha à pergunta de Ivan sobre a tortura sagrada de uma criança foi dizer (“delicadamente”): “Não, não concordo”. Nossa resposta, à repulsiva oferta original do indefeso menino Isaac sobre a pira, e também aos abusos e repressões correntes, deve ser a mesma, só que não com tanta delicadeza.

UMA OBJEÇÃO ANTECIPADA: O

“ARGUMENTO” DA ÚLTIMA

TRINCHEIRA CONTRA O

SECULARISMO

SE NÃO POSSO PROVAR DEFINITIVAMENTE QUE A UTILIDADE DA religião está no passado, que os livros que a fundamentam são fábulas transparentes, que se trata de uma imposição criada pelo homem, que ela tem sido inimiga da ciência e da investigação, que tem subsistido em grande parte graças às mentiras e aos medos e que tem sido cúmplice da ignorância e da culpa, bem como de escravidão, genocídio, racismo e tirania, posso com toda certeza alegar que a religião agora está plenamente ciente dessas críticas. E também está plenamente ciente das evidências cada vez maiores, referentes às origens do cosmo e da espécie, que a consignam à marginalidade, se não à irrelevância. Tentei lidar com a maioria das objeções baseadas na fé conforme ocorrem na discussão que está se desenrolando, mas há um argumento restante que não se pode evitar.

Quando já se disse o pior sobre a Inquisição e a caça às bruxas e as Cruzadas e as conquistas imperiais islâmicas e os horrores do Velho Testamento, não será verdade que regimes ateístas e seculares cometeram crimes e massacres que são, na escala das coisas, pelo menos tão ruins, se não piores? E então não vale o corolário de que homens libertados da veneração religiosa se comportam da maneira mais desregrada e depravada? Dostoiévski, em seu *Irmãos Karamázov*, foi extremamente crítico à religião (vivendo sob o despotismo santificado pela igreja) e também representou seu personagem Smierdiakóv como uma figura fútil, crédula e estúpida, mas a máxima de Smierdiakóv — “se não existe Deus não existe moralidade” — compreensivelmente ressoa entre aqueles que olham para trás, para a Revolução Russa, através do prisma do

século XX.

Poder-se-ia ir além e dizer que o totalitarismo secular tem na verdade nos oferecido o sumo da maldade humana. Os exemplos de uso mais comum — os regimes de Hitler e Stálin — nos mostram com terrível clareza o que pode acontecer quando homens usurpam o papel dos deuses. Quando consulto meus amigos seculares e ateístas, descubro que essa se tornou a objeção mais comum e frequente que eles

encontram em audiências religiosas. O ponto merece uma resposta detalhada.

Para começar com uma observação que não nos custa muito, é interessante descobrir que as pessoas de fé agora buscam dizer defensivamente que não são piores que fascistas, nazistas ou stalinistas. Seria de esperar que a religião tivesse mantido mais seu senso de dignidade do que isso. Eu não diria que as fileiras do secularismo e do ateísmo estão exatamente atulhadas de comunistas ou fascistas, mas pode-se conceder, por questão de argumento, que, assim como secularistas e ateístas suportaram tiranias clericais e teocráticas, os crentes religiosos têm resistido a tiranias pagãs e materialistas. Mas isso serviria apenas para acentuar a diferença.

A palavra “totalitário” foi provavelmente usada pela primeira vez pelo marxista dissidente Victor Serge, que havia ficado consternado com a colheita do stalinismo na União Soviética. E foi popularizada pela intelectual judia secular Hannah Arendt, que fugira do inferno do Terceiro Reich e que escreveu *As origens do totalitarismo*. É um termo útil porque separa formas “comuns” de despotismo — aquelas que meramente requerem obediência de seus súditos —

dos sistemas absolutistas, que exigem que os cidadãos se tornem súditos integrais e abram mão de suas vidas e personalidades privadas inteiramente em favor do Estado, ou do líder supremo.

Se aceitarmos essa última definição, então o primeiro ponto a ser considerado é igualmente fácil. Durante a maior parte da história humana, a ideia do Estado total ou absoluto esteve intimamente ligada à religião. Um barão ou rei podia te compelir a pagar taxas ou servir no seu exército, e geralmente dava um jeito de ter à mão padres para lembrá-lo de que esse era o seu dever, mas os despotismos realmente assustadores eram aqueles que queriam também o conteúdo do seu coração e da sua cabeça. Quer examinemos as monarquias

orientais da China, da Índia ou da Pérsia, ou os impérios dos astecas e incas, ou as cortes medievais da Espanha, Rússia e França, é quase invariável descobrir que esses ditadores também eram deuses, ou chefes de igrejas. Era-lhes devido mais do que mera obediência: qualquer crítica era profana por definição, e milhões de pessoas viviam e morriam em estado de puro medo de um governante que podia escolher você para um sacrifício, ou condená-lo ao castigo eterno, por simples capricho. A mais leve transgressão — de um dia santo, de um objeto sagrado ou de um mandamento sobre sexo, comida ou casta — podia provocar calamidade. O princípio totalitário,

que é com frequência apresentado como “sistemático”, também está intimamente ligado ao capricho. As regras podiam ser mudadas ou ampliadas a qualquer momento e os governantes tinham a vantagem de saber que seus súditos nunca podiam ter certeza de estarem ou não obedecendo à última lei. Agora valorizamos as poucas exceções da antiguidade — precisamente porque houve alguns poucos momentos em que a humanidade não viveu num terror permanente de um Faraó, de um Nabucodonosor ou de um Dario, cuja palavra final era uma lei sagrada.

Isso era verdade mesmo quando o direito divino dos déspotas começou a dar lugar às versões da modernidade. A ideia de um Estado utópico na terra, talvez modelado em algum ideal celeste, é muito difícil de apagar e levou gente a cometer crimes terríveis em nome desse ideal. Uma das primeiras tentativas de criar uma sociedade ideal edênica desse tipo, moldada no esquema da igualdade humana, foi o Estado socialista totalitário estabelecido pelos missionários jesuítas no Paraguai. Tal Estado conseguia combinar o máximo de igualitarismo com o máximo de ausência de liberdade, e só pôde seguir adiante por intermédio do máximo de medo. Isso deveria ter servido de aviso para aqueles que buscavam aperfeiçoar a espécie humana. Todavia, o objetivo de aperfeiçoar a espécie — que é a própria raiz e fonte do impulso totalitário — é em essência religioso.

George Orwell, o ascético descrente cujos romances nos deram uma imagem inerradicável da real sensação de como poderia ser a vida num Estado totalitário, não tinha a menor dúvida quanto a isso. “Do ponto de vista totalitário”, escreve ele em “A prevenção contra a literatura”, em 1946, “a história é algo a ser criado em vez de aprendido. *Um Estado totalitário é*

efetivamente uma teocracia e sua casta dominante, para manter a sua posição, deve ser considerada infalível.” (Note que ele escreveu isso num ano em que, tendo combatido por mais de uma década contra o fascismo, estava voltando suas armas ainda mais contra os simpatizantes do comunismo.)

Para fazer parte de uma estrutura mental totalitária, não é necessário vestir um uniforme nem carregar um porrete ou chicote. É necessário somente *desejar* a própria submissão e deleitar-se na submissão dos outros. O que é um sistema totalitário se não um sistema em que a glorificação abjeta do líder perfeito combina com abrir mão de toda privacidade e individualidade, especialmente em assuntos sexuais, e na denúncia e punição dos transgressores — “para o próprio bem deles”? O elemento sexual é provavelmente decisivo, já que a mente

mais imbecil é capaz de entender o que Nathaniel Hawthorne captou em *A letra escarlate*: a profunda conexão entre repressão e perversão.

Nos primórdios da história da humanidade, o princípio totalitário era o reinante. A religião de Estado supria uma resposta completa e “total” para todas as questões, desde a posição da pessoa na hierarquia social até as regras que governavam a dieta e o sexo. Escravo ou não, o ser humano era propriedade e a elite estudada era o reforço do absolutismo. A projeção de Orwell mais imaginativa da ideia totalitária — o delito de “crime de pensamento” — era lugar-comum. Um pensamento impuro, para nem dizer herético, podia levar a pessoa a ser esfolada viva. Ser acusado de possessão demoníaca ou contato com o Maligno equivalia a ser condenado por isso. A primeira percepção de Orwell do caráter infernal disso surgiu bem cedo na sua vida, quando foi internado numa escola hermética dirigida por sádicos cristãos e na qual não era possível saber quando você tinha quebrado as regras. Qualquer coisa que fizesse, e por mais precauções que tomasse, os pecados dos quais você não estava ciente podiam sempre traí-lo.

Era possível deixar aquela escola terrível (traumatizado para o resto da vida, como deve ter acontecido com milhões de crianças), mas não é possível, na visão religiosa totalitária, escapar deste mundo de pecado original, culpa e dor.

Uma infinidade de castigos está à sua espera depois que você morre. Segundo os totalitários religiosos de fato extremados, tais como João Calvino, que tomaram essa horrorosa doutrina emprestada de Agostinho, uma infinidade de castigos

pode estar à sua espera mesmo antes de você nascer. Há muito tempo já foi escrito quais seriam as almas escolhidas ou “eleitas” quando chegasse a hora de dividir entre carneiros e bodes. E não existe recurso possível contra essa sentença primordial, e nenhuma boa ação ou profissão de fé pode salvar a pessoa que não foi afortunada o bastante para ser escolhida. A Genebra de Calvino era o protótipo de um Estado totalitário, e o próprio Calvino um sádico, torturador e assassino, que queimou Servet (um dos grandes pensadores e questionadores da época) enquanto o homem ainda estava vivo. A insignificante e miserável preocupação dos seguidores de Calvino, obrigados a passarem a vida preocupados com se haviam sido “eleitos” ou não, é bem captada em *Adam Bede*, de George Eliot, e numa velha sátira plebeia inglesa contra as outras seitas, das Testemunhas de Jeová aos Irmãos de Plymouth, que ousam alegar que pertencem aos eleitos, e que somente eles sabem o número exato

daqueles que serão poupados da fogueira:

Nós somos os poucos puros e escolhidos, e todo o resto está condenado.

Há bastante lugar no inferno para vocês — não queremos o céu abarrotado.

Tive um tio inócuo mas fraco de espírito cuja vida ficou arruinada e miserável exatamente dessa maneira. Calvino pode parecer uma figura longínqua para nós, mas aqueles que costumavam agarrar e usar o poder em seu nome ainda estão entre nós e estão por aí com os nomes mais delicados de presbiterianos e batistas. O impulso de banir e censurar livros, silenciar dissidentes, condenar forasteiros, invadir a esfera privada e invocar uma salvação exclusiva é a própria essência do totalitarismo. O fatalismo do Islã, que acredita que tudo é antecipadamente arranjado por Alá, tem alguns pontos de semelhança em sua absoluta negação da autonomia e liberdade humanas, bem como na sua arrogante e insuportável crença de que a fé já contém tudo que alguém possa precisar saber.

Assim, quando a grande antologia antitotalitária do século XX veio a ser publicada em 1950, seus dois editores perceberam que ela só poderia ter um nome possível. Eles a chamaram *The God that Failed*. Eu conhecia um pouco e algumas vezes trabalhei para um desses dois homens — o socialista britânico Richard Crossman. Ele escreveu na sua introdução ao livro:

Para o intelectual, confortos materiais são relativamente não importantes; ele se preocupa mais é com a liberdade espiritual. A força da Igreja Católica tem sido exigir o sacrifício dessa liberdade incondicionalmente, e condena o orgulho espiritual como pecado mortal. O novato comunista, sujeitando sua alma à lei canônica do Kremlin, sentia algo da liberação que o catolicismo também traz ao intelectual, cansado e preocupado com o privilégio da liberdade.

O único livro que havia advertido previamente sobre tudo isso, uns bons trinta anos antes, foi um pequeno, mas brilhante, volume publicado em 1919 e intitulado *The Practice and Theory of Bolshevism*. Muito antes de Arthur Koestler e Richard Crossman terem começado a inspecionar em retrospecto os destroços, todo o desastre estava sendo predito em termos que ainda evocam admiração pela sua presciência. O mordente analista da nova religião era Bertrand Russell, cujo ateísmo lhe permitia ver mais longe que muitos dos ingênuos “socialistas cristãos” que alegavam detectar na Rússia o começo de um novo paraíso na terra. Ele também enxergava mais longe que o

establishment cristão anglicano na sua Inglaterra natal, cujo jornal paradigmático, o *Times* de Londres, assumiu o ponto de vista de que a Revolução Russa podia ser explicada pelos *Protocolos dos Sábios de Sião*. Essa revoltante fabricação da polícia secreta ortodoxa russa foi republicada por Eyre and Spottiswoode, os impressores oficiais da Igreja da Inglaterra.

Considerando seu próprio histórico de sucumbir e promulgar a ditadura na terra e o controle absoluto na vida vindoura, como foi que a religião confrontou os totalitários “seculares” do nosso tempo? Devemos considerar primeiramente, e nesta ordem, fascismo, nazismo e stalinismo.

O fascismo — precursor e modelo do nacional-socialismo — foi um movimento que acreditava numa sociedade orgânica e corporativa, presidida por um líder ou guia. (“Fasce” — símbolo dos “licttores” ou encarregados de fazer cumprir a lei na antiga Roma — era um feixe de varas amarradas em torno de um machado, simbolizando unidade e autoridade.) Surgindo a partir da miséria e da humilhação da Primeira Guerra Mundial, os movimentos fascistas eram a favor da defesa dos valores tradicionais contra o bolchevismo e sustentavam o nacionalismo e a religiosidade. Provavelmente não é coincidência que tenham surgido primeiro, e com mais empolgação, em países católicos, e com certeza não é coincidência que a Igreja Católica, de forma geral, fosse simpática ao

fascismo como ideia. Não só a Igreja encarava o comunismo como inimigo mortal, mas também via seu velho inimigo judeu nas fileiras mais destacadas do partido de Lênin. Benito Mussolini mal tinha tomado o poder na Itália quando o Vaticano fez com ele um tratado oficial, conhecido como Pacto Lateranense de 1929. Nos termos desse acordo, o catolicismo tornava-se a única religião reconhecida na Itália, com poderes de monopólio em questões tais como nascimento, casamento, morte e educação, e, em troca, instava seus seguidores a votar no partido de Mussolini. Pio XI descreveu *Il Duce* (“o líder”) como “um homem enviado pela providência”. A eleição não se manteria como traço da vida italiana por muito tempo, mas mesmo assim a igreja provocou a dissolução dos partidos centristas católicos laicos, ajudando a patrocinar um pseudopartido chamado “Ação Católica”, que foi imitado em muitos países. Por toda a Europa meridional, a igreja foi uma aliada confiável na implantação de regimes fascistas na Espanha, em Portugal e na Croácia. O general Franco, na Espanha, teve permissão de chamar sua invasão do país, e sua destruição da República eleita, pelo título honorífico de *La Cruzada*, “a cruzada”. O Vaticano ou apoiou ou recusou-se a criticar a

operística tentativa de Mussolini de recriar uma paródia do Império Romano por meio da sua invasão da Líbia, da Abissínia (a Etiópia de hoje) e da Albânia: sendo esses territórios habitados ou por não cristãos ou pelo tipo errado de cristão oriental. Mussolini chegou a dar como uma de suas justificativas para uso de gás venenoso e outras medidas cruéis na Abissínia a persistência dos seus habitantes na heresia do monofisismo: um dogma incorreto da encarnação que foi condenado pelo papa Leão e pelo Concílio da Calcedônia em 451.

Na Europa central e oriental o quadro não foi muito melhor. O golpe militar de extrema direita na Hungria, comandado pelo almirante Horthy, foi calorosamente endossado pela igreja, assim como movimentos fascistas similares na Eslováquia e na Áustria. (O regime títere nazista na Eslováquia foi na verdade liderado por um homem das ordens sagradas chamado padre Tiso.) O

cardeal da Áustria proclamou seu entusiasmo pela tomada de seu país por Hitler na época do Anschluss.

Na França, a extrema direita adotou o slogan “Melhor Hitler que Blum” —

em outras palavras, melhor ter um ditador racista alemão a um francês judeu

socialista eleito. As organizações fascistas católicas, tais como a Croix de Feu e a Ação Francesa de Charles Maurras, fizeram violenta campanha contra a democracia francesa e não faziam segredo do seu descontentamento, que era a ladeira que a França vinha descendo desde a absolvição do capitão judeu Alfred Dreyfus em 1899. Quando chegou a conquista alemã da França, essas forças colaboraram avidamente na detenção e no assassinato de judeus franceses, bem como na deportação para trabalhos forçados de uma enorme quantidade de outros franceses. O regime de Vichy cedeu ao clericalismo apagando o lema de 1789 — “Liberté, Egalité, Fraternité” — da moeda nacional e substituindo-o pelo lema ideal cristão “Famille, Travail, Patrie”. Mesmo num país como a Inglaterra, onde as simpatias fascistas era muito menos predominantes, ainda assim conseguiam ter uma audiência em círculos respeitáveis pela ação de intelectuais católicos como T.S. Eliot e Evelyn Waugh.

Na vizinha Irlanda, o movimento Blue Shirt, do general O’Duffy (que enviou voluntários para combater ao lado de Franco na Espanha), era pouco mais de uma dependência da Igreja Católica. Ainda em abril de 1945. Com a notícia da morte de Hitler, o presidente Eamon de Valera

vestiu sua cartola, mandou chamar o carro do governo e foi até a embaixada alemã em Dublin para apresentar suas condolências oficiais. Atitudes como essa significavam que vários Estados dominados por católicos, desde a Irlanda até a Espanha e Portugal, eram inelegíveis para participar das Nações Unidas quando a organização foi fundada. A igreja fez esforços para se desculpar por tudo isso, mas a cumplicidade com o fascismo é uma marca indelével na sua história; não foi tanto um compromisso apressado ou de curto prazo e, sim, uma aliança operacional que só caiu por terra *depois* que o período fascista em si passou para a história.

O caso da rendição da igreja ao nacional-socialismo alemão é consideravelmente mais complicado, mas não muito mais inspirador. Apesar de compartilhar dois importantes princípios com o movimento de Hitler — o antissemitismo e o anticomunismo —, o Vaticano conseguia ver que o nazismo representava um desafio em si para ela. Em primeiro lugar, era um fenômeno quase pagão que, no longo prazo, buscava substituir o cristianismo por rituais de sangue pseudonórdicos e sinistros mitos raciais, baseado na fantasia de uma

superioridade ariana. Em segundo lugar, advogava uma atitude de extermínio de inaptos, incapazes e insanos, tendo começado bem cedo a aplicar essa política não com judeus, mas com alemães. Para crédito da igreja, deve ser dito que seus púlpitos germânicos denunciaram essa hedionda eliminação eugênica desde os primeiros tempos.

Mas se o princípio ético tivesse sido o guia, o Vaticano não teria tido que passar os cinquenta anos seguintes tentando explicar ou se desculpar por sua abjeta passividade e inação. “Passividade” e “inação”, na verdade, podem ser aqui uma escolha errada de palavras. Decidir não fazer nada é em si uma política e uma decisão, e é desafortunadamente fácil registrar e explicar o alinhamento da igreja em termos de uma *realpolitik* que buscava não derrotar o nazismo, mas uma acomodação com ele.

O *primeiríssimo* acordo diplomático fechado pelo governo de Hitler foi consumado em 8 de julho de 1933, alguns meses após a tomada do poder, e assumiu a forma de um tratado com o Vaticano. Em troca do controle inquestionável da educação das crianças católicas na Alemanha, o abandono da propaganda nazista contra abusos cometidos em escolas e orfanatos católicos, e a concessão de outros privilégios à igreja, a Santa Sé instruiu o Partido de Centro Católico a se dissolver e, bruscamente, ordenou aos católicos abster-se de qualquer atividade política sobre qualquer assunto que o regime escolhesse definir como fora dos limites. Na primeira reunião do seu

gabinete após a assinatura da capitulação, Hitler anunciou que essas novas circunstâncias seriam

“especificamente significativas na luta contra o judaísmo internacional”. Quanto a isso, ele não se enganou. Na verdade, ele poderia ser desculpado por não acreditar na sua própria sorte. Os 23 milhões de católicos que viviam no Terceiro Reich, muitos dos quais haviam demonstrado grande coragem individual resistindo à ascensão do nazismo, haviam sido castrados e destripados como força política. O próprio Santo Padre efetivamente lhes dissera para entregar tudo ao pior César da história humana. Daí por diante, os registros das paróquias ficaram à disposição do Estado nazista, no intuito de estabelecer quem era e quem não era “racialmente puro” o suficiente para sobreviver à interminável perseguição sob as leis de Nuremberg.

Uma consequência não menos terrível dessa rendição moral foi o colapso

moral paralelo dos protestantes alemães, que buscaram antecipar um status especial para os católicos publicando sua própria acomodação com o Führer.

Nenhuma das igrejas protestantes, porém, foi tão longe quanto a hierarquia católica em ordenar uma ridícula celebração do aniversário de Hitler em 20 de abril. Nessa auspiciosa data, sob instruções papais, o cardeal de Berlim regularmente transmitia “as mais calorosas congratulações ao Führer em nome dos bispos e das dioceses da Alemanha”, essas aclamações eram acompanhadas por “fervorosas preces que os católicos da Alemanha estão enviando ao céu em seus altares”. A ordem era obedecida e fielmente executada.

Para ser justo, essa vergonhosa tradição não foi inaugurada até 1939, ano em que houve a mudança de papado. E para ser justo mais uma vez, o papa Pio XI sempre alimentara os mais profundos receios acerca do sistema de Hitler e sua evidente capacidade para o mal extremo. (Durante a primeira visita de Hitler a Roma, por exemplo, o Santo Padre, de forma bastante ostensiva, saiu da cidade para o retiro papal de Castelgandolfo.) No entanto, esse papa fraco e enfermo foi continuamente desautorizado, ao longo da década de 1930, pelo seu secretário de Estado, Eugenio Pacelli. Temos bons motivos para pensar que pelo menos uma encíclica papal, manifestando ao menos uma preocupação mínima em relação aos maus-tratos sofridos pelos judeus na Europa, foi aprontada por Sua Santidade, mas suprimida por Pacelli, que tinha outra estratégia em mente.

Agora conhecemos Pacelli como papa Pio XII, que sucedeu seu antigo superior no cargo após sua morte em fevereiro de 1939. Quatro dias depois da sua eleição pelo Colégio de Cardeais, Sua Santidade redigiu a seguinte carta a Berlim: Ao ilustre Herr Adolf Hitler, Führer e Chanceler do Reich Alemão! Aqui no início do Nosso Pontificado Nós desejamos assegurar-lhe que permanecemos devotados ao bem-estar espiritual do povo alemão ao cargo de sua liderança [...] Durante os muitos anos que Nós passamos na Alemanha, fizemos tudo que esteve em nosso poder para estabelecer relações harmoniosas entre a Igreja e o Estado. Agora que as responsabilidades da Nossa função pastoral aumentaram Nossas oportunidades, oramos muito mais ardentemente para alcançar essa meta. Que a prosperidade do povo alemão e seu progresso em todo domínio venham, com ajuda de Deus, a gerar frutos! [56]

Seis anos após essa maligna e fátua mensagem, o povo alemão, um dia próspero e civilizado, podia olhar em volta e mal conseguir ver tijolo sobre tijolo, enquanto o ímpio Exército Vermelho marchava rumo a Berlim. Mas eu menciono essa conjuntura por outra razão. Os crentes teoricamente deveriam

sustentar que o papa é o vigário de Cristo na Terra e o guardião das chaves de São Pedro. Eles obviamente são livres para acreditar nisso, e acreditar que deus decide quando encerrar o mandato de um papa ou (mais importante) inaugurar o mandato de outro. Isso envolveria acreditar na morte de um papa antinazista e na ascensão de um papa pró-nazista, como questão de vontade divina, alguns meses antes da invasão da Polônia por Hitler e o início da Segunda Guerra Mundial.

Estudando a guerra, pode-se talvez aceitar que 25% dos SS eram católicos praticantes e que nenhum católico jamais foi ameaçado de excomunhão por participar de crimes de guerra. (Joseph Goebbels *foi* excomungado, mas isso foi antes, e, afinal, foi ele mesmo quem provocou isso ao se casar com uma protestante.) Seres humanos e instituições são imperfeitos, com toda certeza.

Mas não poderia haver prova mais clara ou vívida de que as instituições sagradas são criadas pelo homem.

O conluio prosseguiu mesmo depois da guerra, com criminosos nazistas procurados sendo conduzidos para a América do Sul pela famosa e infame “linha de ratos”. Foi o próprio Vaticano, com sua capacidade de fornecer passaportes, documentos, dinheiro e contatos, que organizou a rede de fugas e também o necessário refúgio e auxílio na outra ponta. Já algo ruim em si envolvia também outra

colaboração com ditaduras de extrema direita no Hemisfério Sul, muitas delas organizadas no modelo fascista. Torturadores e assassinos fugitivos como Klaus Barbie muitas vezes encontraram para si segundas carreiras como servidores desses regimes que, até começarem a ruir nas últimas décadas do século XX, desfrutaram de uma firme relação de apoio por parte do clero católico local. A conexão da igreja com o fascismo e o nazismo na realidade durou mais do que o Terceiro Reich em si.

Muitos cristãos deram suas vidas para proteger seus semelhantes nessa meia-noite do século, mas a chance de que o tenham feito por ordem de algum padre é estatisticamente quase desprezível. É por isso que reverenciamos a memória dos pouquíssimos crentes, como Dietrich Bonhoeffer e Martin Niemöller, que agiram de acordo com os ditames da consciência. O papado demorou até a década de 1980 para encontrar um candidato à santidade no contexto da “solução final”, e mesmo então só conseguiu identificar um padre bastante ambivalente que — após um longo histórico de antisemitismo na

Polônia — aparentemente comportara-se nobremente em Auschwitz. Um candidato anterior — um austríaco comum chamado Franz Jägerstätter —

infelizmente foi desqualificado. Ele de fato se recusara a entrar no exército de Hitler sob o argumento de que estava sob ordens superiores de amar o próximo, mas enquanto esteve preso enfrentando a execução, fora visitado por seus confessores que lhe disseram que deveria obedecer à lei. A esquerda secular na Europa se saiu muito melhor nessa luta antinazista, mesmo que seus adeptos acreditassem que havia um paraíso de trabalhadores do outro lado dos Montes Urais.

E muitas vezes se esquece de que a tríade do Eixo incluía outro membro —

o Império do Japão — cujo chefe de Estado não era apenas uma pessoa religiosa, mas uma verdadeira divindade. Se a espantosa heresia de acreditar que o imperador Hirohito era deus foi alguma vez denunciada de qualquer púlpito alemão ou italiano ou por qualquer prelado, não consegui descobrir esse fato. No sagrado nome desse mamífero ridiculamente superestimado, imensas áreas da China e da Indochina e do Pacífico foram saqueadas e escravizadas. Em seu nome, também, milhões de japoneses doutrinados foram martirizados e sacrificados. Tão impositivo e histérico era o culto desse deus-rei a ponto de acreditar-se que a totalidade do povo japonês poderia

recorrer ao suicídio se essa pessoa fosse ameaçada no fim da guerra. De acordo com isso, decidiu-se que ele podia “ficar no poder”, mas que, doravante, teria de alegar ser apenas um imperador, e talvez um pouco divino, mas não um deus estritamente falando.

Essa deferência à força da opinião religiosa deve envolver a admissão de que a fé e a adoração podem fazer com que as pessoas se comportem efetivamente muito mal.

Portanto, aqueles que invocam a tirania “secular” em contraponto à religião esperam que nos esqueçamos de duas coisas: a ligação ente as igrejas cristãs e o fascismo, e a capitulação das igrejas ao nacional-socialismo. Essa afirmação não é somente minha: tem sido admitida pelas próprias autoridades religiosas. Sua pobre consciência acerca desse ponto é ilustrada por uma peça de má-fé que ainda precisa ser combatida. Em sites religiosos na internet e na propaganda religiosa é possível deparar com uma declaração alegadamente feita por Albert

Einstein em 1940:

Sendo amante da liberdade, quando a revolução chegou à Alemanha, busquei as universidades para defendê-la, sabendo que elas sempre se gabaram de sua devoção à causa da verdade; mas não, as universidades imediatamente foram silenciadas. Então busquei os grandes editores de jornais cujos editoriais inflamados em dias passados haviam proclamado seu amor à liberdade; mas eles, assim como as universidades, foram silenciados em poucas semanas [...]. Apenas a Igreja manteve-se abertamente no caminho da campanha de Hitler de suprimir a verdade. Nunca tive qualquer interesse especial na Igreja, mas agora sinto grande afeto e admiração porque a Igreja sozinha teve a coragem e a persistência de defender a verdade intelectual e a liberdade moral. Sou obrigado a confessar que aquilo que antes eu desprezava agora elogio sem reservas.

[57]

Originalmente impressa na revista *Time* (sem qualquer fonte de referência verificável), essa suposta declaração foi uma vez citada numa transmissão em rede nacional pelo famoso clérigo e porta-voz católico americano Fulton Sheen, e permanece em circulação. Como ressaltou o analista William Waterhouse, não soa absolutamente como sendo de Einstein. Por um motivo, sua retórica é florida demais. E não menciona a perseguição aos judeus. E faz o austero e cuidadoso Einstein parecer bobo, alegando que um dia “desprezou” algo no qual tampouco

“teve qualquer interesse especial”. E há outra dificuldade, no fato de que essa declaração nunca aparece em qualquer antologia de comentários escritos ou falados por Einstein. Finalmente, Waterhouse conseguiu encontrar uma carta inédita nos Arquivos de Einstein em Jerusalém, na qual o velho, em 1947, queixava-se de uma vez ter feito um comentário elogiando alguns “homens da igreja” (*não* “igrejas”) alemães que, desde então, vinha sendo exagerado além de qualquer reconhecimento.

Qualquer um que queira saber o que Einstein *de fato* disse naqueles primeiros dias da barbárie hitleriana pode facilmente consultar. Por exemplo: Espero que em breve sobrevenham na Alemanha condições saudáveis e que no futuro seus grandes homens como Kant e Goethe não sejam meramente comemorados de vez em quando, mas que os princípios que ensinaram também prevaleçam na vida pública e na consciência geral.

Fica bem claro a partir disso que ele punha sua “fé”, como sempre, na tradição iluminista. Aqueles que procuram interpretar erradamente o homem que nos deu uma teoria alternativa do cosmo (bem como aqueles que permaneceram em silêncio, ou pior, enquanto seus colegas judeus estavam sendo deportados e destruídos) traem as comichões de sua má consciência.

Voltando para o stalinismo soviético e chinês, com seu exorbitante culto da personalidade e depravada indiferença à vida e aos direitos humanos, não podemos esperar encontrar demasiada sobreposição com religiões preexistentes.

Por um motivo, a Igreja Ortodoxa Russa havia sido o principal suporte da autocracia czarista, enquanto o próprio czar era visto como o chefe formal da religião e algo um pouquinho mais que meramente humano. Na China, as igrejas cristãs eram esmagadoramente identificadas com “concessões” estrangeiras extraídas por poderes imperiais, que, para começo de conversa, estavam entre as principais causas da revolução. Isso não serve para explicar ou desculpar a matança de padres e freiras e a profanação de igrejas — assim como não se deve desculpar a queima de igrejas e o assassinato do clero na Espanha durante a luta da república espanhola contra o fascismo católico —, mas a longa associação de religião com o poder secular corrupto significava que a maioria das nações precisava passar por pelo menos uma fase anticlerical, desde Cromwell, passando por Henrique VIII, até a Revolução Francesa e o *Risorgimento*; e nas condições de guerra e colapso alcançadas na Rússia e na China, esses interlúdios foram excepcionalmente brutais. (Eu poderia acrescentar, porém, que

nenhum cristão sério deveria esperar pela restauração da religião *como era* em qualquer um dos dois países: a igreja na Rússia era protetora da servidão e autora de pogroms antijudaicos e, na China, os missionários, mercadores avarentos e concessionários eram parceiros no crime.)

Lênin e Trótski eram decerto ateus convictos que acreditavam que ilusões na religião podiam ser destruídas por atos de política e que, nesse meio-tempo, as posses obscenamente ricas da igreja podiam ser expropriadas e nacionalizadas. Nas fileiras bolcheviques, assim como entre os jacobinos em 1792, havia também aqueles que viam a revolução como uma espécie de religião alternativa, ligada a mitos de redenção e messianismo. Para Joseph Stálin, que havia sido treinado para ser padre num seminário na Geórgia, a coisa toda era, em última análise, uma questão de poder. “Quantas divisões”, ele famosa e estupidamente indagou, “tem o papa?” (A resposta verdadeira ao seu rústico sarcasmo era: “Mais do que você pensa”). Stálin depois repetiu pedantemente a rotina papal de fazer com que a ciência se conformasse ao dogma, insistindo que o xamã e charlatão Trofim Lysenko revelara a chave da genética e prometera

colheitas extras de verduras especialmente inspiradas. (Milhões de inocentes morreram de corrosivas dores internas como consequência dessa “revelação”.) O

César a quem todas as coisas eram obedientemente entregues cuidava, à medida que seu regime ia se tornando mais nacionalista e estatal, de manter pelo menos uma igreja títere capaz de atrelar seu apelo tradicional ao dele. Isso foi sobretudo verdade durante a Segunda Guerra Mundial, quando a “Internacional” foi abandonada como hino russo e substituída pelo tipo de hino de propaganda que havia derrotado Bonaparte em 1812 (isso numa época em que “voluntários” de diversos Estados fascistas europeus estavam invadindo o território russo sob a santa bandeira de uma cruzada contra o comunismo “sem deus”). Numa negligenciada passagem de *A revolução dos bichos*, Orwell permitiu ao corvo Moisés, havia muito o crocitante advogado de um céu além do azul, voltar para a fazenda e pregar às criaturas mais crédulas depois que Napoleão vencera Bola de Neve. Sua analogia com a manipulação da Igreja Ortodoxa Russa por Stálin foi, como sempre, exata. (Os stalinistas poloneses pós-guerra tinham recorrido à mesma tática, legalizando uma organização de fachada católica chamada Pax Christi e dando a ela assentos no parlamento de Varsóvia, para grande deleite dos comunistas católicos companheiros de viagem, como Graham Greene.) A propaganda antirreligiosa na União Soviética era do tipo materialista mais banal: o memorial para

Lênin com frequência tinha o vidro manchado enquanto no museu oficial do ateísmo havia o testemunho de um astronauta russo, que afirmava não ter visto deus nenhum no espaço. Essa idiotice exprimia pelo menos tanto desprezo pelos crédulos caipiras quanto por qualquer ícone milagroso. Como o grande laureado polonês Czesław Miłosz formulou em seu clássico antitotalitário *A mente cativa*, publicado pela primeira vez em 1953: Conheci muitos cristãos — poloneses, franceses, espanhóis — que eram estritos stalinistas no campo da política, mas que mantinham certas reservas interiores, acreditando que Deus faria as correções uma vez que as sentenças sanguinárias dos todo-poderosos da História fossem executadas. Eles forçavam seu raciocínio longe demais. Argumentavam que a história se desenvolve segundo leis imutáveis que existem pela vontade de Deus; uma dessas leis é a luta de classes; o século XX marca a vitória do proletariado, que é conduzido em sua luta pelo Partido Comunista; Stálin, o líder do Partido Comunista, cumpre a lei da história, ou, em outras palavras, age pela vontade de Deus, portanto é preciso obedecê-lo. A humanidade pode se renovar apenas pelo padrão russo; é por isso que nenhum cristão pode se opor à ideia — cruel, é verdade — que criará um novo tipo de homem sobre todo o planeta. Tal raciocínio é muitas vezes usado por clérigos que são instrumentos do Partido. “Cristo é um homem novo. O homem novo é o homem

soviético. Portanto, Cristo é o homem soviético!”, disse Justiniano Marina, o patriarca romeno.

Homens como Marina eram sem dúvida odiosos e patéticos, e odiosos e patéticos simultaneamente, mas não eram piores em princípio que os inúmeros pactos feitos entre igreja e império, igreja e monarquia, igreja e fascismo, e igreja e Estado, todos eles justificados pela necessidade de os fiéis fazerem alianças temporais em nome de metas “mais elevadas”, rendendo-se ao mesmo tempo a César (palavra da qual “czar” é derivada), mesmo que ele seja “sem deus”.

Um cientista político ou antropólogo teria pouca dificuldade em reconhecer o que os editores e colaboradores de *The God that Failed* puseram em prosa imortal: os absolutistas comunistas não negam tanto a religião em sociedades onde eles bem entendiam estarem saturadas de crença e superstição, quanto buscavam *substituí-la*. A solene elevação de líderes infalíveis que eram fonte de infindável generosidade e bênção; a busca permanente por hereges e cismáticos; a mumificação de líderes mortos como ícones e relíquias; os tétricos espetáculos de julgamentos que eliciavam confissões incríveis por meio de tortura... Nada disso era muito difícil de interpretar em termos tradicionais. Como também não era a histeria durante tempos

de peste e penúria, quando as autoridades empreendiam uma busca louca por qualquer culpado que não o real. (A grande Doris Lessing uma vez me contou que deixou o Partido Comunista quando descobriu que os inquisidores de Stálin haviam saqueado os museus da ortodoxia russa e do czarismo e reempregado os antigos instrumentos de tortura.) Tampouco a invocação de um “Futuro Radiante”, cuja chegada um dia justificaria todos os crimes e dissolveria as dúvidas mesquinhas. “Extra ecclesiam, nulla salus”, como costumava dizer a fé mais velha. “Dentro da revolução, qualquer coisa”, como Fidel Castro fazia questão de observar. “Fora da revolução — nada.” De fato, dentro da periferia de Castro desenvolveu-se uma bizarra mutação conhecida contraditoriamente como “teologia da libertação”, cujos padres e até mesmo alguns bispos adotavam liturgias

“alternativas”, venerando a ridícula noção de que Jesus de Nazaré era, na verdade, um contribuinte socialista. Por uma combinação de bons e maus motivos (o arcebispo Romero de El Salvador era um homem de coragem e

princípios, de uma maneira que alguns clérigos de “comunidades de base”

nicaraguenses não eram), o papado incluiu isso como heresia. Quem dera pudesse ter condenado o fascismo e o nazismo no mesmo tom, sem hesitação nem ambiguidade.

Em alguns pouquíssimos casos, tais como na Albânia, o comunismo tentou extirpar a religião completamente e proclamar um Estado inteiramente ateu. Isso só serviu para levar a cultos ainda mais extremados de seres humanos medíocres, tais como o ditador Enver Hoxha, e a batismos e cerimônias secretas que provavam a total alienação das pessoas comuns em relação ao regime. Não há nada no argumento secular moderno que chegue a insinuar qualquer banimento da observância religiosa. Sigmund Freud estava bastante correto ao descrever o impulso religioso, em *O futuro de uma ilusão*, como essencialmente impossível de ser erradicado a menos que, ou até que, a espécie humana consiga vencer seu medo da morte e sua tendência ao pensar desejoso. Nenhuma dessas contingências parece provável. Tudo que os totalitários têm demonstrado é que o impulso religioso — a necessidade de culto e adoração — pode tomar formas ainda mais monstruosas se for reprimido. Isso não seria necessariamente um cumprimento para a nossa tendência de culto e adoração.

Nos primeiros meses deste século, fiz uma visita à Coreia do Norte.

Contido dentro de um hermético quadrilátero de território cercado ou por mar ou por fronteiras quase impenetráveis, é um país inteiramente entregue à adulação.

Cada momento em que o cidadão — o súdito — está desperto é consagrado a louvar o Ser Supremo e seu Pai. Cada sala de aula ressoa a isso, cada filme, ópera e peça é dedicada a isso, cada transmissão de rádio e televisão é entregue a isso. E assim também todos os livros, revistas e artigos de jornais, todos os eventos esportivos e todos os locais de trabalho. Eu costumava me perguntar como seria ter que entoar eternos louvores, e agora sei. E tampouco o diabo está esquecido: o mal que nunca dorme de forasteiros e descrentes é rechaçado com perpétua vigilância. O que inclui momentos diários de ritual no local de trabalho, nos quais é inculcado o ódio pelo “outro”. O Estado norte-coreano nasceu mais ou menos na mesma época que foi publicado *1984* e poder-se-ia quase acreditar que o santo pai do Estado, Kim Il Sung, recebeu um exemplar do romance e perguntou se podia fazê-lo funcionar na prática. Todavia, nem mesmo Orwell

ousou ter dito que o nascimento do “Grande Irmão” foi acompanhado de presságios e sinais miraculosos — tais como pássaros saudando o glorioso acontecimento, cantando em palavras humanas. E tampouco o Partido Interno da Pista nº 1/Oceania gastou bilhões de escassos dólares, em uma época de terrível privação, para provar que o ridículo mamífero Kim Il Sung e seu patético filho mamífero, Kim Jong Il, eram duas encarnações da mesma pessoa. (Nessa versão da heresia ariana tão condenada por Atanásio, a Coreia do Norte é única em ter um morto como chefe de Estado: Kim Jong Il é o chefe do partido e do exército, mas a presidência é exercida perpetuamente pelo seu falecido pai, o que faz o país uma necrocracia ou mausolocracia, bem como um regime ao qual falta apenas uma figura para completar uma Trindade.) O pós-vida não é mencionado na Coreia do Norte, porque a ideia de uma deserção em qualquer sentido é fortemente desencorajada, mas para evitar que não se alegue que os dois Kim continuarão a dominar você depois que estiver morto. Estudiosos do assunto podem ver facilmente que aquilo que temos na Coreia do Norte não é tanto uma forma extrema de comunismo — o termo mal é mencionado em meio às tempestades de devoção extática —, mas uma forma deslocada e refinada de confucionismo e culto ancestral.

Quando deixei a Coreia do Norte, o que fiz com um misto de alívio, ultraje e pena, uma sensação tão forte que ainda hoje posso revivê-la, eu estava saindo de um estado totalitário e também religioso. Desde então, conversei com muitas das corajosas pessoas que estão tentando minar esse sistema atroz, de dentro e de fora. Admito imediatamente

que alguns desses opositores mais corajosos são fundamentalistas cristãos anticomunistas. Um desses bravos homens concedeu-me uma entrevista há não muito tempo na qual foi honesto o suficiente para dizer que teve dificuldade em pregar a ideia de um salvador aos poucos semifamintos e aterrorizados que tinham conseguido escapar do Estado-prisão.

Toda a ideia de um redentor infalível e todo-poderoso, diziam eles, lhes soava um tanto familiar. Uma tigela de arroz e alguma exposição a uma cultura mais ampla, e um pouco de alívio do medonho ruído do entusiasmo compulsório, era o máximo que eles podiam pedir, por enquanto. Aqueles que são afortunados o bastante para chegar até a Coreia do Sul, ou aos Estados Unidos, podem de repente se ver confrontados com outro Messias. O pássaro de gaiola e sonegador

fiscal Sun Myung Moon, chefe incontestado da “Igreja da Unificação” e principal doador para a extrema direita nos Estados Unidos, é um dos patronos da balbúrdia do “design inteligente”. Uma figura de liderança desse assim chamado movimento, um homem que nunca deixa de conceder ao seu deus humano o apropriado nome de “Pai”, é Jonathan Wells, autor da risível diatribe antievolucionista intitulada *The Icons of Evolution*. Nas tocantes palavras do próprio Wells, “as palavras do Pai, meus estudos e minhas orações me convenceram de que eu deveria dedicar a minha vida a destruir o darwinismo, exatamente como muitos dos meus colegas unificacionistas já dedicaram suas vidas a destruir o marxismo. Quando o Pai me escolheu (junto com uma dúzia de outros graduados do seminário) para entrar num programa de doutorado em 1978, saudei a oportunidade de fazer a batalha”. O livro do sr. Wells não chega a merecer sequer uma nota de rodapé na história dos disparates, mas tendo visto a

“paternidade” em ação em ambas as Coreias, tenho uma ideia de como era o aspecto e a sensação do “Burned-Over District” em Nova York quando os crentes tinham tudo à sua maneira.

A religião, mesmo na sua forma mais branda, precisa admitir que o que ela propõe é uma solução “total”, na qual a fé deve ser em alguma medida cega e na qual os aspectos da vida privada e pública devem se submeter a uma permanente supervisão superior. Essa constante vigilância e contínua sujeição, geralmente reforçadas pelo medo na forma de infinita represália, invariavelmente nos traz à tona as melhores características dos mamíferos. Com toda certeza é verdade que a emancipação da religião também nem sempre produz o melhor mamífero.

Tomando dois exemplos salientes: um dos maiores e mais esclarecedores cientistas do século XX, J. D. Bernal, foi um abjeto entusiasta de Stálin e passou grande parte da vida defendendo os crimes do seu líder. H. L. Mencken, um dos melhores satíricos da religião, era simpático demais a Nietzsche e advogava uma forma de “darwinismo social” que incluía eugenia e desprezo pelos fracos e enfermos. [58] E também tinha um fraco por Adolf Hitler e escreveu uma resenha imperdoavelmente indulgente sobre o *Mein Kampf*. O humanismo tem muitos crimes pelos quais se desculpar. Mas pode desculpar-se por eles, e também corrigi-los, em seus próprios termos e sem ter de abalar ou questionar a base de qualquer sistema inalterável de crenças. Sistemas totalitários, qualquer que seja a

forma exterior que assumam, são fundamentalistas, e, como agora diríamos,

“baseados na fé”.

No seu magistral exame do fenômeno do totalitarismo, Hannah Arendt não estava sendo uma mera tribalista quando deu um lugar especial ao antisemitismo. [59] A ideia de que um grupo de pessoas — seja definido como nação ou religião — pudesse ser condenado para todo o sempre e sem possibilidade de recurso era (e é) essencialmente totalitária. É horivelmente fascinante que Hitler tenha começado sendo propagador desse demente preconceito, e que Stálin tenha terminado sendo tanto vítima quanto advogado dele. Mas o vírus foi mantido vivo durante séculos pela religião. Santo Agostinho apreciou de forma positiva o mito do Judeu Errante e o exílio dos judeus em geral, como prova da justiça divina. Os judeus ortodoxos não são aqui desprovidos de culpa. Alegando serem “escolhidos” numa aliança especial exclusiva com o Todo-Poderoso, provocaram o ódio e a desconfiança, e evidenciaram sua própria forma de racismo. No entanto, foram acima de tudo os judeus seculares que foram e são odiados pelos totalitários, de modo que não precisa surgir aqui a questão de “culpar a vítima”. A ordem dos jesuítas, até mesmo no século XX, recusava-se por estatuto a admitir um homem a menos que pudesse provar que não tinha “sangue judeu” por algumas gerações. O Vaticano pregava que todos os judeus herdaram a responsabilidade pelo deicídio. A igreja francesa incitou a turba contra Dreyfus e “os intelectuais”. O islã jamais perdoou

“os judeus” por terem conhecido Maomé e decidido que ele não era um mensageiro autêntico. Ao enfatizar tribo e dinastia e proveniência racial nos seus livros sagrados, a religião precisa aceitar a responsabilidade por transmitir uma das ilusões mais primitivas da

humanidade ao longo de gerações.

A ligação entre religião, racismo e totalitarismo também é encontrada na outra odiosa ditadura do século XX: o vil sistema de apartheid na África do Sul.

Não se tratava apenas da ideologia de uma tribo que falava holandês voltada a extorquir trabalho forçado de povos com diferentes tons de pigmentação, era também uma forma de calvinismo na prática. A Igreja Reformada Holandesa pregava como dogma que negros e brancos eram proibidos biblicamente de se misturar, muito menos de coexistir em termos de igualdade. O racismo é totalitário por definição: ele marca a vítima perpetuamente e lhe nega o direito

de sequer um traço de dignidade ou privacidade, até mesmo o direito elementar de fazer amor, casar ou gerar filhos com a pessoa amada da tribo “errada”, sem ter o amor anulado pela lei... E essa era a vida de milhões que habitavam o

“Ocidente Cristão” nos nossos próprios tempos. O Partido Nacional governante, que também era fortemente infectado de antissemitismo e ficara do lado nazista na Segunda Guerra Mundial, calcava-se nos desvarios do púlpito para justificar seu próprio mito de sangue de um “Êxodo” boer que concedia direitos exclusivos numa “terra prometida”. Como resultado, uma permutação africâner do sionismo criou um Estado retrógrado e despótico, no qual os direitos de todos os outros povos foram abolidos, e no qual, por fim, a sobrevivência dos próprios africâneres era ameaçada por corrupção, caos e brutalidade. A essa altura, os bovinos anciãos da igreja tiveram uma revelação que permitiu o abandono gradual do apartheid. Mas isso não pode jamais permitir o perdão pelo mal que a religião fez enquanto era forte o bastante para fazê-lo. Cabe o crédito a muitos cristãos e judeus seculares, e a muitos militantes ateus e agnósticos do Congresso Nacional Africano, que a sociedade sul-africana tenha sido salva da completa implosão e barbárie.

O último século assistiu a muitas outras improvisações sobre a velha ideia de uma ditadura que pudesse tomar conta de mais do que problemas meramente seculares e cotidianos. Essas atitudes variaram de ligeiramente ofensivas e insultuosas — como a Igreja Ortodoxa Grega batizando a junta militar usurpadora de 1967, com suas viseiras e capacetes de aço, como “uma Grécia para gregos cristãos” — até a escravizadora “Angka” do Khmer Vermelho no Camboja, que buscava sua autoridade em templos e lendas pré-históricos. (Seu às vezes amigo e às vezes rival, o já mencionado Rei Sihanouk, que conseguiu

um refúgio de playboy sob a proteção dos stalinistas chineses, também era adepto de ser um rei-deus quando lhe convinha.) No meio deles está o xá do Irã, que alegava ser “a sombra de deus” bem como “a luz dos arianos”, e que reprimiu a oposição secular e teve o extremo cuidado de ser representado como guardião dos santuários xiitas. Sua megalomania foi sucedida por uma de suas primas próximas, a heresia khomeinista do *velayet-i-faqui*, ou controle total da sociedade pelos mulás (que também mostram o seu falecido líder como seu fundador, afirmando que suas sagradas palavras jamais podem ser rescindidas).

Na ponta extrema pode ser encontrado o puritanismo primitivo do Talibã, que se dedicou a descobrir novas coisas para proibir (tudo, desde música a papel reciclado, que poderia conter uma minúscula mancha de polpa de um Corão descartado) e novos métodos de punição (enterrar vivos os homossexuais). A alternativa a esses fenômenos grotescos não é a quimera da ditadura secular, mas a defesa do pluralismo secular e do direito de *não* acreditar ou ser obrigado a acreditar. Essa defesa tornou-se agora uma responsabilidade urgente e inescapável: uma questão de sobrevivência.

18

UMA TRADIÇÃO MAIS REFINADA: A

RESISTÊNCIA DO RACIONAL

Sou, portanto, um dos muito poucos exemplos, neste país, não de alguém que jogou fora a crença religiosa, mas de alguém que nunca a teve [...]. Este ponto na minha educação desde cedo teve, porém, incidentalmente, uma consequência ruim digna de nota. Ao dar-me uma opinião contrária à do mundo, meu pai julgou necessário dá-la como uma opinião que não pudesse ser prudentemente admitida para o mundo. Essa lição de manter meus pensamentos para mim mesmo, numa idade tão precoce, foi acompanhada de algumas desvantagens morais.

JOHN STUART MILL, *Autobiography*

Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.

(O silêncio eterno desses espaços infinitos me assusta.)

BLAISE PASCAL, *Pensées*

O LIVRO DE SALMOS PODE SER ENGANADOR. A CELEBRADA

abertura do salmo 121, por exemplo — “Levanto meus olhos para os montes e questiono: de onde me virá o socorro” —, na tradução aparece como afirmação, mas no original assume a forma de uma pergunta: de onde virá meu socorro? (Nunca se assuste: a loquaz resposta é que os crentes serão imunes a todo perigo e sofrimento.) Quem quer que tenha sido o salmista, ele estava obviamente bastante satisfeito com o polimento e o trato do salmo 14 para repetir virtualmente palavra por palavra no salmo 53. Ambas as versões começam com a mesma afirmação: “Diz o tolo em seu coração: ‘Deus não existe’”. Por algum motivo, essa observação nula é considerada suficientemente significativa para ser reciclada por toda a apologética religiosa. Tudo que podemos dizer com segurança a partir da

afirmação, de outra forma destituída de sentido, é que a descrença — não apenas heresia e apostasia, mas descrença — deve ter sido conhecida como existente mesmo em épocas remotas. Dado o então domínio absoluto da fé inquestionável e brutalmente punitiva, talvez tivesse sido um tolo aquele que *não* mantivesse essa conclusão enterrada dentro de si mesmo e, nesse caso, seria interessante saber como o salmista sabia que ela estava lá. (Dissidentes costumavam ser trancados em manicômios soviéticos devido a “delírios reformistas”, sendo assumido de forma bastante natural e razoável que qualquer um que fosse louco o bastante para propor reforma havia perdido todo seu senso de autopreservação.)

A nossa espécie jamais esgotará seus tolos, mas ousar dizer que tem havido pelo menos tantos idiotas crédulos que professaram fé em deus quanto patetas e simplórios que tiraram conclusões diferentes. Poderia ser falta de modéstia sugerir que as chances favorecem a inteligência e curiosidade dos ateístas, mas é o caso de que alguns humanos sempre notaram a improbabilidade de deus, o mal cometido em seu nome, a probabilidade de que tenha sido criado pelo homem e a disponibilidade de crenças e explicações alternativas menos nocivas. Não podemos saber os nomes de todos esses homens e mulheres, porque em todos os tempos e em todos os lugares foram sujeitos à implacável supressão. Por idêntico motivo, tampouco podemos saber quantas pessoas ostensivamente devotas foram descrentes em segredo. Ainda nos séculos XVIII e XIX, em sociedades mais ou menos livres como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, descrentes seguros e prósperos como James Mill e Benjamin Franklin julgavam aconselhável manter suas opiniões em segredo. Logo, quando lemos as glórias da pintura e arquitetura devocional “cristã”, ou da astronomia e medicina

“islâmica”, estamos falando sobre progressos da civilização e da

alguns deles antecipados por astecas e chineses — que têm tanto a ver com a

“fé” quanto seus predecessores tinham a ver com sacrifício humano e imperialismo. E não temos meio nenhum de saber, exceto em alguns pouquíssimos casos especiais, quantos desses arquitetos e pintores e cientistas estavam preservando seus pensamentos mais íntimos do escrutínio dos adeptos de deus. Galileu poderia ter passado sem ser molestado em seu trabalho com o telescópio se não fosse ele tão insensato a ponto de admitir que tinha

implicações cosmológicas.

Dúvida, ceticismo e franca descrença sempre assumiram a mesma forma essencial que assumem hoje. Sempre houve observações sobre a ordem natural que registravam a ausência ou falta de necessidade de um agente primordial.

Sempre houve comentários velados sobre a maneira pela qual a religião refletia desejos humanos e desígnios humanos. Nunca foi muito difícil ver que a religião era causa de ódio e conflito, e que sua manutenção dependia de ignorância e superstição. Sátiros e poetas, bem como filósofos e homens da ciência, eram capazes de apontar que se triângulos tivessem deuses, seus deuses teriam três lados, exatamente como os deuses trácios tinham cabelo loiro e olhos azuis.

A colisão original entre nossas faculdades de raciocínio e qualquer forma de fé organizada, embora deva ter ocorrido antes na cabeça de muita gente, provavelmente é exemplificada pelo julgamento de Sócrates em 399 a.C. Para mim, não tem a menor importância que não tenhamos certeza absoluta de que Sócrates de fato tenha existido. Os registros da sua vida e das suas palavras são de segunda mão, quase, embora não tanto, como os livros da Bíblia judaica e cristã, e os *hadith* do islã. A filosofia, porém, não tem necessidade dessas demonstrações, porque não lida com sabedoria “revelada”. Acontece que temos alguns relatos plausíveis da vida em questão (um soldado estoico levemente parecido com Schweik; uma esposa rabugenta; uma propensão a ataques de catalepsia), e esses bastam. Pelas palavras de Platão, que talvez tenha sido uma testemunha ocular, podemos aceitar que durante uma época de paranoia e tirania em Atenas, Sócrates foi acusado e julgado por ateísmo e sabia que perderia a vida. As nobres palavras da *Apologia* também deixam claro que ele não se preocupou em se salvar afirmando, como um futuro homem fez ao enfrentar uma

inquisição, qualquer coisa em que não acreditasse. Mesmo que não tenha sido de fato um ateu, foi corretamente considerado insano por advogar liberdade de pensamento e irrestrita investigação, e pela sua recusa em dar assentimento a qualquer dogma. Tudo que realmente “sabia”, conforme disse, era a extensão da sua própria ignorância. (Para mim essa ainda é a definição de uma pessoa culta.) Segundo Platão, esse grande ateniense contentava-se em observar os ritos da cidade, testemunhou que o oráculo de Delfos o instruiu a tornar-se filósofo e, no seu leito de morte, condenado a tomar cicuta, falou de uma possível pós-vida na

qual aqueles que tinham jogado fora o mundo por exercício mental ainda poderiam continuar levando uma existência de pura mente. Mas mesmo então, lembrou-se de, como sempre, qualificar-se, acrescentando que poderia muito bem não ser o seu caso. A questão, como sempre, valia a pena ser investigada. A filosofia começa onde a religião termina, assim como, por analogia, a química começa quando a alquimia se esgota e a astronomia toma o lugar da astrologia.

Também de Sócrates podemos aprender como discutir duas coisas que são da máxima importância. A primeira é que a consciência é inata. A segunda é que os fiéis dogmáticos podem ser facilmente identificados e satirizados por alguém que finja levar suas pregações a sério.

Sócrates acreditava que tinha um espírito, ou oráculo, ou guia interno, cuja boa opinião valia a pena consultar. Todo mundo, exceto o psicopata, tem essa sensação, em maior ou menor grau. Adam Smith descreveu um parceiro permanente numa conversa inaudível, que atuava como conferente e examinador. Sigmund Freud escreveu que a voz da razão era pequena, mas muito persistente. C. S. Lewis tentou provar demais, opinando que a presença de uma consciência indicava uma centelha divina. O vernáculo moderno descreve consciência — e não muito mal — como aquilo que faz com que nos comportemos bem quando ninguém está olhando. Em todo caso, Sócrates recusava-se absolutamente a dizer qualquer coisa de que não estivesse moralmente seguro. Às vezes, se desconfiasse estar sendo casuísta ou tentando agradar a multidão, simplesmente interrompia o discurso no meio. E disse aos seus juízes que em momento nenhum na sua alegação final seu “oráculo” lhe sugerira parar. Aqueles que acreditam que a existência da consciência é uma prova do projeto divino estão apresentando um argumento que simplesmente não pode ser refutado porque não há evidência nem contra nem a favor dele. O caso de Sócrates, porém, demonstra que homens e mulheres de consciência real muitas vezes precisam afirmá-la contra a fé.

Ele estava enfrentando a morte, mas tinha a opção, mesmo que condenado, de uma sentença mais branda se escolhesse pleiteá-la. Em vez disso, em tom quase insultuoso, ofereceu-se para pagar uma multa irrisória. Assim, sem dar aos seus irados juízes uma alternativa a não ser a pena suprema, passou a explicar por que o assassinato pelas mãos deles não tinha significado nenhum para ele.

Não havia terror na morte: ela era ou um descanso perpétuo ou a chance de imortalidade — e mesmo comunhão com grandes gregos como Orfeu ou Homero que o haviam precedido. Nessa feliz eventualidade, observou secamente, poder-se-ia até desejar morrer e morrer de novo. Não é preciso que tenha importância para nós que o oráculo de Delfos não exista mais, ou que Orfeu e Homero sejam míticos. O ponto é que Sócrates estava zombando dos seus acusadores nos seus próprios termos, efetivamente dizendo: Não sei com certeza acerca da morte e dos deuses — mas estou certo ao máximo de que vocês também não sabem.

Parte do efeito antirreligioso de Sócrates e do seu gentil, porém implacável, questionamento pode ser avaliado a partir de uma peça que foi escrita e encenada ainda no seu tempo de vida. *As nuvens*, composta por Aristófanes, apresenta um filósofo, chamado Sócrates, que mantém uma escola de ceticismo.

Um agricultor das cercanias dá um jeito de aparecer com as habituais perguntas tolas feitas pelos fiéis. Afinal, se não existe Zeus, quem traz a chuva para regar as plantações? Convidando o homem a usar a cabeça por um segundo, Sócrates ressalta que, se Zeus pudesse fazer chover, poderia haver e haveria chuva de céus sem nuvens. Como isso não acontece, seria mais sensato concluir que as nuvens são a causa da chuva. Tudo bem então, diz o agricultor, quem move as nuvens para ficarem na posição? Isso certamente deve ser Zeus. Não é isso, diz Sócrates, que então explica sobre o vento e o calor. Bem, nesse caso, retruca o velho rústico, de onde vem o raio, para castigar mentirosos e outros malfeitores?

O raio, é-lhe dito delicadamente, não parece discriminar entre os justos e os injustos. De fato, com frequência já se observou que ele atinge os templos do próprio Zeus olímpico. Isso é suficiente para convencer o agricultor, embora ele mais tarde abjure sua impiedade e incendeie a escola com Sócrates dentro.

Muitos são os livres-pensadores que tiveram o mesmo destino, ou que dele escaparam por um triz. Todos os principais confrontos sobre o direito do livre pensamento, da livre opinião e da livre investigação, assumiram a mesma forma

— de uma tentativa religiosa de impor a mente limitada e literal sobre a mente irônica e inquiridora.

Em essência, a discussão com a fé começa e termina com Sócrates, e, se quiser, você pode adotar a opinião de que os promotores da cidade fizeram certo

em proteger a juventude ateniense das suas incômodas especulações. No entanto, não se pode argumentar que ele tenha trazido muita ciência para enfrentar a superstição. Um de seus perseguidores alegou que ele havia chamado o sol de pedaço de pedra e a lua de pedaço de terra (sendo que esta última teria sido verdade), mas Sócrates desconsiderou a acusação, dizendo que era um problema para Anaxágoras. Este filósofo jônio fora de fato processado antes por dizer que o sol era um pedaço de rocha extremamente quente e a lua um pedaço de terra, mas não tinha a percepção de Leucipo ou Demócrito,

que propuseram que tudo era feito de átomos em perpétuo movimento. (Aliás, também é bastante possível que Leucipo nunca tenha existido, e nada de importante depende de ele ter existido realmente ou não.) O importante acerca da brilhante escola “atomista” é que ela encarava a questão da causa ou origem primeira como essencialmente irrelevante. Na época, era o máximo a que qualquer cabeça podia razoavelmente chegar.

Isso deixava o problema dos “deuses” não solucionado. Epicuro, que assumiu a teoria de Demócrito referente aos átomos, não conseguia de fato desacreditar da existência “deles”, mas considerou impossível convencer-se de que os deuses desempenhavam algum papel nos assuntos humanos. Por um motivo: por que haveriam “eles” de se incomodar com o tédio da existência humana, quanto mais com o tédio do governo humano? Eles evitavam dor desnecessária e os humanos são sábios em fazer a mesma coisa. Logo, não há nada para temer na morte e, nesse ínterim, todas as tentativas de ler as intenções dos deuses, tais como estudar as entranhas de animais, são uma absurda perda de tempo.

Sob alguns aspectos, o mais atraente e mais encantador dos fundadores da antirreligião é o poeta Lucrécio, que viveu no século I a.C. e admirava desmedidamente o trabalho de Epicuro. Reagindo a um ressurgimento da adoração religiosa antiga em seu próprio tempo, compôs um brilhante e espirituoso poema intitulado *De Rerum Natura*, ou “Da natureza das coisas”.

Essa obra quase foi destruída por fanáticos cristãos na Idade Média e somente um manuscrito sobreviveu, de modo que somos afortunados por saber que uma pessoa que escrevia no tempo de Cícero (que primeiro publicou o poema) e Júlio César tivesse conseguido manter viva a teoria atômica. Lucrécio antecipou

David Hume ao dizer que a perspectiva de aniquilação futura não era pior que a contemplação do nada do qual a pessoa vem, e também antecipou Freud ao ridicularizar a ideia de ritos e memoriais fúnebres pré-arranjados, todos eles exprimindo o vão e inútil desejo de, de alguma maneira, estar presente no próprio funeral. Seguindo Aristófanes, que achava que o clima era sua própria explicação e que a natureza, “livre de todos os deuses”, fazia o trabalho que pessoas tolas e autocentradas imaginavam ser divinamente inspirado ou dirigido aos seus insignificantes seres:

Quem pode fazer rodar todas as esferas estreladas, e soprar Sobre a terra o frutífero calor do alto

Estar pronto em todos os lugares e em todos os tempos,

Reunir nuvens negras e sacudir o céu tranquilo

Com terríveis trovões, e lançar raios que com frequência

*Brandem suas próprias cúpulas, enfurecem-se no deserto, recuando Para
fazer pontaria, de modo que suas lanças possam passar*

Pelos culpados, e chacinar os inocentes?

O atomismo foi brutalmente perseguido por toda a Europa cristã por muitos séculos, sob o mais irracional fundamento de que oferecia uma explicação muito melhor para o mundo natural do que a religião. Mas, como um tênue fiapo de pensamento, a obra de Lucrécio deu um jeito de persistir em poucas mentes mais estudadas. Sir Isaac Newton pode ter sido um crente — em todos os tipos de pseudociência bem como no cristianismo —, mas, quando chegou a hora de publicar seus *Principia*, ele incluiu noventa linhas de *De Rerum Natura* nos primeiros rascunhos. O volume de Galileu de 1623, *Saggiatore*, embora não reconheça Epicuro, dependia tanto das suas teorias atômicas que até seus amigos, bem como seus críticos, referiam-se a ele como livro epicurista.

Em vista do terror imposto pela religião sobre a ciência e a erudição ao longo dos primeiros séculos do cristianismo (Agostinho sustentava que os deuses pagãos existiam, mas só como demônios, e que a terra tinha menos de 6 mil anos de idade) e o fato de que a maioria das pessoas inteligentes julgavam prudente manter uma aparência externa de conformidade, não é de surpreender que o renascimento da filosofia foi muitas vezes originalmente expresso em termos de quase devoção. Aqueles que seguiam as várias escolas filosóficas que eram permitidas na Andaluzia durante seu breve florescimento — uma síntese entre

aristotelismo, judaísmo, cristianismo e islã — tinham permissão de especular sobre a dualidade da verdade e um possível equilíbrio entre razão e revelação.

Esse conceito de “dupla verdade” foi apresentado por simpatizantes de Averróis, mas sofreu forte oposição da igreja por razões óbvias. Francis Bacon, escrevendo durante o reinado da rainha Elizabeth, gostava de dizer — talvez seguindo a asserção tertuliana de que ,quanto maior o absurdo, mais forte é a crença nele — que a fé está no seu máximo quando seus ensinamentos são os menos submissos à razão. Pierre Bayle, escrevendo algumas décadas depois, gostava de

declarar todas as alegações da razão contra uma dada crença, apenas para acrescentar que “tanto maior é o triunfo da fé em acreditar mesmo assim”.

Podemos estar mais ou menos seguros de que ele não o fazia meramente para fugir de punições. O tempo em que a ironia viria a castigá-lo a confundir os literais e fanáticos ainda estava por nascer.

Mas isso não aconteceria sem muitas ações de represália e defensiva por parte dos fanáticos e literais. Por um breve, mas esplêndido tempo no século XVII, a pequena e convicta nação da Holanda foi a tolerante anfitriã de muitos livres-pensadores como Bayle (que se mudou para lá para ficar a salvo) e René Descartes (que se mudou para lá pelo mesmo motivo). E também foi o local de nascimento, um ano antes da denúncia de Galileu pela Inquisição, do grande Baruch Spinoza, filho de judeus espanhóis e portugueses que haviam emigrado para a Holanda para se livrar da perseguição. Em 27 de julho de 1656, os anciãos da sinagoga de Amsterdam fizeram o seguinte *cherem*, ou condenação, ou *fatwa*, concernente à sua obra:

Com o julgamento dos anjos e dos santos nós excomungamos, cortamos, amaldiçoamos e anatematizamos Baruch de Espinoza, com o consentimento dos anciãos e de toda esta sagrada congregação, na presença dos livros sagrados: pelos 613 preceitos ali inscritos, com o anátema pelo qual Josué amaldiçoou Jericó, com a maldição que Eliseu impôs sobre as crianças, e com todas as maldições que estão escritas na lei. Maldito seja ele de dia e maldito seja ele de noite.

Maldito seja ele no sono e maldito seja ele desperto, maldito ao sair e maldito ao entrar. O Senhor não haverá de perdoá-lo, a ira e a fúria do Senhor estarão doravante acesas contra esse homem e farão recair sobre ele todas as maldições que estão escritas no livro da lei. O Senhor destruirá seu nome sob o sol e o cortará, pelos seus malfeitos, de todas as tribos de Israel, com todas as maldições do firmamento que estão escritas no livro da lei.

A maldição múltipla concluía com uma ordem requerendo a todos os judeus que evitassem qualquer contato com Spinoza e se refreassem, sob pena de

punição, de ler “qualquer artigo composto ou escrito por ele”. (Aliás, “maldição imposta por Eliseu sobre as crianças” refere-se à história bíblica altamente sublime na qual Eliseu, aborrecido com as crianças que o arreliavam por sua calvície, pediu a deus para mandar algumas ursos para devorar as crianças membro por membro. O que, conta a

história, as ursos fizeram obedientemente.

Talvez Thomas Paine não estivesse errado em dizer que não podia acreditar numa religião que chocasse a mente de uma criança.)

O Vaticano e as autoridades calvinistas na Holanda aprovaram entusiasticamente essa histórica condenação judaica e aderiram à supressão da obra de Spinoza por toda a Europa. Não tinha o homem questionado a imortalidade da alma e conclamado a separação de igreja e Estado? Fora com ele! Esse ridicularizado herege é atualmente creditado com a mais original obra filosófica já feita sobre a distinção mente/corpo e suas reflexões sobre a condição humana forneceram às pessoas profundas um consolo mais real do que qualquer religião. A discussão sobre se Spinoza era ateu continua: agora parece estranho que tenhamos de discutir se panteísmo é ateísmo ou não. Em seus próprios termos expressos, ele é na verdade teísta, mas a definição de Spinoza de um deus manifesto por todo o mundo natural chega perto de definir a exclusão da existência de um deus *religioso*. E se existe uma divindade cósmica preexistente e difusa, que é parte do que ele cria, então não sobra espaço para um deus que intervém nos assuntos humanos, muito menos para um deus que toma partido em viciosas guerras provincianas entre diferentes tribos de judeus e árabes. Nenhum texto jamais pôde ter sido escrito ou inspirado por ele, nem pode ser propriedade exclusiva de uma seita ou tribo. (Há de se recordar a pergunta que foi feita pelos chineses quando os primeiros missionários cristãos fizeram sua primeira aparição. Se deus revelou-se, como é que ele permitiu que tantos séculos decorressem, antes de informar os chineses? “Busca conhecimento mesmo que seja na China”, disse o profeta Maomé, mostrando inconscientemente que a maior civilização do mundo na época estava na fronteira externa da sua consciência.) Tal como acontece com Newton e Galileu baseando-se em Demócrito e Epicuro, descobrimos Spinoza projetado para diante na mente de Einstein, que respondeu a uma pergunta de um rabino declarando firmemente que acreditava apenas no “deus de Spinoza” e, de

maneira nenhuma, num deus “que se preocupa com os destinos e ações dos seres humanos”. [60]

Spinoza dejudaizou seu nome, mudando para Benedito, viveu mais vinte anos após o anátema de Amsterdam e morreu com extremo estoicismo, sempre persistindo em conversa calma e racional, como consequência do pó de vidro que penetrou nos seus pulmões. Foi uma carreira dedicada a polir e esmerilhar lentes para telescópios e à medicina: uma atividade científica apropriada para alguém que

ensinou os humanos a ver com maior acuidade. “Todos os nossos filósofos modernos”, escreveu Heinrich Heine, “embora muitas vezes inconscientemente, veem pelas lentes que Baruch Spinoza poliu.”[61] Os poemas de Heine foram depois lançados numa fogueira por ignorantes brutamontes nazistas que não acreditavam que um judeu assimilado pudesse ser um alemão de verdade. Os apavorados e retrógrados judeus que excluíram Spinoza jogaram fora uma pérola mais valiosa que toda sua tribo: o corpo do seu mais bravo filho foi roubado após sua morte e, sem dúvida, sujeito a outros rituais de profanação.

Spinoza tinha previsto parte disso. Na sua correspondência, ele escrevia a palavra *Caute!* (“tenha cautela” em latim) e punha uma pequena rosa embaixo.

Esse não foi o único aspecto do seu trabalho que era confidencial: ele deu um nome falso para o impressor do seu celebrado *Tractatus* e deixou a página do autor em branco. Sua obra proibida (grande parte da qual poderia não ter sobrevivido à sua morte não fosse a bravura e iniciativa de um amigo) continuou a ter existência subterrânea nos escritos de outros. No crítico *Dictionnaire* de Pierre Bayle, de 1697, foi de Spinoza o verbete mais longo. *O espírito das leis* de Montesquieu, de 1748, foi considerado tão dependente dos escritos de Spinoza que seu autor foi obrigado pelas autoridades da igreja na França a repudiar esse monstro judeu e a fazer uma declaração pública anunciando sua crença num criador (cristão). A grande *Encyclopédie* francesa que veio a definir o Iluminismo, editada por Denis Diderot e D’Alembert, contém uma entrada imensa sobre Spinoza.

Não desejo repetir o erro grosseiro que tem sido cometido por apologistas cristãos, que despenderam um esforço enorme e desnecessário para mostrar que homens sábios que escreveram antes de Cristo eram, com efeito, profetas e prefigurações da sua vinda. (Ainda no século XIX, William Ewart Gladstone

cobriu resmas de papel desperdiçado tentando provar isso acerca dos antigos gregos.) Não tenho o direito de reivindicar filósofos do passado como ancestrais putativos do ateísmo. Mas tenho, sim, o direito de assinalar que, por causa da intolerância religiosa, não podemos saber o que de fato pensavam privadamente, e que quase fomos impedidos de saber o que escreveram publicamente. Mesmo o relativamente conformista Descartes, que julgou aconselhável viver na atmosfera mais livre dos Países Baixos, propôs algumas palavras lapidares para seu próprio túmulo: “Aquele que se escondeu bem, viveu bem”.

Nos casos de Pierre Bayle e Voltaire, por exemplo, não é fácil determinar se eram irreligiosos de verdade ou não. O método deles decerto tendia a ser irreverente e satírico e nenhum leitor apegado a uma fé sem críticas poderia emergir de suas obras sem ter sua fé seriamente abalada. Essas mesmas obras foram os best-sellers da época e tornaram impossível para as classes recém-letradas acreditar em coisas como a verdade literal dos relatos bíblicos. Bayle em particular causou um enorme, porém salutar, rebuliço quando examinou os feitos de Davi, o suposto “salmista”, e mostrou que eram a carreira de um inescrupuloso bandido. E também ressaltou que era absurdo acreditar que a fé religiosa levasse as pessoas a se conduzir melhor, ou que a descrença as fazia se comportar pior. Uma vasta acumulação de experiências observáveis testemunha a favor desse senso comum, e a delineação feita por Bayle é o motivo de ter sido elogiado ou culpado por um ateísmo oblíquo e sub-reptício. Contudo, ele acompanhava ou protegia isso com muitas outras afirmações ortodoxas, o que provavelmente permitiu que a sua bem-sucedida obra desfrutasse de uma segunda edição. [62] Voltaire equilibrava seu próprio e feroz ridículo da religião com alguns gestos devocionais e, sorridentemente, propôs que sua tumba (incrível como esses homens de fato faziam uma algazarra acerca da visão de seus próprios funerais) fosse construída meio dentro e meio fora da igreja. Mas, em uma das suas mais celebradas defesas da liberdade civil e dos direitos de consciência, Voltaire também vira seu cliente Jean Calas quebrado na roda a marteladas, e depois enforcado, pelo “delito” de tentar converter alguém da sua casa ao protestantismo. Nem mesmo um aristocrata como ele podia se considerar a salvo, como bem sabia por ter visto o interior da Bastilha. Que pelo menos não deixemos de ter isso em mente.

Immanuel Kant acreditou por algum tempo que os planetas eram habitados e que esses habitantes melhoravam de caráter quanto mais distantes estivessem.

Mas mesmo começando por uma base cósmica tão encantadoramente limitada como essa, ele foi capaz de dar argumentos convincentes contra qualquer apresentação teísta que dependesse da razão. Mostrou que o velho argumento do desígnio, tanto naquela época como hoje, um perene favorito, podia possivelmente ser espichado de modo a implicar um arquiteto, mas não um criador. Ele derrubou a prova cosmológica de deus — que sugeria que a própria existência da pessoa devia implicar necessariamente outra existência —, dizendo que ela apenas enunciava de novo o argumento ontológico. E desfez o argumento ontológico contestando a noção simplória de que, se deus pode ser concebido como ideia, ou enunciado como predicado, ele

deve portanto possuir a qualidade da existência. Esse disparate tradicional é acidentalmente derrubado por Penelope Lively em seu coroado romance *Moon Tiger*. Descrevendo sua filha Lisa como “criança boba”, ela não obstante delicia-se com as perguntas tolas, mas imaginativas, da criança:

“Existem dragões?”, ela perguntou. Eu disse que não existiam. “Alguma vez já existiram?” Eu disse que todas as evidências apontavam para o contrário. “Mas se existe uma palavra dragão”, ela disse, “então alguma vez já devem ter existido dragões.”

Quem nunca protegeu um inocente da refutação de tal ontologia? Mas em nome do que é essencial, e como não temos a vida toda para perder simplesmente crescendo, cito aqui Bertrand Russell: “Kant objeta que a existência *não é* um predicado. Cem táleres que eu meramente imagino, diz ele, têm os mesmos predicados que cem táleres reais”. Eu enunciei as refutações de Kant em ordem inversa para chamar a atenção para o caso, registrado pela Inquisição em Veneza em 1537, de um homem chamado Matteo de Vincenti, que opinou sobre a doutrina da “presença real” de Cristo na missa, dizendo: “É um absurdo ter que acreditar nessas coisas — são histórias. Eu prefiro acreditar que tenho dinheiro no bolso”. [63] Kant não sabia desse seu predecessor entre a gente comum e, quando passou para o tópico mais gratificante da ética, pode não ter sabido que seu “imperativo categórico” tinha um eco da “Regra de Ouro” do Rabi Hillel. O princípio de Kant nos intima a “agir como se o máximo da sua ação fosse se tornar, mediante a sua vontade, uma regra natural geral”. Nesse

sumário de mútuo interesse e solidariedade, não se requer qualquer autoridade impositiva ou sobrenatural. E por que deveria haver? A decência humana não deriva da religião. A decência precede a religião.

É de grande interesse ver, no período do Iluminismo do século XVIII, quantas grandes mentes pensavam parecido, se interseccionavam mutuamente e também tinham grande cuidado de expressar suas opiniões com cautela, ou as confiavam no máximo a um círculo de simpatizantes educados. Um dos exemplos preferidos seria o de Benjamin Franklin, que, se não exatamente descobriu a eletricidade, com certeza foi um dos que ajudaram a revelar seus princípios e aplicações práticas. Entre estas últimas estava o para-raios, que viria a decidir de uma vez por todas a questão de se deus intervinha para nos punir em súbitos e aleatórios clarões desse tipo. Hoje não há torre de campanário ou minarete que não se gabe de possuí-lo. Ao anunciar

sua invenção para o público, Franklin escreveu:

Agradou a Deus, em sua Bondade para a Humanidade, por fim revelar-lhes o Meio de Assegurar que Suas Habitações e outros Edifícios fiquem livres de Estrago por Trovão e Relâmpago. O

Método é o seguinte [...] [64]

Ele prossegue então elaborando o equipamento doméstico comum — fio de cobre, uma agulha de tricô, “alguns grampos pequenos” — requerido para realizar o milagre.

Isso mostra a perfeita conformidade exterior com a opinião recebida, mas é enfeitada com uma pequena mas óbvia ironia com as palavras “por fim”. Pode-se optar por acreditar, é claro, que Franklin quis dizer sinceramente cada uma das palavras, desejando que as pessoas acreditassem que ele dava o crédito ao Todo-Poderoso por compadecer-se após tantos anos e por fim entregar o segredo. Mas o eco de Prometeu, roubando o fogo dos deuses, é óbvio demais para se perder. E os adeptos de Prometeu dessa época ainda tinham de ficar atentos. Joseph Priestley, o virtual descobridor do oxigênio, teve o seu laboratório em Birmingham destruído por uma turba de inspiração conservadora berrando “pela Igreja e pelo Rei” e precisou levar suas convicções unitaristas para o outro lado do Atlântico para poder voltar a trabalhar. (Nada é perfeito nesses relatos: Franklin tinha um forte interesse na maçonaria, assim como Newton na alquimia, e mesmo Priestley era devoto da teoria do flogístico.

Lembre-se de que estamos examinando a infância da nossa espécie.) Edward Gibbon, que ficou revoltado com o que descobriu sobre o cristianismo durante os trabalhos de seu maciço *Declínio e queda do Império Romano*, despachou uma das primeiras cópias para David Hume, que o advertiu de que teria problemas, como de fato teve. Hume recebeu Benjamin Franklin como hóspede em Edimburgo e viajou para Paris para se encontrar com os editores da *Encyclopédie*. Esses homens irreligiosos, às vezes espalhafatosos, ficaram de início decepcionados quando seu cauteloso hóspede escocês comentou sobre a ausência de ateístas e, portanto, a possível ausência de algo como o ateísmo. Teriam gostado mais dele se tivessem lido o *Diálogos sobre a religião natural*, mais ou menos uma década depois.

Com base num diálogo ciceroniano, com o próprio Hume assumindo aparentemente (mas de forma cautelosa) o papel de Philo, os argumentos tradicionais sobre a existência de deus são um pouco qualificados pela disponibilidade de evidência e pelo raciocínio mais

modernos. Tomando de empréstimo talvez de Spinoza — cuja maior parte da obra ainda era acessível apenas de segunda mão —, Hume sugeria que a profissão de crença num ser supremo perfeitamente simples e onipresente era na verdade uma profissão de ateísmo, porque tal ser não podia possuir nada que pudéssemos, de maneira razoável, chamar de mente, ou vontade. Ademais, se “ele” por acaso possuísse tais atributos, então a antiga indagação de Epicuro ainda valeria: Ele está disposto a impedir o mal, mas não é capaz? Então, ele é impotente. Ele é capaz, mas não está disposto? Então, é malevolente. Ele ao mesmo tempo é capaz e está disposto? Então por que motivo o mal? [65]

O ateísmo faz um corte através desse não dilema com a navalha de Ockham. É absurdo, mesmo para um crente, imaginar que deus lhe deve uma explicação. Mas, não obstante, um crente assume a tarefa impossível de interpretar a vontade de uma pessoa desconhecida e, assim, traz essas questões aparentemente absurdas sobre si mesmo. Desconsideremos, porém, as premissas e veremos onde estamos, e seremos capazes de aplicar a nossa inteligência, que é tudo que temos. (Para a inescapável pergunta — de onde vêm todas as criaturas?

— Hume antecipa Darwin dizendo que, com efeito, elas evoluem: as eficientes sobrevivem e as ineficientes são eliminadas.) No encerramento, ele optou por ter

Cícero acomodando a diferença entre o deísta Cleanthes e o cético Philo. Isso podia significar jogar a favor da segurança, como Hume tendia a fazer, ou podia representar o aparente apelo do deísmo na era anterior a Darwin.

Mesmo o grande Thomas Paine, amigo de Franklin e Jefferson, repudiava a acusação de ateísmo que ele não tinha medo de encorajar. De fato, ele se propôs a expor os crimes e horrores do Velho Testamento, bem como os tolos mitos do Novo, como parte e uma justificação de deus. Nenhuma divindade nobre e grandiosa, declarou ele, deveria ter tamanhas atrocidades e estupidezes a ela atribuídas. *Age of Reason* de Paine marca praticamente a primeira vez em que se expressou abertamente um franco desprezo pela religião organizada. E teve um tremendo efeito no mundo todo. Seus amigos e contemporâneos americanos, em parte inspirados por ele para declarar a independência dos usurpadores hanoverianos e sua particular Igreja Anglicana, entremontes adquiriram uma coisa extraordinária e sem precedentes: a redação de uma Constituição democrática e republicana que não fazia nenhuma menção a deus e que mencionava a religião apenas ao garantir que ela estaria sempre separada do

Estado. Quase todos os fundadores americanos morreram sem qualquer sacerdote à sua cabeceira, como também Paine, que foi muito atormentado nas suas últimas horas por brutamontes religiosos que exigiam que ele aceitasse Cristo como seu salvador. Como David Hume, declinou de todo conforto e sua memória sobreviveu ao calunioso boato de que ele no final implorou para se reconciliar com a igreja. (O mero fato de tais “arrepentimentos” no leito de morte serem buscados pelos crentes, para não dizer posteriormente fabricados, falam alto sobre a má-fé daqueles que se baseiam na fé.)[\[66\]](#)

Charles Darwin nasceu quando Paine e Jefferson ainda estavam vivos, e seu trabalho acabou sendo capaz de transcender as limitações da ignorância concernentes às origens de plantas e animais e outros fenômenos, sob as quais ambos foram obrigados a laborar. Mas até mesmo Darwin, quando começou sua busca como botânico e historiador natural, estava muito seguro de que agia de um modo consistente com os desígnios de deus. Ele gostaria de ter sido clérigo.

E quanto mais descobertas fazia, mais tentava “ajustá-las” à fé numa inteligência superior. Como Edward Gibbon, ele antecipou a controvérsia sobre a publicação, e (um pouco menos que Gibbon) fez algumas anotações protetoras e defensivas.

Na verdade, de início discutiu muito consigo mesmo o modo como alguns dos atuais patetas do “design inteligente” estão acostumados a fazer. Confrontado com os fatos indiscutíveis da evolução, por que não alegar que eles provam o quanto deus é maior do que sequer imaginávamos que fosse? A descoberta de leis naturais “deveria exaltar a nossa noção do poder do Criador onisciente”. Não muito convencido disso, Darwin receava que seus primeiros escritos sobre seleção natural poriam fim à sua reputação, o equivalente a “confessar um assassinato”. E também considerava que, se algum dia descobrisse a adaptação conformando-se com o ambiente, teria de confessar algo ainda mais alarmante: a ausência de uma causa primeira ou de um grande projeto.

Os sintomas de disfarces codificados entre as linhas à moda antiga podem ser encontrados ao longo de toda a primeira edição de *A origem das espécies*. O

termo “evolução” jamais aparece, enquanto a palavra “criação” é empregada com frequência. (Fascinante saber que seus primeiros cadernos de anotações de 1837 receberam o título provisório de *A transmutação das espécies*, quase como se Darwin estivesse utilizando a linguagem arcaica da alquimia.) A página de rosto de a *Origem* final

trazia um comentário, extraído de modo significativo do aparentemente respeitável Francis Bacon, sobre a necessidade de estudar não apenas a palavra de deus mas também sua “obra”. Em *A descendência do homem*, Darwin sentiu-se capaz de forçar as coisas um pouco mais adiante, mas ainda assim submeteu o livro a algumas revisões editoriais de sua dedicada e amada esposa Emma. Só na sua autobiografia, cuja publicação não era pretendida, e em algumas cartas a amigos, ele admitia já não ter mais nenhuma crença remanescente. Sua conclusão “agnóstica” foi determinada tanto pela sua vida como pela sua obra: ele sofrera muitas perdas de entes queridos e não conseguia conciliá-las com algum criador amoroso, muito menos com o ensinamento cristão concernente ao castigo eterno. Como tanta gente brilhante, estava propenso àquele solipsismo que ou cria ou destrói a fé, imaginando que o universo está preocupado com o destino de cada um. Isso, porém, torna o seu rigor científico mais elogiável, merecendo estar no mesmo nível de Galileu, uma vez que não surgiu de nenhuma intenção, mas de descobrir a verdade. Não faz diferença que essa intenção incluísse a falsa e decepcionante expectativa de que essa mesma verdade pudesse finalmente ressoar *ad maiorem dei gloriam*.

Depois da sua morte, Darwin também foi postumamente insultado por invenções criadas por cristãos histéricos, alegando que o grande, honesto e atormentado pesquisador no final olhava de soslaio para a Bíblia. Levou um tempinho para expor a patética fraude daqueles que sentiram que seria algo nobre a se fazer.

Quando acusado de plágio científico, do qual talvez fosse culpado, Sir Isaac Newton fez a reservada admissão — que por si só era plagiada — de que no seu trabalho tinha a vantagem de “estar de pé sobre os ombros de gigantes”. Na primeira década do século XXI, seria apenas minimamente gracioso reconhecer a mesma coisa. Sempre que desejo, posso usar um simples laptop para me familiarizar com a vida e obra de Anaxágoras e Erasmo, Epicuro e Wittgenstein.

Não sou obrigado a forçar a vista à luz de velas nas bibliotecas, nem enfrentar a escassez de textos ou as dificuldades de contato com pessoas de opiniões semelhantes em outras épocas ou sociedades. E também não preciso (exceto quando às vezes o telefone toca e ouço vozes ásperas me condenando à morte ou ao inferno ou ambos) ter o persistente medo de que algo que escrevo leve à extinção do meu trabalho, ao exílio ou pior, para minha família, ao obscurecimento eterno do meu nome por mentirosos e fraudadores religiosos e à dolorosa escolha entre retratação ou morte por tortura. Desfruto de uma liberdade e de um acesso ao conhecimento que seriam

inimagináveis para os pioneiros. Olhando para trás com a perspectiva do tempo, não posso, portanto, deixar de notar que os gigantes dos quais dependo, e sobre cujos ombros massivos me aboleto, foram todos forçados a ser um pouco fracos nas juntas cruciais e altamente (ou pobremente) desenvolvidas de seus joelhos. Apenas um membro da categoria de gigantes e gênios falou realmente o que pensava, sem qualquer medo ou excesso de cautela aparente. Cito, portanto, mais uma vez, Albert Einstein, tantas vezes mal representado. Ele se dirige a um correspondente que está perturbado com outra dessas muitas representações erradas.

Foi, obviamente, uma mentira o que você leu sobre as minhas convicções religiosas, uma mentira que está sendo repetida sistematicamente. Eu não creio num Deus pessoal e jamais neguei isso, mas o expressei claramente. Se existe algo em mim que possa ser chamado de religião, é a

ilimitada admiração pela estrutura do mundo na medida em que a nossa ciência possa revelá-la.

[67]

Anos mais tarde ele respondeu a outra dúvida, afirmando:

Eu não creio na imortalidade do indivíduo e considero a ética como uma preocupação exclusivamente humana, sem nenhuma autoridade sobre-humana por trás. [68]

Essas palavras brotam de uma mente, ou de um homem, merecidamente famoso por seu cuidado, comedimento e escrúpulo, e cujo puro gênio desnudara uma teoria que poderia, em mãos erradas, ter obliterado não só este mundo, mas todo seu passado e a própria possibilidade do seu futuro. Ele dedicou grande parte da sua vida a uma grande recusa do papel de profeta punitivo, preferindo difundir sua mensagem de esclarecimento e humanismo. Decididamente judeu e, como consequência, exilado, difamado e perseguido, preservou o que pôde do judaísmo ético e rejeitou a bárbara mitologia do Pentateuco. Temos mais razões para sermos gratos a ele do que a todos os rabinos que algum dia já se lamentaram ou se lamentarão. (Ao lhe ser oferecida a primeira presidência do Estado de Israel, Einstein declinou por causa de seus muitos questionamentos aos rumos do sionismo. E o fez para grande alívio de David Ben-Gurion, que nervosamente indagara ao seu gabinete: “O que faremos se ele disser ‘sim’?”.) Envolta nos pesares da viuvez, conta-se que a maior vitoriana de todas apelou ao seu primeiro-ministro favorito para

perguntar se ele podia produzir um argumento irrespondível para a existência de deus. Benjamin Disraeli hesitou brevemente ante a rainha — a mulher que ele fizera “Imperatriz da Índia” —, e replicou: “Os judeus, senhora”. Parecia a esse gênio político mundano, mas supersticioso, que a sobrevivência do povo judeu e seu apego admiravelmente obstinado aos seus antigos rituais e narrativas, mostravam a mão invisível em operação. Na verdade, ele estava trocando de navio numa maré vazante.

Exatamente enquanto falava, o povo judeu emergia de dois tipos diferentes de opressão. A primeira e mais óbvia era a guetoização — a criação dos guetos —

que lhes fora imposta por autoridades cristãs ignorantes, fanáticas e intolerantes.

Isso já foi muito bem documentado para necessitar qualquer elaboração da minha parte. Mas a segunda opressão era autoimposta. Napoleão Bonaparte, por exemplo, removera com algumas reservas as leis discriminatórias contra os judeus. (Pode ter sido muito bem porque esperava seu apoio financeiro, mas não

importa.) Todavia, quando seus exércitos invadiram a Rússia, os rabinos instaram seus rebanhos a se alinhar do lado do mesmo czar que os vinha difamando, extorquindo, flagelando e assassinando. Melhor esse despotismo antijudaico, diziam eles, do que um simples sopro do profano Iluminismo francês. É por isso que o bobo, grave melodrama naquela sinagoga de Amsterdam foi e continua sendo tão importante. Mesmo num país com mentalidade aberta como a Holanda, os anciãos preferiram estabelecer uma causa comum com os cristãos e antisemitas e outros obscurantistas, em vez de permitir que o mais refinado entre eles usasse livremente sua inteligência.

Quando os muros dos guetos caíram, portanto, o colapso liberou seus habitantes tanto dos rabinos quanto dos “gentios”. Seguiu-se um florescer de talento como raramente se viu em qualquer época. Uma população anteriormente estultificada adiantou-se para fazer contribuições imensas para a medicina, ciência, direito, política e artes. As reverberações ainda se fazem sentir: basta citar Marx, Freud, Kafka e Einstein, embora Isaac Babel, Arthur Koestler, Billy Wilder, Lenny Bruce, Saul Bellow, Philip Roth, Joseph Heller e incontáveis outros também sejam produto dessa emancipação dual.

Se alguém pudesse nomear um dia absolutamente trágico na história humana, seria a ocasião que agora é comemorada pela festa insípida e

abhorrida conhecida como “Hanucá”. Pois, em vez de o cristianismo plagiar o judaísmo, os judeus a tomam vergonhosamente emprestada dos cristãos, na patética esperança de uma celebração que coincida com o Natal, o que por si só é uma anexação quase cristã, completada com lenha queimando, visco e azevinho, de uma festividade setentrional pagã do solstício, originalmente iluminada pela Aurora Boreal. Eis a estação final aonde nos trouxe o “multiculturalismo” banal. Mas não foi nada remotamente multicultural que induziu Judas Macabeu a reconsagrar o Templo de Jerusalém em 165 a.C. e a estabelecer a data que os molengas celebrantes de Hanucá agora comemoram de forma vazia. Os macabeus, que fundaram a dinastia hasmoneia, estavam restaurando à força o fundamentalismo mosaico contra os muitos judeus da Palestina e de outros lugares que haviam sido atraídos pelo helenismo. Esses verdadeiros multiculturalistas precoces tinham ficado entediados pela “lei”, ofendidos pela circuncisão. Interessados pela literatura grega, atraídos pelos exercícios físicos e

intelectuais do ginásio, e adeptos da filosofia, podiam sentir a atração exercida por Atenas, ainda que só por meio de Roma e pela memória do tempo de Alexandre, e estavam impacientes com o forte medo e superstição comandados pelo Pentateuco. Obviamente pareciam cosmopolitas demais aos devotos do velho Templo — e deve ter sido fácil acusá-los de “dupla lealdade” quando concordaram em ter um templo de Zeus no local onde altares enfumaçados e sangrentos costumavam aplacar a taciturna divindade de outrora. Em todo caso, quando o pai de Judas Macabeu viu um judeu prestes a fazer uma oferenda helênica no velho altar, não perdeu tempo para assassiná-lo. Nos anos seguintes à “revolta” dos macabeus, muitos outros judeus assimilados foram mortos, ou circuncidados à força, ou ambas as coisas, e as mulheres que haviam flertado com a nova ordem helênica sofreram coisas ainda piores. Como os romanos acabavam preferindo os violentos e dogmáticos macabeus em lugar dos judeus menos militarizados e fanáticos que haviam feito reluzir suas togas sob a luz mediterrânea, estava montado o cenário para a apreensiva colusão entre o Sinédrio ultraortodoxo de roupagem antiga e a governadoria imperial. Essa lúgubre relação acabou levando ao cristianismo (mais uma heresia judaica) e assim, inevitavelmente, ao nascimento do islã. Poderíamos ter sido poupados de tudo isso.

Sem dúvida, ainda assim teria havido muita estupidez e solipsismo. Mas a ligação entre Atenas, a história e a humanidade não teria sido tão cindida e o povo judeu poderia ter sido o portador da filosofia em vez de um árido monoteísmo, e as antigas escolas e sua sabedoria não teriam se tornado pré-

históricas para nós. Uma vez estive sentado no gabinete do Knesset do falecido Rabi Meir Kahane, um rancoroso racista e demagogo entre cujos correligionários encontrava-se o maluco dr. Baruch Goldstein e outros colonos israelenses violentos. A campanha de Kahane contra casamentos mistos, e pela expulsão de todos os não judeus da Palestina, valera-lhe a antipatia de muitos israelenses e judeus da diáspora, que comparavam seu programa com o das leis de Nuremberg na Alemanha. Kahane divagava um pouco em resposta a isso, dizendo que qualquer árabe poderia ficar caso se convertesse ao judaísmo por um teste estrito da *halachá* (reconheça-se que não é uma concessão que Hitler teria permitido), mas então se entediava e desconsiderava seus oponentes judeus

como mera baboseira “helenizada”. (Até hoje, a palavra de maldição da ortodoxia judaica para um herege ou apóstata é *apikonos*, que significa “seguidor de Epicuro”.) E estava correto num sentido formal: seu fanatismo pouco tinha a ver com “raça” e tudo a ver como “fé”. Farejando esse bárbaro insano, senti uma verdadeira angústia pelo mundo de luz e cor que perdemos tanto tempo atrás, nos pesadelos em preto e branco dos seus lúgubres ancestrais, pretensos justiceiros. O ranço de Calvino e Torquemada e Bin Laden vinha da desagradável figura curvada, cujos valentões do Partido Kach patrulhavam as ruas em busca de violações do Shabat ou contatos sexuais não autorizados. Mais uma vez, pegando a metáfora do Folhelho de Burgess, havia aqui um galho venenoso que deveria ter sido cortado, ou permitido morrer, muito tempo atrás, antes de poder infectar qualquer broto sadio com seu DNA residual. Mas nós ainda vivemos na sua sombra insalubre e letal. E criancinhas judias celebram o Hanucá para não se sentirem excluídas dos espalhafatosos mitos de Belém, que agora estão sendo tão duramente contestados pela mais ruidosa propaganda de Meca e Medina.

19

EM CONCLUSÃO: A NECESSIDADE

DE UM NOVO ILUMINISMO

O verdadeiro valor de um homem não é determinado pela sua posse, suposta ou real, da Verdade, e sim pelo seu esforço sincero para chegar à Verdade. Não é a posse da Verdade e, sim, a busca da Verdade pela qual ele estende seus poderes e na qual seu sempre crescente aperfeiçoamento deve ser encontrado. A posse torna o homem passivo, indolente e orgulhoso. Se Deus mantivesse toda a Verdade oculta na sua mão direita, e na esquerda apenas o constante e

diligente impulso pela Verdade, apesar da condição de que eu sempre e para sempre erraria no processo, e me oferecesse uma escolha, eu com toda a humildade escolheria a mão esquerda.

GOTTHOLD LESSING, *Anti-Goeze* (1778)

“O Messias não virá... e nem sequer vai telefonar!”

Canção de sucesso nas paradas israelenses em 2001

O GRANDE LESSING COLOCOU A SITUAÇÃO COM TODA A DELICADEZA no decorrer da sua polêmica com o pregador fundamentalista Goeze. E sua apropriada modéstia fazia parecer como se ele tivesse, ou pudesse ter, uma escolha no assunto. Na realidade, nós não temos opção quando se trata de “escolher” verdade absoluta, ou fé. Temos apenas o direito de dizer, daqueles que *de fato* alegam conhecer a verdade da revelação, que estão se iludindo e tentando iludir — ou intimidar —

os outros. É claro que, em todo caso, é melhor e mais saudável para o espírito

“escolher” o caminho do ceticismo e da investigação, porque somente pelo exercício contínuo dessas faculdades podemos ter esperança de conquistar alguma coisa. Ao passo que as religiões, argutamente definidas por Simon Blackburn em seu estudo da *República* de Platão, são meramente “filosofias

fossilizadas”, ou filosofia com as perguntas deixadas de fora. “Escolher” dogma e fé acima de dúvida e experimento é jogar fora a safra de vinho madura e agarrar avidamente refrigerantes de segunda.

Tomás de Aquino uma vez escreveu um documento sobre a Trindade e, encarando-o modestamente como um dos seus mais finamente polidos esforços, o depositou sobre o altar em Notre-Dame para que o próprio deus pudesse examinar o trabalho e talvez favorecer “o Doutor Angélico” com uma opinião.

(Aquino cometeu aqui o mesmo erro daqueles que faziam as freiras nos conventos cobrirem seus banhos com lonas durante as abluções: sentia-se que o olhar de deus seria desviado das formas femininas despidas utilizando tal expediente de recato, mas esquecia-se de que ele supostamente podia “ver”

qualquer coisa, em qualquer lugar, em qualquer momento, em virtude da sua onisciência e onipresença; e mais, esquecia-se de que ele podia

indubitavelmente

“ver” através das paredes e tetos dos conventos antes de ser confundido por anteparos de lona. Supõe-se que as freiras, na verdade, estavam sendo impedidas de espiar seus próprios corpos, ou melhor, uma das outras.)

Seja como for, Aquino descobriu posteriormente que deus de fato fizera uma boa revisão no seu tratado — sendo ele o único autor a ter reclamado tal distinção — e foi descoberto por estarrecidos monges e noviços levitando extaticamente no interior da catedral. Podem ficar tranquilos, pois temos testemunhas oculares do fato.

Num certo dia de primavera em 2006, o presidente Ahmadinejad do Irã, acompanhado pelo seu gabinete, fez uma procissão até o local de um poço entre a capital Teerã e a cidade santa de Qom. Dizia-se ser a cisterna onde o 12º, ou

“oculto”, ou “escondido” Imã se refugiou no ano 873, aos cinco anos de idade, para nunca mais ser visto de novo até que a sua longamente aguardada e ansiada reaparição venha assombrar e redimir o mundo. Ao chegar, Ahmadinejad pegou um rolo de papel e o lançou pela abertura, no intuito de atualizar o oculto sobre o progresso do Irã em fissão termonuclear e enriquecimento de urânio. Poder-se-ia muito bem pensar que o Imã seria capaz de se manter a par desse desenvolvimento onde quer que estivesse, mas de algum modo, o poço precisava servir como sua caixa postal. Poder-se-ia acrescentar que o presidente Ahmadinejad havia retornado recentemente das Nações Unidas, onde fizera um

discurso amplamente coberto tanto pelo rádio como pela televisão, bem como assistido por uma grande audiência “ao vivo”. Ao retornar ao Irã, porém, disse aos seus correligionários que havia sido inundado com uma luz verde-clara —

sendo verde a cor preferida do islã — durante todos seus comentários e que as emanções dessa luz divina mantiveram todos na Assembleia Geral quietos e calados. Sendo tal fenômeno absolutamente pessoal — parece que somente ele o sentiu —, o presidente o tomou como mais um sinal do eminente retorno do 12º

Imã, para não dizer que isso servia como um apoio adicional à sua ambição de ver a República Islâmica do Irã, afundada como estava em mendicância e repressão e estagnação e corrupção, mesmo assim, uma potência nuclear. Mas como Aquino, ele não confiava que o 12º Imã

ou “oculto” Imã fosse capaz de examinar um documento a menos que fosse colocado, como de fato foi, bem na sua frente.

Tendo assistido com frequência a cerimônias e procissões xiitas, não fiquei surpreso de saber que elas são em parte tomadas de empréstimo, na forma e liturgia, do catolicismo. Doze imãs, um deles agora “oculto” e aguardando uma reaparição ou um redespertar. Um culto frenético de martírio, especialmente sobre a agonizante morte de Hussein, que foi abandonado e traído nas áridas e amargas planícies de Karbala. Procissões de homens se flagelando e se automortificando, banhados de pesar e culpa pela forma como seu sacrificado líder foi abandonado. A masoquista festividade xiita da Ashura traz enormes semelhanças com a Semana Santa, na qual os capuzes e cruzes e tochas são levados pelas ruas da Espanha. Todavia, mais uma vez é demonstrado que a religião monoteísta é plágio de um boato do boato, de uma ilusão da ilusão, estendendo-se até o passado remoto de uma fabricação de não acontecimentos.

Outra forma de colocar é dizer que, enquanto escrevo, uma versão da Inquisição está prestes a botar as mãos numa arma nuclear. Sob o embrutecido domínio da religião, a grande, inventiva e sofisticada civilização da Pérsia vem perdendo constante e firmemente seu pulso. Seus escritores e artistas e intelectuais estão basicamente no exílio ou sufocados pela censura; suas mulheres são mercadoria e presa sexual; seus jovens são na maioria semieducados e sem emprego. Após um quarto de século de teocracia, o Irã exporta as mesmas coisas que exportava quando os teocratas tomaram o poder

— sementes de pistache e tapetes. Modernidade e tecnologia passaram ao largo, salvo a conquista isolada da nuclearização.

Isso coloca o confronto entre fé e civilização num patamar totalmente novo.

Até bem recentemente, aqueles que adotavam o caminho clerical precisavam pagar um preço pela opção. Suas sociedades decaíam, as economias se contraíam, as melhores cabeças eram desperdiçadas ou partiam para outros lugares, e essas sociedades eram consistentemente ultrapassadas por aquelas que tinham aprendido a domar e renunciar impulso religioso. Um país como o Afeganistão simplesmente apodreceria. Já estando ruim, ficou ainda pior em 11

de setembro de 2001, quando partiu do Afeganistão a ordem santa de incorporar duas grandes realizações da modernidade — edifícios altos e aviões a jato — e usá-las para imolação e sacrifício humano. O

estágio seguinte, claramente anunciado em sermões histéricos, seria o momento em que niilistas apocalípticos se combinariam com as armas do Armagedom. Fanáticos com base na fé não projetam nada tão útil ou belo quanto um arranha-céu ou avião de passageiros.

Mas, continuando sua longa história de plágios, eles podiam tomar emprestados e roubar essas coisas, e usá-las como negação.

Este livro examina a mais velha discussão na história humana, mas quase toda semana em que estive envolvido em escrevê-lo, fui obrigado a interromper e tomar parte na discussão enquanto estava efetivamente ocorrendo. Esses debates tendiam a assumir formas muito feias: não era que eu estivesse largando com frequência a minha mesa de trabalho para ir discutir com algum velho e habilidoso jesuíta em Georgetown e, sim, correndo para mostrar solidariedade na embaixada da Dinamarca, um pequeno país democrático em efervescência por causa de algumas caricaturas num jornal de Copenhague. Esse último confronto foi especialmente deprimente. Turbas islâmicas estavam violando a imunidade diplomática e publicando ameaças de morte contra civis e, no entanto, a resposta de Sua Santidade, o Papa, e do arcebispo da Cantuária foi condenar... as caricaturas! Na minha profissão, houve uma corrida para ver quem podia capitular mais depressa, relatando as polêmicas imagens sem de fato mostrá-las.

E isso numa época em que a mídia de massas se tornou quase exclusivamente calcada em imagens. Barulhos eufemistas foram feitos acerca da necessidade de mostrar “respeito”, mas eu conheço numerosos editores envolvidos e posso dizer

com certeza que o motivo principal pela “contenção” foi simplesmente o medo.

Em outras palavras, um punhado de brutamontes e fanfarrões religiosos, por assim dizer, era capaz de superar a tradição de livre expressão no coração do Ocidente. E ainda mais, em 2006! Ao ignóbil motivo do medo deve-se acrescentar a prática moralmente preguiçosa do relativismo: nenhum grupo de pessoas não religiosas ameaçando e praticando violência teria obtido uma vitória tão fácil, ou teria gente dando desculpas por eles — não que eles próprios tivessem dado alguma.

E então, de novo, em outro dia, podia-se abrir o jornal e ler que o maior estudo sobre preces jamais realizado tinha descoberto, mais uma vez, que não havia nenhum tipo de correlação entre preces

“intercessoras” e o restabelecimento de pacientes. (Bem, talvez haja *alguma* correlação: pacientes que sabiam que preces estavam sendo feitas para eles tiveram mais complicações pós-operatórias do que aqueles que não sabiam, embora eu não argumentaria que isso prova alguma coisa.) Em outra parte, um grupo de cientistas pacientes e dedicados localizou, numa parte remota do Canadá Ártico, diversos esqueletos de um grande peixe que, há 375 milhões de anos, exibia os traços precursores de dedos, protopunhos, cotovelos e ombros. O Tiktaalik, assim batizado por sugestão do povo nunavut local, vem fazer companhia ao Arqueopterix, uma forma de transição entre dinossauros e aves, como um dos assim chamados, e há muito procurados, elos perdidos que nos ajudam a esclarecer a nossa verdadeira natureza. Nesse meio-tempo, os ruidosos proponentes do “design inteligente”

sitiavam a diretoria de outra escola, exigindo que essa baboseira não fosse ensinada às crianças. A meu ver, esses fatos contrastantes começaram a assumir características de uma corrida: um minúsculo passo à frente por parte do estudo e da razão; uma enorme e ameaçadora guinada à frente por parte das forças da barbárie — as pessoas que *sabem* que estão certas e que querem instituir, como disse uma vez Robert Lowell em outro contexto, “um reino de piedade e ferro”.

[69]

A religião chega a se vangloriar de ter um ramo especial dedicado ao estudo do fim. Ele se chama “escatologia” e se ocupa incessantemente da passagem de todas as coisas terrenas. Esse culto de morte recusa-se a se deixar abater, mesmo que tenhamos todo motivo para pensar que “coisas terrenas” são tudo que temos,

e que sempre teremos. No entanto, na nossa mão e no nosso campo de visão, há todo um universo de descoberta e clarificação, que em si já é um prazer de estudar, dando à pessoa média um acesso à compreensão que nem mesmo Darwin ou Einstein tiveram e oferecendo a promessa de avanços quase milagrosos em cura, energia e intercâmbio pacífico entre diferentes culturas.

Contudo, milhões de pessoas em todas as sociedades ainda preferem os mitos da caverna e da tribo e do sacrifício de sangue. O saudoso Stephen Jay Gould generosamente escreveu que ciência e religião pertencem à “*magisteria* não superpostas”. Com toda certeza não se sobrepõem, mas isso não significa que não sejam antagônicas.

A religião esgotou suas justificativas. Graças ao telescópio e ao microscópio, ela já não oferece explicação de qualquer coisa importante. Onde antigamente costumava ser capaz, devido ao seu total comando da concepção de mundo, de *impedir* o surgimento de rivais, agora ela só pode dificultar e retardar

— ou tentar reverter — os progressos mensuráveis que já fizemos. É verdade que às vezes ela acabará arduamente por reconhecê-los. Mas isso é oferecer a si mesma a escolha entre irrelevância e obstrução, impotência e imediata reação, e, considerando essa escolha, a religião está programada para escolher a pior das duas opções. Entrementes, confrontada com visões jamais sonhadas do nosso córtex em evolução, dos recantos mais longínquos do universo conhecido, e das proteínas e ácidos que constituem a nossa natureza, a religião oferece ou aniquilação em nome de deus, ou então a falsa promessa de que, se encostarmos uma faca no nosso prepúcio, ou rezarmos virados para a direção correta, ou ingerirmos pedaços de bolacha, seremos “salvos”. É como se alguém, a quem fosse oferecida uma deliciosa e perfumada fruta fora da estação, maturada numa estufa meticulosa e amorosamente projetada, jogasse fora a polpa para roer melancolicamente o caroço.

Acima de tudo, estamos necessitados de um renovado Iluminismo, que se baseará na proposição de que o estudo apropriado da humanidade é o homem, e a mulher. Esse Iluminismo não precisará depender, como seus predecessores, de descobertas heroicas de umas poucas pessoas talentosas e excepcionalmente corajosas. O estudo da literatura e da poesia, tanto por si mesmas quanto pelas eternas questões éticas de que tratam, pode agora testemunhar facilmente o

escrutínio de textos sagrados que foram descobertos como sendo corrompidos ou fabricados. A busca da investigação científica irrestrita e a disponibilidade de novos achados para as massas de pessoas por fáceis meios eletrônicos, revolucionarão nossos conceitos de pesquisa e desenvolvimento. E muito importante, o divórcio entre a vida sexual e o medo, e a vida sexual e a doença, e a vida sexual e a tirania, pode agora por fim ser tentado, com a única condição de banirmos todas as religiões do discurso. E tudo isso, e ainda mais, pela primeira vez na nossa história está ao alcance de todo mundo.

No entanto, apenas o utopista mais ingênuo pode acreditar que essa nova civilização humana se desenvolverá, como um tipo de sonho de “progresso”, em linha reta. Primeiro temos de transcender a nossa pré-história e escapar das mãos deformadas que tentam nos agarrar e nos arrastar de volta para as catacumbas e seus fedorentos altares e

culpados prazeres de sujeição e abjeção. “Conhece-te a ti mesmo”, diziam os gregos, sugerindo delicadamente os consolos da filosofia.

Para clarear a mente para esse projeto, é necessário conhecer o inimigo e preparar-se para combatê-lo.

POSFÁCIO

UM DOS LIVROS AMERICANOS MAIS SEMINAIS É *AS VARIEDADES DA experiência religiosa* de William James, no qual ele argumenta que a experiência subjetiva do divino pode ser entendida apenas pelo crente. Eu venho descobrindo o quanto isso é verdade. Ouve-se o tempo todo que os Estados Unidos são um país intensamente religioso, mas o que não se ouve é que há quase tantas religiões quanto há crentes. Além disso, muitos crentes ostensivos são bastante inseguros em relação àquilo em que realmente creem. E, colocado delicadamente, as diferentes religiões não têm um conceito muito elevado umas das outras. O quadro que emerge não é absolutamente monolítico.

E as pessoas também parecem estar mentindo para as pesquisas de opinião.

Alegam ir à igreja em números muito maiores do que realmente acontece (não há igrejas suficientes no país para conter as hordas que se gabam de frequentar), e às vezes parecem acreditar mais em Satã e no Nascimento da Virgem do que na teoria da evolução. Mas toda e cada vez que o ensino do “design inteligente” foi de fato proposto em distritos conservadores, ele tem sido esmagadoramente derrotado tanto pelas cortes como pelas diretorias das escolas. Um livro novo e fascinante, *40 Days and 40 Nights*, descreve esse acontecimento em detalhe na cidadezinha de Dover, Pensilvânia. Seu autor, Matthew Chapman, é tataraneto de Charles Darwin, o que ajuda a fazer de Dover a versão moderna do Julgamento de Scopes Monkey[70] em Dayton, Tennessee, em 1925, com a diferença de que dessa vez a decisão foi para o lado oposto. Um juiz nomeado pelos republicanos descreveu o esforço criacionista da direção escolar como

“estonteante inanidade”.

Poderia haver uma mudança chegando no *Zeitgeist*? Penso que é possível.

Um estudo de 2001 descobriu que as pessoas sem afiliação religiosa são a minoria que cresce mais rapidamente nos Estados Unidos. Uma geração atrás, as palavras “ateísta americano” conjuravam a imagem

de uma ligeiramente cultuada e instável Madalyn Murray O’Hair. [71]
Mas nos últimos dois anos houve

cinco best-sellers ateístas, um de cada um dos professores Richard Dawkins e Daniel Dennett, e dois do neurocientista Sam Harris. Como autor da quinta dessas obras, pedi aos meus editores que organizassem a viagem de lançamento do meu livro como uma série de desafios aos porta-vozes dos fiéis, e de me mandarem o mais longe possível para o sul. A seguir o relato de alguns dos menos esperados momentos da viagem.

22 de abril, Little Rock, Arkansas: Saio da festa da *Vanity Fair*, no meu apartamento após o Jantar dos Correspondentes da Casa Branca, às quatro e meia da manhã para pegar o corujão de Washington para a Feira do Livro de Arkansas. Minha última memória dos embates na capital é a do juiz federal Antonin Scalia discutindo alguns dos pontos mais agudos da doutrina católica com o procurador-geral Jerry Brown. Resolvi não vestir o meu smoking para noite nessa viagem diurna. No caminho do aeroporto de Little Rock há um enorme outdoor preto e amarelo contendo uma única palavra, “Jesus”: É

exatamente assim que as pessoas imaginam o sul. Meu livro ainda não está sequer publicado do ponto de vista técnico, todavia há uma multidão dominical afluindo ao evento. Começo mencionando o cartaz. Conheço o nome, eu digo, e já usei a expressão. Mas a palavra “Jesus” em si parece dizer ao mesmo tempo coisa demais e (de algum modo) de menos. Isso provoca mais risos do que eu poderia ter previsto. No fim do evento descubro algo que continuarei descobrindo. Metade das pessoas que compareceram achavam que eram os únicos ateístas da cidade.

1º de maio, Nova York: Uma noite no Union League Club, patrocinada pelo conservador David Horowitz. Uma casa cheia de direitistas abastados que pelo menos concordam comigo no ponto único de combater o jihadismo islâmico.

Uma audiência de forma geral receptiva e amistosa enquanto sou entrevistado pelo editor Peter Collier. Ele acaba de encerrar o encontro quando um homem com colarinho clerical ergue o braço. Num estado de espírito magnânimo eu digo: Tudo bem — vamos esticar o evento para um homem da batina. Acontece que era o padre George Rutler da Igreja do Nosso Salvador, que anuncia que está na comissão do clube e vai garantir que eu nunca seja convidado novamente. Há um certo choque diante dessa atitude pouco hospitaleira, mas penso: Caramba. A Santa Madre Igreja costumava

ameaçar as pessoas como danação eterna. Agora

é exclusão do Union League Club. Que decadência. Numa rude troca de palavras junto ao elevador, o bom padre me assegura de que eu morrerei como católico.

Por que as pessoas acham que esse é um ponto tão bom?

3 de maio, Nova York: Programa do Lou Dobbs na CNN — o sr. Middle America[72] em horário nobre. O sr. Dobbs revela um parágrafo satírico do meu livro, sobre a quantidade de nascimentos virgens que todas as religiões têm alegado. Ele me diz fora do ar que deixou de frequentar a escola dominical muito pequeno, e que criou todos seus filhos sem religião. Ele me deixa esmiuçar bastante. No final, refere-se à minha recente cidadania americana, cujo juramento prestei no Jefferson Memorial em 13 de abril (aniversário do sr.

Jefferson e também o meu). Tento dizer o meu novo slogan, ecoando o que Jefferson disse a respeito do “muro de separação” entre igreja e Estado. “O sr.

Jefferson — levantou esse muro!” O sr. Dobbs se inclina para a frente e, diante da câmera, prega uma bandeirinha americana na minha lapela. Patriotismo e secularismo ao mesmo tempo, na TV classe média. Pode ser feito. Quando vou embora, Dobbs diz ironicamente que agora terá de lidar com todos os e-mails.

Prometo que serão a seu favor e peço-lhe que os encaminhe para mim. A caixa de entrada mostra uma proporção de 70-30 em apoio, embora uma mulher diga que nunca mais assistirá à CNN.

7 de maio, Nova York: Biblioteca Pública de Nova York para debater com Al Sharpton, um homem que prova diariamente que é possível safar-se de qualquer coisa neste país se você conseguir enfiar a palavra “Reverendo” na frente do seu nome. A uma pergunta sobre mórmons e Mitt Romney, respondo que está mais do que na hora de o governador ser questionado sobre o racismo oficial da sua Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias: uma política de exclusão que persistiu até 1978. Sharpton replica que os “verdadeiros”

cristãos serão numerosos o bastante para derrotar Romney no próximo ano, um comentário que em si já merece uma vida de 24 horas na mídia. Noto mais uma vez o quanto os cristãos se amam mutuamente e tenho a chance de voltar a Lou Dobbs e dizer isso no ar.

11 de maio, Washington, D. C. : No estúdio de *Christian Science Monitor*

para debater com o pastor Stephan Munsey, líder de uma megaigreja em Indiana, mais um teólogo batista da Wake Forest University. O teólogo batista chega a

estorrecer o apresentador dizendo que basicamente concorda comigo, e o sr.

Munsey me deixa estorrecido anunciando que o bom senhor curou sua filha da doença de Hodgkin (embora tenha esperado até que ela perdesse a maior parte do cabelo e do peso corporal antes de se decidir pela cura). A doença de Hodgkin é na verdade curada com muito mais facilidade nos dias atuais, em grande parte graças aos progressos da pesquisa com células-tronco, que agora será interrompida ou atrasada para agradar aos fiéis.

14 de maio, Austin, Texas: Uma entrevista por telefone com a WPTF (We Protect the Family — Nós protegemos a família), uma emissora de rádio conservadora na Carolina do Norte. As perguntas são muito civilizadas até o final, quando sou indagado se conheço as obras anticristãs de Friedrich Nietzsche. Digo que tenho as minhas diferenças com Nietzsche, mas que conheço seu trabalho. Será que estou ciente, pergunta o questionador, de que quando estava escrevendo esse material ele sofria de declínio sifilítico terminal?

Ligeiramente perplexo, respondo que tinha ouvido falar nisso, mas que não sei se é verdade. Será que eu penso, vem a pergunta seguinte, que existe uma explicação similar para o meu próprio trabalho? Eu devia ter previsto. Minha resposta é que obviamente não posso ser o melhor juiz, mas que ele é muito compassivo por perguntar.

À noite vou debater com Marvin Olasky na Biblioteca LBJ. Olasky é o homem que cunhou o termo “conservadorismo compassivo” e ajudou a desenvolver a “iniciativa baseada na fé” de Bush. Ele é convertido tanto do judaísmo como do comunismo. Conta à plateia que seu histórico de homem casado melhorou depois de se tornar cristão. Estou pronto a acreditar nisso.

Também menciona muita gente bacana que faz coisas boas por causa da fé.

Retruco que estou pronto a acreditar também nisso, contanto que se admita que muita gente se comporta pior por causa da religião. Meu desafio: Cite uma declaração ou ação ética, feita ou realizada por uma pessoa de fé, que não pudesse ter sido feita ou realizada por um não crente. Desde então, fiz essa pergunta em cada parada e até agora não

obtive resposta.

O livro de Olasky sobre moralidade presidencial (que, infelizmente, foi escrito antes que este presidente[73] assumisse o cargo) diz que George Washington venceu a Guerra Revolucionária porque proibiu bebida e blasfêmias

nas fileiras do seu exército, enquanto as forças britânicas estavam imersas na imoralidade. Eu argumento que a guerra foi vencida em grande parte pelos franceses, que não eram estranhos ao vinho e imprecações, e que as tropas americanas no Vale Forge foram muito inspiradas por Thomas Paine, que pode não ter praguejado tanto assim, mas que nunca deixava uma garrafa de brandy desacompanhada, e que achava que o cristianismo era uma piada. Além disso, os britânicos — acusados por Olasky de estarem mergulhados em adultério e sodomia — conseguiram reter o Canadá, a Índia e grande parte do Caribe, bem como boa parte da África, apesar da desaprovação divina. “Deus está do nosso lado” é um dos argumentos mais velhos e fracos da história humana.

15 de maio, Raleigh, Carolina do Norte: No aeroporto, estranhos se aproximam para dizer: “Obrigado por vir enfrentar os teocratas”. Aparentemente o pessoal bonzinho da WPTF anunciou, após a minha participação de ontem no seu programa, que eu ia para o inferno. Isso não impede uma multidão enorme de aparecer, o que por sua vez significa que a livraria Quail Ridge Books precisa mudar o evento para uma igreja unitarista vizinha. (O reitor me cochicha: “Eu não deveria dizer isso, mas a igreja nunca esteve tão cheia”.) Esta noite meu oponente é o gentilíssimo dr. Adam English, do departamento de religião da Campbell University. Ele é mais um batista, mas quando pergunto se acredita no ensinamento de Calvino sobre inferno e predestinação, não gosta muito da pergunta. A hospitalidade sulista é justificadamente famosa e pode ser que ele ache rude condenar um visitante ao fogo do inferno. Mas, também, pode perceber facilmente que a plateia não está do seu lado. Muitos sulistas estão aborrecidos com o pressuposto de que todos eles são manipuladores de cobras e artistas barulhentos, e as perguntas mais críticas vão para o dr. English, que, insensatamente, disse ao jornal local que ganharia a discussão porque deus está no seu time. Mais uma vez noto duas coisas: os tipos religiosos não estão acostumados ao debate e ficam surpresos com quanta gente se impacienta com eles e, até mesmo, escarnece deles.

Jerry Falwell — outro homem que conseguiu se safar de assassinato fazendo-se chamar de “Reverendo” — morre sem ser corporalmente

“arrebataado” aos céus. De fato, seu pesado cadáver é encontrado no chão do seu escritório na Virgínia. O programa na TV a cabo começa as chamadas e eu tenho

um livro para vender: talvez alguém lá em cima afinal goste de mim.

16 de maio, Atlanta: Meus editores inicialmente me disseram que eu não conseguiria encontrar um debatedor nessa grande cidade, mas a Margaret Mitchell House agora pergunta se posso fazer não só uma sessão com um oponente, mas duas seguidas, para poder acomodar o excesso de demanda. O

museu e a biblioteca são magníficos e exibem uma foto do jovem Martin Luther King Jr. no coro dos meninos na noite de estreia de ...*E o vento levou*. Eu me considero livre de superstições, mas devo confessar que ainda considero aquilo digno de apreensão. O defensor da fé dessa vez é Timothy Jackson, professor de ética cristã na Emory University, e animadamente concorda com a “segunda rodada”. Ele é de longe o melhor até agora e com certeza aprecia a discussão, mas fica claramente surpreso pelos ruidosos aplausos que saúdam qualquer um dos meus ataques a Falwell. (É possível ver o mesmo olhar mole e embaraçado no rosto de Sean Hannity e outros apresentadores de TV que querem que eu diga pelo menos uma palavra compassiva sobre esse canalha que se foi. A certa altura, Hannity apresenta Ralph Reed como enlutado, como que inconsciente de que esse pranto ostensivo por parte do amigo de Jack Abramoff é exatamente o que a direita cristã teria gostado de evitar no momento de luto.) O lema da Confederação era *Deo Vindice*, ou “Deus do nosso lado”. Atlanta foi incendiada até as cinzas por gente que achava que a divindade tinha outra opinião. Eu basicamente imploro à audiência que passem por cima disso e que considerem a possibilidade de que o céu não toma nenhum partido em assuntos humanos. Sei que essa ainda é uma posição minoritária, mas que é bem fácil de defender e muito difícil de refutar, como penso que o devoto dr. Jackson poderia concordar.

17 de maio, Coral Gables, Flórida: Devo um pedido de desculpas. É uma absoluta inverdade, como conta a lenda urbana, que os judeus ortodoxos conduzem o intercuro sexual através de um furo num lençol. Eu jamais deveria ter mencionado essa difamação no meu livro, nem mesmo de passagem. (Não vai aparecer na reimpressão.) No Temple Judea, uma sinagoga reformista que abriga mil participantes, faço essa concessão numa conversa com Nathan Katz.

Mas quando sigo adiante para atacar a prece judaica que agradece a deus por não me fazer mulher ou gentio, recebo um aplauso razoável.

Além de apresentar

Katz, o meu painel de críticos contém uma mulher erudita muçulmana, uma freira budista e um católico carismático. O que aconteceria se todas essas pessoas entrassem num bar ao mesmo tempo? Seguramente o barman perguntaria se não era algum tipo de piada.

A Segunda Igreja Presbiteriana em Nova York afixa um cartaz em letras enormes dizendo: “Christopher Hitchens não sabe o que está dizendo”. Essa é a gente cujo domínio inicial sobre os Estados Unidos foi descrito por Jefferson como bruxaria e inquisição. Em oposição a isso, meu livro está subindo na lista dos mais vendidos, vendendo mais que o volume do Papa sobre Jesus Cristo.

5 de junho, Los Angeles: Um debate de três horas com o reverendo Mark Roberts, pastor sênior da Igreja Presbiteriana Irvine, no Condado de Orange, no programa de bate-papo cristão conservador de Hugh Hewitt. Muito bacana por parte do sr. Hewitt. O Reverendo não me acusa de não saber o que estou dizendo: de fato, ele é muito civilizado em relação ao livro. A certa altura eu lhe pergunto se ele acredita na história do Evangelho de São Mateus sobre a abertura dos túmulos em Jerusalém na época da crucificação, e seus ocupantes andarem pelas ruas. Será que isso não torna mais barata a ideia de ressurreição? Ele responde que como cristão acredita, mas como historiador tem as suas dúvidas.

Percebo que aqui estou limitado: geralmente consigo me colocar na posição do meu oponente, mas isso é algo que não consigo me imaginar dizendo, muito menos pensando.

7 de junho, Seattle: Um apresentador da emissora local de rádio da Fox fica estarrecido por eu não conseguir achar um parceiro de debate para o evento desta noite na prefeitura. Afinal, Seattle é o lar do Instituto Discovery: central energética do movimento do “design inteligente”. Nós entramos no ar para debater as questões e, quando digo que não consigo achar nenhum católico que realmente acredite no Nascimento da Virgem, ele responde que acredita, sim.

Não, não acredita, respondo eu, não de verdade. Sim, acredito, ele insiste.

Acredito na Imaculada Conceção de Jesus Cristo. Preciso eu interrompê-lo para dizer que a Imaculada Conceção e o Nascimento da Virgem são duas coisas diferentes: foi Maria que, segundo o dogma

do Vaticano que data somente de 1854, foi concebida imaculadamente. Deparo com esse tipo de coisa o tempo todo: no que mais as pessoas imaginam estar acreditando? E não significa

alguma coisa quando eu tenho de dizer aos católicos o que a igreja deles ensina?

10 de junho, Washington, D. C. : Já são semanas na estrada e, após um esgotante giro pelo Canadá, finalmente estou em casa. Digo a minha esposa e a minha filha que pronto: chega de falar de deus por algum tempo — vamos almoçar no elegante Café Milano em Georgetown. O *signor* Franco nos conduz a uma ótima mesa do lado de fora, e eu me sento — bem ao lado do arcebispo da Cantuária. Tudo bem, provavelmente era para acontecer. Eu me inclino: “Meu Senhor Arcebispo? Sou Christopher Hitchens”. “Santa Graça”, ele responde, gesticulando para seu convidado, “estávamos justamente discutindo o seu livro”.

A igreja do arcebispo está prestes a sofrer um cisma. Mais de dez congregações conservadoras na Virgínia provocaram uma dissidência, junto com alguns bispos africanos, para protestar contra a ordenação de um bispo gay na Nova Inglaterra. Pergunto-lhe como estão indo as coisas. “Bem” — ele baixa a voz — “estou tentando me manter o mais discreto possível.” Então, por que, nesse caso, quero eu retrucar, o senhor foi procurar um trabalho que supostamente envolve liderança moral? Mas deixo quieto. O que tenho a ver com o que algum texto da Idade do Bronze fala sobre a homossexualidade? E há algo de desesperadamente inocente no arcebispo: ele parece muito mais o rebanho que o pastor. Em todo caso, o que se pode dizer sobre uma religião que descreve seus adeptos como rebanho?

Segundo um relatório do *Wall Street Journal*, meu livro está vendendo particularmente bem no Cinturão Bíblico, na base do “conhece o teu inimigo”. E

recebo cartas encorajadoras de ateístas em trincheiras no Iraque e no Afeganistão, bem como de pessoas que sentem que enfim estão saindo de algum tipo de armário. Um dia, um candidato decente para um cargo importante dirá que não é uma pessoa de fé, e o céu não cairá. Com todo mundo que falo, descubro que os fiéis vão à igreja por uma mistura de razões, de sociais passando por caridade até éticas, e assumem suas crenças *à la carte* ou como num bufê, escolhendo as porções que gostam e descartando o resto. O site Christianity Today, que tem me apresentado num debate on-line com seu herói Douglas Wilson durante os últimos dois meses, escreve para dizer que o sr.

Wilson quer me mandar um queijo do estado de Washington como sinal de apreço. Uma bela surpresa. Abençoados sejam os fabricantes de queijo.

AGRADECIMENTOS

Venho escrevendo este livro a vida toda e pretendo continuar a escrevê-lo, mas teria sido impossível produzir esta versão sem a extraordinária colaboração entre agente e editor — refiro-me a Steve Wasserman e Jonathan Karp —, que me deu essa possibilidade. Todos os autores deveriam ter amigos e aliados tão cuidadosos e letrados. Todos os autores deveriam também ter descobridores de livros tão astutos e determinados quanto Windsor Mann.

Meu velho colega de escola Michael Prest foi a primeira pessoa a deixar claro para mim que, ainda que as autoridades pudessem nos obrigar a comparecer às preces, não poderiam nos obrigar a rezar. Hei de lembrar-me sempre da sua postura ereta enquanto outros hipocritamente se ajoelhavam ou se curvavam, e também do dia em que decidi acompanhá-lo. Todas as posturas de submissão e rendição deveriam fazer parte da nossa pré-história.

Tenho sido afortunado em ter muitos tutores morais, formais e informais, muitos dos quais tiveram de passar por considerável provação intelectual, evidenciando notável coragem, para romper com a religião de suas tribos.

Alguns deles ainda correriam perigo se eu os nomeasse, mas devo admitir a minha dívida com o falecido dr. Israel Shahak, que me apresentou a Spinoza; a Salman Rushdie, que prestou um bravo testemunho de razão, humor e linguagem em tempos muito escuros; a Ibn Warraq e Irfan Khawaja, que também sabem alguma coisa sobre o preço da passagem; e ao dr. Michael Shermer, o próprio modelo do fundamentalista cristão reformado e recuperado. Entre os muitos outros que mostraram que a vida, a inteligência e a indagação começam exatamente no ponto onde termina a fé, devo saudar Penn e Teller, aquele outro destruidor de mitos e fraudes James Randi (o Houdini do nosso tempo), e Tom Flynn, Andrea Szalanski e todos os outros membros da equipe da revista *Free Inquiry*. Jennifer Michael Hecht me deixou enormemente em dívida quando me mandou um exemplar do seu extraordinário *Doubt: A History*. Joy Bergmann chamou a minha atenção para o escândalo da *peri'ah metsitsah* praticado ainda

hoje em Nova York e, de inúmeras outras maneiras, me ajudou a

melhorar meu estilo e a aguçar a minha consciência.

A todos aqueles que não conheço e que vivem nos mundos onde a superstição e a barbárie ainda são dominantes, e em cujas mãos eu espero que este pequeno livro possa cair, ofereço o modesto encorajamento de uma sabedoria mais antiga. É na verdade esta, e nenhuma outra pregação arrogante, que nos chega do meio do turbilhão: *Die Stimme der Vernunft ist leise*. Sim, “A voz da razão é suave”. *Mas é muito persistente*. Nisso, e nas vidas e mentes de combatentes conhecidos e desconhecidos, depositamos a nossa principal esperança.

Durante muitos anos tenho perseguido essas questões com Ian McEwan, cujo corpo de ficção mostra uma extraordinária habilidade de elucidar o numinoso sem conceder nada ao sobrenatural. Ele tem demonstrado de maneira sutil que o natural é suficientemente assombroso para qualquer um. Foi em algumas discussões com Ian, primeiro naquela remota costa uruguaia onde Darwin tão temerariamente desceu à praia e pegou amostras e, mais tarde, em Manhattan, que senti este ensaio começando a germinar. Estou muito orgulhoso de ter buscado e recebido permissão de dedicar a ele estas páginas.

ÍNDICE REMISSIVO

(TERMOS PARA PESQUISA NO E-
READER)

aborto

abuso infantil e

Abraão

abuso infantil e

e imoralidade da religião

abuso infantil

aborto e

circuncisão e

ensino imoral e prática de

doutrinação e
tabu da masturbação e
e ameaça de castigo eterno
tortura e
Academia da Força Aérea dos Estados Unidos
Acaz, Rei da Judeia
Adam Bede (Eliot)
Adão
adultério
e ditos e feitos de Jesus
Afeganistão
e a destrutividade da religião
serviços de saúde no
Aflaq, Michel
África do Sul
Age of Reason (Paine)
agnósticos
Agostinho, Santo
Ahmadinejad, Mahmoud
AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida)
Albright, William,
Alembert, Jean Le Rond,
Alexandre I, Rei da Macedônia,
alma, almas,

Amazônica, Bacia, civilizações da,
Anaxágoras,
Andrewes, Lancelot,
anglicanos, Igreja Anglicana,
crenças orientais e,
Antelope, Oreg,
Antietam, Batalha de,
Anti-Goeze (Lessing),
apartheid,
apocalipse,
à espera do,
e a relação entre moralidade e religião,
Apologia (Platão),
Arábia Saudita,
Arca de Noé,
Arendt, Hannah,
Aristófanes,
Aristóteles,
armas nucleares,
apocalipse e,
Armstrong, Karen,
arqueologia,
Ashram,
Ashura,

Aslan, Reza,
Assunção,
astrologia,
Atanásio, Santo,
ateístas, ateísmo,
e a destrutividade da religião,
de Hitchens,
resistência racional e,
atomismo,
Auden, W. H.,
Augusto, Imperador de Roma,
autoridade, argumento de,
Ayer, A. J.,
Azami, Yusra al-,
Aziz, Tariq,
Bacon, Francis,
Baden-Powell, Robert,
Bagdá,
Bamiyan, estátuas de Buda em,
Barbelo,
Barbie, Klaus,
Bathylchnops exilis,
batistas, batismo,
Bayle, Pierre,

BBC,
Beg, Mirza Aslam,
Beirute,
Belém,
ficções bíblicas e,
destrutividade da religião em,
Belfast,
Belgrado,
Bellow, Saul,
Bengala,
Ben-Gurion, David,
berberes, estados,
Bernal, J. D.,
Besra, Monica,
Bhagavad Gita,
Bíblia,
autor da,
realização de profecias,
hadith e,
infância de Hitchens e,
resistência racional e,
ver também
Novo Testamento; Velho Testamento
Bin Baz, Abd al-Aziz,

Bin Laden, Osama,
Blackburn, Simon,
Bloomberg, Michael,
Bombaim,
Bonhoeffer, Dietrich,
Borges, Jorge Luis,
Bósnia,
Branch, Taylor,
Brasil,
Brodie, Fawn,
Brown, John,
Buda,
budistas, budismo,
no Japão,
Sri Lanka e,
Bukhari,
Burgess, Folhelho de,
Bush, George W.,
Butler, Bispo,
Butler, Samuel,
Calas, Jean,
Calcutá,
calvinistas, calvinismo,
Calvino, João,

Camboja,
cambriana, explosão,
câncer cervical,
caos, teoria do,
Caprichos, Los (Goya),
“Carta da prisão de Birmingham” (King),
castigo eterno,
abuso infantil e,
e a imoralidade da religião,
totalitarismo e,
Castro, Fidel,
católicos, catolicismo,
Crucificação de Jesus, e culpar os judeus pela,
abuso infantil e,
e a destrutividade da religião,
questões de saúde e milagres e,
pedofilia entre,
resistência racional e,
e a relação entre moralidade e religião,
totalitarismo e,
Chambers, Whittaker,
Chaucer, Geoffrey,
China,
totalitarismo e,

Cícero,
cientistas, ciência,
apocalipse e,
tentativas de conciliar religião com,
argumentos do desígnio e,
resistência racional e,
circuncisão,
abuso infantil e,
questões de saúde e,
Cobbett, William,
comunistas, comunismo,
King e,
totalitarismo e,
Congresso dos Estados Unidos,
Conrad, Joseph,
consciência,
Constituição dos Estados Unidos,
Copleston, Padre,
Corão,
alegados versos satânicos,
e a destrutividade da religião,
sobre comer carne de porco,
linguagem do,
mórmons e o,

sobre a tolerância de outras religiões,
transcrição e compilação do,
e palavras e feitos de Maomé,
Coreia do Norte,
cosmo,
idade do,
argumentos do desígnio e o
lugar dos humanos no,
crentes, crenças,
arrogância de,
argumentos do desígnio e,
e a emancipação da Índia,
resistência racional e,
relação entre moralidade e,
tolerância de,
criacionismo, história da criação,
argumentos do desígnio e,
Criança no tempo, A (McEwan),
Crick, Francis,
cristãos ortodoxos orientais,
e a destrutividade da religião,
totalitarismo e,
cristãos, cristianismo,
apocalipse e,

ficções bíblicas e,
“cultos da carga” e,
abuso infantil e,
conversão de judeus e muçulmanos ao,
e a destrutividade da religião,
crenças orientais e,
questões de saúde e,
King e,
Corão e,
milagres e,
resistência racional e,
reformismo no,
e a relação entre moralidade e religião,
argumentos de revelação e
escravidão e,
totalitarismo e,
Cristianismo puro e simples (Lewis),
Croácia, croatas,
Crossman, Richard,
Crucificação,
e a imoralidade da religião,
judeus e a,
Cruzadas,
“culto da carga”,

Dalai Lama,

Dance to the Music of Time, A (Powell),

Dante,

Darwin, Charles,

argumentos do desígnio e,

resistência racional de,

Davenport, Abraham,

Dawkins, Richard,

De Rerum Natura (Lucrecio),

De Vaux, Roland,

Declaração da Independência,

Declínio e queda do Império Romano (Gibbon),

Demócrito,

Dennett, Daniel,

desastres naturais,

desígnio, argumentos do, -

Amazônica, Bacia, civilizações da, e,

expedição de Hitchens ao Sri Lanka e

macrodimensão dos,

microdimensão dos,

milagroso nos,

resistência racional e,

design inteligente:

ver também

criacionismo,

histórias da criação

deus, deuses

e tentativas de conciliar ciência com fé

ficções bíblicas e

abuso infantil e

argumentos do desígnio e

e a destrutividade da religião

questões de saúde e

infância de Hitchens e

King e

Corão e

fabricado pelo homem

milagres e

mórmons e

Ockham sobre

porcos e

resistência racional e

e a relação entre moralidade e religião

argumentos de revelação e

escravidão e

totalitarismo e

Deuteronômio

Deutscher, Isaac

Dez Mandamentos
e a imoralidade da religião
argumentos de revelação e
diabo, demônios
ficções bíblicas e
abuso infantil e
e a destrutividade da religião
infância de Hitchens e
mórmons e
totalitarismo e
Diderot, Denis
Dinamarca
Disraeli, Benjamin
divórcio
doença mental
Dostoiévski, Fyodor
Douglass, Frederick
Doutor Jivago
Dreyfus, Alfred
Dwight, Timothy
Eban, Abba
Egito
ficções bíblicas e
Ehrman, Bart

Einstein, Albert

argumentos do desígnio e

citação errada de

resistência racional de

Eliot, George

Eliseu

Encyclopédie (Diderot e Alembert)

Engels, Friedrich

Epicuro

Epístola aos Gálatas

Erewhon (Butler)

escatologia

escravos

escravidão abolição e

cristão e

Espírito das leis, O (Montesquieu)

estrelas

ética, ver também moral, moralidade, comportamento moral

evangélicos, evangelismo

corrupção de Gortner e

totalitarismo e

evolução

argumentos do desígnio e

e o lugar dos humanos no cosmo

“pontuada”

resistência racional e

Êxodo

expição

Falwell, Jerry

Farrell, J. G.

fascistas, fascismo

filósofos, filosofia

resistência racional e

Finkelstein, Israel

Francisco de Assis, São

Francisco Xavier, São

Franco, Francisco

Franklin, Benjamin

Frazer, Sir James

Freud, Sigmund

Frum, John

Futuro de uma ilusão, O (Freud)

Gabriel

Galápagos, Arquipélago de

Galileu

Gandhi, Mohandas K.

Garrison, William Lloyd

Gedanken und Einfalle (Heine)

Gênesis

genoma

Gibbon, Edward

Gibson, Mel

gnósticos

God That Failed, The (Engerman e Crossman)

Golden Bough, The (Frazer)

Goldstein, Baruch

Goldziher, Ignaz

Gortner, Marjoe

Gould, Stephen Jay

Goya, Francisco

Grã-Bretanha, britânicos

argumentos do desígnio e

e a destrutividade da religião

e a emancipação da Índia

Graham, Billy

Grant, Peter e Rosemary

Gudô

Guerra Civil

Guerra Mundial, Primeira

Guerra Mundial, Segunda

totalitarismo e

Guia dos perplexos (Maimônides)

hadith

Hamas

Hamlet (Shakespeare)

Hanucá

Harris, Martin

Harris, Sam

Hawking, Steven

Heber, Reginald

Hebron

Heine, Heinrich

Heisenberg, princípio da incerteza de

Herodes

Herzegovina

Heschel, Abraham

Hezbollah

Hillel, Rabi

hindus, hinduísmo, hinduístas

e a destrutividade da religião

e a emancipação da Índia

e a imoralidade da religião

Hirohito

Hitler, Adolf

Hobbes, Thomas

Holanda, Países Baixos

homossexuais, homossexualidade

Hoodbhoy, Pervez

Hoyle, Fred

humanistas, humanismo

resistência racional e

Hume, David

Hussein

Hussein, Saddam

Ibn Naufal, Waraqa

Ibn Thabit, Zaid

Igreja Reformada Holandesa

Iluminismo

necessidade de um renovado

Inácio de Loyola, Santo

Índia

emancipação da serviços de saúde na

Indonésia

Inferno (Dante)

Ingersoll, Robert

Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel (Marx) *Introducing Muhammad* (Sardar e Malik)

Irã

e a destrutividade da religião

armas nucleares e

Iraque

Ireneu, Santo

Irlanda

e a destrutividade da religião

Irmãos Karamázov, Os (Dostoiévski)

Isaac

abuso infantil e

e a imoralidade da religião

Isaías

islã

ausência de reforma

no apocalipse e

abuso infantil e

e a destrutividade da religião

sobre comer carne de porco

e a emancipação da Índia

hadith e

questões de saúde e

milagres e

mórmons e

resistência racional e

e a relação entre moralidade e religião

Zevi e

sobre sexo

escravidão e

totalitarismo e

ver também

Corão

Israel

ficções bíblicas e

e a destrutividade da religião

e a imoralidade da religião

Jagerstatter, Franz

Jairo

Japão

budistas no

totalitarismo e

Jefferson, Thomas

Jenkins, Jerry B.

Jerusalém

e a destrutividade da religião

serviços de saúde em

Zevi e

jesuítas

Jesus Cristo

ficções bíblicas e

crucificação de, ver também Crucificação

e a destrutividade da religião

na realização de profecias

e a imoralidade da religião
milagres e
resistência racional e
argumentos de revelação e
ditos e feitos de
totalitarismo e
Jó
Joana d'Arc (Schiller)
João Apóstolo
João Batista, São
João Paulo II, Papa
Johnson, Samuel
José
Josefo
Josué
Joyce, James
Judas
Judas, Evangelho de
judeus, judaísmo
ficções bíblicas e
abuso infantil e
Crucificação de Jesus e
e a destrutividade da religião
sobre comer carne de porco

questões de saúde e
e a imoralidade da religião
King e
Corão e
milagres e
resistência racional e
argumentos de revelação e
Zevi e

sobre sexo

totalitarismo e

Jungle, The (Sinclair)

Kahane, Meir

Kamikaze

Kant, Immanuel

Khadijah

Khomeini, Aiatolá Ruhollah

Khomeini, Sayed Hossein

Kierkegaard, Søren

Kim Il Sung

Kim Jong Il

King, Martin Luther

assassinato de

racismo e

Kony, Joseph

LaHaye, Tim

Laplace, Pierre-Simon de

las Casas, Bartolomeo de

Lázaro

Left Behind (LaHaye e Jenkins)

Lênin, Vladimir Ilych

Lessing, Gotthold

Leviatã (Hobbes)

Lewis, C. S.

Líbano

Lie, Trygve

Lincoln, Abraham

Lindsey, Hal

Linha de sombra, A (Conrad)

Literatura e revolução (Trótski)

Lively, Penelope

Livro de Mórmon

Llandaff, bispo de

Llano Cifuentes, Rafael

Lopez de Trujillo, Alfonso

Lubavitcher, movimento

Lucas, Evangelho de

Lucrécio

Lutero, Martinho

Luxemburgo, Rosa

Luxenberg, Christoph

Macabeu, Judas

Macmillan, Ken

Madison, James

Maimônides, Moisés

sobre circuncisão

mal, o

e a destrutividade da religião

resistência racional e

e a relação entre moralidade e religião

argumentos de revelação e

totalitarismo e

Maomé

Corão e

milagres e

mórmons e

palavras e feitos de

Maria

ficções bíblicas e

e a destrutividade da religião

e a relação entre moralidade e religião

Marjoe

martírio

e a imoralidade da religião

Marx, Karl

marxistas, marxismo

masturbação, tabu da

Mateus, Evangelho de

e ficções bíblicas

McCarthy, Eugene

McCarthy, Mary

McEwan, Ian

Mecânica celeste (Laplace)

Memórias de Brideshead (Waugh)

Memórias de uma menina católica (McCarthy) Mencken, H. L.

Mente cativa, A (Miłosz)

microcefalia

1984 (Orwell)

Milagres e idolatria (Voltaire)

milagres

miraculosidade

ressurreição corporal e

argumentos do desígnio e

na literatura

marxismo e

Madre Teresa e

desastres naturais e

ovnis e

Mill, John Stuart

Miller, William

Miłosz, Czesław

Minima Moralia (Adorno)

Misago, Augustin

Moisés

ficções bíblicas e

morte de

King e

argumentos de revelação e

Mondo Cane

Montesquieu, Barão de La Brède et de

Moon Tiger (Lively)

Moon, Sun Myung

moral, moralidade, comportamento moral

expição e

ficções bíblicas e

sacrifício de sangue e

abuso infantil e

e a destrutividade da religião

e a emancipação da Índia

castigo eterno e

questões de saúde e

tarefas impossíveis e

King e

resistência racional e

relação entre religião e

argumentos de revelação e

Ruanda e

totalitarismo e

Uganda e

Waugh e

“More Loving One, The” (Auden)

mórmons

conversão dos mortos e

origens corruptas dos

racismo dos

cinismo de Smith e

e a tradução do Livro de Mórmon

Morte da fé, A (Harris)

morte, mortos,

Corão e

milagres e

mórmons e

de Moisés

resistência racional e

Zevi e

Muggeridge, Malcolm

Munyeshyaka, Wenceslas

Mussolini, Benito

Nações Unidas, Organização das (ONU)

Napoleão I, Imperador da França

Nascimento Virgem

Natural Philosophy (Paley)

Nazaré

nazistas, nazismo

reação da igreja ao

negros

mórmons e

ver também

racismo;

escravos, escravidão

Nova Orleans

Newton, Sir Isaac

resistência racional de

Nigéria

Nilsson, Daniel

No Man Knows My History (Brodie)

Noruega

Nova York, serviço de saúde em

Novo Testamento

acontecimentos fictícios no
sobre a realização da profecia

hadith e

milagres e

moralidade e

resistência racional e

argumentos de revelação e

Números

Nuvens, As (Aristófanes)

objetos voadores não identificados (ovnis)

Ockham, Guilherme de

argumentos do desígnio e

milagres e

ocultação

olhos, argumentos do desígnio e

ontológico, argumento

Onze de Setembro ou 11 de setembro de 2001

“Órgãos de extrema perfeição e complicação” (Darwin)

Orgel, Leslie

orientais, crenças

Dalai Lama e

budistas japoneses e

Rajneesh e

Sri Lanka e

Origem das espécies, A (Darwin)

Orwell, George

sobre totalitarismo

Otman, Califa

Paine, Thomas

resistência racional de

argumentos de revelação e

escravidão e

Paixão de Cristo, A

Paley, William

papilomavírus humano (HPV)

Paquistão

palestinos, Palestina

e a destrutividade da religião

argumentos de revelação e

Pascal, Blaise

Páscoa

Paulo, São

Pavelić, Ante

pecado, pecados, pecadores

ficções bíblicas e

saúde e

e a relação entre moralidade e religião

totalitarismo e

pedofilia

Pensées (Pascal)

Pentágono, Estados Unidos

Pequenos Seixos

Peter Pan

Pickthall, Marmaduke

Pikaia gracilens

Pio XI, Papa

Pio XII, Papa

planetas

Platão

pólio

porcos

pós-vida

Powell, Anthony

Practice and Theory of Bolshevism, The (Russell)

Prager, Dennis

prece, oração

argumentos do desígnio e

e a destrutividade da religião

questões de saúde e

infância de Hitchens e

totalitarismo e

presbiterianos

“Prevenção contra a literatura, A” (Orwell)

Priestley, Joseph

Proclamação da Emancipação

Profeta, O (Deutscher)

protestantes, protestantismo

e a destrutividade da religião

totalitarismo e

puritanos

Qaeda, al-

Quirino

racismo

King e

dos mórmons

resistência racional e

religião comparada ao

Rajneesh, Bhagwan Sri

Regra de Ouro

Rei Jaime, Bíblia do

Rei Lear (Shakespeare)

religião, religiões, fé religiosa

coexistência de

corrupção da

destrutividade da

leis dietéticas da

fim da
fundadores da
importância da
viés masculino da
fabricada pelo homem
como plágio de um plágio
poder da
como fonte de conforto
República (Platão)
resistência racional
de Darwin
de Einstein
fundadores da
de Hume
judeus e4
de Kant
pensamentos privados em
de Spinoza
ressureição
Retrato do artista quando jovem (Joyce)
revelações, argumentos de
revelação
evidência arqueológica sobre
e o autor da Bíblia

e corrupção da religião

discrepâncias em

Corão e

moralidade e

mórmons e

Dez Mandamentos e

Revolução dos bichos, A (Orwell)

Revolução Russa

Robertson, Pat (evangelista)

Robertson, Pat (senador)

Ruanda

Rushdie, Salman

ameaça contra a vida de

Russell, Bertrand

Sacré Coeur

sacrifício de sangue

abuso infantil e

e a imoralidade da religião

Sai Baba

Salgado, Sebastião

Salmos

salto de fé

Sara

saúde, serviços de saúde

crianças e
doença mental e
naturalidade em
Schiller, Friedrich von
Schneerson, Menachem
Schumpeter, Joseph
secularismo
abuso infantil e
e a destrutividade da religião
e a emancipação da Índia
questões de saúde e
King e
e a relação entre moralidade e religião
totalitarismo e
Senhor das moscas, O (Golding)
Serge, Victor
Sermão da Montanha
Servet, Michael,
sérvios,
Set,
sexo, sexualidade,
ficções bíblicas e,
abuso infantil e,
crenças orientais e,

serviço de saúde e,
e a relação entre moralidade e religião,
repressão da,
totalitarismo e,
Shakespeare, William,
Shermer, Michael,
Siege of Krishnapur, The (Farrell),
Silberman, Neil Asher,
Sinclair, Upton,
sistema solar,
Smith, Adam,
Smith, Ethan,
Smith, Joseph
racismo de
e a tradução do Livro de Mórmon
Sócrates
Sófocles
Sol
Somália
Something Beautiful for God
Spinoza, Baruch
Sri Lanka
Stálin, Joseph
stalinistas, stalinismo

Stanley, Charles

Sudão, sudanês,

suicídio, atentados e,

e a imoralidade da religião,

Syrian-Aramaic Version of the Koran, The (Luxenberg),

Talibã

Talmude

tâmeis

tarefas impossíveis,

Teresa, Madre,

Tertuliano,

Thackeray, Bal,

Tiago, Evangelho de,

Tiktaalik,

Tomás de Aquino, São,

totalitarismo

moralidade e

racismo e

secularismo e

teocracias e

Tractatus (Spinoza)

Treatise on the Gods (Mencken)

Trótski, Leon

turcos, Turquia

Uganda

União Soviética, totalitarismo

Ussher, James

usura

varíola

Velho Testamento

abuso infantil e

acontecimentos fictícios no

realização de profecias do

hadith e

King e

mórmons e

resistência racional e

e a relação entre moralidade e religião

argumentos de revelação e

verdade, conhecimento da

Versos satânicos, Os (Rushdie)

Victoria, Brian

Vida maravilhosa (Gould)

View of the Hebrews (Smith)

Vincenti, Matteo de

Virgínia Ocidental

Voltaire

Waterhouse, William

Watts, Jean

Waugh, Evelyn

Wells, Jonathan

Witness (Chambers)

Xenofonte

Yadin, Yigael

Yasukuni, santuário

Zacarias

Zarqawi, Abu Musab al-

Zen at War (Victoria)

Zevi, Sabbatai

[1] *Middlemarch: Um estudo da vida provinciana*, romance de George Eliot, pseudônimo de Mary Ann Evans, publicado em 1874. (N. T.)

[2] Madre Teresa foi entrevistada por Daphne Barak e seus comentários sobre a princesa Diana podem ser encontrados em *Ladie's Home Journal*, abr. 1996.

[3] Os detalhes do assassinato de Yusra al-Azami em Belém podem ser encontrados em “Gaza Taliban?”, editorial,

New

Humanist,

v.

121,

n.

1,

jan.

2006,

Ver

também

Isabel Kershner, “The Sheikh’s Revenge”, *Jerusalem Report*, 20 mar. 2006.

[4]

Para

a

carta

de

Abu

Musab

al-Zarqawi

para

Osama

bin

Laden,

ver

<http://www.state.gov/p/nea/rls/3164.htm>.

[5] Para a história dos cadetes renascidos da Academia da Força Aérea e MeLinda Morton, ver Faye Fiore e Mark Mazzetti, “School’s Religious Intolerance Misguided, Pentagon Reports”, *Los Angeles Times*, 23 jun.

2005, p. 10; Laurie Goodstein, “Air Force Academy Staff Found Promoting Religion”, *New York Times*, 23

jun. 2005, p. A12; David Van Biema, “Whose God Is Their Co-Pilot?”, *Time*, 27 jun. 2005, p. 61; e United State Air Force, *The Report of the Headquarters Review Group Concerning the Religious Climate ant the U.S.*

[6] Para James Madison sobre constitucionalidade de estabelecimentos religiosos no governo ou no serviço público, ver Brooke Allen, *Moral Minority: Our Skeptical Founding Fathers*. Chicago: Ivan R. Dee, 2006, pp. 116-7.

[7] Dispositivos explosivos improvisados. (N. T.)

[8] Para Charles Stanley e Tim LaHaye, ver Charles Marsh, “Wayward Christian Soldiers”, *New York Times*, 20 jan. 2006.

[9] *Kasher* — de acordo com as leis dietéticas judaicas. (N. T.)

[10] Para o sermão do bispo Cifuentes, ver a produção da BBC-TV *Panorama*, levada ao ar em 27 jun. 2004.

[11] A citação da revista *Foreign Policy* provém de Laura M. Kelley e Nicholas Eberstadt, “The Muslim Face of AIDS”, *Foreign Policy*, jul.-ago. 2005, .

[12] Para as críticas de Daniel Dennett à religião, ver seu *Breaking the Spell: Religion as a National Phenomenon*. Nova York: Viking Adult, 2006. [Ed. bras.: *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006.]

[13] Para a citação de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, ver seu *Glorious Appearing: The End of Days*.

Wheaton, IL: Tyndale House, 2004, pp. 250 e 260. [Ed. bras.: *Glorioso aparecimento: o fim das eras*. São Paulo: Hagnos; United Press, 2004.]

[14] Os comentários de Pervez Hoodbhoy sobre os testes nucleares paquistaneses podem ser encontrados em *Free Inquiry*, primavera de 2002.

[15] E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*. Nova York: Viking, 1966, p. 12. [Ed. bras.: *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963, 3 v.]

[16] O comentário do padre Copleston é extraído de seu *History of Philosophy*. Kent, Inglaterra: Search Press, 1953, v. III.

[17] Sobre a evolução do olho e por que ele argumenta contra o design inteligente, ver Michael Shermer, *Why Darwin Matters: The Case Against Intelligent Design*. Nova York: Times Books, 2006, p. 17 (o grifo

é do original). Ver também Richard Dawkins, *Climbing Mount Improbable*. Nova York: W. W. Norton, 1996, pp. 138-97. [Ed. bras.: *A escalada do Monte Improvável* l. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.]

[18] Para o estudo de “complexidade irreduzível” da Universidade do Oregon, ver Jamie T. Bridgham, Sean M. Carroll e Joseph W. Thornton, “Evolution of Hormone-Receptor Complexity by Molecular Exploitation”, *Science* v. 312, n. 5770, pp. 97-101, 7 abr. 2006.

[19] Para a citação de Stephen Jay Gould sobre o Folhelho de Burgess, ver seu *Wonderful Life: The Burgess Shale and the Nature of History*. Nova York: W. W. Norton, 1989, p. 323. [Ed. bras.: *Vida maravilhosa: O*

acaso na evolução e a natureza da história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.]

[20] O autor refere-se ao filme de 1946, *It's a Wonderful Life*, dirigido por Frank Capra e estrelado por James

Stewart e Donna Reed. No Brasil, recebeu o título de *A felicidade não se compra*. (N. T.)

[21] Para o estudo do genoma humano da Universidade de Chicago, ver Nicholas Wade, “Still Evolving, Human Genes Tell New Story”, *New York Times*, 7 mar. 2006.

[22] A declaração de Voltaire — *Si Dieu n'existait pas, il faudrait l'inventer* — é tirada de seu “À l'auteur du livre des trois imposteurs”, *Epîtres*, n. 96 (1770).

[23] A observação de Sam Harris sobre Jesus ter nascido de uma virgem pode ser encontrada em seu *The End of Faith: Religion, Terror, and the Future of Reason*. Nova York: W. W. Norton, 2005. [Ed. bras.: *A morte da fé: Religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.]

[24] Para a obra de Finkelstein e Silberman, ver Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. Nova York: Touchstone, 2002. [Ed. bras.: *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: Girafa, 2001.]

[25] Para Sigmund Freud sobre a deficiência incurável a religião, ver *The Future of an Illusion*, traduzido para o inglês por W. D. Robson-Scott, revisto e novamente editado por James Strachey. Nova York:

Anchor, 1964.

[26] A citação de Thomas Paine é de *The Age of Reason*, em Eric Foner (org.) *Collected Writings*. Nova York: Library of America, 1995. [Ed. bras.: *A era da razão*. 4. ed. Joinville, SC: Clube de Autores, 2014.]

[27] Para a avaliação de H. L. Mencken do Novo Testamento, ver seu *Treatise on the Gods*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997, p. 176.

[28] Para a citação de C. S. Lewis, ver seu *Mere Christianity*. Nova York: Harper-Collins, 2001, pp. 51-2.

[Ed. bras.: *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 1952; *Mero cristianismo*. São Paulo: Quadrante, 1997.]

[29] C. S. Lewis, *Mere Christianity*, p. 53.

[30] Ibid

[31] Para Bart Ehrman, ver seu *Misquoting Jesus: The Story Behind Who Changed the Bible and Why*. Nova York: Harper-Collins, 2005. [Ed. bras.: *O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.]

[32] Para o motivo de os muçulmanos terem de recitar o Corão no original árabe, ver Ziauddin Sardar e Zafar Abbas Malik, *Introducing Muhammad*. Nova York: Totem Books, 1994, p. 47.

[33] A citação de Karen Armstrong provém de seu *Islam: A Short History*. Nova York: Modern Library, 2000, p. 10. [Ed. bras.: *O islã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.]

[34] Ou YHWH. (N. T.)

[35] Os relatos de Malcolm Muggeridge e Ken Macmillan referentes a Madre Teresa estão incluídos no meu *Missionary Position: Mother Teresa in Theory and Practice*. Londres; Nova York: Verso, 1995, pp. 25-6.

[36] A informação sobre o tumor e a recuperação de Monica Besra provém de Aroup Chatterjee, *Mother Teresa: The Final Verdict*. Calcutá: Meteor Books, 2003, pp. 403-6.

[37] *C argo cult*: adotaremos aqui uma tradução literal, uma vez que ainda não existe em português um termo para designar o movimento

milênio na Melanésia que engloba uma vasta gama de práticas geradas pelo contato com as redes comerciais dos colonizadores. Normalmente em nossos textos emprega-se o termo

“novos movimentos religiosos”, que tem cunho bem mais genérico do que o empregado pelo o autor. (N. T.)

[38] Um dos *Contos da Cantuária*. (N. T.)

[39] Uma tradução aproximada: “Distrito do fogo alastrado”. A explicação para o tipo de fogo que se alastra vem a seguir no texto. (N. T.)

[40] O “clorofórmio impresso” de Mark Twain provém de seu *Roughing It*. Nova York: Signet Classics, 1994, p. 102.

[41] Sobre a possível utilidade da religião em curar doenças, ver Daniel Dennett, *Breaking the Spell: Religion as a National Phenomenon*. Nova York: Viking Adult, 2006. [Ed. bras.: *Quebrando o encanto: A religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006.]

[42] Para *The Golden Bough* de Sir James George Frazer (1922), ver .

[43] Para a história de Sabbatai Zevi, ver John Freely, *The Last Messiah*. Nova York: Viking Penguin, 2001.

[44] A informação sobre William Lloyd Garrison pode ser encontrada em sua carta ao Rev. Samuel J. May,

17 jul. 1845, em Walter M. Merrill (org.), *The Letters of William Lloyd Garrison*. Cambridge, MA: Belknap Press, 1973, v. 3, p. 303, e em *The Liberator*, 6 maio 1842.

[45] A informação sobre Lincoln provém de Susan Jacoby, *Freethinkers: A History of American Secularism*.

Nova York: Metropolitan Books, 2004, p. 118.

[46] A bárbara justificativa do embaixador Abdrahaman para a escravidão está incluída em meu *Thomas Jefferson: Author of America*. Nova York: HarperCollins, 2003, p. 128.

[47] O material sobre o genocídio de Ruanda é derivado basicamente de Philip Gourevitch, *We Wish to Inform You That Tomorrow We Will Be Killed with Our Families: Stories from Rwanda*. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1998, pp. 69-141.

O autor faz aqui um trocadilho intraduzível: a exigência é deixar “sapatos e mentes na porta”; neste contexto optamos por traduzir como “desmiolado” o original *mindless*, que literalmente significa “sem mente”, “desprovido de mente”. (N. T.)

[49] Mais um trocadilho intraduzível. Em inglês “troco” e “mudança” são a mesma palavra: *change*. O

budista espera seu *change* (troco) e é informado de que *change* (mudança) só pode vir de dentro. (N. T.)

[50] A filosofia do “Gudô” e a declaração Nichiren são extraídos de Brian Victoria, *Zen and War*. Nova York: Weatherhill, 1997, pp. 41 e 84, respectivamente.

[51] Brian Victoria, *Zen and War*, pp. 86-7.

[52] Mary McCarthy, *Memories of a Catholic Girlhood*. Nova York: Hartcourt, 1946. [Ed. bras.: *Memórias de uma menina católica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.]

[53] Em inglês há a distinção entre o aborto como interrupção proposital da gravidez — *abortion* — e o aborto espontâneo — *miscarriage*. (N. T.)

[54] O modelo de “destruição criativa” de Joseph Schumpeter pode ser encontrado em seu *Capitalism, Socialism, and Democracy*. Londres: George Allen & Unwin, 197), pp. 81-6.

[55] Para Maimônides sobre a circuncisão, ver Leonard B. Glick, *Marked in Your Flesh: Circumcision from Ancient Judea to Modern America*. Nova York: Oxford University Press, 2005, pp. 64-6 (grifo adicionado).

[56] Sobre o endosso do Vaticano à Alemanha nazista, ver John Cornwell, *Hitler's Pope: The Secret History of Pius XII*. Nova York: Viking Adult, 1999. [Ed. bras.: *O papa de Hitler: A história secreta de Pio XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.]

[57] Sobre a apresentação errada de Einstein, ver William Waterhouse, “Misquoting Einstein”, *Skeptic*, v. 12, n. 3, pp. 60-1.

[58] Para o darwinismo social de H. L. Mencken, ver seu *Treatise on the Gods*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997, p. 176.

[59] Hannah Arendt, *The Origins of Totalitarianism*. Nova York: Harcourt, 1994. [Ed. bras.: *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Edição de Bolso)]

[60] A declaração de Einstein sobre o “deus de Spinoza” pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*. Nova York: HarperCollins, 2003, p. 447. Ver também Ronald W. Clark, *Einstein: The Life and Times*. Nova York: Avon, 1984, p. 502.

[61] A citação de Heinrich Heine pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 376.

Ver também Heine conforme citado na introdução de Joseph Ratner para *The Philosophy of Spinoza: Selections from His Works*. Nova York: Modern Library, 1927.

[62] A informação sobre Pierre Bayle pode ser encontrada em Ruth Whelan, “Bayle, Pierre”, em Tom Flynn (org.), *The New Encyclopedia of Unbelief*. Amherst, NY: Prometheus Books, 2006.

[63] A citação de Matteo de Vincenti pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p.

287. Ver também Nicholas Davidson, “Unbelief and Atheism in Italy, 1500-1700”, em Michael Hunter e David Wootton (orgs.), *Atheism from the Reformation to the Enlightenment*. Oxford, UK: Clarendon, 1992, p. 63.

[64] A citação de Benjamin Franklin sobre o para-raios pode ser encontrada em *The Autobiography and Other Writings*. Nova York: Penguin, 1986, p. 213.

[65] A citação de Hume pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 351.

[66] A informação sobre Paine e suas opiniões religiosas provém de Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, pp. 356-7.

[67] A citação de Albert Einstein pode ser encontrada em Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 447.

Ver também Helen Dukas e Banesh Hoffman (orgs.), *Albert Einstein, the Human Side: New Glimpses from His Archives*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979, p. 43.

[68] Jennifer Michael Hecht, *Doubt: A History*, p. 447. Ver também

Helen Dukas e Banesh Hoffman, *Albert Einstein, the Human Side*, p. 39.

[69] Para a citação de Robert Lowell, ver Walter Kirn, “The Passion of Robert Lowell”, *New York Times*, 26

jun. 2005, .

[70] Caso judicial ocorrido em 1925, quando um professor substituto, John Scopes, foi processado sob a acusação de ter violado a lei do Tennessee que proibia o ensino da teoria da evolução. (N. T.)

[71] Ativista ateu americana, uma das fundadoras da associação American Atheists e sua presidente durante mais de vinte anos (1963-1986). (N. T.)

[72] “Middle America”: Termo coloquial referente às áreas rurais e suburbanas culturalmente conservadoras dos Estados Unidos. (N. T.)

[73] Na época, George W. Bush. (N. E.)

Document Outline

- Folha de rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Epígrafe
- 1. Colocando delicadamente
- 2. A religião mata
- 3. Uma breve digressão sobre o porco; ou por que o céu detesta presunto
- 4. Uma nota sobre saúde, para a qual a religião pode ser arriscada
- 5. As alegações metafísicas da religião são falsas
- 6. Argumentos de um desígnio
- 7. Revelação: o pesadelo do “Velho” Testamento
- 8. O “Novo” Testamento ultrapassa o mal do “Velho” Testamento
- 9. O Corão é emprestado de mitos tanto judaicos quanto cristãos
- 10. O espalhafato do miraculoso e o declínio do inferno
- 11. “A marca de sua origem humilde”: os primórdios corruptos da religião
- 12. Uma coda: como as religiões acabam
- 13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?
- 14. Não existe solução “oriental”
- 15. A religião como Pecado Original
- 16. A religião é abuso infantil?
- 17. Uma objeção antecipada: o “argumento” da última trincheira contra o secularismo
- 18. Uma tradição mais refinada: a resistência do racional
- 19. Em conclusão: a necessidade de um novo Iluminismo
- Posfácio
- Agradecimentos
- Índice remissivo
- Notas